

SIMÕES, Mario F. & ARAUJO-COSTA, Fernanda. **Áreas da Amazônia Legal Brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos.** Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1978. 160 p. ilustr. (Publ. Avulsas, 30).

RESUMO: O sistema trinomial para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos, proposto pelo PRONAPA (1966) e aprovado pelo IPHAN (1968), para uso no Brasil, é apresentado para as unidades federativas da Amazônia Legal Brasileira. O sistema consiste de três símbolos, separados entre si por um traço de união: 1. Estado ou Território Federal; 2. subunidade fisiográfica local; e 3. o número do sítio. Cada unidade política da Amazônia Legal é acompanhada pelo respectivo mapa com as delimitações das áreas e siglas, reduzido em 50% do tamanho original. Cada área é descrita em detalhes quanto aos limites escolhidos, para fins de melhor interpretação dos mapas. É ainda incluída a lista de todos os sítios arqueológicos pesquisados e cadastrados até dezembro de 1977, com suas siglas, descrição sumária, componentes arqueológicos envolvidos e bibliografia específica. Bibliografia.

CDD 571.0109811

CDU 930.26(811)

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

ARAUJO-COSTA, FERNANDA

t

s

24 NOV 1978



CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZONIA
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI



Áreas da Amazônia Legal Brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos

Mario F. Simões
Fernanda de Araujo-Costa
Museu Goeldi

PUBLICAÇÕES AVULSAS Nº 30

MG
505
PL
ex. 2

1978
BELÉM - PARÁ - BRASIL

CONTÉUDO

Apresentação	5
Introdução	7
Normas adotadas	9
Material utilizado	11
Agradecimentos	12
Delimitação das áreas	13
Estado do Acre	13
Território Federal do Amapá	16
Estado do Amazonas	18
Estado do Pará	28
Território Federal de Rondônia	37
Território Federal de Roraima	40
Estado do Maranhão (a oeste do meridiano de 44º)	43
Estado de Mato Grosso (Norte)	48
Estado de Goiás (ao norte do paralelo de 13º)	54
Lista dos sítios cadastrados	58
Estado do Acre	58
Território Federal do Amapá	61
Estado do Amazonas	69
Estado do Pará	81
Território Federal de Rondônia	135
Território Federal de Roraima	136
Estado do Maranhão (a oeste do meridiano de 44º)	137
Estado de Mato Grosso (Norte)	139
Estado de Goiás (ao norte do paralelo de 13º)	151
Summary	152
Bibliografia citada	154



APRESENTAÇÃO

A implantação do **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas** (PRONAPA) no Brasil, em 1965, representou, sem dúvida, o maior acontecimento até então registrado na história da pesquisa arqueológica, não apenas neste País, mas também em todo continente americano. Métodos sistemáticos para seleção de áreas a serem intensivamente pesquisadas, critérios uniformes para análise dos dados e o emprego de uma terminologia padronizada, jamais haviam sido aplicados em uma tão vasta região geográfica. Todos os participantes classificaram e descreveram seus materiais segundo as mesmas normas, utilizando-se para tal de uma mesma linguagem terminológica. A adoção dessas abordagens por arqueólogos de outras instituições permitiu formar um embasamento uniforme para a construção de cronologias regionais e diferenciação das unidades culturais. Ao término do PRONAPA — oficialmente concluído em 1970 —, esse esforço conjugado aumentara em mais de 80% o número de fases arqueológicas designadas e estabeleceu uma infra-estrutura geral de tempo-espaço para maior parte da Faixa Costeira.

Entre os procedimentos introduzidos pelo PRONAPA, incluía-se o sistema para designação de sítios arqueológicos ora apresentado por Mário F. Simões e Fernanda de Araujo-Costa. A publicação dos mapas das diversas unidades federativas da Amazônia Legal Brasileira, divididos em áreas para designação e cadastro de sítios arqueológicos com as respectivas descrições dos limites envolvidos, surge no exato momento em que os trabalhos de campo na Amazônia Brasileira começam a desenvolver-se rapidamente. Como apêndice, pela revisão de toda a bibliografia existente sobre a região, os autores incorporam ao atual sistema de cadastro de sítios todos aqueles anteriormente registrados. É apresentada uma lista de todos os sítios pesquisados e cadastrados até dezembro de 1977, por área de cadastro, acompanhados de suas siglas, descrição sumária, componentes arqueológicos e bibliografia. Isto servirá como base para a reconstrução sistemática da pré-história da Bacia Amazônica, semelhante a já existente para a Faixa Costeira. Em nome de todos os arqueólogos que vierem a trabalhar na Amazônia, desejamos expressar nossa gratidão a Simões & Araujo-Costa por terem desenvolvido e tornado acessível este instrumento básico de pesquisa.

Betty J. Meggers e Clifford Evans
Smithsonian Institution

INTRODUÇÃO

Com o desenvolvimento das pesquisas arqueológicas no Brasil, mormente a partir de 1965, após a implantação do *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas* (PRONAPA), surgiu a necessidade de ser adotado no Brasil, à semelhança de outros países, um sistema prático e eficiente para designação de sítios arqueológicos que, mediante o uso de símbolos (letras e números), permitisse uma rápida identificação e localização desses sítios no espaço brasileiro. Anteriormente, na falta de um sistema nacional, vários arqueólogos vinham utilizando códigos individuais para cadastro dos sítios pesquisados, como Evans & Meggers (foz do Amazonas), Schmidt, Miller e Brochado (Rio Grande do Sul), Rohr e Piazza (Santa Catarina), Blasi, Chmyz e Rauth (Paraná), Dias Jr. (Rio de Janeiro), Calderón (Bahia), Simões (Amazônia) etc. Entretanto, tais códigos apresentavam profundas diferenças entre si, especialmente nas siglas adotadas.

Como o PRONAPA era um projeto de âmbito nacional, com cerca de 11 arqueólogos operando em vários Estados, foi proposto durante seu 1.º Seminário, realizado em Mar del Plata (1966), que cada participante providenciasse a confecção de um mapa de seu Estado, dividindo-o em áreas menores para cadastro e pesquisa de sítios arqueológicos, obedecidas as normas ali discutidas e aprovadas. No 2.º Seminário, em Belém (1968), com a presença do Dr. Alfredo Rusins, do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), foram os mapas examinados e discutidos em seus originais, sendo então recomendada a remessa de cópias ao IPHAN para homologação e arquivo. Foram enviados, recebidos e aprovados por esse órgão os mapas dos seguintes Estados e Territórios, com seus respectivos autores: Rio Grande do Sul (Miller & Brochado); Santa Catarina (Piazza); Paraná (Chmyz); São Paulo (Maranca); Rio de Janeiro, ex-Guanabara e Minas Gerais (Dias Jr.); Espírito Santo (Perota); Bahia e Sergipe (Calderón); Rio Grande do Norte e Paraíba (Nasser); Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Maranhão e Piauí (Simões); Mato Grosso (Simões & Chmyz); e Goiás (Simões & Calderón).

Por ocasião do 3.º Seminário, em Lima (1970), após testada a eficiência do sistema no cadastro de sítios arqueológicos, foi sugerida a possibilidade dos mapas estaduais e territoriais, acrescidos daqueles ainda não elaborados (Alagoas, Pernambuco e Ceará), serem reunidos em um só volume a ser publicado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi. Com a autorização do IPHAN, iniciaram-se as primeiras providências, solicitando-se aos autores acima seus mapas originais e as chaves das siglas regionais. Contudo, em que pese toda a boa vontade desses autores, o plano não pôde ser concluído, tendo em vista a falta de padronização observada em vários dos originais, como os tipos de letras usados, traçado de linhas, cabeçalhos etc. Para o trabalho pretendido, tais falhas implicavam na reformulação total dos originais e, conseqüentemente, em maior investimento de recursos e tempo que o disponível. Todavia, o sistema PRONAPA continuava a ser usado pelos participantes ou não do Programa e, mesmo após sua conclusão em 1970, vem sendo empregado até o presente por vários arqueólogos.

Em 1976, com o plano de pesquisas específico para a Amazônia Brasileira — *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica* (PRONAPABA) —, em convênio entre o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Smithsonian Institution, resolvemos, com autorização do IPHAN e financiamento do Museu Paraense Emílio Goeldi, publicar os mapas organizados em 1968-69, relativos às unidades federativas da Amazônia Legal Brasileira, (1) reformulando o do Estado de Mato Grosso (Norte), pela recente divisão do mesmo em dois Estados, bem como reproduzindo, com a devida permissão, a parte norte do paralelo de 13º da *Carta Arqueológica de Goiás* publicada por Breda & Melo, em 1972. (2)

Apresentamos para cada unidade política da Amazônia Legal Brasileira (Cf. mapa) o respectivo mapa com os limites das áreas e respectivas siglas, reduzido em 50% de seu tamanho original. Cada área

(1) — A Amazônia Legal Brasileira, conforme definida no Decreto-Lei nº 5.173, de 27 de outubro de 1966, Capítulo I, Art. 2º, "abrange a região compreendida pelos Estados do Acre, Pará e Amazonas, pelos Territórios Federais do Amapá, Roraima e Rondônia, e ainda pelas áreas do Estado de Mato Grosso a norte do paralelo 16º, do Estado de Goiás a norte do paralelo 13º e do Estado do Maranhão a oeste do meridiano de 44º".

(2) — Em 1971, apesar do IPHAN ter aprovado e possuir em seu arquivo cópia de nosso mapa do Estado de Goiás, para fins de cadastro e pesquisa de sítios arqueológicos, por um lapso autorizou a publicação da **Carta Arqueológica de Goiás**, de autoria de Breda & Melo (1972), da Universidade Federal de Goiás. Para evitar duplicidade de mapas e siglas, resolvemos utilizar o mapa e as respectivas siglas desses autores quanto a parte norte do paralelo de 13º.

para cadastro e pesquisa é descrita em detalhes quanto aos limites escolhidos, para melhor compreensão dos mapas. Como complemento, é ainda incluída a lista de todos os sítios arqueológicos pesquisados e cadastrados até dezembro de 1977, com as devidas siglas, descrição sumária, componentes arqueológicos envolvidos e bibliografia específica.



Estados e Territórios Federais incluídos na Amazônia Legal Brasileira

NORMAS ADOTADAS

O sistema então proposto pelo PRONAPA (1966) e utilizado no presente trabalho é uma variação daquele inventado por Fay-Cooper Cole, em 1924, para o Estado de Illinois, e que, subseqüentemente, ser-

viu de base para o sistema trinomial do River Basin Survey, da Smithsonian Institution, ainda em uso nos Estados Unidos. (3) Com pequenas alterações foi o mesmo introduzido por John H. Rowe no Peru, em 1953, (4) e, posteriormente, por esse autor sugerido para aplicação em todo Novo Mundo, mediante o acréscimo da sigla representativa do país, segundo lista apresentada (Cf. Rowe, 1971). (5)

O sistema PRONAPA consiste também de três componentes, separados entre si por um traço de união: 1. subunidade nacional; 2. subunidade local; e 3. número do sítio.

1. Subunidade nacional — representa a unidade política brasileira (Estado ou Território), sendo indicada por duas letras maiúsculas idênticas às siglas oficiais adotadas pelo Conselho Nacional de Geografia e usadas pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Para as unidades da Amazônia Legal Brasileira, compreende as seguintes siglas: AC — Estado do Acre; AP — Território Federal do Amapá; AM — Estado do Amazonas; GO — Estado de Goiás; MA — Estado do Maranhão; MT — Estado de Mato Grosso (Norte); PA — Estado do Pará; RO — Território Federal de Rondônia; e RR — Território Federal de Roraima.

2. Subunidade local — representa a subunidade do Estado ou do Território, também indicada por duas letras maiúsculas. Como no sistema SI-RBS, poderíamos ter utilizado o equivalente brasileiro do condado norte-americano, ou seja, o Município. Contudo, alguns problemas impediram a aceitação dos municípios brasileiros como subunidades locais, como sejam: a extinção ou divisão do município em dois outros menores, fato comum motivado pelo desenvolvimento e impor-

(3) — O sistema SI-RBS compunha-se, inicialmente, de 3 componentes: 1) o Estado, representado por um número, de 1 a 48, segundo a equivalência alfabética dos Estados; 2) a subunidade estadual — o condado —, simbolizado por uma sigla de três letras (maiúscula e minúsculas) do nome do condado; e 3) pelo número do sítio, segundo a ordem de cadastro no condado. Porém, com a posterior inclusão de dois novos Estados (Alasca e Havaí), elevou-se para 50 as unidades nacionais norte-americanas, implicando na alteração do correspondência numérica anterior. Isso levou Robert F. Heizer a sugerir a substituição numérica dos Estados por duas letras maiúsculas, segundo as siglas estaduais em uso pelo Departamento de Correios dos Estados Unidos (Cf. Heizer, 1968).

(4) — Em 1966 o Peru oficializou o sistema Rowe para as zonas costeiras e a Serra, adotando para a parte oriental — a Selva — o sistema de bacias fluviais usado por Donald W. Lathrap e seus estudantes para cadastro de sítios na floresta tropical do Peru Oriental.

(5) — Um sistema semelhante fora sugerido por Richard S. Diehl para uso em toda América Latina (Cf. Diehl, 1970).

tância locais; a diversidade no tamanho dos municípios; e, finalmente, a dificuldade no campo de identificarmos quais os limites exatos envolvidos. Daí, termos preferido adotar como subunidades locais as bacias fluviais, delimitadas pelos divisores de água e outros acidentes naturais, descrevendo em detalhes os respectivos limites de cada área. Cada subunidade local é simbolizada por duas letras do nome de um dos mais importantes acidentes geográficos da área (rio, serra, ilha, cidade etc.). Exemplos: PA-AX (Pará, alto rio Xingu); PA-CA (Pará, serra do Cachimbo); AM-MA (Amazonas, cidade de Manaus) etc.

3. Número do sítio — indica a ordem de numeração do sítio na área local, obedecendo a prioridade de sua descoberta ou registro. Para melhor identificação do sítio, é facultado o uso do nome do sítio separado de seu número de ordem por dois pontos. Assim, como exemplos de designação de sítios, indicamos: PA-SA-5: Porto da Mina (Estado do Pará — área do Salgado — sítio cadastrado n.º 5 — nome popular do sítio); AM-MA-4: Siderama (Estado do Amazonas — área de Manaus — sítio n.º 4 da área — nome local); MA-SL-1: Cacaraia (Estado do Maranhão — área de São Luís — sítio n.º 1 da área — nome local).

MATERIAL UTILIZADO

Para confecção das cartas estaduais e territoriais, em 1968-69, tentamos adquirir os mapas das diversas unidades políticas da Amazônia Legal Brasileira publicados pelo Conselho Nacional de Geografia, com escalas pelo menos aproximadas. Porém, duas dessas unidades políticas não haviam ainda sido concluídas pelo C.N.G. àquela data, como o Estado de Mato Grosso e o Território Federal de Rondônia. Daí, tivemos que utilizar para o primeiro o mapa publicado por uma firma particular de Curitiba, enquanto para o segundo as folhas da Carta ao Milionésimo.

As cartas estaduais e territoriais estão baseadas nos seguintes mapas:

Estado do Acre — Conselho Nacional de Geografia. Escala 1:1.000.000. Rio de Janeiro. 1961.

Estado do Amazonas — Conselho Nacional de Geografia. Escala 1:1.200.000. Rio de Janeiro. 1965.

Estado de Goiás — Instituto Brasileiro de Geografia. Escala 1:1.500.000. Rio de Janeiro. 1969.

Estado do Maranhão — Conselho Nacional de Geografia. Escala 1:1.000.000. Rio de Janeiro. 1962.

Estado de Mato Grosso — Sociedade Comercial e Representações Gráficas Limitada. Escala 1:1.600.000. Curitiba. 1967/68.

Estado do Pará — Conselho Nacional de Geografia. Escala 1:1.200.000. Rio de Janeiro. 1966.

Território Federal do Amapá — Conselho Nacional de Geografia. Escala 1:1.000.000. Rio de Janeiro. 1965.

Território Federal de Rondônia — Carta ao Milionésimo. Conselho Nacional de Geografia. Rio de Janeiro. 1959. (Folhas Madeira, Guaporé, Acre e Purus).

Território Federal de Roraima (Boa Vista) — Conselho Nacional de Geografia. Escala 1:1.000.000. 1961.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao Dr. Luiz Miguel Scaff, Diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi, todas as facilidades concedidas para publicação deste trabalho; ao Dr. Renato Soeiro, Diretor do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a autorização e as palavras de estímulo recebidas; ao desenhista Guilherme Leite, do Departamento de Antropologia do Museu Goeldi, a paciência e acabamento dos mapas apresentados; aos companheiros do PRONAPABA, Eurico Th. Miller, Ondemar F. Dias Jr. e Celso Perota, os relatórios detalhados de seus sítios pesquisados em 1976-77; às Profa. Edna Luisa de Melo e Judite Ivanir Breda, da Universidade Federal de Goiás, a permissão para reproduzir as áreas do Estado de Goiás ao norte do paralelo de 13°; às colegas do Departamento de Arqueologia do Museu Goeldi, Conceição G. Corrêa e Ana Lucia C. Machado, a colaboração espontânea e sugestões oferecidas; e, finalmente, a Betty J. Meggers e Clifford Evans, da Smithsonian Institution, o entusiasmo com que receberam a iniciativa deste trabalho e o constante encorajamento para a sua conclusão.

DELIMITAÇÃO DAS ÁREAS

ESTADO DO ACRE (AC)

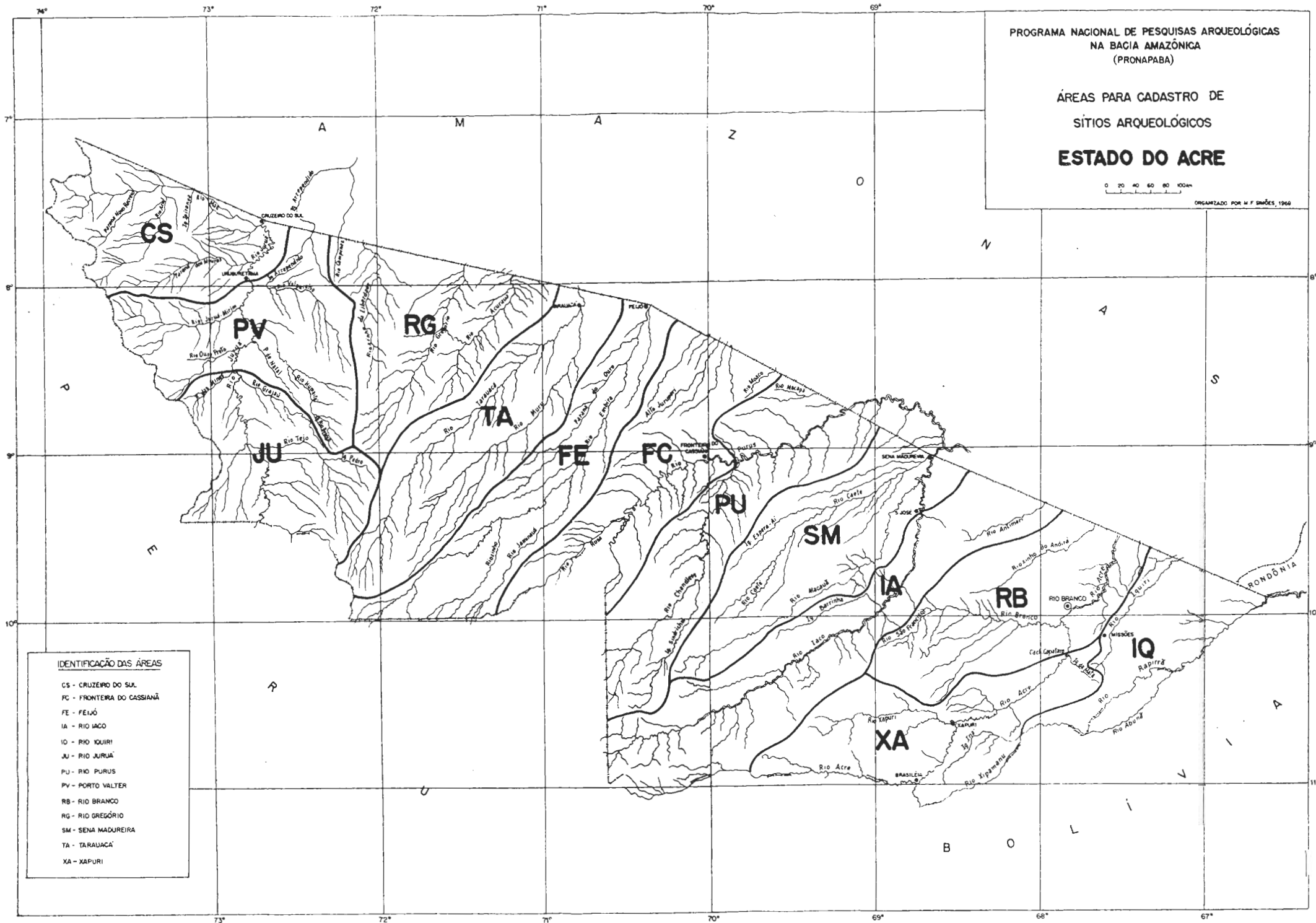
Compreende 13 áreas com as seguintes siglas: (Cf. mapa)

AC-CS (Cruzeiro do Sul) — Área a noroeste do Estado entre a divisa com o Estado do Amazonas, a fronteira com o Peru e uma linha a leste que, partindo da divisa com o Amazonas, separa as bacias do rio Juruá e de seu subafluente igarapé Arrependido até o lugarejo Uruburetama (inclusive), na margem esquerda do Juruá. Daí, pelo divisor de águas do Juruá-Mirim e paraná dos Mouras, prossegue a linha para oeste até alcançar a fronteira peruana.

AC-FC (Fronteira do Cassianã) — Área no centro do Estado entre a divisa com o Estado do Amazonas e a fronteira com o Peru. É limitado a leste por uma linha que sai da divisa com o Amazonas, seguindo pelo divisor de águas dos rios Purus e alto Jurupari até cortar o rio Purus na altura da foz de seu afluente Chandless; daí, prossegue pelo divisor de águas das bacias dos rios Chandless e Purus, até atingir a fronteira com o Peru. A oeste, tem por limite uma linha que, saindo da divisa com o Estado do Amazonas, separa as águas das bacias dos rios Embira e alto Jurupari, prosseguindo por entre as bacias do Purus e do Embira, até a fronteira peruana;

AC-FE (Feijó) — Área no centro do Estado entre a divisa com o Estado do Amazonas e a fronteira com o Peru. É limitada a oeste por uma linha que tem início na divisa com o Amazonas e segue separando as bacias do alto Embira e do rio Muru até a fronteira peruana. A leste é limitada por outra linha que, partindo da divisa com o Amazonas, separa as bacias dos rios Embira e Purus até a fronteira com o Peru;

AC-IA (Rio Iaco) — Área na porção sudeste do Estado entre a divisa com o Estado do Amazonas e a fronteira com o Peru. Limita-se a sudeste por uma linha que sai da divisa com o Amazonas, seguindo por entre as bacias do riozinho do Andirá e do rio Antimari, con-



IDENTIFICAÇÃO DAS ÁREAS

- CS - CRUZEIRO DO SUL
- FC - FRONTEIRA DO CASSIARÁ
- FE - FEIJÓ
- IA - RIO IACO
- ID - RIO IQUIRI
- JU - RIO JURUÁ
- PU - RIO PURUS
- PV - PORTO VALTER
- RB - RIO BRANCO
- RG - RIO GREGÓRIO
- SM - SENA MADUREIRA
- TA - TARAUACÁ
- XA - XAPURI

tinuando depois pelo divisor de águas dos rios Iaco/Branco e Iaco/Acre, até chegar à fronteira com o Peru. A noroeste e oeste é limitada por outra linha que, partindo da divisa com o Amazonas, separa as bacias dos rios Antimari e Iaco, cortando o rio Iaco na altura do lugarejo São José (exclusive); daí, prosseguindo por entre as bacias dos rios Macauã/Iaco e Sindrichal/Iaco, alcança a fronteira com o Peru;

AC-IQ (Rio Iquiri) — Área no extremo oriental do Estado entre as divisas com o Estado do Amazonas, o Território Federal de Rondônia, a fronteira com a Bolívia e uma linha que, partindo da divisa com o Estado do Amazonas, segue pelo divisor de águas dos rios Iquiri e Acre, passando próximo ao povoado de Missões (inclusive), para depois continuar separando as bacias dos rios Iquiri/Igarapé da Mata e Acre/Rapirã, até alcançar a confluência do Igarapé Iná com o rio Xipamanu, na fronteira boliviana;

AC-JU (Rio Juruá) — Área no extremo sudoeste do Estado entre a fronteira com o Peru e uma linha que, partindo desta, separa as bacias dos rios das Minas e Ouro Preto, corta o rio Juruá na altura de sua confluência com o rio das Minas (inclusive), para depois prosseguir pelo divisor de águas dos rios Grajaú/paraná de Natal, Grajaú/Igarapé Rio Branco, Igarapé Pedro/cabeceiras do rio Gregório e cabeceiras do rio Tejo/bacia do rio Tarauacá, até alcançar novamente a fronteira peruana;

AC-PU (Rio Purus) — Área na porção central do Estado entre a divisa com o Estado do Amazonas e a fronteira com o Peru. É limitada a oeste por uma linha que tem início na divisa com o Amazonas, seguindo pelo divisor de águas dos rios Moaco/Macapá e Purus/alto Jurupari, corta o rio Purus na altura da foz de seu afluente Chandless (inclusive), para daí prosseguir separando as águas das bacias dos rios Purus e Chandless até a fronteira peruana. A leste por outra linha que parte da divisa com o Amazonas separando as bacias dos rios Purus e de seu afluente Caeté, prosseguindo por entre as bacias do Igarapé Sindrichal e rio Macauã, cabeceiras do Sindrichal e a bacia do rio Iaco, até chegar à fronteira com o Peru;

AC-PV (Porto Válter) — Área na parte ocidental do Estado entre a divisa com o Estado do Amazonas e a fronteira com o Peru. Seu limite noroeste é fornecido por uma linha que, saindo da divisa com o Amazonas, separa a bacia do rio Juruá da de seu subafluente Iga-

rapé Arrependido até o lugarejo Uruburetama (exclusive), na margem esquerda do rio Juruá, continuando daí pelo divisor de águas dos rios Juruá-Mirim e paraná dos Mouras até a fronteira peruana. Os limites leste e sul são dados por outra linha que tem início na divisa com o Amazonas, separando as águas dos formadores do rio Campinas das de seu afluente Igarapé Arrependido, as bacias dos rios Valparaíso/riozinho da Liberdade e Gregório/Humaitá. A partir daí, toma os rumos oeste e noroeste, separando as bacias dos rios Humaitá e Grajaú, corta o rio Juruá na altura da foz de seu afluente rio das Minas (exclusive) e, a seguir, separa as bacias dos rios das Minas e Ouro Preto até a fronteira com o Peru;

AC-RB (Rio Branco) — Área na porção oriental do Estado entre a divisa com o Estado do Amazonas e uma linha que, saindo desta, a oeste, separa as bacias dos rios Antimari e riozinho do Andará, em seguida as bacias do Iaco e do Rio Branco, após o que toma o rumo sudeste e depois nordeste, separando as bacias dos rios Branco e Acre, até cortar o rio Acre na altura da cachoeira de Capatara (exclusive), de onde segue por entre as bacias dos rios Acre e Iquiri, até atingir novamente a divisa com o Estado do Amazonas;

AC-RG (Rio Gregório) — Área na porção ocidental do Estado entre a divisa com o Estado do Amazonas e uma linha que sai a leste desta, separando a bacia do rio Tarauacá da de seu afluente Acurauá, para depois tomar o rumo noroeste e a seguir norte, separando a bacia do rio Gregório das dos rios Tejo e Humaitá. Daí, prossegue, separando as bacias dos rios Valparaíso e riozinho da Liberdade, até atingir novamente a divisa com o Estado do Amazonas;

AC-SM (Sena Madureira) — Área na porção centro-oriental do Estado entre a divisa com o Estado do Amazonas e duas linhas convergentes de direção geral nordeste-sudoeste. A de noroeste da área sai da divisa com o Amazonas, seguindo por entre as bacias do rio Purus e de seu afluente Caeté, depois por entre as bacias dos rios Sindrichal e Macauã, após o que encontra a segunda linha. Esta, que está a sudeste da área, parte da divisa com o Amazonas separando as bacias dos rios Iaco e Antimari, corta o rio Iaco na altura do povoado de São José (inclusive), em sua margem esquerda, seguindo daí por entre as bacias dos rios Iaco e de seu afluente Macauã, até encontrar a primeira linha no divisor de águas dos rios Sindrichal, Macauã e Igarapé Riozinho;

AC-TA (Tarauacá) — Área na porção centro-ocidental do Estado entre a divisa com o Estado do Amazonas e a fronteira com o Peru. É limitada a noroeste por uma linha que parte da divisa com o Amazonas separando as bacias dos rios Acurauá e Tarauacá, a seguir as bacias dos rios Tejo e Tarauacá, até alcançar a fronteira com o Peru. A sudeste tem por limite outra linha que, partindo da divisa com o Estado do Amazonas, segue separando as bacias dos rios Muru e Embira, depois as bacias dos rios Tarauacá e Embira, até a fronteira com o Peru;

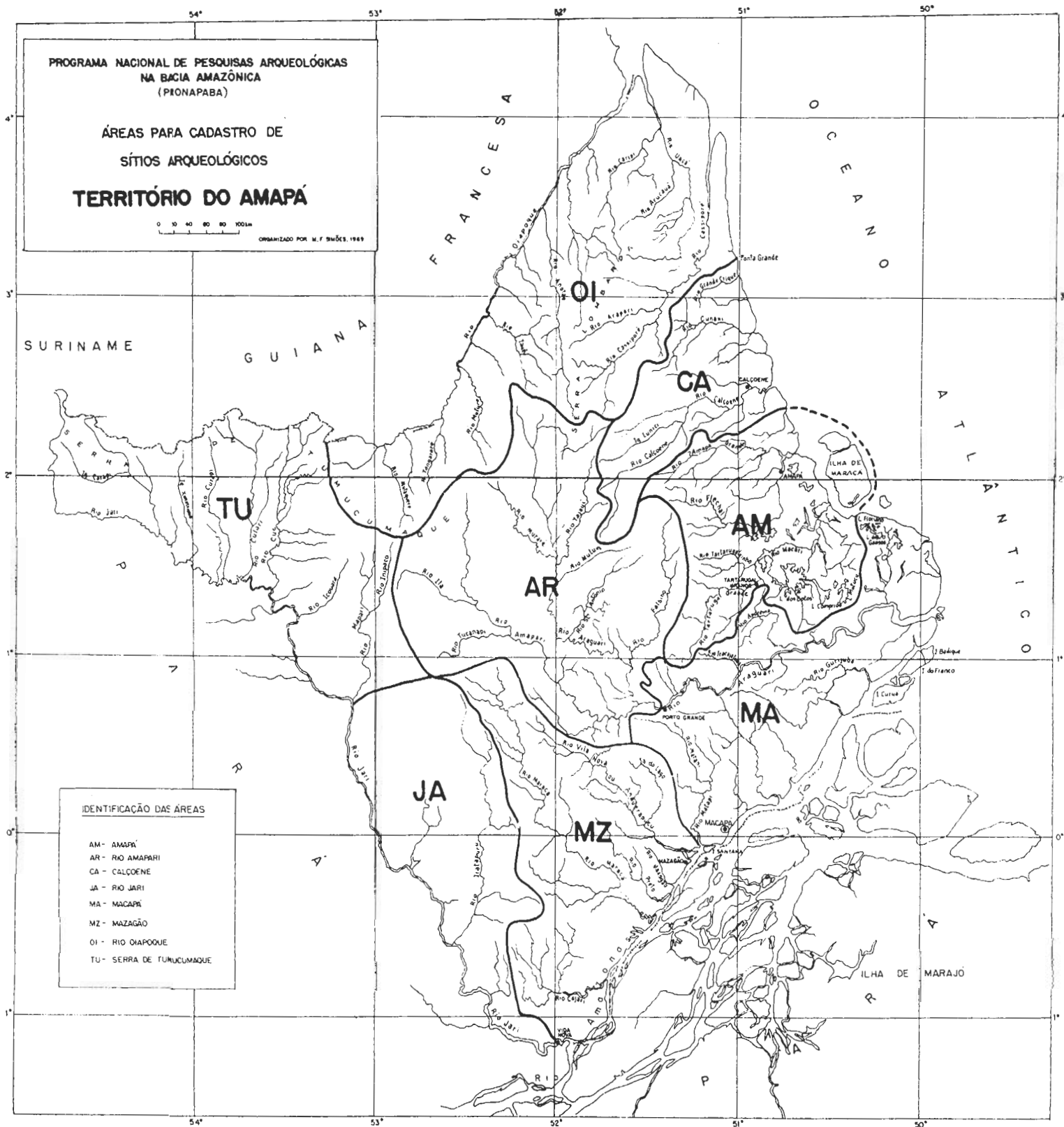
AC-XA (Xapuri) — Área na parte sudeste do Estado entre as fronteiras da Bolívia e do Peru e uma linha que, partindo desta última, segue com rumo nordeste pelo divisor de águas das bacias dos rios Xapuri e Iaco, após o que toma rumo sudeste, separando as bacias dos rios Branco e Xapuri, a seguir inflete para nordeste, separando as bacias dos rios Branco e Acre, de onde segue até as proximidades do povoado de Missões (exclusive). Daí, continua com rumo geral sul, separando as bacias dos rios Iquiri e Igarapé da Mata, depois as dos rios Acre e Rapirã, até a confluência do Igarapé Iná com o rio Xipamanu, na fronteira boliviana.

TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ (AP)

Compreende 8 áreas com as seguintes siglas: (Cf. mapa)

AP-AM (Amapá) — Área na parte centro-oriental do Território compreendida entre o oceano Atlântico e uma linha que, partindo do litoral ao norte, segue pelo divisor de águas dos rios Calçoene/Amapá Grande, para depois, tomando rumo sul, separar a bacia do rio Falsino das dos rios Flechal, Tartarugalzinho e Tartarugal Grande; deste ponto prossegue a linha no rumo nordeste, passando por entre a bacia do Tartarugal Grande e as dos rios Tracajatuba e Aporema, até as proximidades do lugarejo Tartarugal Grande (inclusive). Daí, com rumo geral sudeste e a seguir nordeste, continua por entre a bacia do Araguari/lagos dos Botos, Comprido e Mutucu, tomando então rumo norte, separando os lagos dos Gansos e Floriano da bacia do rio Macari, até encontrar novamente o litoral, em frente à ilha de Maracá (inclusive);

AP-AR (Rio Amapari) — Área no centro do Território circunscrita por uma linha que corta o rio Araguari na altura da vila de Porto Grande (exclusive) e segue separando a bacia de seu afluente Falsino



das dos afluentes do Araguari à jusante de Porto Grande, para depois, pelo divisor de águas separar a bacia do rio Falsino das dos rios Tartarugal Grande, Tartarugalzinho, Flechal e Amapá Grande; daí, ainda pelo divisor de águas, prossegue a linha separando a bacia do rio Araguari-Amapari das dos rios Calçoene e Cassiporé. A seguir, tomando rumo noroeste, corta a serra Lombarda e depois, infletindo para o sul, prossegue separando a bacia do rio Araguari-Amapari das dos rios Oiapoque, Jari e Anauerapucu, de onde rumo para norte e depois nordeste, passando por entre as bacias dos rios Araguari-Amapari/Matapi, até atingir outra vez Porto Grande, à margem direita do Araguari;

AP-CA (Rio Calçoene) — Área a nordeste do Território limitada entre o oceano Atlântico e uma linha que, saindo do litoral na altura de Ponta Grande (inclusive), segue pelo divisor de águas separando a bacia do rio Cassiporé das dos rios Grande Crique e Cunani e, a seguir, as dos rios Araguari/Calçoene, onde, fazendo uma inflexão para nordeste, prossegue pelo divisor de águas separando as bacias dos rios Calçoene/Amapá Grande, até alcançar novamente o litoral;

AP-JA (Rio Jari) — Área na parte sudoeste do Território entre a margem esquerda do Jari e uma linha que parte de sua confluência com o Mapari (exclusive), seguindo com rumo geral leste e depois sudeste separando as bacias dos rios Iratapuru/Maracá, em seguida Jari/Cajari, até alcançar novamente o rio Jari defronte ao povoado de Vila Nova (Estado do Pará), nas proximidades de sua foz;

AP-MA (Macapá) — Área na parte oriental do Território entre o oceano, a foz do rio Amazonas e uma linha que, partindo do litoral fronteiriço à ilha de Maracá, segue por entre a bacia do rio Macari e os lagos Floriano e dos Gansos, separando depois os lagos Mutucu, Comprido e dos Botos da bacia do rio Araguari, até as proximidades do lugarejo Tartarugal Grande (exclusive); deste ponto, a linha continua pelo divisor de águas separando a bacia do Tartarugal Grande das dos afluentes da margem esquerda do Araguari, até cortar este último na altura de Porto Grande (inclusive). Daí, pelo divisor de águas prossegue a linha separando as bacias dos rios Amapari e Anauerapucu da do rio Matapi, até atingir o rio Amazonas na ponta em frente à ilha de Santana (inclusive);

AP-MZ (Mazagão) — Área na parte sudeste do Território entre a foz do rio Amazonas e uma linha que parte da ponta de terra fronteiriça

à ilha de Santana (exclusive) e segue, pelo divisor de águas, separando as bacias dos rios Anauerapucu/Matapi, Anauerapucu/Amapari e cabeceiras do Maracá/Amapari, após o que faz uma inflexão no rumo geral sul para prosseguir pelo divisor de águas das bacias dos rios Iratapuru/Maracá e Jari/Cajari, até alcançar novamente o rio Amazonas em frente ao povoado de Vida Nova (Estado do Pará), nas proximidades da foz do Jari. Pertencem a esta área as ilhas do rio Amazonas de propriedade do Território;

AP-OI (Rio Oiapoque) — Área no extremo norte do Território entre a margem direita do rio Oiapoque, o litoral e uma linha que, partindo da costa atlântica, na altura de Ponta Grande (exclusive), segue pelo divisor de águas separando a bacia do Cassiporé das dos rios Grande Crique, Cunani, Calçoene e Araguari para em seguida, cortando a serra Lombarda, seguir separando as bacias dos rios Oiapoque/Araguari-Amapari. Daí, segue por sobre a linha de cumeada da serra de Tumucumaque até atingir a fronteira com a Guiana Francesa, na região das cabeceiras do rio Oiapoque;

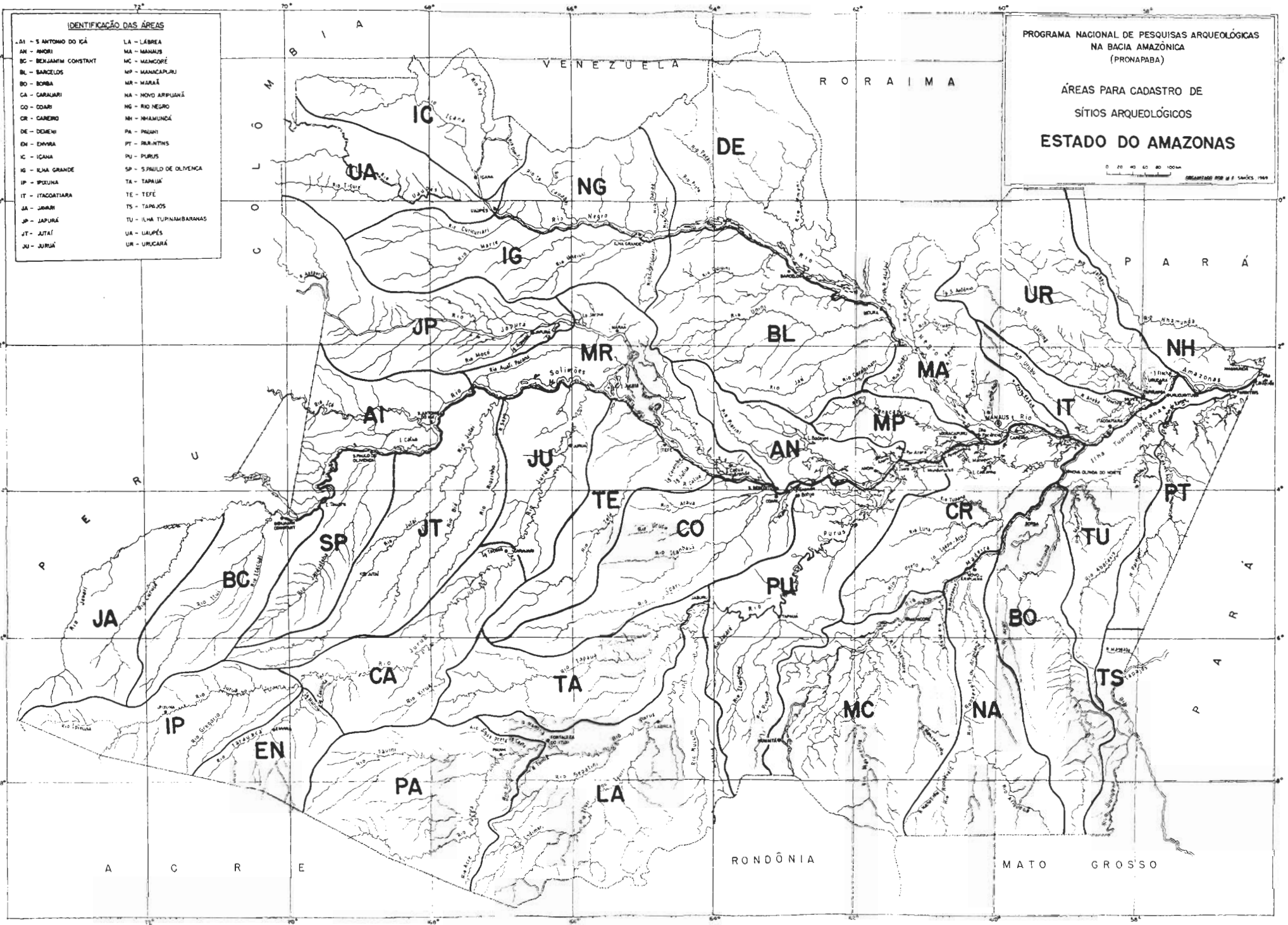
AP-TU (Serra de Tumucumaque) — Área no extremo ocidental do Território entre a linha de cumeada da serra de Tumucumaque (fronteira com a Guiana Francesa e Suriname), a margem esquerda do alto curso do Jari e uma linha que, saindo do rio Jari, na altura da foz do rio Mapari (inclusive), segue em direção ao divisor de águas Mapari/Amapari, por onde prossegue até encontrar a linha de cumeada da serra de Tumucumaque.

ESTADO DO AMAZONAS (AM)

Compreende 36 áreas com as seguintes siglas: (Cf. mapa)

AM-AI (Santo Antônio do Içá) — Área na parte centro-ocidental do Estado entre a fronteira da Colômbia, o rio Solimões e uma linha que parte da confluência do rio Auati Paraná (exclusive) com o rio Solimões, seguindo com rumo noroeste e depois oeste pelo divisor de águas que separa a bacia do rio Japurá das dos afluentes da margem esquerda do Solimões à montante da foz do Auati Paraná, até alcançar a fronteira com a Colômbia. Pertencem a esta área as ilhas do Solimões próximas de sua margem esquerda;

AM-AN (Anori) — Área no centro do Estado entre a margem esquerda do Solimões e uma linha que, partindo deste em frente à cidade de Coari (exclusive), segue pelo divisor de águas dos rios Piorini



IDENTIFICAÇÃO DAS ÁREAS

- | | |
|------------------------|--------------------------|
| AI - S ANTONIO DO IÇÁ | LA - LABREA |
| AN - ANORI | MA - MANAUS |
| BC - BENJAMIM CONSTANT | MC - MANGORÉ |
| BL - BARCELOS | MP - MANACAPURU |
| BO - BORBIA | MR - MARAÁ |
| CA - CARAUARI | NA - NOVO ARIPIUANÍ |
| CO - COARI | NG - RIO NEGRO |
| CR - CACERES | NH - NHAMUNDÁ |
| DE - DEMENI | PA - PIRAUTI |
| EN - ENVIARA | PT - PIRAITINS |
| IC - ICAMA | PU - PURUS |
| IG - ILHA GRANDE | SP - S PAULO DE OLIVEIRA |
| IP - IPOEUA | TA - TAPALÁ |
| IT - ITACOATIARA | TE - TEFÉ |
| JA - JARARI | TS - TAPAJÓS |
| JP - JAPURÁ | TU - ILHA TUPINAMBARANAS |
| JT - JATÁ | UA - UAUAPÉS |
| JU - JURUÁ | UR - URUÇARÁ |

PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS
 NA BACIA AMAZÔNICA
 (PRONAPABA)

ÁREAS PARA CADASTRO DE
 SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

ESTADO DO AMAZONAS

0 20 40 60 80 100 KM

ESCALA: 1:500.000

VENEZUELA

RORAIMA

DE

NG

UR

P A R Á

NH

MA

IT

MP

AN

PT

TE

CO

CR

TU

BC

SP

JT

JU

PU

BO

TS

JA

CA

TA

MC

NA

IP

EN

PA

LA

RONDÔNIA

MATO GROSSO

A C R E

e Japurá-Solimões. Após as cabeceiras do Piorini, a linha faz uma inflexão para sudeste, separando ainda o Piorini das cabeceiras dos rios que correm para o rio Negro e, a seguir, a bacia do Manacapuru das cabeceiras dos afluentes do Solimões acima da foz do paraná Arara, até atingir novamente a margem esquerda do Solimões. No curso do Solimões, as ilhas deste trecho, mais próximas de sua margem esquerda, pertencem a esta área;

AM-BC (Benjamin Constant) — Área na parte ocidental do Estado entre a margem direita do baixo rio Javari, a margem direita do rio Solimões (abaixo da confluência com aquele) e uma linha que tem início na margem do Solimões, na altura da ilha Tauaru (exclusive) seguindo com rumo sudoeste pelo divisor de águas das bacias dos rios Itacuai/Jandiatuba, Jutai e Juruá. Em seguida, tomando o rumo nordeste, prossegue ainda pelo divisor de águas dos rios Curuçá/Ituí, até atingir o rio Javari na fronteira do Brasil com o Peru. No Solimões, pertencem a esta área as ilhas que estiverem mais próximas de sua margem direita;

AM-BL (Barcelos) — Área na parte centro-norte do Estado entre a margem direita do rio Negro e uma linha que tem início nesta, nas proximidades da cidade de Airão (exclusive), seguindo para sudoeste separando a bacia do rio Carabinani das dos rios Paduari, Manacapuru e lago Badajós; daí, prossegue com rumo geral noroeste, separando as bacias dos rios Jaú e Unini da do rio Piorini e depois da do rio Japurá, de onde ruma para norte por entre as bacias dos rios Jurubaxi/Quiuini, até alcançar a margem direita do rio Negro em frente à foz do rio Jaú (margem oposta do rio Negro);

AM-BO (Borba) — Área na parte sul-oriental do Estado entre a margem direita do rio Madeira e a divisa com o Estado de Mato Grosso. É limitada a oeste por uma linha que parte da margem direita do rio Madeira, seguindo pelo divisor de águas dos rios Canumã/Roosevelt, até a divisa com o Estado de Mato Grosso. A leste limita-se por outra linha que tem início na margem direita do Madeira, junto à foz do rio Canumã (inclusive), e segue, pelo divisor de águas, separando a bacia deste último das dos rios Marimari, Abacaxis, Tapajós e Juruena, até a divisa com o Estado de Mato Grosso. Pertencem a esta área as ilhas deste trecho do Madeira, próximas a sua margem direita;

AM-CA (Carauari) — Área na parte centro-oeste do Estado circunscrita por uma linha que, saindo do rio Juruá, na altura da foz de seu afluente igarapé Taboca (inclusive), segue para oeste e depois sudoeste, por entre as bacias dos rios Juruá/Jutaí. Daí inflete para sudeste para cortar o Juruá, na altura da confluência com o Tarauacá, e continuar neste rumo separando a bacia do Tarauacá das dos afluentes da margem direita do Juruá. Desse ponto rumo para nordeste, separando as águas da bacia do Juruá das dos rios Pauini, Tapauá e Tefé, voltando a seguir para noroeste até o ponto inicial, na foz do igarapé Taboca;

AM-CO (Coari) — Área na parte central do Estado entre a margem direita do Solimões e uma linha que, partindo do Solimões em frente à ponta oriental da ilha Grande da Botija (inclusive), desce com rumo geral sul separando as bacias do lago Mamiá e do rio Purus. A seguir, com rumo sudoeste, prossegue por entre as bacias dos rios Coari/Tapauá, até encontrar o divisor de águas dos rios Tefé/Coari. Deste ponto toma o rumo geral nordeste, separando a bacia do rio Tefé das dos rios Coari, Urucu e Arauá, e depois Catuá/Arauá, até atingir novamente a margem direita do Solimões, na altura da ilha Catuá Grande (exclusive). No Solimões, a linha passa aproximadamente pelo talvegue do rio, pertencendo a esta área as ilhas próximas a sua margem direita;

AM-CR (Careiro) — Área na parte centro-oriental do Estado entre a margem direita do Amazonas, a margem esquerda do baixo Madeira e uma linha que sai da margem do Amazonas, a leste do lago Mundurucus, seguindo pelo divisor de águas separando as bacias do lago Mundurucus das dos lagos Pesqueiro, Manaquiri e Castanho. A seguir, continua para oeste e depois sudoeste por entre as bacias dos rios Purus/Tupana, Luna e Preto-do-Igapó-Açu. Na altura das cabeceiras deste último inflete com rumo geral nordeste por entre as bacias do Preto-do-Igapó-Açu/Madeira, alcançando este último na altura da confluência de seu tributário Arauá. No Amazonas, pertencem a esta área, as ilhas mais próximas de sua margem direita e, no Madeira, aquelas de sua margem esquerda;

AM-DE (Rio Demeni) — Área no extremo norte do Estado, compreendida entre o rio Negro, a divisa com o Território Federal de Roraima, a fronteira com a Venezuela e uma linha que, partindo da foz do rio Jaú (exclusive), segue pelo divisor de águas, separando as

bacias dos rios Jaú e Daraá da do rio Padauri, até atingir a fronteira Brasil-Venezuela. Pertencem a esta área todas as ilhas do rio Negro neste trecho;

AM-EN (Envira) — Área na parte sudoeste do Estado entre a divisa com o Estado do Acre e uma linha que, partindo dessa divisa, segue pelo divisor de águas no rumo nordeste separando as bacias dos rios Pauini e Tarauacá, para depois, no rumo noroeste, cortar o vale do Tarauacá entre os igarapés Muriru e Campista, até o rio Tarauacá, na altura de sua confluência com o Juruá. Deste ponto, prossegue com rumo sudoeste por entre as bacias dos rios Tarauacá e Juruá, até atingir novamente a divisa com o Estado do Acre;

AM-IC (Içana) — Área na parte norte-ocidental do Estado, compreendida entre a fronteira do Brasil com a Venezuela e Colômbia e uma linha que, saindo desta última, segue com rumo sudeste pelo divisor de águas das bacias dos rios Içana e Uaupés, corta o rio Negro em sua confluência com o Uaupés (exclusive) e segue, com rumo nordeste, separando as bacias dos rios Negro e Cauaburi, até atingir a fronteira Brasil-Venezuela;

AM-IG (Ilha Grande) — Área na parte noroeste do Estado, compreendida entre a margem direita do rio Negro e uma linha que, saindo dessa margem, logo abaixo da cidade de Uaupés (exclusive), segue pelo divisor de águas separando as bacias dos rios Curicuriari e Uaupés. Após as cabeceiras do Curicuriari, a linha sofre uma inflexão para sudeste e depois leste, para voltar, ainda pelo divisor de águas, separando as bacias dos rios Japurá e Negro, até a altura do afluente deste — rio Jurubaxi —, após o qual toma o rumo geral norte, até atingir novamente a margem do rio Negro, em frente à foz de seu afluente Jaú;

AM-IP (Ipixuna) — Área na parte sudoeste do Estado entre a divisa com o Estado do Acre e uma linha que parte do ponto extremo oeste desta mesma divisa, seguindo com rumo geral nordeste pelo divisor de águas, separando a bacia do rio Juruá das bacias dos rios Curuçá, Ituí e Jutaí, após o que corta o vale do Juruá e o curso do rio na altura de sua confluência com o rio Tarauacá. A partir daí, inflete para sudoeste, separando, ainda pelo divisor de águas, as bacias dos rios Juruá e Tarauacá, até alcançar novamente a divisa Amazonas-Acre;

- AM-IT (Itacoatiara)** — Área na parte oriental do Estado, compreendida entre a margem esquerda do Amazonas e uma linha que, saindo desta logo abaixo da foz do rio Preto-da-Eva, segue com rumo noroeste pelo divisor de águas separando a bacia do rio Urubu das dos rios Preto-da-Eva, Cuieiras e Curiauí. Após as cabeceiras do rio Urubu a linha inflete para sudeste, separando ainda pelo divisor de águas a bacia do rio Uatumã das bacias dos rios Urubu, Anebá e Sanabani, até atingir novamente a margem esquerda do Amazonas, ligeiramente à montante da cidade de Itapiranga. No Amazonas, a linha passa aproximadamente pelo talvegue do rio, pertencendo a esta área as ilhas mais próximas de sua margem esquerda;
- AM-JA (Rio Javari)** — Área na parte sudoeste do Estado entre a fronteira do Brasil com o Peru e uma linha que, saindo do ponto extremo sudoeste do Estado, segue pelo divisor de águas, no rumo geral oeste, separando as bacias dos rios Ipixuna-Juruá das dos rios Javari e Curuçá. A seguir, infletindo para nordeste, prossegue a linha separando as bacias dos rios Curuçá e Ituí, até alcançar novamente a fronteira com o Peru, no rio Javari;
- AM-JP (Japurá)** — Área na parte noroeste do Estado, compreendida entre a fronteira Brasil-Colômbia e uma linha que, saindo desta fronteira, segue com rumo geral sudeste separando a bacia do rio Japurá das bacias dos rios Tiquié, Curicuriari, Marié e Uneiuxi, de onde inflete para sul para cortar o rio Japurá a oeste do lago Jarpia (exclusive). Desse ponto a linha volta para oeste, pelo divisor de águas, separando a bacia do rio Japurá das dos rios Auati Paraná e Içá, até atingir novamente a divisa do Brasil com a Colômbia;
- AM-JT (Jutaí)** — Área na parte centro-sudoeste do Estado, entre a margem direita do rio Solimões e uma linha que, partindo desta margem na altura da ilha Catuá (exclusive), segue para sul e depois sudoeste pelo divisor de águas, separando as bacias dos rios Jutaí e Jandiatuba. Ultrapassadas as cabeceiras do Jutaí, a linha volta para leste e depois nordeste separando a bacia do rio Jutaí da do rio Juruá, até atingir novamente a margem direita do Solimões junto à foz do rio Jutaí (inclusive). Pertencem a esta área as ilhas do Solimões mais próximas de sua margem direita;
- AM-JU (Juruá)** — Área na parte centro-ocidental do Estado, compreendida entre a margem direita do rio Solimões e uma linha que, saindo da foz do rio Jutaí (exclusive), segue para o sul, pelo divisor de

águas, separando a bacia do rio Riozinho das dos rios Sapo e Juruá. Daí, volta para leste, cortando transversalmente o vale do rio Juruá, na altura da foz do igarapé Taboca (exclusive), até alcançar o divisor de águas Juruá/Tefé, por onde segue para nordeste até a margem direita do Solimões, na altura da ilha Juçara (exclusive). Fazem parte desta área as ilhas do Solimões mais próximas de sua margem direita;

AM-LA (Lábrea) — Área na parte centro-sul do Estado, compreendida entre a divisa do Amazonas com o Estado do Acre, a divisa do Amazonas com o Território Federal de Rondônia e uma linha que, saindo da divisa com o Acre, segue no rumo nordeste, separando as bacias dos rios Acre/Endimari e Seruini/Tumiã, até cortar o rio Purus na altura do lugarejo Fortaleza do Ituxi (inclusive). Deste ponto, a linha inflete para noroeste, separando a bacia do rio Mamoriá das bacias dos rios Caeté e Água Preta, onde toma rumo leste e depois nordeste, por entre as bacias dos rios Tapauá e Purus. Após cortar o rio Purus, na altura da foz do Tapauá (exclusive), a linha segue paralelamente a margem esquerda do Purus até cortá-lo novamente junto ao lugarejo Jaburu (exclusive), prosseguindo depois com rumo geral sul separando as bacias dos rios Purus/Jacaré, Mucuím/Itaparaná e Issuã/Pixuna, até alcançar a linha divisória com o Território Federal de Rondônia;

AM-MA (Manaus) — Área na parte nordeste do Estado entre a margem esquerda do rio Amazonas e a divisa com o Território Federal de Roraima. É limitada a oeste por uma linha que parte da margem esquerda do Amazonas, na altura da parte ocidental da ilha da Paciência (inclusive), seguindo no rumo geral noroeste pelo divisor de águas das bacias dos rios Negro/Manacapuru, para depois, infletindo para nordeste, prosseguir por entre as bacias dos rios Carabinani/Paduari, até atingir o rio Negro na foz do Carabinani (exclusive). Daí, prossegue a linha paralelamente pela margem direita do rio Negro até próximo a vila de Moura (exclusive), cortando o rio Negro em frente à foz do rio Alalaú (divisa com o Território Federal de Roraima). A leste é limitada por uma linha que sai da margem esquerda do Amazonas, logo abaixo da foz do rio Preto-da-Eva, seguindo com rumo noroeste pelo divisor de águas dos rios Urubu/Preto-da-Eva, Cuieiras, Apuaú e Curiuaú, para depois rumar para nordeste separando as bacias do igarapé Santo Antônio das dos rios Curiuaú e Camananaú, até atingir o curso do rio

Alalaú, na divisa com o Território Federal de Roraima. Pertencem a esta área todas as ilhas do rio Negro, no trecho da foz do rio Alalaú até a confluência com o Amazonas, bem como neste aquelas ilhas mais próximas a sua margem esquerda;

AM-MC (Manicoré) — Área localizada a sudeste do Estado, compreendida entre a divisa com o Território Federal de Rondônia, a divisa com o Estado de Mato Grosso e uma linha que, saindo da divisa com Rondônia, segue com rumo geral nordeste separando a bacia do rio Madeira das dos rios Pixuna e Preto do Igapó-Açu. A seguir, cortando o rio Madeira na altura da foz do rio Arauá (inclusive), toma o rumo geral sul e depois sudoeste, separando as bacias dos rios Arauá/Maniepaua, Arauá/Roosevelt e, finalmente, Marmelos/Machadinho, até atingir a divisa com Mato Grosso;

AM-MP (Manacapuru) — Área na parte nordeste do Estado entre a margem esquerda do Solimões e uma linha que, saindo desta, na altura da ilha luera (exclusive), segue com rumo nordeste e depois oeste separando a bacia do rio Manacapuru das bacias dos lagos Anamá e Badajós, rumando a seguir para nordeste e leste por entre as bacias dos rios Manacapuru/Carabinani, Manacapuru/Paduari e Manacapuru/Negro, até atingir novamente a margem esquerda do Solimões, em frente à ilha da Paciência (exclusive). Pertencem a esta área as ilhas do Solimões que estiverem mais próximas de sua margem esquerda;

AM-MR (Maraã) — Área na parte centro-norte do Estado, compreendida entre a margem do Solimões e uma linha que, partindo desta nas proximidades do lugarejo São Benedito (exclusive), segue com rumo noroeste separando a bacia do rio Japurá das dos rios Piorini, Unini, Quiuini e Uneixi, para depois, infletindo para sudeste, cortar o rio Japurá na altura do lago Jarpia (inclusive). Deste ponto, prossegue a linha para sudoeste separando a bacia do rio Auati Paraná das dos igarapés Xieuê, Acounai e rio Mocó, passando a seguir com rumo sudeste até alcançar novamente a margem do rio Solimões, junto à foz do Auati Paraná (inclusive). Pertencem a esta área as ilhas do Solimões mais próximas de sua margem esquerda;

AM-NA (Novo Aripuanã) — Área na parte sudeste do Estado entre a margem direita do rio Madeira e a divisa com o Estado de Mato Grosso. Está limitada a oeste por uma linha que parte da divisa

com Mato Grosso, no rumo geral nordeste e depois norte, separando pelo divisor de águas a bacia do rio Roosevelt das bacias dos rios Marmelos, Manicorézinho e Arauá e, em seguida, as bacias dos rios Maniepauá/Arauá, em cuja foz (exclusive) atinge o rio Madeira. A leste tem por limite outra linha que, saindo da divisa com Mato Grosso com rumo geral norte, separa pelo divisor de águas as bacias dos rios Aripuanã e Roosevelt da bacia do rio Canumã (rios Sucunduri e Acari), até atingir a margem direita do rio Madeira. Pertencem a esta área as ilhas do rio Madeira mais próximas de sua margem direita;

AM-NG (Rio Negro) — Área na parte noroeste do Estado entre a margem esquerda do rio Negro e a fronteira com a Venezuela. Está limitada a oeste por uma linha que sai da fronteira, no rumo sudoeste, separando pelo divisor de águas as bacias dos rios Demiti/Cauburi, até alcançar o rio Negro logo abaixo da cidade de Uaupés (exclusive). A leste, tem por limite outra linha que, saindo da fronteira com a Venezuela, segue com rumo geral sul pelo divisor de águas, separando as bacias dos rios Padauri e seu afluente Preto das bacias do Daraá e Jaú, em cuja foz (inclusive) atinge o rio Negro. Pertencem a esta área todas as ilhas do rio Negro nesse trecho;

AM-NH (Nhamundá) — Área no extremo nordeste do Estado compreendida entre a margem esquerda do rio Amazonas, a divisa com o Estado do Pará, a divisa com o Território Federal de Roraima e uma linha que, saindo desta última, segue com rumo geral sudeste separando pelo divisor de águas as bacias dos rios Jatapu/Nhamundá, até atingir a margem esquerda do Amazonas na altura da ilha Flechal (exclusive). Pertencem a esta área as ilhas do Amazonas mais próximas da margem esquerda do rio; (1)

AM-PA (Piauíni) — Área na parte sudoeste do Estado entre a divisa com o Estado do Acre e uma linha que, saindo desta, segue no rumo nordeste separando as bacias dos rios Acre/Endimari e Seruini/Tumiã, até cortar o rio Purus na altura do lugarejo Fortaleza de

(1) — Como a faixa de terras inundáveis entre a margem esquerda do rio Amazonas e a foz do rio Nhamundá vem sendo questionada pelos Estados do Amazonas e Pará, com limites propostos diferentes, para finalidades deste trabalho consideramos como pertencente a esta área a parte sudoeste dessas terras, as quais têm por limite uma linha que parte da margem esquerda da foz do rio Nhamundá com rumo geral leste até encontrar a margem esquerda do rio Amazonas, em frente ao limite entre os dois Estados.

Ituxi (exclusive). Deste ponto, a linha ruma para oeste e depois sudoeste separando a bacia do rio Mamoriá das dos igarapés Caeté e Água Preta e, a seguir, por entre as bacias dos rios Pauini/Tapauá, Juruá e Tarauacá, até atingir novamente a divisa com o Estado do Acre;

AM-PT (Parintins) — Área na parte leste do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado do Pará e uma linha que, saindo desta ao sul, segue com rumo oeste separando as bacias dos rios Parauari/Tapajós, a seguir, no rumo nordeste, as bacias dos rios Parauari/Abacaxis e Maués Açu/Apoquitaua, até alcançar a margem direita do paraná do Ramos, em frente à ilha de Tupinambaranas (exclusive). Daí, segue no mesmo rumo nordeste acompanhando a margem direita do paraná do Ramos até atingir sua confluência com o rio Amazonas, junto à cidade de Parintins (inclusive), de onde prossegue pela margem direita do Amazonas até atingir novamente a divisa com o Pará, em frente à ilha do Caldeirão (exclusive). Pertencem a esta área as ilhas do rio Amazonas mais próximas de sua margem direita;

AM-PU (Rio Purus) — Área na parte centro-sul do Estado entre a margem direita do rio Solimões e a divisa com o Território Federal de Rondônia. Limita-se a oeste por uma linha que, saindo da margem direita do Solimões, na altura da foz do lago Mamiá (exclusive), segue para o sul e depois sudoeste separando as bacias do rio Purus/lago Mamiá e dos rios Purus/Coari; a seguir, infletindo para o sul, corta o rio Purus na altura do lugarejo Jaburu (exclusive), para depois, no mesmo rumo, separar a bacia do rio Mucuím das dos rios Jacaré, Itaparaná e Pixuna (todos afluentes do Purus), até alcançar a divisa com o Território Federal de Rondônia. A leste tem por limite outra linha que parte da margem direita do Solimões, a leste do lago Mundurucus, seguindo no rumo sul e depois sudoeste separando as bacias dos rios Purus/Tupana, Luna e Preto do Igapó-Açu, em seguida as bacias dos rios Pixuna/Madeira, até atingir novamente a divisa com Rondônia. Pertencem a esta área as ilhas deste trecho do Solimões mais próximas de sua margem direita;

AM-SP (São Paulo de Olivença) — Área na parte sudoeste do Estado entre a margem direita do rio Solimões e uma linha que, partindo desta na altura da ilha de Catuá (exclusive), segue com rumo sul e depois sudoeste pelo divisor de águas das bacias dos rios Jutai/Jandiatuba. Após as cabeceiras do Jandiatuba, a linha inflete

para nordeste, voltando pelo divisor de águas dos rios Itacuaí/Jandiatuba, até alcançar outra vez a margem direita do Solimões, na altura da ilha Tauaru (inclusive). Pertencem a esta área as ilhas deste trecho do Solimões mais próximas de sua margem direita;

AM-TA (Rio Tapauá) — Área na parte centro-sul do Estado, tendo por limite uma linha que, partindo do lugarejo Jaburu (inclusive), segue paralelamente a margem esquerda do rio Purus até cortar a foz do rio Tapauá (inclusive), de onde prossegue para sudoeste e depois oeste pelo divisor de águas das bacias dos rios Tapauá/Purus, Tapauá/Mamoriá e Tapauá/Pauini. Daí, a linha volta para nordeste, separando as bacias dos rios Tapauá/Juruá, depois para leste e nordeste por entre as bacias dos rios Tapauá/Coari, até alcançar novamente a margem esquerda do Purus, no lugarejo Jaburu;

AM-TE (Tefé) — Área na parte central do Estado entre a margem direita do rio Solimões e uma linha que sai desta margem, em frente à ilha Catuá Grande (exclusive), com rumo geral sudoeste separando as bacias dos igarapés Catuá, Jutica e Caiambé da bacia do rio Arauá e, a seguir, as bacias dos rios Tefé-Arauá, Urucu, Itanhauã e Coari. Daí, a linha ruma para nordeste pelo divisor de águas dos rios Tefé/Juruá, até alcançar novamente a margem direita do Solimões, na altura da ilha Juçara (exclusive). Pertencem a esta área as ilhas deste trecho do Solimões mais próximas de sua margem direita;

AM-TS (Rio Tapajós) — Área no extremo sudeste do Estado, limitada ao sul pela divisa com o Estado de Mato Grosso, a leste pela divisa com o Estado do Pará e a oeste e norte por uma linha que, saindo da divisa com o Pará, segue com rumo oeste separando as cabeceiras do rio Parauari da bacia do rio Mangaba, afluente do Tapajós; a seguir, a linha toma o rumo geral sul, passando pelo divisor de águas dos rios Tapajós/Abacaxis e Juruena/Sucunduri, até atingir a divisa com o Estado de Mato Grosso;

AM-TU (Ilha Tupinambaranas) — Área na parte oriental do Estado, compreendida entre a margem direita do Amazonas, a margem direita do baixo rio Madeira e uma linha que, partindo do extremo sudoeste da ilha Tupinambaranas, segue com rumo geral sul separando as bacias dos rios Marimari e Abacaxis das dos rios Canumã e Sucunduri. Daí, a linha inflete para norte e depois nordeste, seguindo pelo divisor de águas das bacias dos rios Abacaxis/Tapa-

jós, Abacaxis/Parauari e Apoquitaua/Maués Açu, de onde prossegue pela orla sul da ilha Tupinambaranas até atingir a margem direita do rio Amazonas, nas proximidades da cidade de Parintins (exclusive). Pertencem a esta área as ilhas do rio Amazonas que estiverem mais próximas de sua margem direita;

AM-UA (Uaupés) — Área no extremo noroeste do Estado entre a fronteira com a Colômbia e uma linha que, partindo desta ao norte, segue com rumo sudeste pelo divisor de águas das bacias dos rios Uaupés/Içana, até cortar o rio Negro, junto à foz do rio Içana (inclusive), de onde prossegue para nordeste e depois sudoeste, cruzando novamente o rio Negro nas proximidades da cidade de Uaupés (inclusive). Daí, a linha continua com rumo sudoeste e depois noroeste, separando as bacias dos rios Uaupés/Curicuriari e Uaupés/Apaporis, até atingir outra vez a fronteira com a Colômbia;

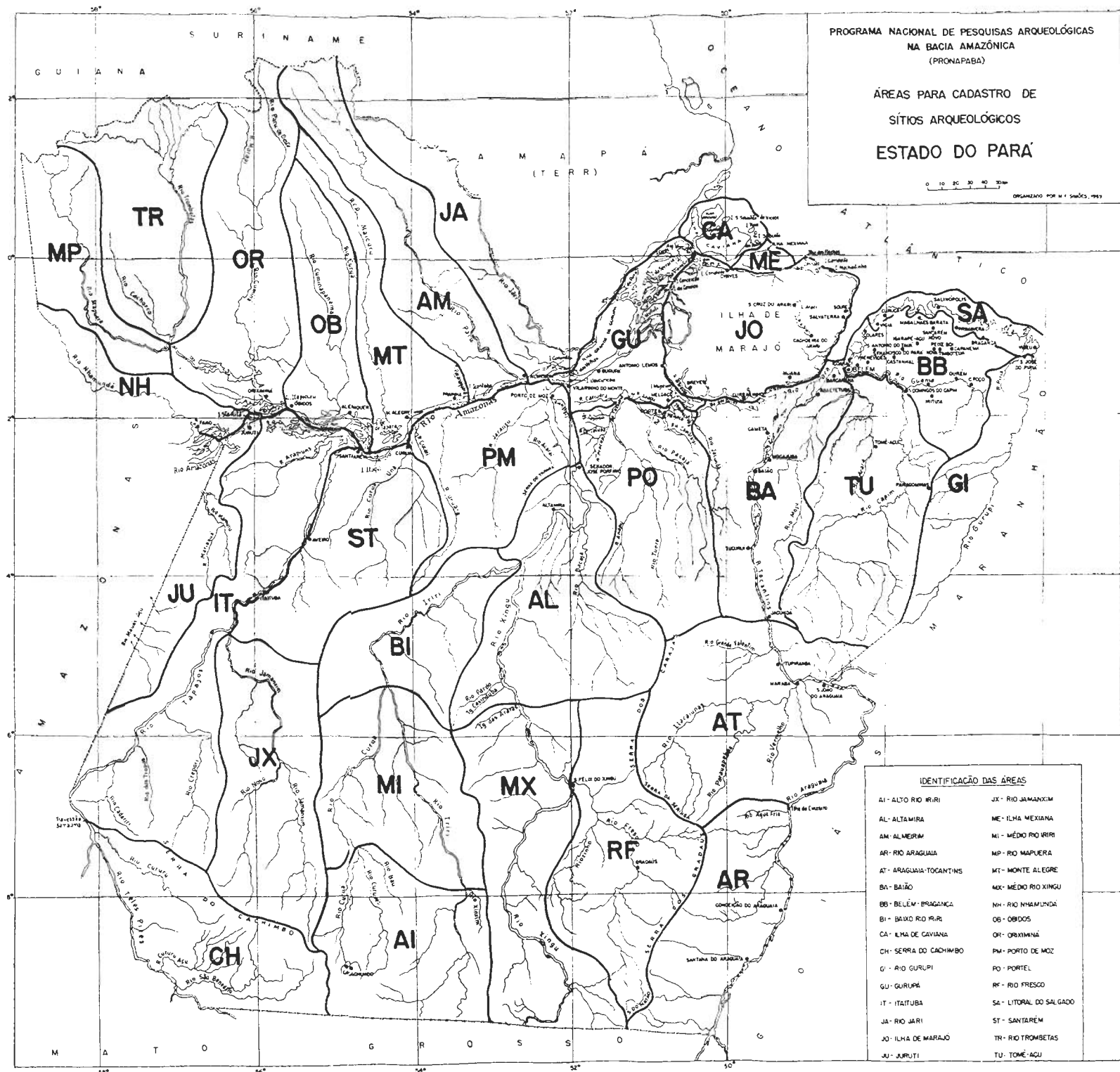
AM-UR (Urucará) — Área na parte nordeste do Estado entre a divisa com o Território Federal de Roraima e a margem esquerda do rio Amazonas. Está limitada a oeste e sudoeste por uma linha que sai das proximidades da cidade de Itapiranga (inclusive), seguindo pelo divisor de águas das bacias dos rios Uatumã/Urubu, até alcançar a divisa com Roraima. A leste e sudeste tem por limite outra linha que parte da margem esquerda do Amazonas, na altura da ilha Flechal (inclusive), seguindo pelo divisor de águas dos rios Jatapu/Nhamundá, até atingir a divisa com o Território de Roraima. Pertencem a esta área as ilhas do rio Amazonas mais próximas de sua margem esquerda.

ESTADO DO PARÁ (PA)

Compreende 32 áreas com as seguintes siglas: (Cf. mapa)

PA-AI (Alto rio Iriri) — Área ao sul do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado de Mato Grosso e uma linha que, saindo desta a oeste, segue com rumo geral norte pelo divisor de águas dos rios Curuá/Teles Pires e Curuá/Jamanxim. A seguir, inflete para leste, cortando o rio Curuá na altura da foz do rio Baú (inclusive), de onde prossegue no rumo geral sudeste, cortando o rio Iriri na altura da foz de seu afluente Xinxim (inclusive), para depois voltar para o sul pelo divisor de águas das bacias dos rios Iriri/Xingu, até alcançar a divisa com o Estado de Mato Grosso;

PA-AL (Altamira) — Área no centro do Estado, delimitada por uma linha que, saindo da cidade de Senador José Porfírio (inclusive), cor-



ta o rio Xingu e segue com rumo sudoeste pelo divisor de águas das bacias dos rios Xingu/Acaraí, e Xingu/Jarauçu, até cortar o rio Iriri, na altura de sua confluência com o Xingu (exclusive). Daí, prossegue a linha no rumo sudoeste por entre as bacias dos rios Iriri e Xingu, até próximo às cabeceiras do rio Pardo, onde inflete para leste, separando as bacias dos igarapés Caxinduba/Araras, até cortar novamente o rio Xingu junto à foz do igarapé das Araras (exclusive). Desse ponto segue com rumo leste ao encontro do divisor de águas da serra dos Carajás, por onde prossegue com rumo geral norte e depois noroeste, por entre as bacias dos rios Bacajá/Anapu, alcançando novamente o ponto inicial na cidade de Senador José Porfírio;

PA-AM (Almeirim) — Área no norte do Estado, compreendida entre a margem esquerda do baixo rio Amazonas (inclusive todas as ilhas deste trecho do rio) e a fronteira com o Suriname. A sudoeste está limitada por uma linha que, saindo da margem direita do Amazonas, na altura da ilha de Icantuba, segue com rumo noroeste pelo divisor de águas das bacias dos rios Paru/Paranaquara, Paru/Maicuru e Paru/Paru de Oeste, até alcançar a fronteira com o Suriname. A nordeste é limitada por outra linha que sai da margem direita do Amazonas, logo abaixo da cidade de Almeirim (inclusive), seguindo pelo divisor de águas das bacias dos rios Paru/Jari, até encontrar novamente a fronteira com o Suriname;

PA-AR (Rio Araguaia) — Área no extremo sudeste do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado de Mato Grosso (ao sul), a divisa com o Estado de Goiás (a leste) e uma linha que, saindo da margem esquerda do rio Araguaia, a altura da ilha do Cinzeiro (inclusive), separa as águas do ribeirão Água Fria das cabeceiras dos rios Vermelho e Parauapebas até alcançar o divisor de águas da serra dos Gradaús, por onde segue com rumo sudoeste, separando as bacias dos rios Araguaia e Fresco até atingir a divisa com o Estado de Mato Grosso. Pertencem a esta área as ilhas mais próximas da margem esquerda do rio Araguaia;

PA-AT (Rios Araguaia-Tocantins) — Área no sudeste do Estado compreendida entre as divisas com os Estados de Goiás (a leste) e Maranhão (a nordeste) e uma linha que, saindo da margem esquerda do rio Araguaia, na altura da ilha do Cinzeiro (exclusive), segue com rumo geral oeste separando as cabeceiras dos rios Vermelho e Parauapebas da bacia do ribeirão Água Fria, até alcançar a serra

da Seringa, por onde continua no rumo noroeste e depois norte pelo divisor de águas das serras da Seringa e dos Carajás, separando a bacia do rio Itacaiúnas das dos rios que correm para o Xingu. Daí, a linha inflete para nordeste e depois leste, até cortar o rio Tocantins acima da cidade de Jacundá (exclusive), separando as cabeceiras dos rios Pacajá e Tueré da bacia do rio Grande Valentim, prosseguindo no mesmo rumo até a divisa com o Estado do Maranhão, separando a bacia do rio Capim das cabeceiras dos afluentes do rio Tocantins. Pertencem a esta área as ilhas do rio Araguaia mais próximas de sua margem esquerda;

PA-BA (Baião) — Área no nordeste do Estado, limitada por uma linha que, tendo início a leste, nas proximidades do Distrito de Icoaraci (exclusive), segue com rumo geral sul, cortando a confluência do Acará com o Moju (inclusive), prosseguindo depois separando as bacias dos rios Moju/Acará e Moju/Capim. Daí, volta para noroeste e depois oeste, separando as cabeceiras do rio Moju das bacias dos afluentes da margem direita do Tocantins, corta o rio Tocantins acima da cidade de Jacundá (inclusive), continuando para oeste por entre as bacias dos rios Jacundá e Grande Valentim. Neste ponto, a linha inflete para rumo geral norte, pelo divisor de águas dos rios Jacundá/Pacajá e Jacundá/Camaraipi, cortando a foz do rio Jacundá, até atingir a baía das Bocas, por onde prossegue para leste e nordeste pelo leito do rio Pará, até as proximidades de Icoaraci. Pertencem a esta área as ilhas do rio Pará mais próximas de sua margem direita;

PA-BB (Belém-Bragança) — Área no nordeste do Estado, delimitada por uma linha que, saindo a oeste de Belém (inclusive), segue com rumo norte e depois nordeste pela baía de Marajó até infletir para o continente, ao sul da cidade de Vigia (exclusive). Deste ponto a linha continua com rumo geral leste, correndo paralela ao litoral no limite da zona de influência das marés, até atingir a margem esquerda do rio Piriá, nas proximidades da vila de São José do Piriá (exclusive). A seguir, a linha ruma para sudoeste, separando a bacia do rio Guamá das dos rios Piriá e Gurupi, para depois, tomando rumo noroeste, prosseguir separando a bacia do rio Guamá da de seu afluente Capim até alcançar a cidade de São Domingos do Capim (inclusive). Após cortar a foz do rio Capim, a linha continua pela margem esquerda do rio Guamá até sua foz, próximo à cidade de Belém;

PA-BI (Baixo rio Iriri) — Área no centro do Estado, limitada por uma linha que, saindo da foz do rio Iriri (inclusive), segue com rumo geral noroeste e depois sudoeste, separando o bacia do rio Iriri das cabeceiras dos rios Jarauçu, Uruará, Curuá-Una e afluentes da margem direita do Tapajós. A seguir, inflete para nordeste, cortando o rio Iriri na altura da foz do rio Curuá (exclusive), de onde continua para sudeste até alcançar o divisor de águas dos rios Iriri/Xingu, prosseguindo por este no rumo nordeste até atingir novamente o foz do rio Iriri;

PA-CA (Ilha de Caviana) — Área no nordeste do Estado compreendendo as ilhas de Caviana, Janaucu, Jurupari, São Sebastião de Viçosa, Nova, São Bento, das Pacas e demais ilhotas próximas;

PA-CH (Serra do Cachimbo) — Área no sudoeste do Estado, limitada a oeste e sul pela divisa com o Estado de Mato Grosso e, a norte e leste, por uma linha que sai da margem direita do Tapajós, na altura do travessão Samaúma (exclusive), seguindo no rumo sudeste pelo divisor de águas da serra do Cachimbo, separando a bacia do rio Teles Pires das dos rios Tapajós, Curuá e Iriri, até alcançar a divisa com o Estado de Mato Grosso;

PA-GI (Rio Gurupi) — Área no nordeste do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado do Maranhão e uma linha que, saindo da margem esquerda do rio Gurupi, segue com rumo noroeste até cortar o rio Piriá, na altura da via de São José do Piriá (inclusive). Daí, inflete para sudoeste, separando a bacia do rio Gurupi das dos rios Guamá e Capim, até atingir novamente a margem esquerda do rio Gurupi, na divisa com o Estado do Maranhão;

PA-GU (Gurupá) — Área no norte do Estado, delimitada por uma linha que, partindo do extremo ocidental da ilha de Uaucuricaia (inclusive), segue no rumo nordeste pelo leito do rio Amazonas, passando entre aquela e as ilhas do Comandaí e das Velhas, depois entre o Território Federal do Amapá e as ilhas Grande de Gurupá, do Pará e Carás, até o arquipélago do Jurupari. Após contornar este último pelo norte, a linha inflete para sudoeste, pela baía do Vieira Grande, separando a ilha de Marajó das ilhas da Serraria, Conceição, dos Cavalos, São Salvador e Mututi, até próximo ao povoado Antonio Lemos (inclusive), de onde prossegue para sudeste pelo furo que separa as ilhas de Marajó e Mujirum, até alcançar a foz do rio de Breves. Desse ponto, volta para sudeste, cruzando a baía das

Bocas até próximo à foz do rio Jacundá (exclusive), para depois contornar a ilha de Murituba (exclusive) pelo norte e continuar para oeste, pela baía de Melgaço, até atingir a foz do rio Anapu. A seguir, passando pelo leito do rio Anapu, cruza a baía de Caxiuaná ao norte, prosseguindo pelo divisor de águas dos rios Caxiuaná/Tapacu, quando inflete para norte, separando a bacia do rio Matari das cabeceiras do Caxiuaná até as proximidades de Vilarinho do Monte (inclusive). Daí, volta para oeste, corta a foz do rio Xingu (exclusive) e alcança o ponto inicial a oeste da ilha de Uaucuricaia. Pertencem a esta área as ilhas da baía das Bocas a leste e nordeste da ilha de Murituba, como também, no furo de Breves, as ilhas mais próximas de sua margem ocidental;

PA-IT (Itaituba) — Área no oeste do Estado delimitada por uma linha que, partindo da margem direita do Amazonas, a leste da cidade de Santarém (exclusive), segue com rumo noroeste e depois sudoeste pelo leito do rio Tapajós, paralelamente a sua margem direita, até cortar a foz do rio Jamanxim (exclusive). Daí, ruma para sudoeste e depois sul pelo divisor de águas das bacias dos rios Tapajós e de seu afluente Jamanxim, atingindo o divisor de águas da serra do Cachimbo, quando inflete para noroeste, separando as cabeceiras dos rios Crepori, das Tropas e Cadariri da bacia do rio Cururu, para a seguir alcançar a margem direita do Tapajós, na altura do travessão Samaúma (inclusive), na divisa com o Estado do Amazonas. Desse ponto, a linha prossegue pelo leito do Tapajós, alcançando a linha divisória com o Estado do Amazonas, a qual acompanha até infletir com rumo geral nordeste, separando as bacias dos rios Tapajós/Maués-Açu e Tapajós/Mamuru, para depois, com rumo geral norte, separar as cabeceiras do Arapiuns das dos pequenos rios que correm para o rio Amazonas, atingindo a margem direita do Amazonas. Daí, a linha continua paralelamente à margem direita do Amazonas até o ponto inicial a leste de Santarém. Pertencem a esta área as ilhas mais próximas da margem direita do rio Amazonas (no trecho ilha de Santa Rita — ilha Grande de Tapará), margem direita do Tapajós (trecho travessão Samaúma — linha divisória com Estado do Amazonas) e margem esquerda do Tapajós (trecho foz — confluência do rio Jamanxim);

PA-JA (Rio Jari) — Área no norte do Estado, compreendida entre a margem esquerda do rio Amazonas, a divisa com o Território Federal do Amapá, a fronteira com o Suriname e uma linha que, saindo desta última, segue com rumo sudeste, separando pelo divisor

de águas as bacias dos rios Paru/Jari, até a margem do Amazonas, logo abaixo de Almeirim (exclusive). Pertencem a esta área as ilhas desse trecho do rio Amazonas mais próximas de sua margem esquerda;

PA-JO (Ilha de Marajó) — Área no nordeste do Estado, compreendida pelas ilhas de Marajó, das Pacas, Camaleão, Canhoão, das Flechas, Machadinho e demais ilhotas próximas;

PA-JU (Juruti) — Área no oeste do Estado, compreendida entre a margem esquerda do rio Amazonas, a divisa com o Estado do Amazonas e uma linha que, saindo desta, ao sul, segue com rumo nordeste separando as bacias dos rios Maués-Açu/Tapajós e Mamuru/Tapajós, para depois, com rumo geral norte, separar as cabeceiras dos pequenos rios que correm para o rio Amazonas das do rio Arapiuns, atingindo a margem direita do Amazonas. Daí, continua para noroeste pelo leito do rio, contorna a ilha de Santa Rita (inclusive) pelo norte e volta para sudoeste, paralelamente à margem do rio, até alcançar novamente a divisa Pará-Amazonas. Pertencem a esta área as ilhas deste trecho do rio Amazonas mais próximas de sua margem direita;

PA-JX (Rio Jamanxim) — Área na parte sudoeste do Estado, delimitada por uma linha que, partindo da foz do rio Jamanxim, segue com rumo sudeste ao encontro do divisor de águas Jamanxim/Curuá, o qual acompanha com rumo geral sul até a serra do Cachimbo. Por este divisor, toma rumo noroeste, separando as cabeceiras do Jamanxim das dos rios São Benedito, Cururu-Açu e Cururu, quando inflete novamente para norte, separando a bacia do Jamanxim da do rio Crepori e demais afluentes do Tapajós, atingindo o ponto inicial na confluência Jamanxim-Tapajós;

PA-ME (Ilha Mexiana) — Área no nordeste do Estado, compreendida pela ilha de Mexiana e demais ilhotas próximas;

PA-MI (Médio rio Iriri) — Área no sudoeste do Estado, delimitada por uma linha que, saindo da confluência dos rios Curuá-Iriri, segue com rumo sudeste ao encontro do divisor de águas Iriri/Xingu, o qual acompanha com rumo geral sul até infletir para oeste, cortando o rio Iriri na altura da foz do rio Xinxim (exclusive). Depois, no rumo noroeste, cruza o rio Curuá na altura da foz do rio Baú (exclusive), de onde ruma para sudoeste até encontrar o divisor de águas Curuá/Jamanxim, prosseguindo por este no rumo norte até infletir para nordeste em busca do ponto inicial, na confluência Iriri-Curuá;

PA-MP (Rio Mapuera) — Área no noroeste do Estado, compreendida entre a fronteira com a Guiana, as divisas com o Território Federal de Roraima e Estado do Amazonas e uma linha que, saindo desta última, segue com rumo geral sudeste, separando as bacias dos rios Mapuera/Nhamundá, para depois infletir para o norte até cortar a foz do Mapuera no Trombetas. Daí, prossegue a linha para noroeste e depois norte, separando as bacias dos rios Mapuera/Cachorro, quando ruma para noroeste novamente ao encontro da fronteira com a Guiana, separando as cabeceiras do Mapuera das do rio Trombetas;

PA-MT (Monte Alegre) — Área na parte norte do Estado, compreendida entre a margem esquerda do rio Amazonas e uma linha que, saindo desta última em frente da ponta oeste da linha Ituqui (exclusive), segue com rumo geral norte, separando a bacia do rio Maicuru das dos rios Curuá e Paru de Oeste, para depois, infletindo para sudeste, prosseguir pelo divisor de águas dos rios Maicuru/Paru de Leste até alcançar novamente a margem do Amazonas, em frente a ponta oeste da ilha de Icantuba (exclusive). Pertencem a esta área as ilhas do rio Amazonas nesse trecho do rio;

PA-MX (Médio rio Xingu) — Área no centro-sul do Estado, entre a divisa com o Estado de Mato Grosso e uma linha que, partindo desta, segue com rumo geral norte pelo divisor de águas dos rios Xingu/Iriri, até próximo às cabeceiras do rio Pardo (exclusive), afluente da margem esquerda do Xingu. Daí, a linha inflete para nordeste e depois leste, corta o rio Xingu na altura da foz do igarapé das Araras (inclusive) e prossegue no mesmo rumo até voltar-se para o sul, cortando a foz do rio Fresco em São Félix do Xingu (exclusive). Desse ponto a linha continua para sul, seguindo pelo divisor de águas dos rios Xingu/Fresco, até atingir novamente a divisa com Mato Grosso;

PA-NH (Rio Nhamundá) — Área no noroeste do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado do Amazonas, à margem esquerda do rio Amazonas e uma linha que, saindo daquele limite interestadual, segue com rumo geral sudeste separando pelo divisor de águas a bacia do rio Nhamundá das dos rios Mapuera e Trombetas, até al-

cançar a margem esquerda do rio Amazonas, na altura da ilha de Santa Rita (exclusive); (2)

PA-OB (Óbidos) — Área no noroeste do Estado, compreendida entre a margem esquerda do rio Amazonas e uma linha que, saindo desta em frente a ilha Ituqui (exclusive), segue com rumo geral norte separando, pelo divisor de águas, as bacias dos rios Curuá/Maicuru, para depois infletir para o sul, separando as bacias dos rios Cuminá/Cuminapanema até alcançar a margem esquerda do rio Amazonas, um pouco acima de Óbidos (inclusive). Pertencem a esta área as ilhas próximas à margem esquerda do rio Amazonas nesse trecho do rio, inclusive a ilha Grande de Tapará;

PA-OR (Oriximiná) — Área no noroeste do Estado, compreendida entre a margem esquerda do rio Amazonas e a fronteira com o Suriname. Está limitada a oeste por uma linha que, saindo do rio Amazonas, na altura da ilha de Santa Rita (exclusive), segue com rumo noroeste pelo divisor de águas separando as bacias dos rios Trombetas/Nhamundá até cortar o rio Trombetas na altura da foz do Mapuera (exclusive). Daí, prossegue a linha com rumo geral norte, separando as bacias dos rios Trombetas/Cuminá, até atingir a fronteira com o Suriname. A leste, tem por limite outra linha que, saindo da fronteira com o Suriname, segue com rumo geral sul pelo divisor de águas, separando a bacia do rio Paru de Oeste ou Cuminá das dos rios Paru, Maicuru e Cuminapanema, até alcançar a margem esquerda do rio Amazonas, abaixo do lago Itapicuru (inclusive). Pertencem a esta área as ilhas próximas da margem esquerda do rio Amazonas nesse trecho do rio;

PA-PM (Porto de Moz) — Área no centro do Estado, compreendida entre a margem direita do rio Amazonas e uma linha que, partindo da foz do rio Curuá-Una (exclusive), segue com rumo geral sul e depois sudoeste separando as bacias dos rios Uruará/Curuá-Una. Das proximidades das cabeceiras do rio Uruará a linha inflete para nordeste, separando as bacias dos rios Uruará/Iriri e Jarauçu/Xingu até cortar o curso do rio Xingu, na altura da cidade de

(2) — Como a faixa de terras inundáveis entre a margem esquerda do rio Amazonas e a foz do rio Nhamundá vem sendo questionada pelos Estados do Amazonas e do Pará, com limites propostos diferentes, para finalidade deste trabalho consideramos como pertencente a esta área a parte nordeste dessas terras, as quais têm por limite uma linha que parte da margem esquerda da foz do rio Nhamundá com rumo geral leste até encontrar a margem esquerda do rio Amazonas, em frente ao limite entre os dois Estados.

Senador José Porfírio (exclusive). Daí, a linha continua no rumo norte, separando a bacia do rio Xingu daqueles rios que correm para leste, alcançando novamente a margem direita do Amazonas, nas proximidades do povoado de Vilarinho do Monte (exclusive);

PA-PO (Portel) — Área no noroeste do Estado, circunscrita por uma linha que, partindo do norte da ilha de Murituba (inclusive), contorna esta última a leste e sul, corta a foz do rio Jacundá (exclusive) e segue no rumo geral sul, separando as bacias dos rios Camaraipi/Jacundá e Pacajá/Jacundá, até as proximidades das cabeceiras destes últimos, quando inflete para sudoeste, buscando o divisor de águas da serra dos Carajás. Desse ponto a linha toma rumo noroeste e depois nordeste, separando as bacias dos rios Anapu/Bacajá, para a seguir, rumar novamente para noroeste por entre as bacias dos rios Pracupi/Xingu. Daí, a linha volta-se para leste, seguindo o divisor de águas dos rios Tapacu/Caxiuaná, cruza a baía de Caxiuaná, prosseguindo pelo leito do rio Anapu até sua foz na baía de Melgaço, a qual cruza em busca do ponto inicial ao norte da ilha de Murituba;

PA-RF (Rio Fresco) — Área no sudeste do Estado, limitada por uma linha que, partindo da foz do rio Fresco, em São Félix do Xingu (inclusive), segue com rumo geral sul e depois sudoeste, separando as bacias dos rios Fresco/Xingu, até a linha divisória com o Estado de Mato Grosso. Daí, a linha toma rumo geral norte, seguindo pelo divisor de águas das serras do Matão, dos Gradaús, da Seringa e dos Carajás, separando as bacias dos rios Fresco/Araguaia e Fresco/Itacaiúnas. Da serra dos Carajás, nas proximidades das cabeceiras do rio Bacajá, a linha ruma para oeste e depois sul, até atingir novamente a foz do rio Fresco;

PA-SA (Litoral do Salgado) — Área no nordeste do Estado, compreendendo todo o litoral paraense entre Vigia e Vizeu. É limitada ao sul por uma linha que, saindo de Vigia (inclusive), segue com rumo geral leste paralela ao litoral no limite da zona de influência das marés, até atingir a margem esquerda do rio Gurupi, na linha divisória com o Estado do Maranhão;

PA-ST (Santarém) — Área no centro-oeste do Estado, limitada por uma linha que, saindo da cidade de Santarém (inclusive), segue com rumo geral sudoeste acompanhando a margem direita do rio Tapajós, até a foz do rio Jamanxim (exclusive), de onde ruma para su-

deste, separando a bacia do Jamanxim das dos afluentes da margem direita do Tapajós. Daí, a linha ruma para nordeste e depois norte, separando pelo divisor de águas as bacias dos rios Tapajós/Iriri e Uruará/Curuá-Una, atingindo o lugarejo Curuá (inclusive) e a margem direita do rio Amazonas, a qual acompanha, contornando a ilha Ituqui (inclusive), até alcançar o ponto inicial em Santarém;

PA-TR (Rio Trombetas) — Área no noroeste do Estado, compreendida entre a fronteira com a Guiana, a fronteira com o Suriname e uma linha que, partindo desta última, segue com rumo geral sul pelo divisor de águas das bacias dos rios Trombetas/Cuminá quando inflete para sudoeste, cortando o rio Trombetas na altura da foz do rio Mapuera (exclusive). Desse ponto, a linha continua para noroeste e depois norte, separando as bacias dos rios Trombetas/Mapuera e, a seguir, voltando-se para noroeste novamente, buscar a linha de fronteira com a Guiana;

PA-TU (Tomé-Açu) — Área no nordeste do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado do Maranhão e uma linha que, partindo desta divisa, segue com rumo geral nordeste e depois noroeste, separando as bacias dos rios Capim/Gurupi e Capim/Guamá, até alcançar a foz do rio Capim, nas proximidades da cidade de São Domingos do Capim (inclusive). Daí, continua a linha para noroeste e depois oeste pela margem esquerda do rio Guamá até sua foz, quando, tomando rumo sudeste, segue acompanhando a margem direita do rio Moju, cortando a foz do rio Acará (inclusive). Desse ponto, a linha toma rumo geral sudoeste, seguindo pelo divisor de águas dos rios Acará/Moju e Capim/Moju, para depois, infletindo para leste, seguir por entre as cabeceiras dos formadores do rio Capim e dos afluentes da margem direita do rio Tocantins, atingindo novamente a divisa com o Estado do Maranhão.

TERRITÓRIO FEDERAL DE RONDÔNIA (RO)

Compreende 10 áreas com as seguintes siglas: (Cf. mapa)

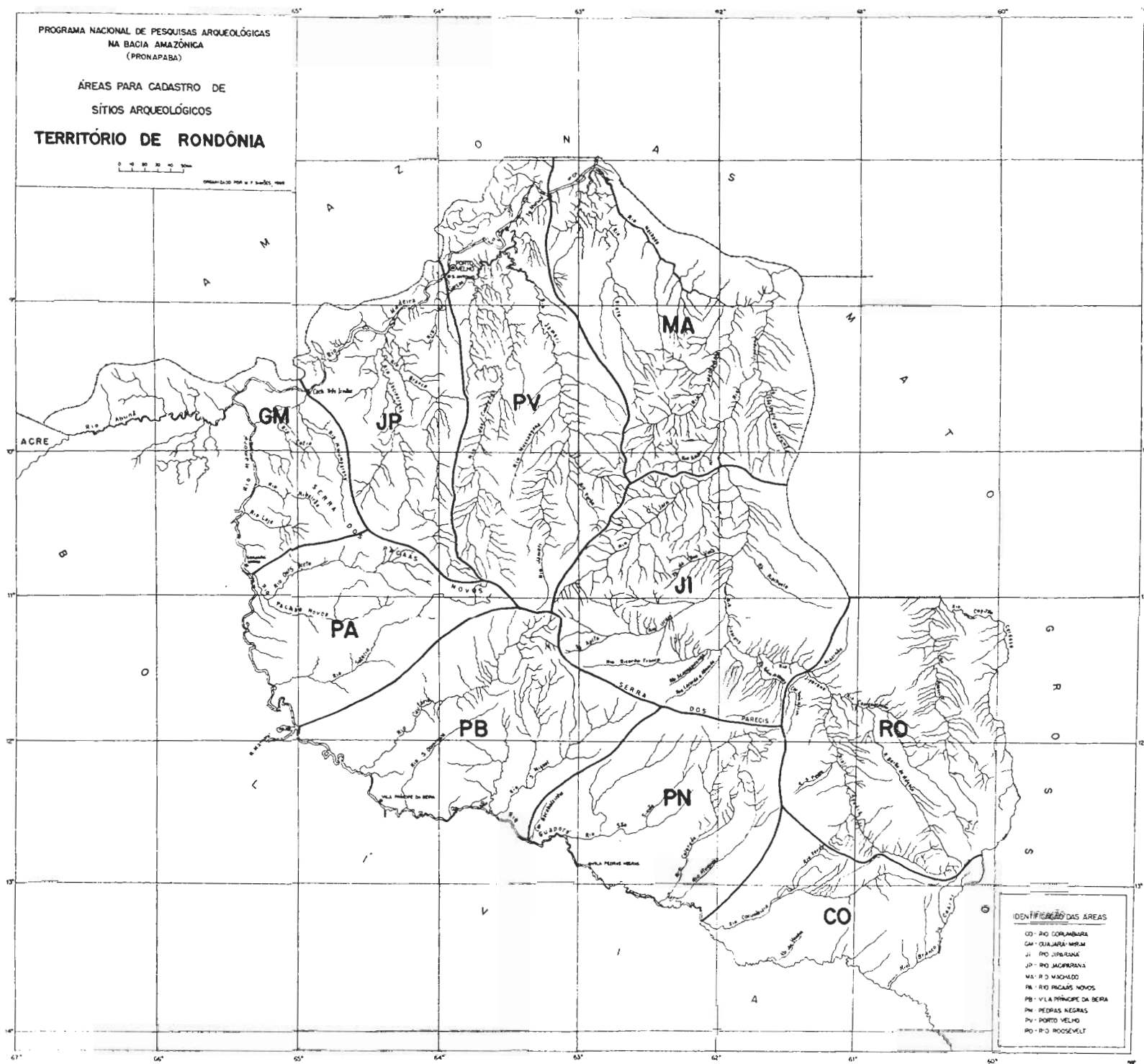
RO-CO (Rio Corumbiara) — Área no extremo sudeste do Território, compreendida entre a fronteira com a Bolívia, a divisa com o Estado de Mato Grosso e uma linha que, partindo da margem direita do rio Guaporé, na altura da foz do rio Corumbiara (inclusive), segue com rumo nordeste separando as bacias dos rios Corumbiara/Me-

PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS
NA BACIA AMAZÔNICA
(PRONAPABA)

ÁREAS PARA CADASTRO DE
SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS
TERRITÓRIO DE RONDÔNIA

0 10 20 30 40 50 Km

ORIENTADO POR W. F. S. 1962, 1964



IDENTIFICAÇÃO DAS ÁREAS

CO - RIO COMBURA
GM - RIO COMBURA
JI - RIO JARIRANI
JP - RIO JACARAÍMA
MA - RIO MACHADO
PA - RIO INCAÍAS NOVOS
PB - VILA PRÍNCIPE DA BÉRIA
PN - PEDRAS NEGRAS
PV - PORTO VELHO
RO - RIO ROOSEVELT

quéns, após o que inflete para sudeste, separando as bacias dos rios Corumbiara/Apediá, até alcançar a divisa com Mato Grosso;

RO-GM (Guajará-Mirim) — Área no extremo oeste do Território, compreendida entre a divisa com o Estado do Amazonas, a divisa com o Estado do Acre, a fronteira com a Bolívia e uma linha que, saindo da divisa com o Amazonas, ao norte, segue com rumo sul, corta o rio Madeira na altura da cachoeira Três Irmãos (exclusive), separa as bacias dos rios Mutumparaná/Jaciparaná, até atingir o divisor de águas da serra dos Pacaás Novos, onde inflete para sudoeste, separando as bacias dos rios Mutumparaná, Ribeirão e Laje das bacias dos rios Ouro Preto e Pacaás Novos, até alcançar a foz deste último (exclusive) no rio Mamoré, na fronteira com a Bolívia;

RO-JI (Rio Jiparaná) — Área no centro-leste do Território, compreendida entre a divisa com o Estado de Mato Grosso e uma linha que partindo desta, ao norte, segue com rumo geral leste, corta o rio Jiparaná na altura de sua confluência com o rio Jaru (inclusive), separa as bacias dos rios Anari e Machadinho da bacia do rio Jaru, para a seguir infletir para sudoeste separando as bacias dos rios Jaru/Jamari. Das cabeceiras do rio Jaru, a linha toma rumo sudeste, separando as bacias dos rios Cautário e São Miguel/Apitá e Ricardo Franco; em seguida, pelo divisor de águas da serra dos Parecis, separa as cabeceiras dos rios São Miguel, São Simão e Colorado da bacia do rio Jiparaná, após o que inflete para o norte e depois nordeste, seguindo por entre o ribeirão Rolim de Moura/córrego Tuiú-Mirim até cortar o rio Jiparaná, na altura da foz do córrego Riozinho (exclusive). Daí, a linha continua para nordeste em busca da divisa com o Estado de Mato Grosso;

RO-JP (Rio Jaciparaná) — Área no noroeste do Território, compreendida entre a divisa com o Estado do Amazonas e uma linha que, saindo desta, a oeste, segue com rumo geral sudeste, corta o rio Madeira na altura da cachoeira Três Irmãos (inclusive), para a seguir, pelo divisor de águas, separar as bacias dos rios Jaciparaná/Mutumparaná, Ouro Preto e Sotério. Nas proximidades das cabeceiras do Jaciparaná a linha faz uma inflexão para o rumo geral norte, separando pelo divisor de águas as bacias dos rios Jaciparaná/Candeias, corta o rio das Garças e, em seguida, o rio Madeira na altura do lugarejo Santo Antônio (exclusive), após o que prossegue com rumo noroeste, até alcançar a divisa com o Estado do Amazonas;

RO-MA (Rio Machado) — Área no nordeste do Território, compreendida entre a divisa com o Estado do Amazonas, a divisa com o Estado de Mato Grosso e uma linha que, partindo desta última, ao sul, segue com rumo oeste separando as cabeceiras do igarapé Tarumã do alto curso do rio Jiparaná, corta o rio Jiparaná na altura da foz do rio Jaru (exclusive) e segue, pelo divisor de águas, separando as bacias do rio Jaru/Anari e Machadinho. Daí, toma o rumo geral noroeste, separando, pelo divisor de águas, as bacias dos rios Jamari/Machadinho e Preto, até cortar o rio Madeira na foz do igarapé Mururé (exclusive), de onde prossegue com rumo norte para a divisa com o Estado do Amazonas;

RO-PA (Rio Pacaás Novos) — Área na parte ocidental do Território entre a fronteira com a Bolívia e uma linha que, saindo do rio Mamoré, na altura da foz do rio Pacaás Novos (inclusive), segue com rumo nordeste separando as bacias dos rios Ouro Preto/Laje, Ribeirão e Mutumparaná, para a seguir infletir para sudeste pelo divisor de águas da serra dos Pacaás Novos, separando as bacias dos rios Jaciparaná/Ouro Preto e Sotério. Após as cabeceiras do rio Sotério a linha sofre uma inflexão para sudoeste, prosseguindo pelo divisor de águas das bacias dos rios Sotério/Cautário, até alcançar a foz do rio Guaporé no rio Mamoré, na fronteira Brasil-Bolívia;

RO-PB (Príncipe da Beira) — Área no sudoeste do Território, compreendida entre a fronteira com a Bolívia e uma linha que, partindo desta, na confluência dos rios Mamoré e Guaporé, segue com rumo nordeste separando, pelo divisor de águas, as bacias dos rios Cautário/Sotério e Jamari. Nas proximidades das cabeceiras do rio Cautário a linha sofre uma inflexão para sudeste, por onde continua até alcançar a serra dos Parecis, separando, neste trecho as bacias dos rios Cautário e São Miguel das dos rios Urupá e Ricardo Franco, ambos afluentes do Jiparaná. Após as cabeceiras do rio São Miguel, a linha inflete para sudoeste, separando a bacia do rio São Miguel das bacias do rio São Simão e córrego Bacabalzinho, até alcançar a foz deste último (exclusive), na fronteira com a Bolívia;

RO-PN (Pedras Negras) — Área na parte sul do Território, compreendida entre a fronteira com a Bolívia e uma linha que, saindo do rio Guaporé, na altura da foz do córrego Bacabalzinho (inclusive), segue com rumo nordeste, separando a bacia deste último e a do rio São Simão, da bacia do rio São Miguel, até alcançar o divisor de

águas da serra dos Parecis, por onde prossegue após uma inflexão para leste, separando, neste trecho, as bacias dos rios São Simão e Colorado das cabeceiras dos rios que correm para o Jiparaná. Após as cabeceiras do rio Colorado, a linha toma rumo geral sul e depois sudoeste, separando as cabeceiras do Colorado e a bacia do rio Mequéns das bacias dos rios Apediá e Corumbiara, até atingir novamente a fronteira com a Bolívia na altura da foz do rio Corumbiara (exclusive);

RO-PV (Porto Velho) — Área no centro-norte do Território entre a divisa com o Estado do Amazonas e uma linha que, partindo desta, a oeste, toma o rumo geral sul, corta o rio Madeira na altura do lugarejo Santo Antônio (inclusive) e, em seguida, o rio das Garças, daí prosseguindo pelo divisor de águas das bacias dos rios Jaciparaná/Candeias, em cujas cabeceiras ruma para sudeste, separando-as das do rio Sotério. Em seguida, prossegue para sudeste, separando as cabeceiras do rio Cautário das do rio Jamari, após o que toma o rumo nordeste, depois noroeste e norte, separando as bacias dos rios Jamari/Jaru, Machadinho e Preto, corta o rio Madeira na altura da foz do igarapé Mururé (inclusive), continuando para o norte até atingir a divisa com o Estado do Amazonas;

RO-RO (Rio Roosevelt) — Área no sudeste do Território entre a divisa com o Estado de Mato Grosso e uma linha que, saindo desta ao norte, segue com rumo geral sudoeste, corta o rio Jiparaná na altura da foz do córrego Riozinho (inclusive), segue por entre o ribeirão Rolim de Moura e o córrego Tuiú-Mirim, separa a bacia do rio Apediá (um dos formadores do Jiparaná) das bacias dos rios Colorado e Mequéns, para a seguir, infletindo para sudeste, separar ainda a bacia do rio Apediá das dos rios Verde, Corumbiara e Branco ou Cabixi, alcançando finalmente a divisa com o Estado de Mato Grosso.

TERRITÓRIO FEDERAL DE RORAIMA (RR)

Compreende 9 áreas com as seguintes siglas: (Cf. mapa)

RR-AN (Rio Anauá) — Área no leste do Território entre a fronteira com a Guiana e uma linha que, partindo desta, ao norte, segue com rumo leste e depois nordeste, pelo divisor de águas, separando as bacias dos rios Anauá-Baraúna/Tiquirre, inflete para sudoeste separando ainda a bacia do rio Baraúna das do igarapé Cachorro e

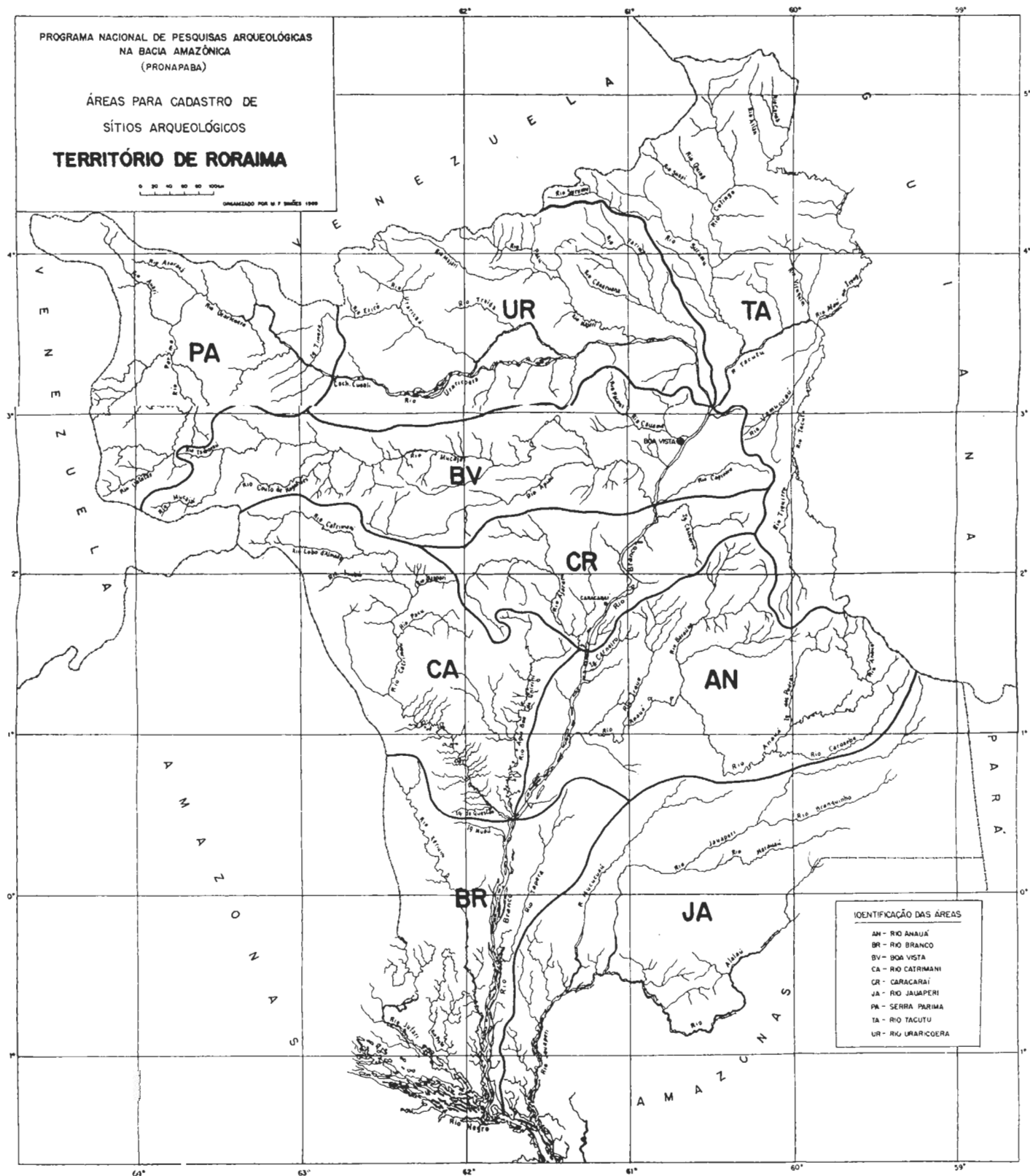
PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS
NA BACIA AMAZÔNICA
(PRONAPABA)

ÁREAS PARA CADASTRO DE
SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

TERRITÓRIO DE RORAIMA

0 20 40 60 80 100m

ORGANIZADO POR W. F. BRUNER 1969



IDENTIFICAÇÃO DAS ÁREAS

- AN - RIO ANAUÁ
- BR - RIO BRANCO
- BV - BOA VISTA
- CA - RIO CATRIMANI
- CR - CARACARÁ
- JA - RIO JAAPERI
- PA - SERRA PARIMA
- TA - RIO TACUTU
- UR - RIO URARICOERA

do Rio Branco, até cortar este último na altura da foz do rio Ajarani (exclusive). Daí, a linha segue separando a bacia do rio Branco da de seu afluente Água Boa do Univini, até atingir a foz deste último, onde, após cortar novamente o rio Branco, inflete para nordeste, separando a bacia do rio Anauá das dos rios Tapera, Mucucuaú e Jauaperi, até alcançar novamente a fronteira com a Guiana;

RR-BR (Rio Branco) — Área no sul do Território, compreendida entre a divisa com o Estado do Amazonas e uma linha que, partindo da margem esquerda do rio Negro, logo abaixo da foz do rio Branco, segue com rumo norte e depois nordeste, separando as bacias dos rios Branco/Jauaperi. Em seguida, a linha se volta para noroeste, separando as cabeceiras do rio Tapera da bacia do rio Anauá, e depois para sudoeste, cortando o rio Branco junto à foz do Catrimani (exclusive). Daí, prossegue para oeste, pelo divisor de águas dos igarapés da Questão/Muaú, quando toma rumo noroeste e a seguir oeste, para separar as bacias dos rios Xeriuini/Catrimani, até alcançar a divisa com o Estado do Amazonas. Pertencem a esta área as ilhas do rio Negro nas proximidades das fozes dos rios Xufari e Branco;

RR-BV (Boa Vista) — Área no centro-norte do Território, compreendida entre a fronteira com a Venezuela e uma linha que, partindo desta, a oeste, segue com rumo geral nordeste e depois leste separando, pelo divisor de águas, as bacias dos rios Mucajaí/Parima, Mucajaí/Uraricoera e Cauamé/Uraricoera, até cortar o rio Branco na altura da foz de seu formador Uraricoera (exclusive). Daí, a linha ruma para sudeste, separando a bacia do rio Branco da de seu formador Tacutu, para a seguir, nas proximidades das cabeceiras do rio Capivara, infletir para oeste, separando as bacias do rio Capivara/igarapé Cachorro, até cortar uma vez mais o rio Branco junto à foz do rio Mucajaí (inclusive). Desse ponto a linha prossegue para oeste separando as bacias dos rios Apiaú/Ajarani, Apiaú/Catrimani e Mucajaí/Catrimani, alcançando novamente a fronteira com a Venezuela;

RR-CA (Rio Catrimani) — Área no centro-oeste do Território, compreendida entre a fronteira com a Venezuela, a divisa com o Estado do Amazonas e uma linha que, saindo daquela, ao norte, segue com rumo geral sudeste, separando, pelo divisor de águas, a bacia do rio Catrimani das dos rios Mucajaí e Ajarani, e, em seguida, as bacias dos rios Ajarani/Água Boa do Univini. Após as cabeceiras

deste último, a linha faz uma inflexão para sudoeste, seguindo por entre as bacias do rio Branco e de seu afluente Água Boa do Univini, em cuja foz atinge o rio Branco. Daí, a linha sofre nova inflexão, primeiro para oeste, depois para noroeste e novamente oeste, separando as bacias dos igarapés da Questão/Muaú e, em seguida, as bacias dos rios Catrimani/Xeriuini, até alcançar a divisa com o Estado do Amazonas;

RR-CR (Caracarái) — Área no centro do Território, delimitada por uma linha que, saindo da foz do rio Ajarani (inclusive), segue com rumo geral noroeste separando, pelo divisor de águas, a bacia do rio Ajarani das dos rios Água Boa do Univini e Catrimani, após o que inflete para leste, passando a separar as bacias dos rios Ajarani/Mucajaí, até cortar o rio Branco junto à foz do rio Mucajaí (exclusive). Daí, prosseguindo no mesmo rumo, separa as bacias do igarapé Cachorro/rio Capivara, inflete para o sul por entre as bacias do igarapé Cachorro/rio Tiquirre, torna a infletir para sudoeste, passando a separar as bacias do igarapé Cachorro/rio Baraúna, rio Branco/rio Baraúna e rio Branco/igarapé Carneiro, até cortar o rio Branco, alcançando o ponto inicial na foz do rio Ajarani;

RR-JA (Rio Jauaperi) — Área no extremo sudeste do Território, compreendida entre a fronteira com a Guiana, as divisas com os Estados do Pará e Amazonas e uma linha que, partindo do rio Negro, pouco abaixo da foz do rio Branco, segue com rumo geral nordeste separando, pelo divisor de águas, as bacias dos rios Jauaperi e seu afluente Mucucuaú, das bacias dos rios Branco, Tapera, Anauá e Caroaébe, até alcançar a fronteira com a Guiana;

RR-PA (Serra Parima) — Área no extremo noroeste do Território, compreendida entre a fronteira com a Venezuela e uma linha que, saindo da serra Parima, ao sul, segue com rumo geral nordeste separando, pelo divisor de águas, as bacias dos rios Parima/Mucajaí e Uraricoera/Mucajaí, corta o rio Uraricoera na altura da cachoeira Cusali (exclusive) e segue, com rumo geral norte, separando a bacia do igarapé Tinoro da do rio Ericô, até alcançar novamente a fronteira com a Venezuela, na serra Pacaraima;

RR-TA (Rio Tacutu) — Área no extremo noroeste do Território, compreendida entre a fronteira com a Venezuela, a fronteira com a Guiana e uma linha que, partindo da serra Pacaraima, toma o rumo leste e, em seguida, sudeste, separando a bacia do rio Tacutu das bacias do rio Uraricoera e das dos formadores do rio Branco, até

cortar o rio Tacutu na altura de sua foz com o rio Branco. Daí, a linha prossegue, separando as bacias do rio Tacutu e de seus afluentes Vamucuaú e Tiquirre das dos rios que correm para o rio Branco: Capivara, igarapé Cachorro e rio Baraúna. Das cabeceiras do rio Tiquirre, a linha toma rumo geral leste, separando-as das cabeceiras dos rios que deságuam no Baraúna e Anauá, afluentes do rio Branco, até alcançar a fronteira com a Guiana;

RR-UR (Rio Uraricoera) — Área no norte do Território, compreendida entre a fronteira com a Venezuela e uma linha que, saindo desta a leste, na serra Pacaraima, segue, com rumo geral sudeste, separando as bacias dos rios Tacutu e de seu afluente Surumu, das bacias dos rios Uraricoera e seu afluente Parimé, até cortar o rio Uraricoera em sua foz (inclusive). Daí, a linha inflete para oeste, separando, pelo divisor de águas, a bacia do rio Uraricoera das dos rios Cauamé, Pacoval e Mucajaí, de onde torna a infletir para o norte, corta o rio Uraricoera na altura da cachoeira Cusali (inclusive) e segue, separando as bacias do rio Ericô da do igarapé Tinoro, até alcançar novamente a linha de fronteira com a Venezuela.

ESTADO DO MARANHÃO

Compreende 17 áreas com as seguintes siglas, das quais 15 estão total ou parcialmente dentro da Amazônia Legal Brasileira: (Cf. mapa)

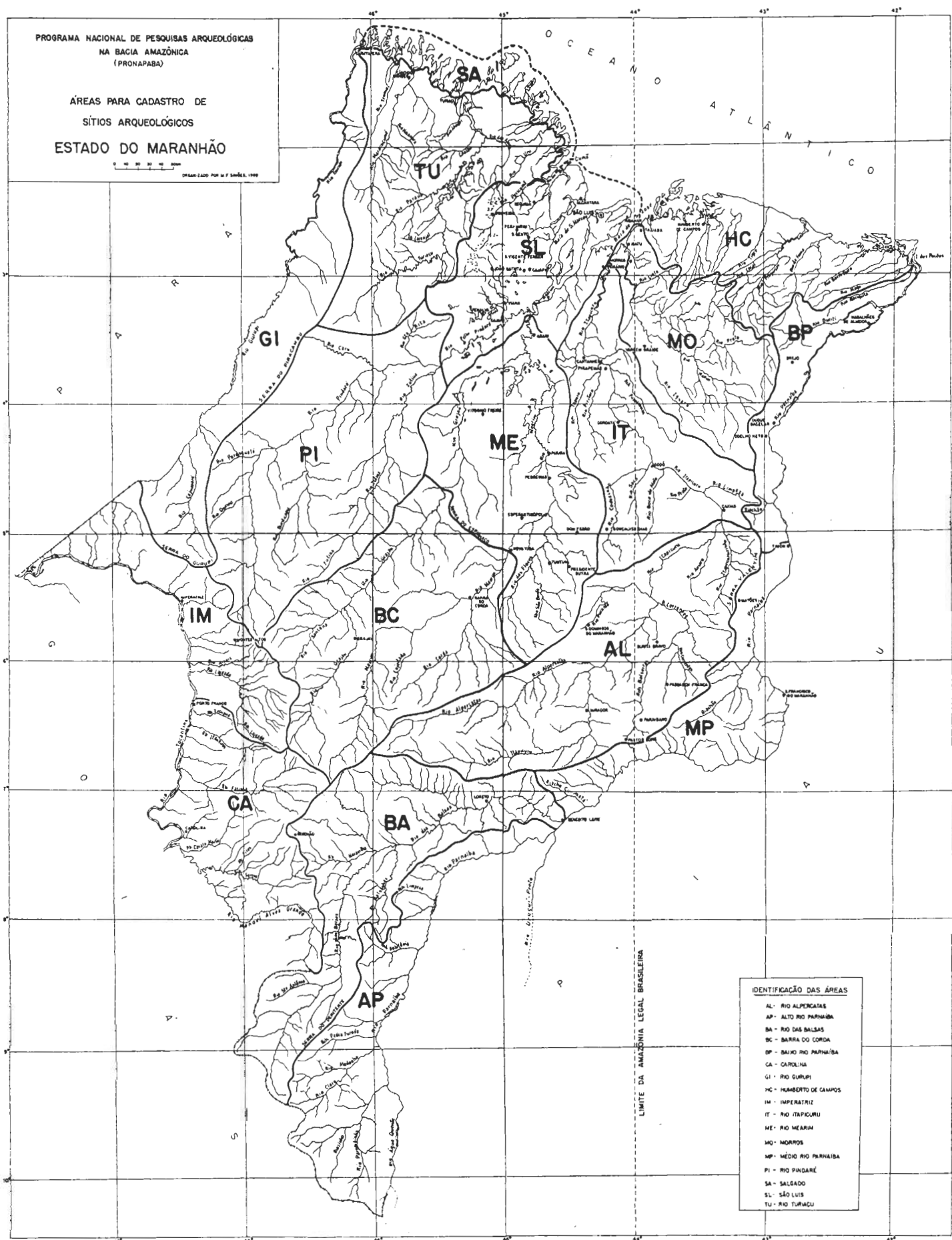
MA-AL (Rio Alpercatas) — Área no centro-oriental do Estado delimitada por uma linha que, saindo da margem esquerda do rio Itapicuru, na altura da foz de seu afluente Itapicuruzinho, segue com rumo geral sudoeste, pelo divisor de águas, separando as bacias do alto rio Itapicuru/médio Itapicuru (abaixo da foz do Itapicuruzinho) e, a seguir, rio Alpercatas/rio Mearim. Na região das cabeceiras do rio Alpercatas, a linha sofre forte inflexão para leste e depois nordeste, seguindo, pelo divisor de águas, separando as bacias do alto rio Itapicuru/alto rio Parnaíba, para depois contornar a bacia do rio Itapicuruzinho e voltar ao ponto inicial, após cortar o rio Itapicuru na foz de seu afluente Itapicuruzinho (inclusive);

MA-AP (Alto rio Parnaíba) — Área no extremo sul do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado de Goiás, a divisa com o Estado do Piauí e uma linha que, saindo daquela primeira, toma rumo geral nordeste, seguindo pelo divisor de águas da serra do Peni-

PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS
NA BACIA AMAZÔNICA
(PRONAPABA)

ÁREAS PARA CADASTRO DE
SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS
ESTADO DO MARANHÃO

0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
ORIGEM: ZADDO POH N. F. BARCEL, 1969



IDENTIFICAÇÃO DAS ÁREAS

AL	- RIO ALPORCATAS
AP	- ALTO RIO PARNABA
BA	- RIO DAS BALSAIS
BC	- BARRA DO CORDA
BP	- BAIXO RIO PARNABA
CA	- CAROLINA
GI	- RIO GURUPI
HC	- HUMBERTO DE CAMPOS
IM	- IMPERATRIZ
IT	- RIO ITAPICURU
ME	- RIO MEARIUM
MO	- MORROS
MP	- MÈDIO RIO PARNABA
PI	- RIO PINDARÉ
SA	- SALGADO
SL	- SÃO LUIS
TU	- RIO TUJACU

tente, separando a bacia do rio Parnaíba da de seu afluente rio das Balsas, até alcançar a divisa com o Piauí, defronte à foz do rio Uruçuí-Preto (exclusive);

MA-BA (Rio das Balsas) — Área no sul do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado de Goiás e a divisa com o Estado do Piauí. Está limitada a noroeste por uma linha que, saindo da divisa com Goiás, na altura da cabeceira do rio Manoel Alves Grande (exclusive), segue com rumo norte, nordeste, leste e depois sudeste, pelo divisor de águas, separando a bacia do rio das Balsas, respectivamente, das bacias dos rios Tocantins, Mearim, Itapicuru e riacho Curimatá, até alcançar a divisa com o Piauí, na foz do rio das Balsas (inclusive). A sudeste é delimitada por outra linha que, saindo da divisa com Goiás, na altura da cabeceira do rio das Balsas, segue pelo divisor de águas com rumo geral nordeste, separando as bacias dos rios das Balsas/Parnaíba, até atingir a divisa com o Piauí, no rio Parnaíba, defronte à foz do rio Uruçuí-Preto (exclusive);

MA-BC (Barra do Corda) — Área no centro do Estado, delimitada por uma linha que, partindo da margem esquerda do rio Mearim, na altura do lugarejo Nova Vida (exclusive), segue com rumo noroeste pela serra do Espinhaço, corta o rio Grajaú e inflete para sudeste pelo divisor de águas, separando a bacia do Grajaú e de seu afluente Santana da bacia do rio Pindaré e seu afluente Zutuia. Na altura das cabeceiras do rio Santana, afluente do Grajaú, a linha inflete para sudeste, separando as cabeceiras dos rios Santana, Grajaú e Mearim das cabeceiras dos rios Arrais, Lajeado e Farinha. Das cabeceiras do rio Mearim, toma o rumo geral nordeste, separando pelo divisor de águas as bacias dos rios Mearim/Balsas e Mearim/Alpercatas, após o que ruma para norte, separando a bacia do rio Mearim da de seu afluente rio das Flores, até cortar o rio Mearim na altura do povoado Nova Vida;

MA-BP (Baixo rio Parnaíba) — Área no nordeste do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado do Piauí e uma linha que, saindo desta, ao norte (defronte à ilha dos Poções), segue com rumo geral sudoeste e depois sul, separando as bacias dos rios Mariquita/Magu, e, em seguida, a bacia do rio Parnaíba das dos rios que correm para o litoral maranhense. Nas proximidades da serra Valentim, a linha inflete para nordeste, alcançando o rio Parnaíba um pouco abaixo de Timon (exclusive);

MA-CA (Carolina) — Área no sudoeste do Estado, compreendida entre a divisa com Goiás e uma linha que, partindo desta, ao sul, segue com rumo geral norte, separando pelo divisor de águas as cabeceiras dos rios que correm para o Tocantins da bacia do rio das Balsas. Nas proximidades das cabeceiras do ribeirão Farinha, a linha inflete para noroeste, separando-as das dos rios Mearim e Grajaú, em seguida separa o rio Lajeado dos ribeirões Itaueiras e Sucupira, alcançando o rio Tocantins logo abaixo da cidade de Porto Franco (inclusive);

MA-GI (Rio Gurupi) — Área no nordeste do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado do Pará e uma linha que, saindo da foz do rio Gurupi, no litoral, segue com rumo geral sul e depois sudeste, separando pelo divisor de águas a bacia do rio Gurupi das cabeceiras dos outros rios que correm para o litoral maranhense; a seguir, prossegue no mesmo rumo pelo divisor de águas da serra do Piracambu, separando a bacia do rio Gurupi das dos rios Turiaçu e Pindaré. Das cabeceiras do rio Cajuapará, afluente do Gurupi, a linha inflete para noroeste, separando pelo divisor de águas da serra do Gurupi as bacias dos rios Gurupi/Tocantins, até alcançar novamente a divisa com o Pará;

MA-HC (Humberto de Campos) — Área no nordeste do Estado, compreendida entre o litoral atlântico e uma linha que, partindo daquele, na altura da vila de Tajuaba (exclusive), segue com rumo geral sudeste, separando as bacias dos pequenos rios que correm para o litoral da bacia do rio Munim. Passadas as cabeceiras do rio Preguiças, a linha inflete para rumo geral nordeste, passando a separar as pequenas bacias litorâneas da bacia do rio Buriti, afluente do Parnaíba. A seguir, separa os rios Magu e Mariquita, indo terminar no delta do Parnaíba, em frente à ilha dos Poções;

MA-IM (Imperatriz) — Área na parte ocidental do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado do Pará, a divisa com o Estado de Goiás e uma linha que, partindo da margem direita do rio Tocantins, abaixo de Porto Franco (exclusive), segue com rumo sudeste, separando a bacia do ribeirão Lajeado das dos ribeirões Sucupira e Itaueiras. Das cabeceiras do ribeirão Lajeado, a linha inflete para norte e depois nordeste, separando pelo divisor de águas a bacia do rio Tocantins das dos rios Grajaú e Pindaré, alcançando o divi-

sor de águas da serra do Gurupi, pelo qual prossegue separando a bacia do rio Gurupi da do rio Tocantins, atingindo finalmente a divisa do Pará;

MA-IT (Rio Itapicuru) — Área na parte nordeste do Estado, delimitada por uma linha que, saindo da foz do rio Itapicuru, segue com rumo sudoeste e depois sul, passa a sudeste da cidade de Rosário, de onde prossegue separando a bacia do baixo rio Itapicuru/alagados e córregos que desaguam no golfão maranhense e, a seguir, as bacias dos rios Itapicuru/Mearim, até alcançar as proximidades das cabeceiras do rio Codozinho. Daí, a linha inflete para nordeste, separando as cabeceiras dos rios Codozinho, Saco e Boca do Mato da bacia do rio Itapicuru, cortando este último na altura da foz de seu afluente Itapicuruzinho (exclusive). Desse ponto, a linha ruma para sudeste, para a seguir, próximo às cabeceiras do Riachão, infletir para norte e depois noroeste, por entre as bacias dos rios Itapicuru/Parnaíba e Itapicuru/Munim, alcançando o ponto inicial na foz do Itapicuru (inclusive);

MA-ME (Rio Mearim) — Área no centro-norte do Estado, delimitada por uma linha que, saindo do rio Mearim, na altura da foz do rio Pindaré (exclusive), segue, com rumo geral sudoeste, separando pelo divisor de águas as bacias dos rios Grajaú/Pindaré e Zutua, quando inflete para sudeste, cortando o rio Grajaú e, a seguir, o rio Mearim, na altura do lugarejo Nova Vida (inclusive). Daí, a linha ruma para sudoeste e depois sudeste, separando a bacia do rio das Flores da do rio Mearim. Das cabeceiras do rio das Flores, a linha toma rumo nordeste e depois norte, separando as bacias dos rios Mearim/Alpercatas e Mearim/Itapicuru, até alcançar novamente a foz do rio Mearim;

MA-MO (Morros) — Área no nordeste do Estado, compreendida entre a baía de São José e uma linha que, saindo desta, na altura do lugarejo Tajuaba (inclusive), segue com rumo geral sudeste, separando a bacia do rio Munim das dos pequenos rios que correm para o litoral. Nas proximidades das cabeceiras do rio Preguiças, a linha inflete para o sul separando as bacias dos rios Munim/Parnaíba, quando torna a infletir para noroeste, na altura das cabeceiras do rio Munim, separando a bacia do rio Iguará (afluente do Munim) da do rio Itapicuru, passando depois a separar as bacias dos rios Munim/Itapicuru, até alcançar a foz do Itapicuru (exclusive);

MA-MP (Médio rio Parnaíba) — Área no leste do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado do Piauí e uma linha que, saindo da margem esquerda do Parnaíba, na altura da foz do rio das Balsas (exclusive), segue com rumo noroeste separando a bacia do rio das Balsas da do riacho Curimatá, após o que inflete para nordeste, separando a bacia do rio Parnaíba das do rio Itapicuru e de seus afluentes Correntes e Itapicuruzinho. Da serra Valentim, a linha inflete para leste, até alcançar a divisa com o Estado do Piauí, no rio Parnaíba, abaixo da cidade de Timon (inclusive);

MA-PI (Rio Pindaré) — Área no centro-oeste do Estado circunscrita por uma linha que, partindo das proximidades das cabeceiras do rio Santa Rita, segue com rumo geral sudoeste, separando as bacias dos rios Pindaré/Turiaçu, até atingir o divisor de águas da serra do Piracambu, pelo qual prossegue, separando as bacias dos rios Pindaré/Gurupi. Nos arredores das cabeceiras do rio Porangueté, afluente do Pindaré, a linha inflete para sudeste em busca do divisor da serra do Gurupi, de onde continua no mesmo rumo separando as bacias dos rios Pindaré/Gurupi e Pindaré/Tocantins. Próximo às cabeceiras do Pindaré, a linha ruma para nordeste e depois norte, separando as bacias dos rios Zutua/Grajaú, para a seguir, com rumo noroeste, cortar o rio Pindaré, na altura da foz de seu afluente Zutua (inclusive), e continuar para norte e depois noroeste ao encontro de seu ponto inicial, nas proximidades das cabeceiras do rio Santa Rita;

MA-SA (Salgado) — Área no norte do Estado, compreendida entre o litoral e uma linha que, seguindo o rumo geral sudeste e depois sudoeste, acompanha aproximadamente o recorte litorâneo, delimitando a zona de influência das marés, desde a foz do rio Pericumã (inclusive) até a divisa com o Estado do Pará. Compreencie todas as ilhas desse trecho do litoral;

MA-SL (São Luís) — Área no norte do Estado entre o litoral maranhense (da baía do Cumã a baía de São José) e uma linha que, saindo da baía do Cumã, segue com rumo geral sudoeste, sul e depois sudeste, separando a bacia do rio Pericumã e a parte alagada da baixada maranhense da bacia do rio Turiaçu. Após cortar o rio Pindaré, na altura da confluência com o rio Zutua, a linha inflete para nordeste, separando as bacias dos rios Pindaré/Mearim-Grajaú, até cortar o rio Mearim um pouco acima da foz do rio Pindaré. Daí, a linha

ruma para sudeste e depois nordeste, separando as bacias do rio Mearim e dos pequenos rios que desaguam na baía de São Marcos da do rio Itapicuru, cruza a foz deste último, para depois prosseguir pela baía de São José até alcançar novamente o litoral nas proximidades do lugarejo Tajuaba (exclusive);

MA-TU (Rio Turiaçu) — Área na parte nordeste do Estado, compreendida entre a linha que delimita a zona de influência das marés no litoral e uma outra linha que, saindo da foz do rio Gurupi (exclusive), segue com rumo geral sul, separando pelo divisor de águas as bacias dos rios Tromai, Maracassumé e Turiaçu da do rio Gurupi. Nos arredores das cabeceiras do rio Turiaçu, a linha toma rumo leste e depois nordeste, separando as bacias dos rios Turiaçu/Pindaré e Pericumã, em seguida as bacias dos rios Uru/Pericumã, acompanhando o trecho final do baixo Pericumã até sua foz na baía do Cumã (exclusive).

ESTADO DE MATO GROSSO (MT)

Compreende 20 áreas com as seguintes siglas, todas incluídas nos novos limites da Amazônia Legal Brasileira⁽³⁾: (Cf. mapa)

MT-AI (Rio Arinos) — Área no centro-norte do Estado, delimitada por uma linha que, saindo da foz do rio Arinos (inclusive), segue com rumo geral sudeste e depois sudoeste, separando pelo divisor de águas da serra do Tombador as bacias dos rios Arinos/do Sangue. Na altura das cabeceiras do rio Água Verde, a linha inflete para leste, seguindo por este rumo até ultrapassar as cabeceiras do rio Arinos, de onde prossegue com rumo geral noroeste separando, pelo divisor de águas, as bacias dos rios Arinos/Teles Pires, até as cabeceiras do rio Apiacá, onde volta a infletir para oeste, seguindo entre os rios Apiacá e Capitão Costa Pinheiro, até alcançar novamente a foz do rio Arinos;

MT-AJ (Alto Juruena) — Área na parte ocidental do Estado, compreendida entre a divisa com o Território Federal de Rondônia e uma linha que, saindo desta divisa, segue com rumo sudeste, separando pelo divisor de águas a bacia do alto rio Juruena da do rio Guaporé.

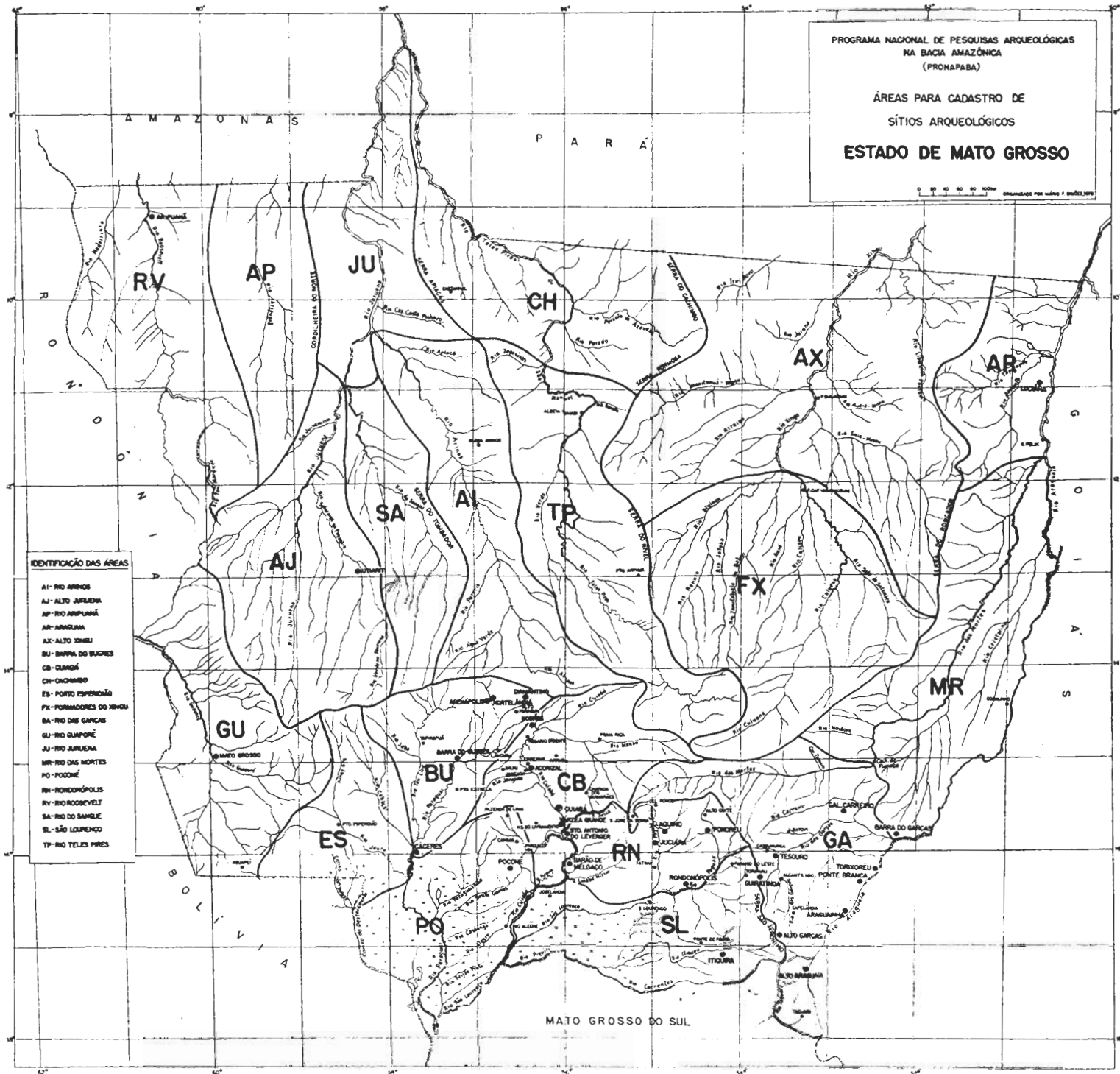
(3) — De acordo com o Art. 45 da Lei Complementar nº 31, de 11 de outubro de 1977, pela qual é criado o Estado de Mato Grosso do Sul, todo o atual Estado de Mato Grosso, mesmo abaixo do paralelo de 16° S, passou a ser incluído na Amazônia Legal Brasileira.

PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS
NA BACIA AMAZÔNICA
(PRONAPABA)

ÁREAS PARA CADASTRO DE
SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

ESTADO DE MATO GROSSO

0 20 40 60 80 100m ESCALA GRÁFICA POR NÚMERO 1:500.000



Nas proximidades das cabeceiras do Juruena, a linha inflete para nordeste, separando ainda a bacia do alto Juruena das bacias dos rios Jauru, Cabaçal e Juba (afluentas do rio Paraguai), até as cabeceiras do rio Verde ou Tauriuná; daí a linha inflete para norte e depois noroeste, separando pelo divisor de águas as bacias dos rios Sangue/Papagaio, corta o rio Juruena próximo à foz do rio do Sangue (exclusive) e alcança a cordilheira do Norte, por onde passa a seguir, com rumo geral sudoeste, separando a bacia do rio Juruena das dos rios Aripuanã e Roosevelt, até atingir novamente a divisa com o Território Federal de Rondônia;

MT-AP (Rio Aripuanã) — Área no noroeste do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado do Amazonas e uma linha que, saindo desta divisa, a oeste, segue com rumo geral sul e sudeste, separando pelo divisor de águas as bacias dos rios Aripuanã/Roosevelt; a seguir, a linha inflete para nordeste e depois norte, separando pela cordilheira do Norte as bacias dos rios Aripuanã/Juruena, até alcançar novamente a divisa com o Estado do Amazonas;

MT-AR (Rio Araguaia) — Área no nordeste do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado do Pará, a divisa com o Estado de Goiás (rio Araguaia) e uma linha que, saindo da foz do rio das Mortes (exclusive), segue com rumo geral sudoeste, separando a bacia deste rio da do rio Xavante. Após as cabeceiras do rio Xavante, a linha toma rumo geral norte, seguindo pelo divisor de águas das bacias dos rios Araguaia/Xingu, até atingir a divisa com o Estado do Pará;

MT-AX (Alto Xingu) — Área no norte do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado do Pará e uma linha que, partindo desta divisa, a oeste, segue com rumo sudeste, sudoeste e depois novamente sudeste, separando, pelo divisor de águas das serras do Cachimbo, Formosa e do Nível, as bacias do alto Xingu/Teles Pires; desta última a linha inflete para nordeste, separando a bacia do rio Xingu das de seus formadores, corta o rio Xingu na altura da confluência de seus formadores Ronuro, Batovi e Culuene, toma o rumo sudeste e separa a bacia do rio Culuene da do rio Suiá-Missu. Nas proximidades das cabeceiras do Suiá-Missu, a linha ruma para norte, separando, pelo divisor de águas da serra do Roncador, as bacias dos rios Xingu/Araguaia, até alcançar novamente a divisa com o Estado do Pará;

MT-BU (Barra do Bugres) — Área no sudoeste do Estado, delimitada por uma linha que, saindo de um ponto ao sul da cidade de Cáceres, rodeia-a por sudoeste, toma o rumo geral noroeste, corta o rio Paraguai na altura de sua confluência com o rio Cabaçal (exclusive) e segue separando a bacia deste último da do rio Tenente Lira. Nas proximidades das cabeceiras do rio Juba, a linha toma rumo geral leste, seguindo sobre o divisor de águas Paraguai/Juruena. Ultrapassadas as cabeceiras do rio Paraguai, a linha se volta para sudoeste, separando a bacia deste último da de seu afluente Cuiabá, até atingir outra vez o ponto inicial, ao sul da cidade de Cáceres;

MT-CB (Cuiabá) — Área na parte meridional do Estado, delimitada por uma linha que, partindo da confluência do rio Cuiabá com o rio Aricá (exclusive), segue para sul e sudoeste, desce o rio Cuiabá até sua confluência com o rio Piraim (inclusive), de onde prossegue, com rumo geral norte, nordeste, sudoeste e novamente nordeste, separando a bacia do Paraguai da de seu afluente Cuiabá. Nos arredores das cabeceiras do rio Arinos a linha toma o rumo geral leste, separando-as das do rio Cuiabá. Próximo às cabeceiras do rio Cuiabá, a linha torna a infletir para o rumo geral sudeste e depois sudoeste, separando a bacia do rio Cuiabá das dos rios Teles Pires, Culuene e das Mortes, após o que desce pelo rio Aricá, com rumo sudoeste, até alcançar o ponto inicial, em sua foz no rio Cuiabá;

MT-CH (Serra do Cachimbo) — Área no norte do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado do Pará e uma linha que, partindo da confluência dos rios Juruena e Teles Pires, segue com rumo sul e depois sudeste, pelo divisor de águas da serra dos Apiacás, separando a bacia do rio Teles Pires das dos rios Juruena e Tapaiúnas, corta o rio Teles Pires junto à foz do rio Tapaiúnas (exclusive) e segue por entre o rio Parado e o ribeirão Renato. Daí, a linha inflete para nordeste e depois noroeste, separando, pelo divisor de águas das serras Formosa e do Cachimbo, a bacia do rio Peixoto de Azevedo das dos rios Manitsauá-Missu e Iriri Novo, até alcançar a divisa com o Estado do Pará;

MT-ES (Porto Esperidião) — Área no sudoeste do Estado, compreendida entre a fronteira com a Bolívia e uma linha que, saindo da confluência do corixo do Destacamento com o corixo dos Bugres, segue com rumo nordeste, corta o rio Paraguai junto à foz do rio Jauru (inclusive), após o que toma o rumo norte, corta novamente

o rio Paraguai junto à foz do rio Cabaçal (inclusive) e segue para noroeste, separando as bacias dos rios Cabaçal/Tenente Lira, até atingir o divisor de águas Juruena/Paraguai, por onde segue, com rumo oeste. Ultrapassadas as cabeceiras do rio Jauru, a linha inflete para sudeste e depois sudoeste, separando as bacias dos rios Jauru/Guaporé, alcançando novamente a fronteira com o Bolívia;

MT-FX (Formadores do Xingu) — Área na parte centro-oriental do Estado, delimitada por uma linha que, partindo da confluência dos rios Ronuro, Batovi e Culuene, segue com rumo sudeste, separando, pelo divisor de águas, as bacias dos rios Culuene e Sete de Setembro/Suiá-Missu, atingindo o divisor de águas da serra do Roncador, de onde inflete para sudoeste e oeste, separando as bacias dos rios das Mortes/Culuene. Após as cabeceiras do Culuene, a linha torna a infletir para nordeste e depois noroeste, separando, pelo divisor de águas, a bacia do rio Teles Pires das dos rios Culuene, Culiseiu, Batovi e Ronuro, até alcançar a serra do Nível, de onde rumo para nordeste, separando as bacias dos rios Ronuro/Xingu, atingindo novamente o ponto inicial na confluência dos rios Ronuro, Batovi e Culuene;

MT-GA (Rio das Garças) — Área na parte sudeste do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado de Goiás, a divisa com o Estado de Mato Grosso do Sul e uma linha que, saindo da foz do rio das Garças (inclusive), segue com rumo geral noroeste, separando as bacias dos rios das Garças/das Mortes; após cortar o rio das Mortes junto à cachoeira da Fumaça (exclusive), a linha prossegue por entre o rio Noidore e córrego Tesouro, infletindo a seguir para oeste e depois sudoeste, separando a bacia do rio das Mortes das dos rios Culuene e Cuiabá. Daí, a linha continua com rumo sul, contorna a região das cabeceiras do rio das Mortes e inflete para leste e depois sudeste, separando a bacia do rio das Mortes das dos rios que correm para o rio Paraguai e, a seguir, pelo divisor de águas da serra São Jerônimo, separar ainda a bacia do rio das Garças das dos tributários do rio Paraguai. Desse ponto a linha continua no mesmo rumo, passa a oeste da cidade de Alto Garças (inclusive), alcançando finalmente a divisa com o Estado de Mato Grosso do Sul, nas proximidades das cabeceiras do rio Taquari;

MT-GU (Rio Guaporé) — Área no sudoeste do Estado, compreendida entre a fronteira com a Bolívia, a divisa com o Território Federal de Rondônia, e uma linha que, partindo desta última, segue com ru-

mo sudeste, sul e depois sudoeste, pelo divisor de águas, separando a bacia do rio Guaporé das dos rios Juruena e Paraguai, até alcançar a fronteira com a Bolívia;

MT-JU (Rio Juruena) — Área no norte do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado do Amazonas e uma linha que, saindo da confluência do rio Juruena com o rio Teles Pires, segue com rumo sul e depois sudeste, pelo divisor de águas da serra Apiacás, até as proximidades das cabeceiras do rio Capitão Costa Pinheiro, após o que inflete para oeste, separando a bacia deste último da do rio Apiacá. Após cortar a foz do rio Arinos (inclusive), a linha toma rumo sul e depois oeste, corta o rio Juruena na foz do rio do Sangue (exclusive) e segue com rumo noroeste e depois norte, pela cordilheira do Norte, separando as bacias dos rios Juruena/Aripuanã, até alcançar novamente a divisa com o Estado do Amazonas;

MT-MR (Rio das Mortes) — Área na parte oriental do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado de Goiás e uma linha que, partindo da foz do rio das Mortes (inclusive), segue com rumo sudoeste, separando as bacias dos rios das Mortes/Araguaia, até a serra do Roncador, de onde prossegue com rumo sul e depois sudoeste, separando a bacia do rio das Mortes das dos rios Suiá-Missu e Culuene. Nas proximidades das cabeceiras do rio Noidore, a linha inflete para rumo sudeste por entre o rio Noidore e o córrego Tesouro, corta o rio das Mortes junto à cachoeira da Fumaça (inclusive) e prossegue separando as bacias dos rios das Garças/das Mortes, até a foz do rio das Garças (exclusive), no rio Araguaia;

MT-PO (Poconé) — Área no extremo sudoeste do Estado, compreendida entre a fronteira com a Bolívia, a divisa com o Estado de Mato Grosso do Sul e uma linha que, saindo da confluência do corixo do Destacamento com o corixo dos Bugres, na fronteira com a Bolívia, segue com rumo geral nordeste, corta o rio Paraguai junto à foz do rio Jauru (exclusive), sobe por este, passa a sudoeste da cidade de Cáceres e prossegue, separando as bacias dos rios Paraguai/Paraguaizinho. Nos arredores das cabeceiras do rio Bento Gomes, a linha inflete para sul e continua em direção à foz do rio Piraim (exclusive), de onde desce pelo curso do rio Cuiabá até sua foz no rio São Lourenço. Daí, a linha segue pelo curso deste último, alcançando a divisa com o Estado de Mato Grosso do Sul, na foz do rio Piquiri;

MT-RN (Rondonópolis) — Área na parte meridional do Estado, circunscrita por uma linha que, partindo do rio Cuiabá, a oeste da cidade de Santo Antônio do Leverger, segue com rumo geral leste, pelo curso do rio Aricá, contorna as cabeceiras do rio das Mortes e, ainda, com rumo leste e depois sudeste, separa as bacias dos rios das Mortes/Pogubá. Nos arredores das cabeceiras do rio Pogubá a linha inflete para sudoeste e depois oeste, seguindo pelo curso do rio Pogubá até sua foz no rio São Lourenço. Após cortar este último a linha prossegue, separando as bacias dos rios São Lourenço/Cuiabá-Mirim, até alcançar a foz deste último no rio Cuiabá, por onde sobe em busca do ponto inicial, junto à cidade de Santo Antônio de Leverger;

MT-RV (Rio Roosevelt) — Área no extremo noroeste do Estado, compreendida entre a divisa com o Território Federal de Rondônia, a divisa com o Estado do Amazonas e uma linha que, saindo desta última, segue com rumo sul, separando, pelo divisor de águas, as bacias dos rios Roosevelt/Aripuanã, após o que inflete para sudoeste, separando as bacias dos rios Roosevelt/Juruena, até alcançar a divisa com o Território Federal de Rondônia;

MT-SA (Rio do Sangue) — Área no centro-oeste do Estado, circunscrita por uma linha que, partindo da foz do rio do Sangue (inclusive), segue com rumo sul, separando as bacias dos rios do Sangue/Juruena até alcançar o divisor de águas dos rios Juruena/Paraguai, por onde prossegue com rumo leste. Ultrapassadas as cabeceiras do rio do Sangue, a linha inflete para norte e depois noroeste, seguindo pelo divisor de águas da serra do Tombador, separando as bacias dos rios do Sangue/Arinos, após o que ruma para oeste, alcançando novamente a foz do rio do Sangue;

MT-SL (São Lourenço) — Área no sul do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado de Mato Grosso do Sul e uma linha que, saindo desta divisa a leste, na serra São Jerônimo, segue com rumo noroeste, separando pelo divisor de águas as bacias dos rios Pogubá/das Garças, até alcançar as cabeceiras do rio Pogubá, onde toma rumo sudoeste e depois oeste, descendo pelo curso deste rio em direção a sua foz no rio São Lourenço. Após cortar o rio São Lourenço, a linha segue separando sua bacia da do rio Cuiabá-Mirim, alcançando o rio Cuiabá na foz do rio Cuiabá-Mirim (exclusi-

ve). Deste ponto a linha passa a seguir pelo rio Cuiabá até sua foz no rio São Lourenço e, em seguida, por este último, atingir a foz do rio Piquiri, na divisa com o Estado de Mato Grosso do Sul;

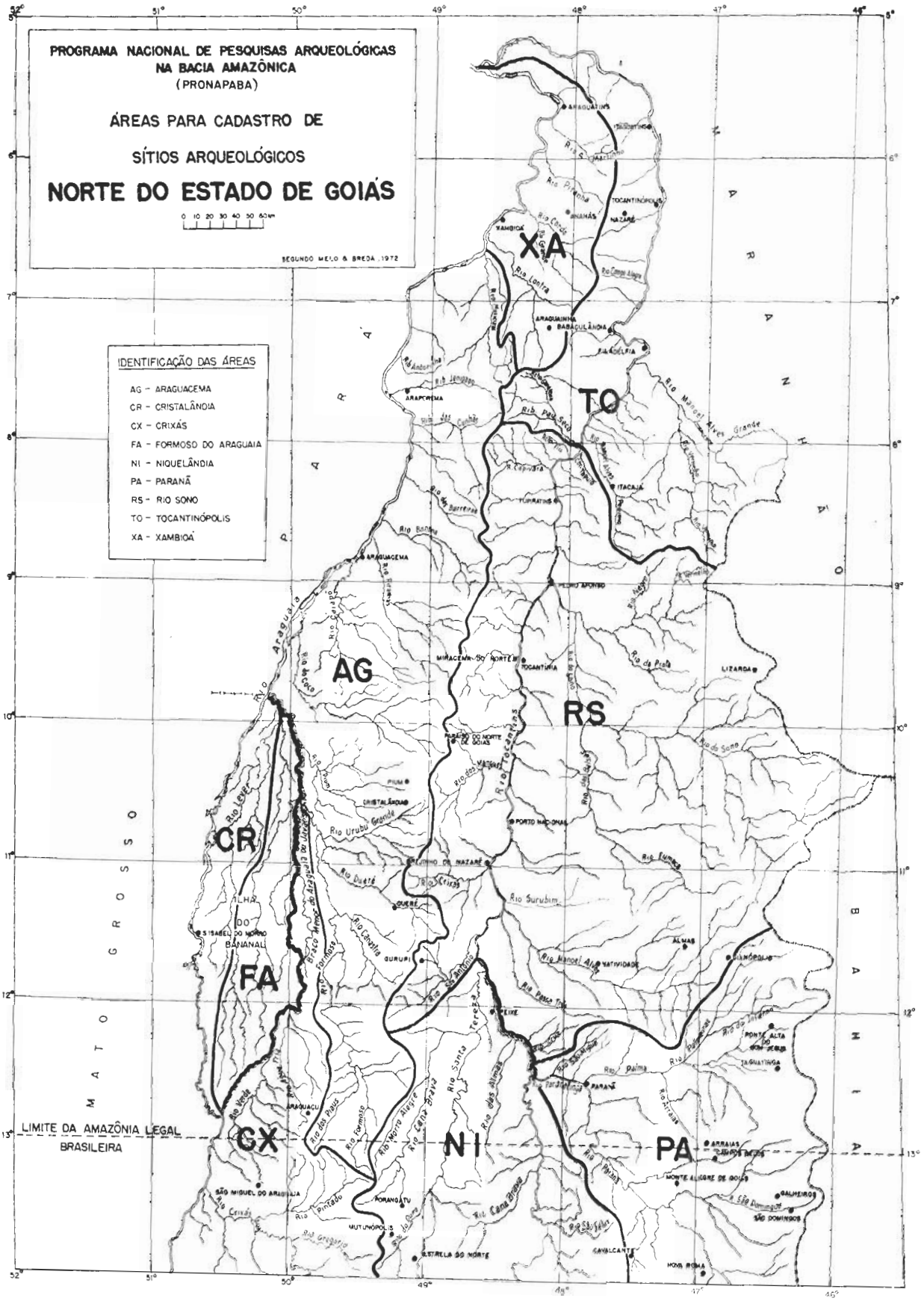
MT-TP (Rio Teles Pires) — Área no centro do Estado, delimitada por uma linha que, partindo da foz do rio Tapaiúnas (inclusive), no Teles Pires, segue com rumo leste até a serra Formosa, onde toma o rumo geral sul e depois sudeste, separando pelo divisor de águas da serra do Nível as bacias dos rios Teles Pires/Xingu. Após contornar as cabeceiras do rio Teles Pires, separando-as das bacias dos rios Culuene e Cuiabá, a linha toma rumo geral noroeste, separando o alto e médio cursos do rio Teles Pires da bacia do rio Arinos. Ultrapassadas as cabeceiras do rio Tapaiúnas, a linha inflete para sudeste, atingindo novamente o ponto inicial na foz daquele rio.

NORTE DO ESTADO DE GOIÁS (GO) (4)

Compreende 9 áreas com as seguintes siglas, todas total (4) ou parcialmente (5) contidas acima do paralelo de 13° Sul, ou seja, dentro dos limites da Amazônia Legal Brasileira: (Cf. mapa).

GO-AG (Araguacema) — Área no noroeste do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado de Mato Grosso, no rio Araguaia, e uma linha que, saindo deste rio ao norte, entre a foz do rio Lontra e a do rio Muricizal, segue com rumo geral sul, pelo divisor de águas, separando as bacias dos rios Araguaia/Tocantins, corta o paralelo de 13° Sul e segue até as cabeceiras do rio Formoso. Daí, a linha toma o rumo noroeste, separando as bacias dos rios Formoso/Pintado, corta novamente o paralelo de 13° Sul e inflete para o rumo geral norte, separando a bacia do rio Formoso da do braço menor do rio Araguaia cu Javaés; após cortar este último, junto à foz daquele primeiro (inclusive), a linha prossegue contornando a ilha do Bananal (exclusive) até o encontro dos dois braços do rio Araguaia, na divisa com o Estado de Mato Grosso. Apenas uma pequena parte desta área se encontra ao sul do paralelo de 13° S. (Cf. Melo & Breda, 1972 : 37);

(4) — Para efeito de padronização, tendo em vista o aproveitamento do trabalho de Melo & Breda (1972), conforme já explicado anteriormente, utilizaremos para nossas áreas as **regiões** definidas por esses autores, siglando-as todas em maiúsculas e redescrivendo seus respectivos limites.



PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS
 NA BACIA AMAZÔNICA
 (PRONAPABA)

ÁREAS PARA CADASTRO DE
 SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

NORTE DO ESTADO DE GOIÁS

0 10 20 30 40 50 60 km

REGUNDO MELO & BRENDA, 1972

- IDENTIFICAÇÃO DAS ÁREAS**
- AG - ARAGUACEMA
 - CR - CRISTALÂNDIA
 - CX - CRIXÁS
 - FA - FORMOSO DO ARAGUAIA
 - NI - NIQUELÂNDIA
 - PA - PARANÃ
 - RS - RIO SONO
 - TO - TOCANTINÓPOLIS
 - XA - XAMBIOÁ

LIMITE DA AMAZÔNIA LEGAL
 BRASILEIRA

M A T O
 G R O S S O

B
 A
 H
 I
 A

GO-CR (Cristalândia) — Área no centro-oeste do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado de Mato Grosso e uma linha que, partindo do encontro dos dois braços do rio Araguaia, desce pelo braço direito até a foz do rio Lever (inclusive); daí, a linha segue com rumo sul, separando a bacia do rio Lever e a do braço esquerdo do Araguaia da do braço direito, até alcançar o ponto onde o rio se bifurca para formar a ilha do Bananal, na divisa com o Estado de Mato Grosso. (Ibid.: 38);

GO-CX (Rio Crixás) — Área no centro-oeste do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado de Mato Grosso e uma linha que, partindo do ponto onde o rio Araguaia se bifurca para formar a ilha do Bananal, segue com rumo geral norte, contornando esta ilha pela orla oriental até a foz do rio Formoso, de onde inflete para o sul, separando a bacia deste último das dos rios Javaés, Água Fria e Verde, cortando o paralelo de 13° Sul. Daí, a linha toma rumo sudeste e depois sul, separa as bacias dos rios Formoso/Pintado, e segue sobre o divisor de águas Araguaia/Tocantins... Esta área encontra-se em sua maior parte ao sul do paralelo 13° S. (Ibid.: 37);

GO-FA (Formoso do Araguaia) — Área no centro-oeste do Estado, delimitada por uma linha que, saindo da foz do rio Lever (exclusive), segue com rumo sul separando a bacia do rio Lever e a do braço esquerdo do rio Araguaia das águas que correm para o braço direito do rio, até o ponto onde o rio se bifurca para formar a ilha do Bananal. Daí, a linha inflete para nordeste e depois norte, margeando a orla oriental da ilha, até atingir o ponto inicial na foz do rio Lever. (Ibid.: 38);

GO-NI (Niquelândia) — Área no centro do Estado, delimitada por uma linha que, partindo das cabeceiras do rio do Ouro (ao sul do paralelo 13°), segue com rumo geral norte pelo divisor de águas Araguaia/Tocantins, até as proximidades das cabeceiras do rio Santo Antônio, onde inflete para nordeste, separando as bacias dos rios Santo Antônio/Santa Tereza até alcançar o rio Tocantins entre as desembocaduras destes dois rios. Daí, a linha volta-se para sudeste, sobe o rio Tocantins até a foz do rio Paranatinga (exclusive) e segue, separando os afluentes da margem direita do Tocantins dos da margem esquerda do rio Paranã, onde corta o paralelo 13° e prossegue... Maior parte desta área está ao sul do paralelo de 13°. (Ibid.: 40-41);

GO-PA (Paraná) — Área no centro-leste do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado da Bahia e uma linha que, saindo desta divisa, ao norte, segue com rumo geral sudoeste, separando as bacias dos rios Manoel Alves/Palmeiras, em seguida Passa Três e ribeirão Cruz/Paranatinga, indo alcançar o rio Tocantins no trecho entre a foz do ribeirão Cruz e a do rio Paranatinga. Daí, a linha sobe o rio Tocantins até a foz do rio Paranatinga (inclusive), de onde toma o rumo sudeste, separando os afluentes da margem direita do Tocantins dos da margem esquerda do rio Paraná, corta o paralelo 13° Sul e segue... Maior parte desta área se encontra ao sul do paralelo 13° S. (Ibid.: 40);

GO-TO (Tocantinópolis) — Área no norte do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado do Maranhão e uma linha que, partindo do ponto de encontro das águas dos rios Araguaia e Tocantins, segue com rumo sudeste e depois sul, pelo divisor de águas dos dois grandes rios, até as cabeceiras do ribeirão Pau Seco. Daí, a linha inflete para o rumo geral sudeste e depois leste, quando separa o rio Pau Seco do rio Capivara e do riacho Tiú, corta o rio Tocantins entre a foz do rio Pau Seco e a foz do Tiú, e segue entre o rio Manoel Alves Pequeno e o córrego Tapuio, separando, a seguir, a bacia do rio Manoel Alves Pequeno das dos rios que correm para a margem direita do Tocantins. Finalmente, separa o rio Vermelho (inclusive), afluente do Manoel Alves Grande, do rio Vermelho (exclusive), subafluente do rio do Sono, indo alcançar a divisa com o Estado do Maranhão. (Ibid.: 39);

GO-RS (Rio do Sono) — Área no nordeste do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado do Maranhão, a divisa com o Estado da Bahia, e uma linha que, partindo daquela divisa, ao norte, segue com rumo geral oeste, separando a bacia do rio Vermelho (exclusive), afluente do rio Manoel Alves Grande, da do rio Vermelho (inclusive), subafluente do rio do Sono. Em seguida, a linha alcança os arredores das cabeceiras do rio Manoel Alves Pequeno, onde toma o rumo geral noroeste, separando a bacia deste rio das dos rios que correm para a margem direita do Tocantins, até cortar este último entre a foz do rio Manoel Alves Pequeno e a do córrego Tapuio. Daí, a linha prossegue separando o rio Pau Seco do riacho Tiú e do rio Capivara, alcançando os arredores das cabeceiras do ribeirão das Cunhãs, onde inflete para o sul, seguindo sobre o divisor de águas Araguaia/Tocantins, até as proximidades das cabe-

ceiras do rio Santo Antônio. Deste ponto, a linha ruma para nordeste, separando as bacias dos rios Santo Antônio/Santa Tereza até alcançar o rio Tocantins, entre as desembocaduras daqueles dois rios, para a seguir, subir o curso do rio Tocantins até um ponto a meio caminho entre as desembocaduras do ribeirão Cruz e do rio Paranatinga, quando volta a infletir para leste e depois nordeste, separando a bacia do rio Paranatinga das do ribeirão Cruz, do rio Passa Três e do rio Manoel Alves, atingindo finalmente a divisa com o Estado da Bahia. (Ibid.: 39-40);

GO-XA (Xambioá) — Área no norte do Estado, compreendida entre a divisa com o Estado do Pará e uma linha que, saindo da confluência dos rios Araguaia e Tocantins, segue com rumo geral sudeste e depois sul, pelo divisor de águas dos dois grandes rios até as proximidades das cabeceiras do rio Muricizal, onde inflete para nordeste, separando as bacias dos rios Lontra/Muricizal, até atingir novamente a divisa com o Estado do Pará, no rio Tocantins, entre as desembocaduras daqueles dois rios. (Ibid.: 37).

LISTA DOS SÍTIOS CADASTRADOS

ESTADO DO ACRE

Ainda que importante por sua posição geográfica limítrofe com dois países da área nuclear andina, e, conseqüentemente, pelo que pode essa vasta porção de território brasileiro representar em termos de informações sobre o povoamento pré-histórico da Amazônia, é somente a partir de 1977 que o Acre passou a ser alvo das atenções da Arqueologia Brasileira. Até essa data, salvo raros achados ocasionais feitos por curiosos, não há qualquer registro de sítios ou pesquisas ali efetuadas por arqueólogos profissionais. É com o PRONAPABA que têm início nesse Estado as pesquisas arqueológicas, através do trabalho de campo realizado por Ondemar Ferreira Dias Jr. e Franklin Levy, ambos do Instituto de Arqueologia Brasileira, nas áreas IQ, RB, SM e XA, com a localização dos seguintes sítios :

Área AC-IQ (Rio Iquiri)

AC-IQ-1: Campo das Panelas

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado a cerca de 3 km a nordeste da estrada Rio Branco-Xapuri (Km 42), no vale do rio Abunã. Ocupa uma área de 50 x 50 m e apresenta, nas proximidades, uma macroestrutura composta por uma mureta circular, alongada, parcialmente destruída, com cerca de 90 m de diâmetro, 8 m de largura e 1 m de altura. (Dias Jr., 1977: corresp. pes.);

AC-IQ-2: Prohevea

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado a cerca de 300 m a sudeste do flanco esquerdo da estrada Rio Branco-Xapuri, no vale do rio Iquiri. Compreende uma trincheira com cerca de 100 m de diâmetro e largura de 10 m por 1 m de profundidade. (Ibid.);

AC-IQ-3: Piarrã

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado a cerca de 5 km ao norte da estrada Areia Branca, em direção ao igarapé Piarrã, no vale do rio Abunã. Compreende uma área de 8 m de diâmetro, com fragmentos de cerâmica concentrados na superfície. (Ibid.);

AC-IQ-4: Miterrari

Sítio-cerimonial de fase cerâmica a ser designada, localizado a 2,30 h de caminhada da estrada Areia Branca (Km 53), em direção S-SE, no vale do rio Abunã. Ocupa área de cerca de 10 m de diâmetro, no topo de uma elevação suave coberta por capoeirão. (Ibid.);

AC-IQ-5: Esperança

Sítio-acampamento de fase cerâmica a ser designada, localizado a 5 km ao sul da rodovia Rio Branco-Vila Plácido, no vale do rio Iquiri. Sítio em capoeira, com fragmentos de cerâmica concentrados em dois **focus** distantes entre si 100 m, com diâmetro de 5 m cada. (Ibid.);

AC-IQ-6: São Braz

Sítio-acampamento de fase cerâmica a ser designada, localizado a cerca de 4,30 horas da estrada de Rio Branco (Km 53), na direção sul (à direita de quem sai de Rio Branco), no vale do rio Abunã. Sítio em mata e capoeira, com material fragmentado e concentrado numa área de 6 x 4 m. (Ibid.);

AC-IQ-7: Catapará

Sítio-acampamento de fase cerâmica a ser designada, localizado a 5 km ao norte da rodovia para Xapuri (Km 65), no vale do rio Iquiri. Fragmentos de cerâmica na superfície, sendo assinalada uma trincheira com 6m de largura e 1m de altura a cerca de 100m. (Ibid.);

AC-IQ-8: Catuaba

Sítio-acampamento de fase cerâmica a ser designada, localizado a 8 km da rodovia para Porto Velho (Km 52), em direção SW-W, no vale do rio Abunã. O sítio comporta alguns montículos de 8 m de extensão por 4 m de largura sobre elevação suave. (Ibid.);

Área AC-RB (Rio Branco)

AC-RB-1: Boca Quente

Sítio-habitação (?) de fase a ser designada, localizado a 5 km ao norte da margem esquerda do rio Acre. É composto por uma vala com 6 m de largura e 1 m de profundidade, ocupando área de 120 m de diâmetro. Não há ocorrência de material de superfície. (Ibid.);

Área AC-SM (Sena Madureira)

AC-SM-1: Lobão

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado a 18,5 km a nordeste da sede — Estrada Velha para Rio Branco, no vale do rio Iaco. O sítio comporta dois montículos circulares com cerca de 50 cm de diâmetro

e pequena mureta de 50 cm de altura e 1 a 2 m de largura. Ambos ocupam elevação suave com 8 m de altura. (Ibid.);

AC-SM-2: Morão

Sítio-cemitério de fase cerâmica a ser designada, localizado a 400 m a noroeste do rio Caeté, no vale do rio Iaco. Ocupa área de 30 x 40 m coberta por mata primária. (Ibid.);

AC-SM-3: Xiburema

Sítio-acampamento de fase cerâmica a ser designada, localizado a sudeste do igarapé Xiburema e a 14 km da estrada Manuel Urbano (Km 14). O sítio ocupa elevações com fragmentos de cerâmica esparsos pela superfície. (Ibid.);

AC-SM-4: Pajeú

Sítio-cemitério de fase cerâmica a ser designada, localizado numa picada, em mata de capoeira, a 2 km da margem esquerda do rio Iaco e a 100 m da estrada na direção oeste. (Ibid.);

AC-SM-5: Olho d'Água I

Sítio-acampamento de fase cerâmica a ser designada, localizado a 500 m a noroeste da margem esquerda do rio Iaco. Ocupa o topo de uma elevação com cerca de 30 m de altura. (Ibid.);

AC-SM-6: Olho d'Água II

Sítio-acampamento de fase cerâmica a ser designada, localizado a cerca de 1500 m da margem esquerda do rio Iaco, na encosta noroeste de uma colina com 50 m de altura, em terreno sob cultivo. (Ibid.);

Área AC-XA (Xapuri)

AC-XA-1: Palmares

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado no vale do rio Iquiri, a 86 m de distância da Fazenda Palmares. Ocupa uma área de 65 m de diâmetro, e compreende uma trincheira circular com uma vala de 8 a 10 m de largura e 1 m de profundidade. (Ibid.);

AC-XA-2: Fazendinha

Sítio-acampamento de fase cerâmica a ser designada, localizado a 15 km ao norte da estrada Rio Branco - Xapuri (Km 117), a 500 m a oeste do córrego Cambira, e a 3 km a oeste do rio Acre. Ocupa uma área de 60 m de diâmetro, de forma não determinada. (Ibid.);

AC-XA-3: São Francisco

Sítio-acampamento de fase cerâmica a ser designada, localizado a cerca de 12 km ao sul da margem esquerda do rio Acre. O sítio ocupa pequena elevação de, aproximadamente, 15 m de altura, com material cerâmico fragmentado e esparso pela superfície. (Ibid.);

AC-XA-4: Porto Jofre

Sítio-acampamento de fase cerâmica a ser designada, localizado a 30 m a oeste do rio Acre. Ocupa uma elevação suave, na cota de 8 a 10 m acima do nível do rio. (Ibid.);

AC-XA-5: Gifoni

Sítio-acampamento de fase cerâmica a ser designada, localizado a 500 m a sudeste da margem esquerda do rio Acre. Ocupa uma elevação de cerca de 50 m, distante 500 m de uma residência local. (Ibid.).

TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ

As primeiras notícias sobre sítios arqueológicos no Amapá datam da segunda metade do século XIX, através das escavações e coleta de material ali realizadas por viajantes e naturalistas, como Coudreau (Igarapé Tartarugalzinho e rio Cunani), Ferreira Penna (rio Maracá), Lima Guedes (rios Maracá e Vilanova) e Emílio Goeldi (rio Cunani e cidade do Amapá), cabendo aos três últimos a prioridade das grandes coleções existentes nos Museu Goeldi (Maracá e Cunani) e Museu Nacional (Maracá).

Nas primeiras décadas de nosso século destacam-se as pesquisas de Farabee, em 1916, nos rios Maracá, Mazagão e Vilanova, e, principalmente, as de Nimuendaju, entre 1923 a 1927, em vários pontos do Território (áreas AM, CA, JA e OI). A estes, seguem já nos anos 40 as escavações e achados de Eurico Fernandes (Vila Velha e rio Uaçá) e Newton Cardoso (lago Pracuúba e rios Cunani e Amapá Pequeno). Contudo, é com Clifford Evans e Betty J. Meggers, em 1948-49, que conheceria o Amapá a primeira pesquisa extensiva, com a identificação das três fases arqueológicas típicas do Território — Aruã, Mazagão e Aristé —, e o estabelecimento da seqüência de desenvolvimento cultural e cronológico da região. Com base nesta pesquisa, seguiu-se a de Peter Hilbert, em 1953, no Cassiporé, relacionada com a fase Aristé daqueles autores.

Com base nas informações dos autores acima, são os seguintes os sítios cadastrados :

Área AP-AM (Amapá)

AP-AM-1: Cachoeirinha

Sítio-cerimonial da fase Aruã, ao sul da cidade de Amapá, no Igarapé da Serra, formado por um grande alinhamento de pedras, dividido em 4 grupos separados. Visitado por Nimuendaju em 1923-25. (Cf. Linné, 1928a; Nimuendaju, s/d *apud* Meggers & Evans, 1957: 42-3);

AP-AM-2: Açaisal

Sítio-cerimonial da fase Aruã, posteriormente ocupado pela fase Aristé. Formado por um grande grupo de pedras ao longo do rio Flechal. Visitado e registrado por Nimuendaju em 1923-25. (Cf. Linné, 1928a; Nimuendaju, s/d *apud* Meggers & Evans, 1957: 43 e 131);

AP-AM-3: Tartarugalzinho

Sítio-cemitério da fase Aristé, localizado à margem direita do Igarapé Tartarugalzinho, com enterramentos em linha perpendicular ao curso do rio, distando deste cerca de 20 m. Descrito por Coudreau. (Cf. Coudreau, 1887: 49-50 *apud* Meggers & Evans, 1957: 131);

AP-AM-4: Cidade do Amapá

Sítio-habitação e sítio-cemitério da fase Aristé, situado na área urbana da atual cidade do Amapá. Era a única faixa de terra seca contínua em qualquer estação do ano, ao longo do lado sul do rio Amapá Pequeno. Visitado por Emilio Goeldi em 1895 e escavado pelo casal Evans, em 1948, e registrado como A-7: Cidade de Amapá. (Cf. Goeldi, 1900: 7-8; Meggers & Evans, 1957: 104-106);

AP-AM-5: Aurora

Sítio-cerimonial da fase Aruã, consistindo em um alinhamento de pedras sobre uma elevação na savana, distante da barranca da margem leste do rio Flechal cerca de 250 m, entre dois pequenos lagos. Já completamente destruído à época da visita do casal Evans, em 1948, o qual o registrou sob o número A-8: Aurora. (Cf. Meggers & Evans, 1957: 38-40, 106-107);

AP-AM-6: Relógio

Sítio-habitação da fase Aristé, com cerca de 100 m de diâmetro, na margem do "rego do Caju", um canal da região dos lagos, ao sul da cidade de Amapá. Visitado e escavado pelo casal Evans, em 1948, que o registrou como A-9: Relógio. (Ibid.: 107);

AP-AM-7: Montanha da Pluma

Sítio-cemitério da fase Aristé, compreendendo uma caverna em forma de tunel, com 4 m de comprimento, em um afloramento granítico localizado a

meio curso de subida do igarapé da Serra, distando cerca de 2 km do barranco da margem norte. Fragmentos de urnas dentro e fora da caverna. Visitado e registrado pelo casal Evans, em 1948, e registrado como A-10: Montanha da Pluma. (Ibid.: 107-108);

AP-AM-8: Montanha de Aristé

Sítio-cemitério da fase Aristé, no igarapé da Serra, distando 8 km rio acima do sítio AP-AM-7: Montanha da Pluma, e cerca de 2 km terra adentro da margem norte do igarapé. Região de colinas graníticas, com numerosos abrigos e cavernas, dos quais, três continham material arqueológico. Visitado e registrado pelo casal Evans, em 1948, como A-11: Montanha de Aristé. (Ibid., 108-116);

AP-AM-9: Cruzeiro

Sítio-habitação da fase Aristé, cerca de 10 km distante do sítio AP-AM-7: Montanha da Pluma, em um barranco de 5 m de altura, na margem oeste do igarapé da Rasa. Visitado e registrado pelo casal Evans, em 1948, como A-12: Cruzeiro. (Ibid.: 116-118);

AP-AM-10: Pracuúba

Sítio-habitação da fase Aristé, na margem norte do lago Pracuúba, cerca de 2 km a nordeste do sítio AP-AM-6: Relógio. Muito perturbado pelo plantio de mandioca. Escavado pelo sr. Newton Cardoso e registrado por Meggers & Evans como A-21: Pracuúba. (Ibid.: 122);

AP-AM-11: Conceição

Sítio-cemitério (?) da fase Aristé, localizado na fazenda Santa Maria da Prainha, no barranco norte do baixo rio Amapá Pequeno. Consiste em uma elevação coberta de mata, cercada por campo, conhecida como "ilha das igarabas". É uma das poucas áreas acima do nível das águas na estação chuvosa. Visitado e prospeccionado pelo sr. Newton Cardoso, sendo registrado pelo casal Evans, em 1948, como A-22: Conceição. (Ibid.: 123);

AP-AM-12: Ilha da Fortaleza

Sítio-cerimonial (alinhamentos de pedras) da fase Aruã, em uma ponta de terra entre o baixo rio Flechal e o canal de Carapapóris, cerca de 1,5 km da linha da costa. Consiste de uma pequena elevação com 35 x 45 m, com fragmentos de cerâmica e restos de um alinhamento de pedras. Visitado e prospeccionado pelo sr. Newton Cardoso, tendo sido registrado pelo casal Evans como A-23: Ilha da Fortaleza. (Ibid.: 40-41);

Área AP-CA (Calçoene)

AP-CA-1: Igarapé dos Macacos

Possível sítio-cerimonial da fase Aruã, formado por várias placas de granito sobre uma ligeira elevação, próxima ao igarapé dos Macacos. Visitado

e registrado por Nimuendaju em 1923-25. (Cf. Linné, 1928a; Nimuendaju, s/d *apud* Meggers & Evans, 1958: 41);

AP-CA-2: Rio Novo

Provável sítio-cerimonial da fase Aruã, com alinhamentos de pedras sobre uma pequena colina a 6 m da margem do rio Novo. Visitado e registrado por Nimuendaju em 1923-25. (Ibid.);

AP-CA-3: José Antônio

Um dos maiores alinhamentos de pedra — sítio cerimonial — da fase Aruã, estendendo-se sobre cerca de 100m ao longo do rio Calçoene, com placas de granito aparentando posição vertical. Presença de lâminas de machado de pedra e alguns fragmentos de cerâmica. Visitado e registrado por Nimuendaju em 1923-25. (Ibid.: 42);

AP-CA-4: Vila Calçoene

Sítio-cerimonial da fase Aruã, localizado próximo à antiga Vila Calçoene, formado por 3 placas de pedra, verticais, formando um triângulo. Visitado e registrado por Nimuendaju em 1923-25. (Ibid.);

AP-CA-5: Teso da Mina

Sítio-cerimonial da fase Aruã, próximo à cidade de Amapá Grande, compreendendo grande alinhamento de pedras, distribuídas em dois grupos (um maior e outro menor). Visitado e registrado por Nimuendaju em 1923-25. (Ibid.);

AP-CA-6: Sucuriju

Sítio-cerimonial da fase Aruã, composto por dois alinhamentos de pedras, no rio Sucuriju, afluente do rio Maiacaré. Visitado e registrado por Nimuendaju em 1923-25. (Ibid.);

AP-CA-7: Lago dos Patos

Sítio-cerimonial da fase Aruã, composto por um alinhamento de 12 pedras, localizado no lago dos Patos, no rio Sucuriju. Já bastante perturbado ao tempo da visita de Nimuendaju, em 1923-25. (Ibid.);

AP-CA-8: Monte Mayé

Sítio-cemitério da fase Aristé no alto de um pequeno morro, cerca de 100 m de altitude, próximo à costa, ao longo do lado sul do rio Cunani. Visitado e registrado por Nimuendaju, em 1923-25, como dois cemitérios superficiais. (Ibid.: 128);

AP-CA-9: Maicá

Sítio-habitação (?) da fase Aristé, localizado em uma das colinas com vegetação de mata, cercada por savana, na margem norte do rio Cunani, cerca

de 8 km à montante da atual cidade de Cunani. A colina é conhecida como Maicá, medindo 200 m na direção norte-sul, 90 m no sentido leste-oeste e cerca de 30 m acima da planície. Seus flancos formam a barranca do rio Cunani. Visitado pelo sr. Newton Cardoso, em 1949, o qual coletou material de superfície. Registrado pelo casal Evans como A-18: Maicá. (Cf. Meggers & Evans, 1957: 121-122);

AP-CA-10: Monte Curu ou Renovado

Sítio-cemitério (?) da fase Aristé, abaixo da cidade de Cunani, no topo de uma colina, no igarapé Holanda, próximo a sua desembocadura no rio Cunani. Embora com o nome de Renovado, é o mesmo sítio Monte Curu escavado por Goeldi, em 1895. Visitado e prospeccionado pelo sr. Newton Cardoso, foi registrado pelo casal Evans como A-19: Renovado. (Ibid.: 122);

AP-CA-11: Vila Cunani

Sítio-habitação da fase Aristé no centro da cidade de Cunani, no rio Cunani. Visitado pelo sr. Newton Cardoso, em 1949, o qual realizou um pequeno corte-experimental e coletou algumas peças de cerâmica. (Ibid.);

AP-CA-12: Ilha das Igaçabas

Sítio-cemitério da fase Aristé, localizado no igarapé Grande, um curso d'água com cerca de 30 km de comprimento e sem saída para o mar, entre o rio Cassiporé e a costa, a sudeste de Vila Velha. Escavado por Peter Hilbert, em 1953. (Cf. Hilbert, 1957: 14-18);

Área AP-JA (Rio Jari)

Evidências de sítios arqueológicos nessa área são fornecidas por Nimuendaju, o qual registrou os seguintes, embora sem precisar sua localização exata :

Novo Ano, Alto Alegre, Bom Destino, São João de Iratapuru e um sem nome, todos localizados ao longo do rio Iratapuru, o primeiro grande afluente da margem esquerda do rio Jari. Os sítios começam a aparecer cerca de 25 km da foz do Iratapuru, estendendo-se numa faixa de 10 km no sentido de rio acima, numa área de terras altas;

Uxy e Capoeira do Mestre Aprígio, ambos situados ao longo do igarapé Amazonas, um afluente da margem esquerda do rio Iratapuru. Todos pertencem à fase Mazagão, segundo Meggers & Evans, 1957. (Cf. Nimuendaju, 1927: 356-358 e mapa; Meggers & Evans, 1957: 68-69);

Área AP-MA (Macapá)

AP-MA-1: Matapi

Sítio-acampamento da fase Aristé, localizado nas cabeceiras do igarapé Inglês, um braço do alto rio Matapi, a cerca de 15 km ao sul de Porto Grande.

Pesquisado em 1948 por Meggers & Evans e registrado como A-13: Matapi. (Cf. Meggers & Evans, 1957: 118);

AP-MA-2: Macapá

Sítio-cemitério da fase Aristé, situado sob a atual Praça Barão do Rio Branco, na cidade de Macapá. Pesquisado pelo casal Evans, em 1948, e registrado como A-14: Macapá. (Ibid.);

Área AP-MZ (Mazagão)

AP-MZ-1: Ilha do Cunhaí

Sítio-cemitério da fase Maracá, pesquisado por Lima Guedes, em 1896. Está localizado num rochedo vertical de 300 m de comprimento por 8 m de altura na orla sudoeste da ilha, no igarapé Cunhaí, a 20 km ao norte de sua desembocadura pela margem esquerda do igarapé do Lago, no rio Maracá. (Cf. Lima Guedes, 1897: 51; Meggers & Evans, 1957: 75);

AP-MZ-2: Ilha da Fortaleza

Sítio-cemitério da fase Maracá, ocupando o topo de uma colina com cerca de 18 m de altura, numa ilha à margem direita do igarapé do Lago de Maracá, aproximadamente a uma milha à montante da foz do igarapé Branco. Já destruído em 1892 por "caçadores de tesouros", foi visitado e pesquisado por Lima Guedes em 1896. (Cf. Lima Guedes, 1897: 51-52; Meggers & Evans, 1957: 76);

AP-MZ-3: Ilha da Terra Preta

Sítio-cemitério da fase Maracá, comportando 3 cavernas — 2 do lado sul e uma do lado leste de um morro — numa ilha à margem direita do igarapé Rio Branco, o qual corre do sul para o igarapé do Lago do Maracá. Pesquisado em 1896 por Lima Guedes. (Cf. Lima Guedes, 1897: 52-53; Meggers & Evans, 1957: 75);

AP-MZ-4: Igarapé do Urubu

Provável sítio-habitação da fase Mazagão com inúmeros fragmentos de cerâmica, escavado por Lima Guedes em 1896. Localizado no igarapé do Urubu, o qual corre para sudeste, desaguando na mesma boca do rio Maracá. (Cf. Lima Guedes, 1897: 54-55; Meggers & Evans, 1957: 75);

AP-MZ-5: Flechal

Sítio-cemitério da fase Mazagão, com urnas enterradas, escavado por Lima Guedes em 1896. Localiza-se nas cabeceiras do igarapé Flechal, afluente do igarapé Ajudante, tributário do rio Mazagão. Compreende uma área de terras altas, nas proximidades do lago das Igaçabas. (Cf. Lima Guedes, 1897: 55; Meggers & Evans, 1957: 73);

AP-MZ-6: Ilha da Canoa

Sítio-cemitério da fase Mazagão escavado por Lima Guedes, em 1896. Está localizado numa "ilha" ou capão de mata, distante 2 km a sudeste do povoado de Santa Bárbara, à margem esquerda do igarapé do Lago, cerca de 5 milhas à montante de sua foz no rio Vilanova. (Cf. Lima Guedes, 1897: 55-56; Meggers & Evans, 1957:69);

AP-MZ-7: Ilha das Pombas

Provável sítio-habitação da fase Mazagão, localizado no igarapé do Lago, afluente da margem esquerda do rio Vilanova, a 1 km a leste do sítio AP-MZ-6: Ilha da Canoa. Escavado por Lima Guedes em 1896. (Ibid.);

AP-MZ-8: Ilha das Mutucas

Sítio-habitação da fase Mazagão numa "ilha" ou capão de mata, próximo ao sítio AP-MZ-7: Ilha das Pombas, na margem esquerda do igarapé do lago, no rio Vilanova. Escavado por Lima Guedes em 1896. (Cf. Lima Guedes, 1897: 57; Meggers & Evans, 1957: 69);

AP-MZ-9: Tabuleiro do Gentio

Sítio-habitação (?) da fase Mazagão localizado numa pequena elevação nos terrenos da fazenda "Raparigueira", à margem direita do igarapé do Lago, do rio Vilanova, do lado oposto ao povoado de Santa Bárbara. Visitado por Lima Guedes em 1896. (Ibid.);

AP-MZ-10: Campos da Rainha

Sítio-cemitério da fase Mazagão sobre uma colina com cerca de 70 m de altura, nas proximidades dos "campos da Rainha", entre o igarapé da Rainha e o da Barreira, na margem esquerda do rio Vilanova (ex-Anauerapucu). Escavado por Lima Guedes em 1896. (Cf. Lima Guedes, 1897: 58; Meggers & Evans, 1957: 70);

AP-MZ-11: Piçacá

Sítio-habitação da fase Mazagão na margem nordeste do rio Piçacá, 15 km rio acima a partir de sua foz no rio Vilanova. Compreende uma ligeira elevação com cacos de cerâmica dispersos numa área de cerca de 110 x 60m. Escavado pelo casal Evans, em 1948, e registrado como A-1: Piçacá. (Cf. Meggers & Evans, 1957:45);

AP-MZ-12: Lauro

Sítio-habitação da fase Mazagão, localizado a 2 km rio abaixo do sítio AP-MZ-11: Piçacá, na margem oposta. Mede cerca de 83 m de comprimento por 52 m de largura. Escavado pelo casal Evans, em 1948, e registrado como A-2: Lauro. (Ibid.: 45-48);

AP-MZ-13: Cemitério Piçacá

Sítio-cemitério da fase Mazagão, distando cerca de 25 m ao norte do sítio AP-MZ-11: Piçacá, em uma área plana à beira do barranco do rio. À época da pesquisa dos Evans, em 1948, o sítio estava a 4 m mais baixo que a colina do sítio AP-MZ-11. Registrado pelo casal Evans como A-3: Cemitério Piçacá. (Ibid.: 48-58);

AP-MZ-14: Valentim

Sítio-cemitério da fase Mazagão, em uma colina distante 2 km da margem nordeste do rio Piçacá e a 4 km acima de sua confluência com o rio Vilanova. Os fragmentos de cerâmica encontravam-se na borda norte do topo da colina, em uma área com cerca de 4 x 5 m. Escavado pelo casal Evans, em 1948 e registrado como A-4: Valentim. (Ibid.: 58-65);

AP-MZ-15: Cafezal

Sítio-habitação com dois componentes — fases Aruã e Mazagão —, no lado nordeste do rio Vilanova, cerca de 5 km acima da foz do rio Piçacá, sobre uma pequena elevação com, aproximadamente, 26 m de altura e afastada da margem do rio 2 km por terreno baixo e inundável. Pesquisado pelo casal Evans, em 1948, e registrado como A-5: Cafezal. (Ibid.: 37-38 e 65);

AP-MZ-16: Ilha das Igaçabas

Sítio-habitação da fase Mazagão, numa elevação de cerca de 30 m acima do nível do rio, distando aproximadamente 10 km a nordeste da fazenda Santa Maria, a qual está localizada a 8 km à montante da boca do igarapé do Lago do rio Vilanova. Noticiado por Lima Guedes em 1896 e pesquisado pelo casal Evans em 1948, e registrado como A-8: Ilha das Igaçabas. (Cf. Lima Guedes, 1897:57-58; Meggers & Evans, 1957: 66-67);

AP-MZ — Outros sítios sem localização exata:

Vila Nova da Rainha — nos afluentes do alto rio Vilanova, próximo ao sítio AP-MZ-1: Campos da Rainha. (Cf. Lima Guedes, 1897: mapa; Meggers & Evans, 1957:70);

Ponta (?) das Panelas — sítio-cemitério registrado por Farabee, em 1916, como situado numa península ou ponta que penetra no lago do rio Ajudante, um afluente oriental do rio Mazagão. (Cf. Farabee, 1916a *apud* Meggers & Evans, 1957: 74);

Igarapé do Lago — Sítio-cemitério citado por Farabee, em sua visita ao igarapé do lago do rio Maracá, consistindo em um abrigo-sob-rocha com pinturas rupestres nas paredes. (Ibid.: 76);

Área AP-OI (Rio Oiapoque)

AP-OI-1: Vila Velha

Sítio-cemitério da fase Aristé, localizado no limite urbano de Vila Velha, à margem norte do rio Cassiporé, em processo de destruição pela expansão da vila. Em 1935, o sr. Eurico Fernandes escavou uma urna, registrando e fotografando o achado. Em 1948 foi o sítio registrado pelo casal Evans como A-15: Vila Velha e, posteriormente, escavado por Hilbert, em 1953, em dois pontos: na parte mais afastada e não habitada da vila, e entre as casas mais próximas do rio. (Cf. Hilbert, 1957: 10-14; Meggers & Evans, 1957: 119-20);

AP-OI-2: Ilhas do Campo

Sítio-habitação da fase Aristé, com cerca de 30 m de diâmetro sobre ligeira elevação, em uma das "ilhas" de mata situada nas proximidades da ponta leste da península formada pelos rios Uaçá e Oiapoque. Visitado por Eurico Fernandes e registrado pelo casal Evans como A-16: Ilhas do Campo. (Cf. Meggers & Evans, 1957: 120-21);

AP-OI — Outros sítios sem localização exata :

Nimuendaju, entre 1923-25, visitou alguns sítios nessa área, coletando material — 4 sítios-cemitérios e 2 sítios-habitação — entre os cursos médio e superior do rio Uaçá, e 3 sítios-cemitérios no rio Aracauá (**Ulakté-Uni, Kaupi e Mawir-Mini**). (Cf. Linné, 1928a: mapa; Linné, 1928b: 72-75; Nimuendaju, s/d **apud** Meggers & Evans, 1957:125-27). A julgar pela cerâmica, são todos pertencentes à fase Aristé.

ESTADO DO AMAZONAS

Datam da 2ª metade do século XIX as primeiras referências sobre urnas, vasos e fragmentos de cerâmica encontrados em vários locais do Estado, especialmente na calha do rio Amazonas e baixo rio Negro, feitas por viajantes e naturalistas, como Castelnau, Marcoy, Keller-Leuzinger (Manaus) e Barbosa Rodrigues (Miracanguera, ilha dos Muras e Araçá), sem haver, contudo, preocupação em descrever os sítios com localização exata e dimensões.

Em nosso século, além de achados ocasionais de peças e fragmentos, destacam-se os achados de material arqueológico com a localização aproximada dos sítios, realizados por Curt Nimuendaju nos rios Amazonas, Madeira, Urubu e Anibá (1923-28) e por Wanda Hanke nos rios Amazonas, Japurá e Negro (1954-59). Porém, é a partir das pesquisas de Hilbert no médio Amazonas e Japurá (1955-59), as de Simões nos rios Amazonas e Negro (1968-9 e 1974) e a de Simões *et al.* no lago de Silves (1970), que iremos encontrar as primeiras descrições detalhadas de sítios arqueológicos (localização, forma, dimensões e ambiente), como também, após a pesquisa de Simões (1968), o emprego do

sistema de designação e cadastramento de sítios arqueológicos estabelecido pelo PRONAPA.

Somam-se ainda descrições de sítios isolados, como os de Frikel, Meggers & Evans (Ponta Negra — Manaus), Galvão & Oliveira (São João — rio Negro), Vanzolini (Pauini — rio Purus) e Winkler Pepe (arredores de Manacapuru).

Com base nos autores acima, são os seguintes os sítios cadastrados :

Área AM-AI (Santo Antônio do Içá)

AM-AI-1: Santa Luzia

Sítio-habitação com dois componentes (fases São Joaquim e Santa Luzia), localizado à margem esquerda do rio Solimões, a oeste da cidade de Santo Antônio do Içá, na foz do rio Içá. O sítio ocupa a parte alta do barranco do rio, na localidade conhecida como Santa Luzia. Pesquisado por Peter Hilbert em 1959. (Cf. Hilbert, 1968: 239-240);

AM-AI-2: São Joaquim

Sítio-habitação com dois componentes (fases São Joaquim e Santa Luzia), localizado à margem esquerda do rio Solimões, no lugar denominado São Joaquim, cerca de 3 km à jusante do sítio AM-AI-1: Santa Luzia. O sítio ocupa a parte alta do barranco, abrangendo área de aproximadamente 250 m de diâmetro. Altura do barranco em relação ao nível do rio acusou 50 m. Pesquisado por Hilbert em 1959. (Cf. Hilbert, 1968: 173-74);

Área AM-AN (Anori)

AM-AN-1: Acará

Sítio-habitação (?) da subtradição Guarita localizado à margem sudeste do lago Acará, na localidade conhecida como "Castanhais do Acará". O lago situa-se entre o grande lago de Badajós e a margem esquerda do rio Solimões. Prospeccionado por Hilbert em 1959. (Cf. Hilbert, 1968:151; Evans & Meggers, 1968: 98);

Área AM-CO (Coari)

AM-CO-1: Coari I

Sítio-habitação com dois componentes (fases Paredão e Guarita), localizado na área urbana da cidade de Coari, na margem direita do rio Solimões. O sítio compreende várias manchas de **terra preta** na parte sudoeste da cidade, especialmente entre a rua Dois de Dezembro e a margem do rio. Visitado por Wanda Hanke em 1954-5 e prospeccionado por Peter Hilbert em 1959. (Cf. Hanke, 1959: 49-50; Hilbert, 1968: 97 e 152);

AM-CO-2: Coari II

Sítio-habitação com dois componentes (fases Paredão e Guarita), localizado na extremidade sul da cidade de Coari, à margem direita do rio Solimões. O sítio estende-se por cerca de 0,5 ha próximo a uma olaria. Prospeccionado por Hilbert em 1959. (Cf. Hilbert, 1968 : 97-98 e 152);

AM-CO — Outros sítios sem localização exata :

Wanda Hanke cita várias localidades na área do Coari, onde coletou material arqueológico, tais como :

Mamiá — na margem do lago Mamiá, abaixo da cidade de Coari, na margem direita do Solimões;

Sacaí — um pequeno povoado próximo à cidade de Coari;

Jenipapo — local com algumas moradias próximo a um Igarapé. (Cf. Hanke, 1959: 44-49);

Área AM-CR (Careiro)

AM-CR-1: Cacaual

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada (subtradição Guarita), localizado na várzea da margem esquerda do igarapé do Caraipé, via de acesso ao lago de Janauacá, na margem direita do rio Solimões. O sítio ocupa área de cerca de 200 m de diâmetro, afastado da margem do rio 250 m, em área inundável nas cheias. Pesquisado por Mario F. Simões e Ana Lucia Machado em 1974. (Cf. Simões, 1974b);

AM-CR-2: Janauacá — colina C

Sítio-habitação com dois componentes (fases Paredão e Guarita) no topo de uma colina localizada à margem direita do rio Solimões, atualmente ocupada pela vila de Santa Terezinha de Janauacá. O sítio estende-se pelas imediações da capela ali existente, compreendendo área ligeiramente elíptica de cerca de 250 m de eixo maior e paralelo à margem do rio. A colina mede 36 m de altura em relação ao nível da várzea. Pesquisado por Simões & Machado em 1974. Este sítio e três outros próximos, ocupam a faixa de terras altas que separa o Solimões do igarapé do Caraipé, via de acesso ao lago de Janauacá, formando um conjunto de 4 colinas (A,B,C e D) que se alinham ao longo da margem direita do Solimões cerca de 1 km de extensão. (Ibid.);

AM-CR-3: Janauacá — colina A

Sítio-habitação com dois componentes (fases Paredão e Guarita) sobre a menor das colinas de Janauacá, chegando quase à margem do rio Solimões. O sítio ocupa a parte alta da colina, com cerca de 25 m de altura em relação ao nível da várzea, medindo 200 m de diâmetro. Pesquisado por Simões & Machado em 1974. (Ibid.);

AM-CR-4: Janauacá — colina B

Sítio-habitação com dois componentes (fases Paredão e Guarita) no topo de uma colina, cuja falésia chega próximo à margem do rio Solimões. O sítio mede cerca de 250 m de diâmetro e está a 30 m de altura acima da várzea. Pesquisado por Simões & Machado em 1974. (Ibid.);

AM-CR-5: Janauacá — colina D

Sítio-habitação com dois componentes (fases Paredão e Guarita) na parte alta da maior das colinas de Janauacá, separada da colina C (AM-CR-2) aproximadamente 500 m. O sítio, atualmente ocupado por uma propriedade rural particular, mede cerca de 250 m de diâmetro, estendendo-se para o flanco do Igarapé do Caraipé. Pesquisado por Simões & Machado em 1974. (Ibid.);

AM-CR-6: Divinópolis

Sítio-habitação com dois componentes (fases Paredão e Guarita), localizado na ilha do Careiro, a sudoeste de Manaus. O sítio ocupa uma pequena elevação com 2 m acima do nível da várzea entre o paraná do Miracauera (margem direita do paraná do Careiro) e o lago Jacaretinga, um pequeno lago de várzea. Pesquisado por Hilbert em 1959. (Cf. Hilbert, 1968:96-7);

Área AM-IG (Ilha Grande)

AM-IG-1: São João

Sítio-habitação de fase cerâmica da subtradição Guarita, localizado à margem direita do paraná São João, entre a margem direita do rio Negro e a ilha de São João, à jusante de Tapuruquara. O sítio ocupa a parte alta da terra firme na área atualmente formada pelo povoado de São João. De formato elipsoidal, com maior eixo medindo cerca de 200 m, paralelamente ao rio. Visitado por E. Galvão e A. de Oliveira em 1972. (Galvão & Oliveira, 1972: com. pessoal);

Área AM-IT (Itacoatiara)

AM-IT-1: Feitoria

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem direita do médio rio Sanabani, o qual desemboca no lago de Silves, no baixo rio Urubu. Ocupa área ligeiramente elíptica, com 125 m de eixo maior, paralelo à margem do rio, e 90 m de largura. Altura em relação ao nível do rio em malote (enchente) apresentou 5,50 m. Pesquisado por Simões *et al.* em 1970. (Cf. Simões, 1972);

AM-IT-2: Pau Rosa

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do médio rio Sanabani, junto à confluência do Igarapé Remígio, distando cerca de 500 m do sítio AM-IT-1: Feitoria. Ocupa a parte alta da terra

firme, cerca de 17m do nível do rio em maio (enchente), medindo 100 x 80 m, com eixo maior paralelo à margem do rio. Pesquisado por Simões *et al.* em 1970. (Ibid.);

AM-IT-3: Mandiocal

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do médio rio Sanabani, cerca de 3 km abaixo do sítio AM-IT-2: Pau Rosa. Ocupa o topo de uma colina com cerca de 22 m de altura em relação ao nível do rio em maio, abrangendo uma área de 120 x 100 m. Pesquisado por Simões *et al.* em 1970. (Ibid.);

AM-IT-4: Santa Rosa

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem direita do rio Sanabani, cerca de 2,5 km abaixo do sítio AM-IT-3: Mandiocal. Ocupa a parte de terra firme entre o rio, a mata e dois igarapés que o limitam a leste e oeste. Estende-se por uma área de 220 x 190 m e uma altura máxima em relação ao nível do rio em maio (enchente) de 2,35 m. Pesquisado por Simões *et al.* em 1970. (Ibid.);

AM-IT-5: Boa Esperança

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem direita do rio Sanabani, cerca de 1,5 km abaixo do sítio AM-IT-4: Santa Rosa. Ocupa área de terra firme com 120 x 90 m e altura máxima em relação ao nível do rio em maio de 5,60 m. Pesquisado por Simões *et al.* em 1970. (Ibid.);

AM-IT-6: Pontão

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado numa ponta de terra alta do lago de Silves, em frente à cidade do mesmo nome. O sítio ocupa área de 110 x 80 m e sua altura em relação ao nível do lago é de 7,75 m em maio. Pesquisado por Simões *et al.* em 1970. (Ibid.);

AM-IT-7: Santa Helena

Sítio-habitação de fase cerâmica ainda não denominada, localizado na parte alta e plana de uma ponta de terra firme que se projeta da margem do lago de Silves. O sítio ocupa área ligeiramente elíptica, medindo 250 x 100 m, e sua altura em relação ao nível do lago em maio alcançou 48,80 m. Pesquisado por Simões *et al.* em 1970. (Ibid.);

AM-IT-8: Mocajatuba

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado na parte sul da ilha de Silves, próximo à cidade homônima. Evidências arqueológicas espalhadas numa área de 500 x 200 m, ocupada por roças de mandioca, numa altura de cerca de 11 m em relação ao nível do lago em junho. Visitado por Nimuendaju no passado, com uma coleção de fragmentos de cerâmica deposi-

tada no Göteborg Museum. Pesquisado por Simões **et al.** em 1970. (Cf. Evans & Meggers, 1968:101; Simões, 1972);

AM-IT-9: Ponta Grossa

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado na parte alta de uma ponta de terra firme que se projeta da orla norte do lago de Silves, a leste do sítio AM-IT-7: Santa Helena. O sítio ocupa uma área de cerca de 350 x 200 m, com altura máxima de 23 m em relação ao nível do lago em junho. Pesquisado por Simões **et al.** em 1970.

Na parte baixa, junto à margem o lago, foi localizado em 1957 um cemitério da subtradição Guarita. (Cf. Simões, 1972);

AM-IT-10: Itapocu

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do baixo rio Urubu, no lago de Silves, sobre uma falésia com cerca de 45 m de altura em relação ao nível do rio em junho. O sítio ocupa área relativamente elíptica com 300 x 150 m, com o eixo maior paralelo à margem do rio. Pesquisado por Simões **et al.** em 1970. (Ibid.);



AM-IT-11: Outelro

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado na parte plana e alta da ilha de Silves, distante cerca de 2,5 km a sudoeste da cidade homônima. Ocupa área ligeiramente elíptica de 200 x 100 m, com altura de 50 m em relação ao nível do lago em junho. Pesquisado por Simões **et al.** em 1970. (Ibid.);

AM-IT-12: Taperebatuba

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do rio Urubu, no lago de Silves, distando cerca de 8 km à montante do sítio AM-IT-10: Itapocu. Ocupa área elíptica de cerca de 250 x 140 m, com eixo maior paralelo à margem do rio, e altura máxima de 4,5 m em relação ao nível do rio em junho. Pesquisado por Simões **et al.** em 1970. (Ibid.);

AM-IT-13: Saracá

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do rio Urubu, à montante do sítio AM-IT-12: Taperebatuba, numa pequena enseada próxima ao igarapé da Eva. Ocupa área ligeiramente elíptica, paralela ao curso do rio, medindo 200 x 120 m, com altura máxima de 4,5 m em relação ao nível do rio em junho. Pesquisado por Simões **et al.** em 1970. (Ibid.);

AM-IT-14: Itacoatiara

Sítio-habitação das fases Guarita e Itacoatiara, localizado na área urbana da cidade de Itacoatiara, na margem esquerda do rio Amazonas. O sítio

ocupa parte oeste da cidade, medindo cerca de 800 x 200 m, com eixo maior paralelo à margem do rio. Pesquisado por Hilbert em 1956. (Cf. Hilbert, 1959b: 370-71; *ibid.*, 1968: 207-10);

AM-IT — Outros sítios sem localização exata:

Curt Nimuendaju visitou e coletou material arqueológico em vários locais da área, depositando as respectivas coleções no Göteborg Museum :

Pontão — sítio a margem norte do lago de Silves, no baixo rio Urubu. Provavelmente o sítio AM-IT-6, a julgar pelo nome e a posição aproximada;

Tauaquera — na margem esquerda do rio Anibá, próximo a sua foz no rio Urubu;

Boca do Xavier — sítio no baixo rio Urubu. (Cf. Evans & Meggers, 1968: 102-3);

Área AM-JP (Rio Japurá)

AM-JP-1: Macupiri

Sítio-habitação da fase Japurá, localizado à margem direita do rio Japurá, cerca de 160 km abaixo do canal Ati. O sítio ocupa a parte superior de um barranco com cerca de 60 m de altura, medindo aproximadamente 2 ha. Pesquisado por Peter Hilbert em 1959. (Cf. Hilbert, 1968: 227);

AM-JP-2: Paraíso

Sítio-habitação da fase Japurá, localizado na várzea da margem direita do rio Japurá, abaixo do igarapé Mameloca. O sítio ocupa cerca de 0,5 ha de área, em cujo centro há uma casa sobre estacas. Pesquisado por Hilbert em 1959. (*Ibid.*: 227);

AM-JP-3: Mangueiras

Sítio-habitação da fase Japurá, localizado à margem esquerda do rio Japurá, cerca de 50 km abaixo da foz do rio Apapóris. O sítio ocupa a parte alta do barranco, com 2 m de altura em relação ao nível do rio na enchente, medindo cerca de 1 ha de área. Pesquisado por Hilbert em 1959. (*Ibid.*:225-26);

AM-JP — Outros possíveis sítios

Wanda Hanke cita algumas localidades no rio Japurá, nas quais coletou ou recebeu material arqueológico durante sua viagem nos anos de 1954-56, tais como :

Mameloca, Santo Antônio de Mameloca, rio Mameloca, Manguari, Mangueira (provavelmente o mesmo sítio AM-JP-3: Mangueiras, de Hilbert) e **São Salvador**. (Cf. Hanke, 1959: 51-60);

Área AM-JT (Rio Jutai)

AM-JT-1: Pirapitinga

Sítio-cemitério (?) da fase Pirapitinga, localizado à margem direita do igarapé Acuruí, cerca de 3 km à jusante da vila de Amaturá, na margem direita do rio Solimões. O sítio ocupa a parte alta do barranco do igarapé, cerca de 600m de sua margem. Pesquisado por Peter Hilbert em 1959. (Cf. Hilbert, 1968: 185-6);

Área AM-MA (Manaus)

AM-MA-1: Lajes

Sítio-habitação com três componentes (fases Paredão, Guarita e Itacoatiara) sobre a falésia da margem esquerda do rio Negro, na sua foz com o Amazonas. O sítio ocupa a parte superior da falésia, numa área de cerca de 200 m de diâmetro. Pesquisado por Mario F. Simões em 1968. (Cf. Simões, 1970b; *ibid.*, 1974a);

AM-MA-2: Ponta Negra

Sítio-habitação da fase Guarita, localizado no Km 7 da estrada Manaus-Ponta Negra, na barranca do rio Negro. O sítio foi cortado pela abertura da estrada e bastante perturbado por tratores. A área salvada, ainda com evidências e possibilidade de escavações, abrangia cerca de 150 m ao longo da barranca do rio e limitava-se pelo leito da rodovia. A falésia ou barranca do rio atingia a cota de 15 m em relação ao nível do rio em dezembro. Visitado por Evans & Meggers em 1966, Frikel em 1967 e escavado por Simões em dezembro de 1968. (Cf. Evans & Meggers, 1968: 102; Frikel, 1967: com. pessoal; Simões, 1970b; *ibid.*, 1974a);

AM-MA-3: Canteiro

Sítio-habitação com três componentes (fases Paredão, Guarita e Itacoatiara), localizado na ilha de Terra Nova, na confluência do rio Negro, já nas águas barrentas do Amazonas. O sítio ocupa a parte alta da ilha, na margem do lago Canteiro. Abrange área elíptica com 300 m de elxo maior. Altura máxima de 4 m acima no nível do lago, em dezembro. Visitado em 1966 por Mario Ypiranga Monteiro e pesquisado por Simões em 1968. (Cf. Simões, 1970b; *ibid.*, 1974a);

AM-MA-4: Siderama

Sítio-habitação com três componentes (fases Paredão, Guarita e Itacoatiara), localizado no alto da falésia à margem esquerda do rio Negro, na época ocupado pelas instalações da Cia. Siderúrgica da Amazônia (SIDERAMA). Bastante perturbado pelos tratores, a parte salvada abrangia área de cerca de 150 m ao longo do rio, por cerca de 75 m de largura. Altura da falésia atinge a cota de 75 m acima do nível da água em janeiro. Pesquisado por Mario F. Simões e Conceição G. Corrêa em 1969. (*Ibid.*);

AM-MA-5: Janauari

Sítio-habitação com três componentes (fases Paredão, Guarita e Itacoatiara), localizado na Colônia Agrícola Sto. Antônio de Janauari, na margem direita do baixo rio Negro, nas proximidades de sua foz no Amazonas. O sítio ocupa uma área de 200 x 60 m no topo plano de uma colina com cerca de 65 m de altura. Pesquisado por Simões & Corrêa em 1969. (Ibid.);

AM-MA-6: Jonasa

Sítio-habitação com três componentes (fases Paredão, Guarita e Itacoatiara), localizado na estrada Manaus-Ponta Negra, cerca de 4 km do sítio AM-MA-2: Ponta Negra. O sítio ocupa uma área de cerca de 250 m de diâmetro na parte alta da barranca do rio, distante 200 m da margem esquerda do rio Negro. Bastante perturbado por terraplenagem. Pesquisado por Simões & Corrêa em 1969. (Ibid.);

AM-MA-7: Colônia

Sítio-habitação com dois componentes (fases Guarita e Umari), localizado no Km 80 da rodovia Manaus-Itacoatiara, à margem esquerda do rio Preto-da-Eva, atualmente ocupado pela Colônia do Rio Preto, da Secretaria de Produção do Estado. Muito perturbado por tratores, apresenta área circular com cerca de 200 m de diâmetro e 15 m de altura em relação ao nível do rio em fevereiro. Pesquisado por Simões & Corrêa em 1969. (Ibid.);

AM-MA-8: Santa Luzia

Sítio-habitação com dois componentes (fases Guarita e Umari), localizado à margem esquerda do rio Preto-da-Eva, à jusante do sítio AM-MA-7: Colônia. Ocupa área circular de cerca de 150 m de diâmetro sobre a parte plana da barranca do rio, com cerca de 20 m de altura em relação ao nível do rio em fevereiro. Pesquisado por Simões & Corrêa em 1969. (Ibid.);

AM-MA-9: Santa Rosa

Sítio-habitação com dois componentes (fases Apuaú e Pajurá), localizado sobre a barranca da margem esquerda do rio Apuaú, em uma grande baía próxima a sua foz no rio Negro. O sítio estende-se por cerca de 500 m ao longo da baía, tendo por largura cerca de 400 m, com altura na barranca medindo 11 m em relação ao nível do rio em fevereiro. Pesquisado por Simões & Corrêa em 1969. (Ibid.);

AM-MA-10: Terra Preta

Sítio-habitação com dois componentes (fases Apuaú e Pajurá), localizado à margem esquerda do rio Apuaú, em uma grande enseada, à montante do sítio AM-MA-9: Santa Rosa. O sítio ocupa uma área de cerca de 100 m ao longo da barranca e 50 m de largura, sobre a parte plana da barranca com 15 m de altura em relação ao nível do rio em fevereiro. Pesquisado por Simões & Corrêa em 1969. (Ibid.);

AM-MA-11: São José

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem direita do rio Tarumã-Açu, numa grande enseada distante cerca de 3 km de sua foz no baixo rio Negro. O sítio ocupa a parte alta de uma colina com 18 m de altura em relação ao nível do rio em outubro, estendendo-se por uma área de, aproximadamente, de 200 m de diâmetro, afastada 50 m da borda do barranco. Pesquisado por Mario F. Simões e Ana Lucia Machado em 1974. (Cf. Simões, 1974b);

AM-MA-12: Tracuá

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do rio Puraquequara, na parte mais rasa e estreita do rio. Ocupa a parte alta da terra firme, distante 150 m da margem, estendendo-se por área com cerca de 200 m de maior eixo e 4 m de altura em relação ao nível do rio em outubro. Pesquisado por Simões & Machado em 1974. (Ibid.);

AM-MA-13: Cariri

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem direita do rio Cuieiras, numa pequena enseada denominada Macaco. O sítio ocupa a parte alta da barranca do rio, estendendo-se por uma área ligeiramente elíptica com 200 x 150 m, com o eixo maior paralelo à margem do rio, e uma altura da barranca de 8 m acima do leito do rio em outubro. Pesquisado por Simões et al. 1974. (Ibid.);

AM-MA-14: Tucunaré

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem direita do rio Cuieiras, à montante do sítio AM-MA-13: Cariri, nas proximidades do Igarapé Tucunaré. O sítio ocupa a parte alta da barranca do rio, com 11,20 m de altura em relação ao nível do rio em outubro, com área ligeiramente elíptica de 250 m de eixo maior, afastada cerca de 100 m da margem do rio. Pesquisado por Simões et al. 1974. (Ibid.);

AM-MA-15: Vila

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado sob uma falésia da margem esquerda do rio Cuieiras, numa enseada próxima a sua foz no rio Negro. O sítio ocupa a parte plana superior da falésia, com cerca de 27 m de altura em relação ao nível do rio em outubro, abrangendo área de aproximadamente 200 m de diâmetro. Pesquisado por Simões et al. 1974. (Ibid.);

AM-MA-16: Instituto Adventista

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado em terreno do Instituto Adventista Agro-Industrial, no Km 70 da estrada Manaus-Itacoatiara, cerca de 2 km da margem esquerda da rodovia (sentido Manaus-Itacoatiara). Bastante perturbado pelos trabalhos agrícolas e de difícil delimitação. Prospeccionado por Simões & Machado em 1974. (Ibid.);

AM-MA-17: Refinaria

Sítio-habitação com três componentes (fases Paredão, Guarita e Itacoatiara), localizado numa falésia com cerca de 60 m de altura em relação ao nível do rio Negro, à margem esquerda do baixo curso do rio, à jusante da cidade de Manaus. Destruído na época pelas obras de construção da Refinaria de Manaus, abrangia área de 200 a 300 m de diâmetro. Pesquisado por Peter Hilbert em 1955. (Cf. Hilbert, 1959:370-1; 1968:149-51);

AM-MA-18: Paredão

Sítio-habitação com dois componentes (fases Paredão e Guarita), localizado no topo de uma falésia com cerca de 50 m acima da margem esquerda do baixo rio Negro, à jusante do sítio AM-MA-17: Refinaria. O sítio ocupa uma área ligeiramente elíptica com aproximadamente 160 x 100 m inclinada em direção ao rio. Pesquisado por Hilbert em 1959. (Ibid., 1968:91-4);

AM-MA — Outros possíveis sítios:

Hilbert cita para a área outros sítios, baseado em informações :

Manaus — no local onde se construiu o edifício do IAPETEC, no qual foram coletadas algumas urnas da fase Paredão;

Base Naval — sítio com dois componentes (fases Paredão e Guarita), na margem esquerda do rio Negro, cerca de 5 km à jusante de Manaus. (Ibid.: 94-6);

Área AM-MP (Manacapuru)

AM-MP-1: Manacapuru

Sítio-habitação com dois componentes (fases Guarita e Manacapuru), localizado à margem esquerda do Solimões, cerca de 3 km a oeste da cidade de Manacapuru. O sítio ocupa grande mancha de terra preta, com cerca de 400 m de largura e 2 km de comprimento ao longo da margem do rio, sobre um barranco de 30 m de altura em relação ao nível do rio. Prospeccionado por Wanda Hanke em 1954-5 e pesquisado por Hilbert em 1959. (Cf. Hanke, 1959:37-43; Hilbert, 1968:122-4);

AM-MP-2: Capoeira dos Índios

Sítio-habitação (?) de provável fase Manacapuru, localizado na estrada Manacapuru-Cacau Pirera, cerca de 15 km do sítio AM-MP-1: Manacapuru. Pesquisado por Winkler Pepe em 1970. (Cf. Pepe, 1973:382);

Área AM-NH (Rio Nhamundá)

AM-NH-1: Varre-vento

Sítio-habitação da fase Konduri (?), localizado à margem esquerda do rio Daquari, cerca de 1,5 km da sua foz na margem direita do lago de Faro.

O sítio ocupa área de 500 x 300 m num roçado ligeiramente acima do nível das águas no período de enchente. Visitado por Peter Hilbert em 1952 e por este pesquisado em 1975. (Cf. Hilbert, 1955: 27 e mapa; 1975);

AM-NH-2: Serrinha

Sítio-habitação da fase Konduri (?), localizado no lago de Faro, cerca de 3 km a sudeste de uma serra de aproximadamente 50 m acima do nível das águas. O sítio ocupa extensa área da metade superior do declive da elevação. Registrado por Hilbert em 1952. (Cf. Hilbert, 1955:27 e mapa);

AM-NH-3: Serra do Matió

Sítio-habitação da fase Konduri (?), localizado na serra do Matió (serra do Matias), à margem direita do lago de Faro. O sítio compreende grande mancha de terra preta com cerca de 2 ha sobre a serra, e uma altura aproximada de 60 m sobre o nível do lago. Prospeccionado por Hilbert em 1952. (Ibid.);

AM-NH — Outros possíveis sítios

Peter Hilbert registra outros sítios na área por Informação de Protasio Frikel, tais como :

Barrigudo — na serra do Barrigudo, à margem direita do rio Praticu, na região de Faro;

Nova Olinda — margem direita do rio Praticu, entre as serras da Igaçaba e a do Barrigudo;

Igaçaba — serra da Igaçaba, à margem direita do rio Praticu;

Serra do Espelho — na chapada da serra do Espelho, à margem direita do lago de Faro;

Saratauacá — formado por duas manchas de terra preta à margem direita do lago de Faro;

Daquari I — margem direita do Igarapé Daquari, na margem direita do lago;

Daquari II — terra preta à margem direita do lago de Faro, na orla sudeste do lago Daquari. (Ibid.: 27-8 e mapa);

Área AM-PA (Pauini)

AM-PA-1: Pauini

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do rio Purus, sobre uma terra firme onde se encontra a vila de Pauini. O sítio ocupa a parte alta da terra firme, com cerca de 20 m acima do nível do rio no máximo da enchente, no caminho para o seringal Fortaleza. Visitado por P. E. Vanzolini em 1974. (Vanzolini, 1974: com. pessoal);

Área AM-PT (Parintins)

AM-PT-1: Santa Rita

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado no lago Valéria, na margem direita do rio Amazonas, cerca de 25 km à jusante da cidade de Parintins. O sítio ocupa área aproximada de 600 x 400 m, numa praça pública do povoado. Pesquisado por Hilbert em 1975. (Cf. Hilbert, 1975);

Área AM-TE (Tefé)

AM-TE-1: Caiambé

Sítio-habitação com dois componentes (fases Caiambé e Tefé), localizado sobre um barranco à margem direita do rio Solimões, na boca do lago Caiambé, à jusante da cidade de Tefé. O sítio estende-se paralelamente ao longo do rio, cerca de 200 m. Pesquisado por Hilbert em 1959. (Cf. Hilbert, 1962:471-2; 1968:136-7);

AM-TE-2: Tefé

Sítio-habitação com dois componentes (fases Caiambé e Tefé), localizado à margem direita do rio Solimões, a leste da cidade de Tefé. O material arqueológico ocorre em várias manchas de terra preta à margem direita do canal denominado **Boca do Tefé**, bem como na própria área da cidade de Tefé. Pesquisado por Hilbert em 1959. (Ibid., 1962:472-4; 1968:165-6);

AM-TE — Outros possíveis sítios:

Catuá — manchas de terra preta com material arqueológico às margens de um igarapé, nas proximidades do lago Catuá, na margem direita do rio Solimões, cerca de 90 km à jusante da cidade de Tefé. (Cf. Hilbert, 1968:152);

Nogueira — material arqueológico em mancha de terra preta na margem do lago Tefé, no lado oposto à cidade de Tefé. (Cf. Hanke, 1959:51).

ESTADO DO PARÁ

Da Amazônia Legal Brasileira, é o Pará a unidade federativa que maior número de sítios cadastrados apresenta, consequência da maior facilidade de acesso e, principalmente, pelo interesse despertado pelas cerâmicas de Marajó e Santarém. Desde o século XIX, quando se descobriu a cerâmica dos aterros de Marajó, passou essa ilha a polarizar a atenção de viajantes, jornalistas e naturalistas. Entre muitos que a visitaram e escavaram seus aterros, destacamos Couto de Magalhães, Ferreira Penna, J. B. Steere, O. Derby, Ladislau Netto, Farabee, Nimuendaju, Mordini e Heloisa Alberto Torres. Porém, é entre 1948-49 que receberia Marajó, como também Mexiana e Caviana, a primeira pesquisa arqueológica extensiva nos padrões modernos, cabendo a Clifford Evans e Betty J. Meggers o reconhecimento das várias fases arqueológicas

que haviam ocupado as ilhas, com a respectiva cronologia relativa dessas ocupações. Com a mesma metodologia, seguiram-se as pesquisas de Hilbert (1950-51), Figueiredo & Simões (1962 e 1964) e Simões (1965), resultando destas últimas as primeiras datações por C-14 para as fases Ananatuba e Marajoara.

Das outras áreas do Pará, merecem registro: a prospecção de Nimuendaju (1923-26) no baixo Amazonas, com a revelação das cerâmicas de Santarém e Konduri e a localização de inúmeros sítios em Santarém, Oriximiná, Monte Alegre, Óbidos, rios Tapajós, Trombetas, Arapiuns, baixo Xingu, Iriri e baixo Tocantins; a pesquisa de Hilbert (1952) em Oriximiná e proximidades; as prospecções de Frikel (1955-74) no alto Paru de Oeste (Tumucumaque), no médio Paru de Leste, rio Cururu e alto Itacaiúnas; as pesquisas de Simões & Corrêa (1968-77) no litoral do Salgado; a de Ulpiano B. Menezes, na área de Santarém e arredores (1972-73) e, mais recentemente, a de Hilbert (1975) na área de Nhamundá e Faro; Simões & Malerbi (1976) e Simões & Araujo Costa (1977) no baixo Tocantins; e Perota (1977) no baixo rio Xingu.

Com apoio nos autores acima e outras informações, apresentamos os seguintes sítios:

Área PA-AL (Altamira)

PA-AL-1: Km 100

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado no lote 12 da gleba 31, no Km 100 da rodovia Transamazônica. O sítio ocupa o topo de uma elevação coberta de mata, medindo 100 x 50 m. Visitado em 1973/74 por Nigel Smith e registrado por este como P12. Pesquisado por Celso Perota, em 1977. (Smith, 1973: corresp. pessoal; Perota, 1973:3);

PA-AL-2: Km 78

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado no lote 20 da gleba 24, cerca de 300 m de um pequeno Igarapé e a 20 m do travessão que separa as glebas 24/26, no Km 78 da rodovia Transamazônica. O sítio ocupa o alto de uma suave elevação, medindo 100 x 50 m. Pesquisado por Perota em 1977. (Cf. Perota, 1977:4);

PA-AL-3: Km 88

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado no lote 7 da gleba 27, no flanco esquerdo da rodovia Transamazônica, na altura do Km 88, no sentido Altamira - Itaituba. O sítio está a cerca de 50 m de um Igarapé, ocupando área de 200 x 100 m, em solo bastante perturbado por agricultura. Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.);

PA-AL-4: Km 81

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado no lote 4 da gleba 26, junto à confluência de dois pequenos Igarapés, cerca de 500 m

do flanco direito da rodovia Transamazônica, no sentido Altamira-Itaituba. Ocupa uma área de 150 x 150 m, em solo perturbado por agricultura diversificada. Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.);

PA-AL-5: Km 20

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado no lote 5 da gleba 5, no Km 20 da rodovia Transamazônica. O sítio ocupa área de 50 x 50 m, distando 500 m de um pequeno igarapé. Solo perturbado por agricultura. Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.: 5);

PA-AL-6: São Carlos

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do rio Xingu, cerca de 1500 m do aeroporto de Altamira. O sítio está a 10 m acima do nível da água do rio (em julho), medindo 500 x 100 m. Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.);

PA-AL-7: Missões

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do Xingu, cerca de 3 km do aeroporto de Altamira. Ocupa área de 200 x 100 m, estando a 7 m acima do nível da água do rio (julho). Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.);

PA-AL-8: Independência

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado a 10 m da margem esquerda do rio Xingu, cerca de 5 km de Porto Vitória, na localidade denominada Independência, Município de Porto de Mós. Área de 100 x 50 m em terreno cultivado com árvores frutíferas. Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.);

PA-AL-9: Primavera I

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado a 10 km da margem esquerda do Xingu, cerca de 1 km do sítio PA-AL-8 e a 5 km de Porto Vitória, na localidade de Primavera, Município de Porto de Mós. Ocupa área de 100 x 30 m. Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.);

PA-AL-10: Primavera II

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do rio Xingu, cerca de 100 m do sítio PA-AL-9. Ocupa área de 200 x 100 m, sobre uma elevação de 50 m acima do nível do rio (julho). Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.);

PA-AL-11: Areia Branca

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do Xingu, cerca de 8 km de Porto Vitória, na localidade de Areia

Branca, Município de Porto de Mós. Ocupa área de 50 x 50 m, numa elevação de 10 m acima do nível do rio (julho). Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.);

PA-AL-12: Boa Vista I

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do rio Xingu, na localidade denominada Boa Vista, Município de Porto de Mós. O sítio ocupa área de 100 x 60 m sobre um platô com 50 a 70 m acima do nível do rio (julho). Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.: 7);

PA-AL-13: Boa Vista II

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do rio Xingu, na localidade de Boa Vista, Município de Porto de Mós. O sítio está sobre um platô com 50 a 70 m acima do nível do rio (julho), próximo ao sítio PA-AL-12. Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.);

PA-AL-14: Cacarapi I

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do rio Xingu, na localidade de Cacarapi, no Município de Porto de Mós. O sítio ocupa o topo de uma elevação, nas proximidades de um igarapé, medindo 50 x 50 m. Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.);

PA-AL-15: Cacarapi II

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do rio Xingu, na localidade de Cacarapi, Município de Porto de Mós, distando cerca de 1 km do sítio PA-AL-14. Ocupa área de 50 x 30 m entre o rio Xingu e o igarapé de Cacarapi. Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.: 8);

PA-AL-16: Santo Antônio

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem direita do rio Xingu, no distrito de Santo Antônio, Município de Senador José Porfírio. O sítio fica próximo a um igarapé, sobre uma pequena elevação, medindo 300 x 100 m. Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.);

PA-AL-17: Criajó

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem direita do Xingu, na localidade denominada Criajó, distante 1 km da cidade de Senador José Porfírio. O sítio ocupa uma ponta rochosa entre duas enseadas, medindo 150 x 50 m. Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.);

PA-AL-18: Tamanduá

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado no rio Tamanduá, um braço de rio entre duas ilhas no rio Xingu, cerca de 10 km da

cidade de Senador José Porfírio. Ocupa área de 70 x 30 m, com camada de conchas fluviais. Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.);

PA-AL-19: Travessão dos Gatos

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do rio Xingu, cerca de 5 km acima da cidade de Altamira. Sítio com área de 100 x 100 m. Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.: 9);

PA-AL-20: Paredão Valha-me Deus

Sítio-cerimonial (?) de fase a ser designada, localizado à margem esquerda do rio Xingu, distando cerca de 1 km do sítio PA-AL-18, e a 5 m da margem do rio. Compreende um paredão de pedra formando um abrigo-sob-rocha, com petróglifos e pinturas rupestres exibindo motivos geométricos e zoomorfos. Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.);

PA-AL-21: Pedra do Navio

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado em Pedra do Navio, no Município de Altamira, cerca de 7 km à montante da cidade de Altamira. Área de 60 x 50 m sobre uma pequena elevação. Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.);

PA-AL-22: Maninho

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do Xingu, cerca de 12 km à montante de Altamira. Ocupa o topo de uma elevação com 6 a 8 m acima do nível do rio (julho), medindo 100 x 50 m. Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.: 10);

PA-AL-23: Morro do Quartel

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do rio Xingu, na localidade de São Sebastião, cerca de 2 km de Altamira. Ocupa a parte inferior do morro que deu nome à cidade (morro Alta Mira), medindo 80 x 50 m. Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.);

PA-AL-24: Barreirinha

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do rio Xingu, cerca de 3 km de Altamira, no mesmo morro que deu nome a cidade (morro de Alta Mira). Área de 100 x 50 m. Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.);

PA-AL-25: São Felix do Coqueiro

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do Xingu, na localidade de São Felix do Coqueiro, distando cerca de 7 km à jusante da cidade de Altamira. O sítio mede 100 x 50 m. Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.);

PA-AL-26: Bela Vista

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do Xingu, na localidade de Bela Vista, distando cerca de 8 km da cidade de Altamira. O sítio dista da margem do rio 30 m, medindo 150 x 50 m. Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.);

PA-AL-27: Gorgulho da Rita

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado na ponta de uma ilha a 15 km à montante de Altamira. Sítio muito erodido, com cerca de 100 x 50 m. Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.: 11);

PA-AL-28: Pau d'Arco I

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem direita do Xingu, na localidade de Pau d'Arco, distante cerca de 8 km de Altamira. Área de 500 x 100 m, em terreno perturbado por roças de mandioca. Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.);

PA-AL-29: Pau d'Arco II

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do Xingu, em frente ao sítio PA-AL-28. Sítio muito erodido, medindo cerca de 200 x 50 m, com material disperso pela superfície. Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.);

PA-AL-30: Seu Zeu

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado a 10 m da margem direita do rio Xingu, na localidade de "Seu Zeu", distante 3 km da cidade de Senador José Porfírio. Sítio de dimensões imprecisas, em terreno muito perturbado por roças de mandioca e árvores frutíferas. Pesquisado por Perota em 1977. (Ibid.);

PA-AL — Outros sítios sem localização exata

Nigel Smith, durante sua pesquisa sobre aspectos culturais e ecológicos da Rodovia Transamazônica, visitou e registrou os seguintes locais :

- P₁** — Mancha de terra preta no lote 16, gleba 25, km 80 do trecho Altamira-Itaituba;
- P₂** — Mancha de terra preta no lote 17, gleba 34, km 105 do trecho Altamira-Itaituba;
- P₃** — Mancha de terra preta com cerâmica no lote 20, gleba 24, km 80 do trecho Altamira-Itaituba;
- P₄** — Material de superfície no lote 7, gleba 27, km 88 do trecho Altamira-Itaituba;
- P₅** — Ocorrência de material arqueológico numa área de mais de 0,5 ha, no lote 21, gleba 27, km 90 do trecho Altamira-Itaituba;

- P₇** — Ocorrência de material arqueológico numa área de 0,5 ha do lote 6, gleba 3, km 18 do trecho Altamira-Marabá;
- P₁₁** — Mancha de terra preta com cerca de 1 ha no topo de uma colina atualmente ocupada por uma agrovila, na gleba 24/26, km 80 do trecho Altamira-Itaituba;
- P₁₃** — Antiga roça dos índios Araras, com cerca de 1 ha de área, no lote 20, gleba 24, km 78 do trecho Altamira-Itaituba;
- P₁₄** — Área baixa de terra firme com cerca de 0,5 ha, no lote 5, gleba 5, km 19 do trecho Altamira-Itaituba. (Smith, 1973: corresp. pessoal; De Boer et al., 1976:2-4);

Área PA-AM (Almerim)

PA-AM-1: Araipa

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem direita do médio rio Paru de Leste, em frente à foz do igarapé Anantu, na época ocupado por uma pequena aldeia de índios Apalaí e Wayâna. Área extensa, com polidores fixos nas pedras do porto e corredeira anexa. Prospeccionado por Protasio Friel em outubro de 1955. (Friel, 1968: com. pessoal);

PA-AM-2: Cotia

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do médio rio Paru de Leste, cerca de 2 horas de canoa à montante do sítio PA-AM-1: Araipa. Também ocupado na época por aldeia de índios Apalaí e Wayâna. Prospeccionado por Friel em outubro de 1955. (Ibid.);

PA-AM-3: Açai

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do médio rio Paru de Leste, cerca de 3 horas de canoa à montante do sítio PA-AM-2: Cotia. O sítio ocupa a parte alta do terreno entre a margem do rio e a parte inferior da serra Açai. Na época ocupado por uma aldeia Apalaí. Prospeccionado por Friel em outubro de 1955. (Ibid.);

PA-AM-4: Morro

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem direita do médio rio Paru de Leste, cerca de 12 horas de canoa à montante do sítio PA-AM-3: Açai. Sítio muito extenso, entre a margem do rio e um morro ali existente, havendo ainda alguns polidores fixos na margem do rio. Prospeccionado por Friel em outubro de 1955. (Ibid.);

PA-AM-5: Cachoeira Toré

Sítio com sinalizações rupestres localizado à margem direita do médio rio Paru de Leste, junto à cachoeira Toré. Grande lajedo com vários petróglifos. Visitado por Friel em 1955. (Ibid.);

Área PA-AT (Rios Araguaia-Tocantins)

PA-AT-1: Alto Bonito

Sítio-habitação da fase Itacaiúnas, localizado em um ponto elevado da margem esquerda do alto rio Itacaiúnas, abaixo do igarapé Tapirapé. Prospeccionado por Protasio Friel em 1963. (Cf. Figueiredo, 1965: 4);

PA-AT-2: Aldeia Velha do Caiteté

Sítio-habitação da fase Itacaiúnas, localizado a cerca de 400 m da margem esquerda do rio Caiteté, afluente do Itacaiúnas, em zona de terra preta à época ocupada pelas roças dos índios Kayapó-Xikrin. Prospeccionado por Friel em 1963. (Ibid.);

PA-AT-3: Aldeia Nova dos Xikrin

Sítio-habitação da fase Itacaiúnas, localizado numa elevação de terra preta na parte inferior do ângulo formado pela confluência do Caiteté com o Itacaiúnas, cerca de 100 m da margem do rio. Na época da visita o local estava ocupado por roças dos índios Kayapó-Xikrin. Prospeccionado por Friel em 1963. (Ibid.);

PA-AT-4: São José

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do rio Itacaiúnas, nas proximidades de sua foz no Tocantins, na cidade de Marabá. Compreende algumas manchas de terra preta descontínuas, abrangendo área de 324 x 95 m, sobre o barranco do rio. Pesquisado por Eneida Malerbi & Fernanda Araujo-Costa em 1976. (Cf. Simões, 1976);

PA-AT-5: Novilhas I

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado cerca de 13 km da cidade de Marabá pela rodovia Transamazônica, próximo ao Igarapé das Novilhas, margem esquerda do Tocantins. Ocupa área de 75 x 70 m, com altura do barranco a 26 m acima do nível do rio (junho). Pesquisado por Simões *et al.* em 1976. (Ibid.);

PA-AT-6: Novilhas II

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado na barranca da margem esquerda do rio Tocantins, cerca de 15 km pela rodovia Transamazônica, na fazenda do sr. João Queiroz. Muito perturbado pelo uso de trator, com evidências arqueológicas apenas em uma área de 15 x 15 m. Pesquisado por Simões *et al.* em 1976. (Ibid.);

PA-AT-7: Jabuti

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado no barranco da margem esquerda do Tocantins, na atual cidade de Itupiranga. O sítio es-

tende-se em uma faixa de terra preta paralela ao rio, com cerca de 200 m de comprimento por 50 de largura. Visitado por Nigel Smith em 1973, o qual designou o sítio como P8 e pesquisado em 1976 por Simões *et al.* (ibid.);

PA-AT-8: Tauari

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do rio Tocantins, entre Itupiranga e Ipixuna, no povoado de Santa Tezinhina do Tauari. O sítio ocupa a parte alta do barranco, com cerca de 13 m acima do nível do rio em junho, tendo por dimensões aproximadas 150 x 10 m, com o eixo maior paralelo ao rio. Pesquisado por Simões *et al.* em 1976. (ibid.);

PA-AT — Outros possíveis sítios sem localização precisa

Protasio Frikel visitou vários outros possíveis sítios, tais como:

Viraçãozinho — margem esquerda do Itacaiúnas, numa ponta de mata abaixo da cachoeira Grande, na foz do rio Vermelho;

Jacarezinho — margem do rio Itacaiúnas, acima do rio Vermelho;

Ilha das Cobras — entre as cachoeiras da Tartaruga e do Carrasco, no rio Itacaiúnas;

Boca do rio Preto — margem do Itacaiúnas, no ângulo formado pela confluência com o rio Preto;

Tapirapé — margem esquerda do rio Itacaiúnas, na foz do igarapé Tapirapé;

Caldeirão — ao lado da cachoeira Caldeirão, à margem direita do Itacaiúnas;

Encontro — margem esquerda do Itacaiúnas, onde se encontra a habitação do sr. Miguel Maranhão;

Carrasco — margem direita do Itacaiúnas. (Cf. Figueiredo, 1965: 3-4);

Área PA-BA (Baião)

PA-BA-1: Montanha

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado na barranca da margem direita do rio Tocantins, um pouco acima de Tucuruí, em terreno de um antigo posto do SPI. O sítio mede cerca de 130 x 50 m, com o eixo maior paralelo à margem do rio, estando a 32 m acima do nível do rio em julho. Pesquisado por Eneida Malerbi & Fernanda Araujo-Costa. em 1976. (Cf. Simões, 1976);

PA-BA-2: Nazaré

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado na barranca da margem direita do rio Tocantins, no atual povoado de Nazaré dos Patos. O sítio mede 200 x 70 m, com eixo maior paralelo à margem do rio, estando o barranco a cerca de 25 m do nível do rio em julho. Foi no passado escavado por Curt Nimuendaju e, posteriormente por **caçadores de tesouros**. Pesquisado por Malerbi & Araujo-Costa em 1976. (ibid.);

PA-BA-3: Bom Futuro

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado na barranca da margem direita do Tocantins, à montante da localidade de Nazaré dos Patos, no local onde se encontra instalado o hidrômetro do DNPVN. O barranco está a cerca de 25 m de altura em relação ao nível do rio em julho. Pesquisado por Malerbi & Araujo-Costa em 1976. (Ibid.);

PA-BA-4: Itapalúna

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem direita do rio Tocantins, à montante do sítio PA-BA-3, cerca de 5 minutos de lancha do porto da Eletronorte, em Tucuruí. O sítio ocupa área de 150 x 100 m, sobre o topo de uma elevação com 35 m acima do nível do rio (em novembro). Pesquisado por Simões *et al.* em 1977. (Cf. Simões, 1977: 5);

PA-BA-5: Mundurucu I

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem direita do Tocantins, à montante do sítio PA-BA-4 cerca de 5 minutos de lancha. O sítio ocupa um platô de 30 m de altura em relação ao nível do rio (em novembro), atualmente cortado por uma estrada carroçável, medindo 150 m de diâmetro. Pesquisado por Simões *et al.* em 1977. (Ibid.);

PA-BA-6: Mundurucu II

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem direita do Tocantins, cerca de 2 km à montante do sítio PA-BA-5. Compreende um platô com vegetação secundária com material cerâmico disperso numa área de 100 m de diâmetro. Pesquisado por Simões *et al.* em 1977. (Ibid.: 6);

PA-BA-7: Embaubal

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem direita do Tocantins, cerca de 10 minutos de lancha à montante do sítio PA-BA-6. Ocupa o topo de uma elevação à margem do rio com 20 m de altura em relação ao nível do rio (novembro), com área de 150 m de diâmetro. Pesquisado por Simões *et al.* em 1977. (Ibid.);

PA-BA-8: Cocal

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do rio Tocantins, em frente ao sítio PA-BA-7. Ocupa o topo de uma elevação que se prolonga para o interior, com altura máxima de 34 m acima do nível do rio (em novembro), medindo 200 x 150 m. Encontrado um sepultamento primário direto na área de ocupação. Pesquisado por Simões *et al.* em 1977. (Ibid.: 6-7);

PA-BA-9: Mangal I

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do Tocantins, à jusante da área urbana da cidade de Tucuçu. O sítio ocupa a parte alta de uma elevação com 22 m acima do nível do rio (em novembro), com várias residências e plantações. Pesquisado por Simões *et al.* em 1977. (Ibid.: 6-7);

PA-BA-10: Mangal II

Sítio-oficina de fase a ser designada, localizado na parte inferior da colina ocupada pelo sítio PA-BA-9, junto à margem do rio. Compreende uma área de 15 x 6 m, paralela ao curso do rio, elevando-se gradualmente até a cota de 8 m acima do nível do rio Tocantins (dezembro), com a presença de grandes blocos e grande quantidade de lascas, nódulos e núcleos de pedras. Pesquisado por Simões *et al.* em 1977. (Ibid.);

PA-BA-11: Km 28

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado no Km 28 da antiga ferrovia Jatobal-Tucuçu, à margem esquerda do rio Tocantins. O sítio ocupa área de 150 m de diâmetro, tendo sido cortado pelos trilhos da ferrovia. Grande parte de sua área foi perturbada por terraplenagem. Pesquisado por Simões *et al.* em 1977. (Ibid.: 7);

PA-BA-12: Boa Esperança

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado na altura do Km 27 da antiga ferrovia Jatobal-Tucuçu, distando da estrada carroçável cerca de 1,5 km, em terras da propriedade Boa Esperança, em local outrora habitado por índios Parakanân. O sítio ocupa parte da atual roça e parte da mata secundária periférica, com área de cerca de 150 m de diâmetro. Pesquisado por Simões *et al.* em 1977. (Ibid.);

PA-BA-13: Fazenda

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do rio Tocantins, um pouco acima do porto de lanchas da Eletronorte, em terras da Fazenda Reunidas SA. O sítio ocupa área de 200 m de diâmetro entre as cotas de 15 e 26 m de altura em relação ao nível do rio em dezembro. Pesquisado por Simões *et al.* em 1977. (Ibid.: 8);

PA-BA-14: Tauá

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem direita do rio Tocantins, à jusante de Tucuçu, no lugarejo denominado Tauá. O sítio ocupa o topo de uma grande elevação, com 60 m acima do leito do Igarapé Tauá (afluente do Tocantins), medindo 150 m de diâmetro, em zona de mata secundária e capoeira. Pesquisado por Simões *et al.* em 1977. (Ibid.);

PA-BA-15: Muru

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado entre os sítios PA-BA-14 e PA-BA-2, à margem direita do rio Tocantins. O sítio ocupa a parte alta de um platô com 25 m de altura acima do nível do rio em dezembro, com evidências dispersas numa área de 100 m de diâmetro. Pesquisado por Simões *et al.* em 1977. (Ibid.);

PA-BA-16: Jatobal

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado no povoado de Jatobal, à margem esquerda do Tocantins, um pouco acima das corredeiras. Ocupa a margem do rio, em local elevado, tendo sido cortado pelos trilhos da antiga ferrovia. Evidências numa área de 50 m de diâmetro. Pesquisado por Simões *et al.* em 1977. (Ibid.);

Área PA-CA (Ilha Caviana)

PA-CA-1: Teso das Igaçabas

Sítio-cemitério da fase Aruã, localizado a cerca de 1 km do litoral sudeste da ilha de Caviana, numa das regiões mais densamente povoada da ilha. Bastante perturbado, mede cerca de 40 m norte-sul por 100 m leste-oeste, com altura máxima em relação ao terreno de 0,60 m. Pesquisado por Evans & Meggers em 1948-49, e registrado como C-1: Teso das Igaçabas. (Cf. Meggers & Evans, 1957: 493-95);

PA-CA-2: Rebordelo

Sítio-cemitério da fase Aruã numa elevação natural na parte oriental da ilha, onde se encontrava ao tempo o povoado de Rebordelo. Considerado por Nimuendaju, que o escavou em 1923-25, o maior sítio-cemitério Aruã da ilha de Caviana. (Cf. Nimuendaju, ms. *apud* Meggers & Evans, 1957:524);

PA-CA-3: Porto Real

Sítio-habitação da fase Mangueiras, localizado na zona de mata da costa sul da ilha de Caviana, cerca de 4 km a nordeste das cabeceiras do igarapé Pocoató. Ocupa área quase circular, com cerca de 25 m de diâmetro, na borda sul de uma elevação natural. Pesquisado por Evans & Meggers em 1948-49, e registrado como C-3: Porto Real. (Cf. Meggers & Evans, 1957:201-2);

PA-CA-4: Teso dos Índios

Sítio-cemitério da fase Aruã, localizado próximo às cabeceiras do igarapé Pacajá, que deságua na costa sudeste da ilha de Caviana. Ocupa a extremidade sul de uma área de aclive suave, a qual se estende por cerca de um km para o norte. Logo ao sul encontra-se uma lagoa rasa e um braço do Igarapé a 300 m do sítio. No centro do sítio há uma enorme sumaumeira. Mede

cerca de 8 m de diâmetro. Pesquisado por Evans & Meggers em 1948-49, os quais o registraram como C-4: Teso dos Índios. Visitado e escavado anteriormente por Nimuendaju, em 1923-25, o qual o denominou de Teso da Sumaúma. (Cf. Nimuendaju, ms. **apud** Meggers & Evans, 1957:522-23; Nordenskiöld, 1930: pl. 22c);

PA-CA-5: Moreira

Sítio-habitação da fase Aruã localizado no barranco leste do rio Pacajá, cerca de 7 km à montante de sua foz, na ilha de Caviana. Ocupa uma área de mata com solo elevado levemente, medindo cerca de 12 m de diâmetro. Pesquisado por Evans & Meggers em 1948-49, e registrado como C-5: Moreira. (Cf. Meggers & Evans, 1957:458-59);

PA-CA-6: Croatasal

Sítio-habitação da fase Aruã, localizado num trecho de mata cerca de 250 m a oeste da margem do rio Pacajá, distando aproximadamente 1,5 km a oeste do sítio PA-CA-5: Moreira. O sítio ocupa uma ladeira natural medindo cerca de 75 m norte-sul e 15 m leste-oeste. Pesquisado por Evans & Meggers em 1948-49, e registrado como C-6: Croatasal. (Ibid.);

PA-CA-7: São Domingos

Sítio-habitação da fase Aruã a cerca de 250 m afastado da margem oeste do rio Pacajá, quase oposto ao sítio PA-CA-5: Moreira. Ocupa uma forte elevação natural do solo, com área ligeiramente elíptica de 20 x 7 m. Pesquisado por Evans & Meggers em 1948-49 e registrado como C-7: São Domingos. (Ibid.: 460-61);

PA-CA-8: Pacajá

Sítio-habitação da fase Aruã, localizado a leste do PA-CA-7: São Domingos, na margem do rio Pacajá, abrangendo área elíptica de 20 x 8 m. Visitado por Nimuendaju em 1924 e pesquisado por Evans & Meggers em 1948-49, sendo por estes registrado como C-8: Pacajá. (Cf. Nimuendaju, ms. **apud** Meggers & Evans, 1957: 522);

PA-CA-9: Frei João

Sítio-cemitério da fase Aruã, localizado quase no centro de um grande trecho de campo nas proximidades da parte norte do alto rio Apani. Muito perturbado e de difícil delimitação, ocupa uma área aproximadamente de 20 m de diâmetro. Pesquisado por Evans & Meggers em 1948-49 e registrado como C-9: Frei João. (Cf. Meggers & Evans, 1957:502-9);

PA-CA-10: São Bento

Sítio-habitação da fase Aruã na margem norte do igarapé Apani, e a sudeste da sede da Fazenda São Bento, e cerca de 4 km à jusante do PA-CA-9: Frei João. Estende-se por 75 m ao longo da margem do igarapé, na borda de um aclave natural de cerca de 1 m de altura. Pesquisado por Evans & Meggers em 1948-49 e registrado como C-10: São Bento. (Ibid.: 461-3);

PA-CA-11: Vaquejador de São Sebastião

Sítio-cemitério da fase Aruã, com cerca de 5 m de diâmetro, localizado na faixa de mata que atravessa o centro da ilha no sentido leste-oeste, do lado oriental de uma trilha de gado que liga os campos do sul com os do norte da ilha, distando cerca de 1,5 km do limite com os campos do sul. Pesquisado por Evans & Meggers em 1948-49. (Ibid.: 509-15);

PA-CA-12: Condino

Sítio-cemitério da fase Aruã, localizado a cerca de 500 m ao norte do sítio-PA-CA-11: Vaquejador de São Sebastião, distando 250 m a leste da trilha de gado que interliga os campos centrais da ilha. Ocupa área ligeiramente elíptica de 10 x 5 m sem quaisquer diferenças em elevação e vegetação com o meio circundante. Pesquisado por Evans & Meggers em 1948-49. (Ibid.: 515-19);

PA-CA-13: Alto Piratuba

Sítio-habitação da fase Aruã, localizado a cerca de 3 km da margem esquerda do ramo sul do rio Piratuba, um grande afluente da margem esquerda do rio Goiabal, na parte ocidental da ilha. O sítio ocupa área de 30 x 10 m na mata local. Pesquisado por Evans & Meggers em 1948-49 e registrado como C-13: Alto Piratuba. (Ibid.: 463-64);

PA-CA-14: Limãozinho

Sítio-habitação da fase Aruã, localizado numa elevação do barranco sul do igarapé Limãozinho, cerca de 500 m de sua foz no braço norte do rio Piratuba, ocupando uma área de 15 x 8 m. Pesquisado por Evans & Meggers em 1948-49 e registrado como C-14: Limãozinho. (Ibid.);

PA-CA-15: Patauí

Sítio-habitação da fase Aruã, localizado a cerca de 1 km a sudoeste do PA-CA-14: Limãozinho, na margem esquerda do igarapé Patauí, na parte ocidental da ilha. Pesquisado por Evans & Meggers em 1948-49. (Ibid.: 464-65);

PA-CA — Outros sítios sem localização precisa

Nimuendaju, entre 1923-25, escavou vários sítios da fase Aruã, sem contudo precisar sua localização exata, tais como :

Campo Redondo — Sítio-cemitério localizado em uma larga faixa de mata nas cabeceiras do rio Apani, no sudeste da ilha;

Esperança — Sítio-habitação (?) localizado na margem direita do rio Paricá, na parte sul da ilha;

Bacabal — Três sítios-cemitérios na zona de mata banhada pelo rio Pracutuba, na extremidade oriental da ilha. Os sítios ocupam elevações naturais e foram denominados Bacabal I, II e III;

Pesqueiro — sítio-habitação a 1 km a nordeste do sítio Bacabal I, no alto igarapé Pesqueiro;

Praíha — sítio-cemitério localizado numa elevação natural da área de Rebordelo, na época ocupado por um povoado;

Teso dos Índios — Sítio-cemitério localizado próximo à orla oeste de uma área florestada conhecida como “Teso dos Índios”, a qual se limita ao sul pelo rio Pacajá e a leste pelo rio Paricá, na parte sul da ilha. (Cf. Nimuendaju, ms. *apud* Meggers & Evans, 1957:521-24);

Área PA-CH (Serra do Cachimbo)

PA-CH-1: Missão

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado no barranco da margem direita do rio Cururu, afluente da margem direita do rio Tapajós, atualmente ocupado por uma aldeia de índios Mundurukú e pela Missão Franciscana do Cururu. O sítio mede cerca de 200 x 100 m, com eixo maior paralelo à margem do rio, e sua altura, em relação ao nível do rio, é de 5 a 6 m. Prospeccionado por Protasio Friel em 1973. (Cf. Friel, 1973; Hilbert, 1958);

PA-CH-2: Roça Velha

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado a cerca de 5 km ao sul da Missão Franciscana (sítio PA-CH-1: Missão), próximo a uma roça da Missão. Prospeccionado por Friel em 1973. (Ibid.);

PA-CH-3: Caroyal I

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do rio Cururu, cerca de 18 km da Missão, entre as roças da atual aldeia Caroyal dos índios Mudurukú. Prospeccionado por Friel em 1973. (Ibid.);

PA-CH-4: Caroyal II

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do rio Cururu, no topo de uma pequena elevação, cerca de 1 km do sítio PA-CH-3: Caroyal I. Prospeccionado por Friel em 1973. (Ibid.);

PA-CH-5: Caroyal III

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem de um pequeno igarapé, no rio Cururu, cerca de 5 km no rumo ESE da aldeia Caroyal. Conhecido localmente como **terra preta do Caroyal**. Prospeccionado por Friel em 1973. (Ibid.);

PA-CH-6: Morro I

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do rio Cururu, distando da aldeia Carçal cerca de 8 km. Ocupa uma pequena elevação que chega até o barranco do rio, na época acupada por uma pequena aldeia de índios Mundurukú (Aldeia do Morro). Prospeccionado por Frikel em 1973. (Ibid.);

PA-CH-7: Morro II

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado cerca de 1 km do sítio PA-CH-6: Morro I, num local de mata denominado pelos Mundurukú de **terra preta do morro**. Prospeccionado por Frikel em 1973. (Ibid.);

Área PA-GU (Gurupá)

PA-GU-1: Ilha do Pará

Sítio-cemitério da fase Mazagão, situado na ilha do Pará, em sua parte centro-sul. A ilha estende-se na costa do Amapá entre as fozes dos rios Maracá e Anauerapucu (Vilanova). Prospeccionado por Lima Guedes em 1896 e por Farabee, em 1916. O sítio mede cerca de 2 a 3 acres de extensão e a 2 pés de altura em relação ao nível geral da ilha. (Cf. Lima Guedes, 1897: 54; Farabee, 1921 *apud* Meggers & Evans, 1957: 71-3);

Área PA-IT (Itaituba)

PA-IT-1: Maloquinha

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado na margem esquerda do rio das Tropas, a 40 km de sua foz, no distrito de Jacareacanga, Município de Itaituba. Dista da margem do rio cerca de 70 m, ocupando área de 150 x 50 m, com altura máxima em relação ao nível do rio, aproximadamente, 5 m. Na época era ocupado por roças de um garimpo (Maloquinha). Prospeccionado por Galeão da Silva em 1966. (Cf. Silva, 1966: com. pessoal);

PA-IT — Outros sítios sem localização precisa

Nimuendaju assinala em seu mapa do baixo Amazonas inúmeros sítios localizados na margem direita do Amazonas, margem sul do lago Grande de Vila Franca e rio Arapiuns, em sua maioria da Cultura Santarém. (Cf. Nimuendaju, mapa *apud* Palmatary, 1960: mapa 3);

Área PA-JO (Joanes — Ilha de Marajó)

PA-JO-1: Pacoval

Sítio-cemitério da fase Marajoara, sendo o mais conhecido e visitado da ilha de Marajó, e há mais de 100 anos vem sendo continuamente explorado. Está situado na praia leste do lago Arari, logo acima da boca do igarapé das Almas. A primeira visita registrada é a de Couto de Magalhães, em 1865,

seguinte-se Hartt (1871), Steere, Derby e Ferreira Penna (1872) e Tocantins (1875). Em 1951, Hilbert escavou o sítio, encontrando-o muito erodido e com e refugio muito perturbado pelas constantes escavações anteriores. Em 1968, foi visitado pelos participantes do 2.º Seminário do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), constatando-se sua total destruição. (Cf. Hartt, 1871; Derby, 1879: 225-26; Ferreira Penna, 1879: 51-3; Tocantins, 1876: 55; Marajó, 1895: 87; Netto, 1885: 265-68; Idem, 1890: 202; Lange, 1914: 307-22; Sampaio, 1922: 849; Mordini, 1934a: 62-3, Idem, 1934b: 15 ss, 1947: 640; Meggers, 1948: 153-54; Hilbert, 1952. **Apud** Meggers & Evans, 1957: 309-15);

PA-JO-2/3: Aeroporto de Chaves

Sítio-habitação da fase Aruã, localizado na orla sudeste da cidade de Chaves, na costa norte da ilha de Marajó. Fica no aeroporto de Chaves, onde foram encontrados vasos de cerâmica com fragmentos de ossos numa profundidade de 25 cm. Fragmentos de cerâmica nas bordas norte e sul da pista de pouso, separadas por uma distância de cerca de 60 m e profundidades iguais, o que permite supor serem duas partes de um só sítio. Pesquisado por Meggers & Evans em 1948-49 e registrado como J-2/3. (Cf. Meggers & Evans, 1957: 242-44);

PA-JO-4: Mucajá

Sítio-habitação da fase Formiga, formado por 2 aterros grandes e 4 pequenos distribuídos sobre uma área de 150 x 150 m em uma clareira natural, na orla da mata costeira, e nas proximidades dos braços superiores do Igarapé Aturá-Mirim. Dista cerca de 5 km terra adentro a partir da cidade de Chaves, na costa norte da ilha, e a 1 km no rumo leste do lago Arapapá. Pesquisado por Meggers & Evans em 1948-49 e registrado como J-4: Mucajá. (Ibid.: 222-24);

PA-JO-5: Croari

Sítio-habitação da fase Mangueiras, localizado numa grande clareira natural a cerca de 3 km da foz do rio Croari, na margem norte de um pequeno tributário e a curta distância de sua desembocadura no rio Principal. Pesquisado por Meggers & Evans em 1948-49 e registrado como J-5: Croari. (Ibid.: 194-98);

PA-JO-6: Formiga

Sítio-habitação da fase Formiga, composto por 3 pequenos aterros num trecho no campo com capões de mata, distando cerca de 4 km a sudeste do sítio PA-JO-7: Cipó. Um pequeno igarapé que atravessa o campo passa ao longo da borda norte do sítio. Pesquisado por Meggers & Evans em 1948-49 e registrado como J-6: Formiga. (Ibid.: 224-26);

PA-JO-7: Cipó

Sítio-habitação das fases Ananatuba e Mangueiras, localizado à margem direita do igarapé Tapera, cerca de 10 km terra a dentro da costa norte da ilha, formado por 2 aterros circulares separados entre si 4 m, ocupando área de 70 m de comprimento por 25 de largura. Pesquisado por Meggers & Evans em 1948-49, e registrado como J-7: Cipó. (Ibid.: 174-76 e 198);

PA-JO-8: Maguari

Sítio-habitação da fase Ananatuba, distando 3,5 km a sudoeste do sítio PA-JO-7: Cipó, numa **ilha de mata** de cerca de 100 m de diâmetro, circundado por campo aberto. Pesquisado por Meggers & Evans em 1948-49 e registrado como J-8: Maguari. (Ibid.: 177);

PA-JO-9: Ananatuba

Sítio-habitação da fase Ananatuba (sítio-tipo), de forma quase circular, com cerca de 20 m de diâmetro, localizado em um trecho de mata que tem início a 1 km a nordeste do sítio PA-JO-8: Maguari. Pesquisado por Meggers & Evans em 1948-49 e registrado como J-9: Ananatuba. (Ibid.: 177-78);

PA-JO-10: Sororoco

Sítio-habitação da fase Ananatuba, localizado a 500 m ao norte do sítio PA-JO-9, consistindo em uma pequena elevação com 50 m na direção norte-sul e 10 m na de leste-oeste. Pesquisado por Meggers & Evans em 1948-49 e registrado como J-10: Sororoco. (Ibid.: 178-79);

PA-JO-11: Carmo

Sítio-habitação da fase Aruã, localizado na boca do igarapé do Carmo, um pequeno curso d'água que desemboca na costa norte da Ilha, a poucos quilômetros a leste da cidade de Chaves. Pesquisado por Meggers & Evans em 1948-49 e registrado como J-11: Carmo. (Ibid.: 244-45);

PA-JO-12: Jurupucu

Sítio-habitação (?) da fase Acauã, totalmente erodido e coberto pelo rio Jurupucu, um curso d'água que corre para oeste e paralelamente à costa norte da ilha, alguns quilômetros terra adentro. O material coletado no leito do rio por Rodolfo Chermont Jr. foi analisado por Meggers & Evans em 1948-49 e o sítio registrado como J-12: Jurupucu. (Ibid.: 436-39);

PA-JO-13: Bacuri

Sítio-habitação da fase Mangueiras, de forma elíptica medindo 100 m na direção leste-oeste e 30 m na de norte-sul, à margem esquerda do Igarapé Bacuri, cerca de 3 km de sua foz no Amazonas, na costa norte de Marajó, no lado oposto à ponta oeste da Ilha de Mexilana. Pesquisado por Meggers & Evans em 1948-49 e registrado como J-13: Bacuri. (Ibid.: 199);

PA-JO-14: Monte Carmelo

Sítio da fase Maraçoara, compreendendo 3 aterros localizados no alto curso do rio Anajás, na parte central de Marajó:

Aterro 1: Guajará — aterro-cemitério na margem esquerda do Anajás, medindo 121 x 56 m e 6,5 m de altura em relação ao nível do rio na época;

Aterro 2: Monte Carmelo — aterro-cemitério a leste do aterro 1, na mesma margem do rio, medindo 85 m na direção leste-oeste e 40 a 48 na de norte-sul. Altura máxima em relação ao rio de 2 m;

Aterro 3: Bacatal — aterro-habitação na margem direita do rio Anajás, a 150 m do aterro 1, medindo 75 m no sentido leste-oeste e 65 no de norte-sul.

Visitado por Steere em 1879, e por Desmond Holdridge, em 1931, tendo este último escavado um dos aterros. Pesquisado por Meggers & Evans em 1948-49 e designado como J-14: Monte Carmelo. (Cf. Steere, 1927: 23; Holdridge, 1939: 72; Meggers & Evans, 1957: 259-79);

PA-JO-15: Camutins

Sítio da fase Marajoara, compreendendo um grupo de 37 aterros ao longo do igarapé Camutins, um tributário do alto rio Anajás. Na estação chuvosa são alcançados apenas por barco, uma vez que os aterros ficam totalmente cercados por água.

Aterro 1: Camutins — Aterro-cemitério na margem esquerda do igarapé, medindo cerca de 255 m de comprimento, 30 m de largura e altura máxima de 10 m acima do nível das águas;

Aterro 2 — Aterro-habitação na margem esquerda do igarapé, distando cerca de 2 km acima do aterro 1. Mede 50 x 5 m e 0,75m de altura em relação ao nível do igarapé;

Aterro 3 — Aterro-habitação a 75 m rio acima do aterro 2, na margem esquerda do igarapé. Mede 32 x 8 m e 3 m de altura em relação ao igarapé;

Aterro 4: Sacrário — Aterro-habitação na margem esquerda, distando 20 m a montante do aterro 3. Mede cerca de 100 m de comprimento e varia de 5 a 8 m de largura. Altura média é de 1,50 m acima do nível da água;

Aterro 5: Sacacão — Aterro-habitação na margem direita do igarapé, medindo cerca de 45 x 8 m e altura de 1,50 m acima do nível da água;

Aterro 6 — Aterro-habitação na margem esquerda do igarapé, 8 m acima do aterro 4. Mede cerca de 61 m de comprimento e 8 a 11 m de largura, com altura máxima de 6,5 m acima do nível da água;

Aterro 7: São Bento — Aterro-habitação na margem esquerda do igarapé, medindo 60 x 15 m e altura máxima de 4 m;

Aterro 8 — Aterro-habitação na margem esquerda, cerca de 40 m à montante do aterro 7. Mede 45 x 10 a 12 m e 3 a 4 m de altura;

Aterro 9 — Aterro-habitação na margem esquerda, cerca de 30 m acima do aterro 8. Mede 20 x 10 m e atinge 5 m acima do nível da água;

Aterro 10 — Aterro-habitação na margem esquerda, coberto de mata, distando cerca de 25 m do aterro 9. Mede 30 x 15 m e alcança 3,75 m de altura em relação ao nível do igarapé;

Aterro 11 — Aterro-habitação na margem esquerda, cerca de 75 m à montante do aterro 10. Mede 18 x 14 m e atinge 1,75 m acima do nível do igarapé;

Aterro 12: Carmo — Aterro-habitação cerca de 2 km à montante do aterro 11, na mesma margem do igarapé. De forma circular, com 12 m de diâmetro e 1,25 m de altura máxima;

Aterro 13 — Aterro-habitação na margem esquerda, numa curva do igarapé, cerca de 25 m acima do aterro 12. Mede 18 x 10 m e altura máxima de 1,5 m acima da água do igarapé;

Aterro 14: Inajasal — Aterro-habitação na margem esquerda do igarapé, distando 1 km a leste do aterro 13. É o maior aterro-habitação do grupo Camutins, medindo 51 m de comprimento e 25 a 35 m de largura, com altura acima de 6 m ao longo de sua parte mais alta;

Aterro 15 — Aterro-habitação na margem esquerda do igarapé, cerca de 300 m acima do aterro 14. É o aterro mais ao norte dessa parte do igarapé Camutins pesquisada por Meggers & Evans, em 1948-49. Mede 30 x 11 m e atinge 4,5 m de altura máxima;

Aterro 16: Tesinho — Aterro-habitação na margem esquerda do Igarapé, cerca de 250 m abaixo do aterro 1. Ocupa uma extensão de 140 x 16 m, com altura máxima de 3,20 m acima do nível do igarapé;

Aterro 17: Belém — Aterro-cemitério na margem direita do igarapé, em posição quase oposta ao aterro 1: Camutins. Mede 250 x 59 m e altura de 6,40 m acima do nível da água;

Aterro 18: Arraial — Aterro-habitação na margem direita do igarapé, distando cerca de 7 m do aterro 17: Belém. Circular com 68 m de diâmetro e uma altura máxima de 3,20 m;

Aterro 19 — Aterro-habitação na margem esquerda do igarapé, distando cerca de 100 m do aterro 14: Inajasal. Circular com 25 m de diâmetro e cerca de 0,75 m de altura em relação ao nível da água;

Aterro 20 — Aterro-habitação muito erodido à margem esquerda do igarapé, entre os aterros 11 e 12. Área de 5 x 2 m e altura de 0,50 m em relação ao nível do igarapé.

Os aterros dos Camutins foram conhecidos por Von Martius (1867), Ferreira Penna (1870), Derby (1876), tendo escavado o aterro 1: Camutins, Farabee (1916), o qual escavou os aterros 17 e 18. Sandoval Lage, na década dos 40 visitou os Camutins, sendo o primeiro a reconhecer a extensão do sítio, notificando que o número de aterros excedia a 40. Chamou a atenção para os aterros de um tributário do alto Camutins, na fazenda São Marcos. Em 1948-49 foi a área pesquisada e escavada pelo casal Evans, registrando 20 aterros. Em janeiro de 1950, Hilbert registrou mais 17 aterros entre o aterro 15 (mais ao norte) e as cabeceiras do Camutins, dos quais 3 são aterros-cemitérios. (Cf. Derby, 1879: 226; Farabee, 1916b, 1921: 145-46; Hartt, 1885: 23-5; Hilbert, 1952: 10-15; Lage, 1944: 215-19; Marajó, 1895: 88; Martius, 1867: 178; Meggers & Evans, 1957: 279-301; Palmatary, 1950: 272, 275-77);

PA-JO-16: Canivete

Sítio-habitação da fase Mangueiras, praticamente no centro da ilha de Marajó, cerca de 250 m da margem norte do igarapé Nerá, um pequeno tributário do alto rio Anajás, no limite entre a floresta e o campo. O sítio compreende duas áreas próximas, sendo uma, a principal, com 70 m de diâmetro, enquanto a outra, alongada, mede 10 x 15 m, com altura máxíma em relação ao nível da água de 1,0 m. Pesquisado por Meggers & Evans em 1948-49. (Cf. Meggers & Evans, 1957: 200-01);

PA-JO-17: Flor do Anajás

Sítio-habitação da fase Mangueiras sob a atual vila de Flor do Anajás. Está situado na barranca oeste do rio Arari, a 80 m ao norte de sua junção com o Anajás-Mirim. Evidências numa área de 150 m ao longo da margem e 30 a 50 m de largura, a partir da barranca do rio, cuja altura em relação ao nível da água é de 2,5 m. Pesquisado por Hilbert em 1950. (Ibid.: 203);

PA-JO-18: Coroca

Sítio-habitação da fase Formiga, localizado na margem direita do rio Arari, próximo à foz do Anajasinho. Compreende um teso baixo, com algumas árvores, medindo 25 m na direção norte-sul e 4 a 8 m no de leste-oeste. Pesquisado por Hilbert em 1950. (Ibid.: 226-27);

PA-JO-19

Sítio-habitação da fase Ananatuba, localizado a 2 km terra adentro, a partir da margem esquerda do rio Anajás-Mirim, a 4 km de sua junção com o rio Arari. Pesquisado por Hilbert em 1950. (Ibid.: 179);

PA-JO-20

Sítio-habitação da fase Ananatuba, localizado no alto rio Cumutins, um pouco acima do último aterro do grupo Camutins (PA-JO-15), da fase Marajoara. Pesquisado por Hilbert em 1950. (Ibid.);

PA-JO-21: Aterro dos Bichos

Sítio-cerimonial da fase Marajoara localizado à margem direita do igarapé dos Bichos, um pequeno tributário pela margem esquerda do rio Goiapi, afluente da margem esquerda do rio Arari. O aterro é de forma alongada, paralela ao Igarapé, medindo em sua base 150 x 70 m, a parte superior, em forma de plataforma, é ligeiramente menor, apresentando 105 x 50 m, e uma altura máxima de 4 m em relação ao nível do Igarapé (estação seca). Foi escavado por Steere em 1871 e, posteriormente, por Figueiredo & Simões, em 1962 e Corrêa, Figueiredo & Simões, em 1964. (Cf. Steere, 1927: 22-3; Meggers, 1947; Palmatary, 1950: 271; Meggers & Evans, 1957: 306-7; Figueiredo & Simões, 1963: 456-62; Simões, 1967b: 219-22);

PA-JO-22: Salitre

Sítio-habitação da fase Marajoara próximo à margem direita do igarapé das Cabeceiras, o qual, na estação chuvosa, se liga ao rio Camará. De forma alongada, apresentando a base do aterro 140 x 30 m, enquanto a parte superior, bem menor, alcança 25 x 16 m e altura máxima em relação ao terreno envolvente, cerca de 3 m. Pesquisado por Figueiredo & Simões em 1962. (Cf. Figueiredo & Simões, 1963: 462-63; Simões, 1967b: 219-22);

PA-JO-23: Ilha da Ponta

Sítio-cemitério da fase Marajoara, nas proximidades da margem direita do igarapé da ilha do Fogo, um pequeno tributário da margem esquerda do rio Goiapi. Mede cerca de 200 x 50 m, totalmente coberto por vegetação arbustiva e arbórea, com altura máxima em relação ao campo envolvente de 1,50 m. Pesquisado por Figueiredo em 1963 e por Simões em 1965. (Cf. Figueiredo, 1963; Simões, 1965 e 1967b: 219-22);

PA-JO-24: Ilha do Marco

Sítio-habitação da fase Marajoara à margem esquerda do igarapé das Cabecelas, um tributário de "inverno" do rio Camará. O sítio ocupa a parte norte da ilha, numa área de cerca de 300 m² e uma altura máxima de 1,10 m, em relação ao nível do igarapé na estação seca. Pesquisado por Figueiredo em 1963. (Cf. Figueiredo, 1963; Simões, 1967b: 219-22);

PA-JO-25: Santa Luzia

Grupo de dois aterros às margens do rio Goiapi, distando do sítio PA-JO-21: Aterro dos Bichos cerca de 1 km no rumo oeste.

Aterro 1: Santa Luzia — aterro-habitação da fase Marajoara, à margem esquerda do rio Goiapi, medindo cerca de 10 x 10 m e altura máxima em relação ao rio de 1,5 m;

Aterro 2: Barro Alto — aterro-habitação da fase Marajoara, à margem direita do rio Goiapi, defronte ao aterro 1. Mede cerca de 35 x 21 m e altura máxima de 2,5 m em relação ao campo. Pesquisados por Figueiredo & Simões em 1962. (Cf. Figueiredo & Simões, 1963: 463; Simões, 1967b: 219-22);

PA-JO-26: Castanheira

Sítio-habitação das fases Ananatuba e Mangueiras, localizado à foz do igarapé da Castanheira, afluente pela margem direita do rio Camará. Dista cerca de 200 m do campo pelo sul e 120 m do rio Camará pelo norte. Incrustado na mata ciliar que acompanha o curso do rio Camará, é totalmente circundado pelo leito do igarapé. Tem formato ligeiramente elíptico, com eixo maior medindo 85,50 m e altura máxima de 1,80 m em relação ao nível do igarapé na estação seca. Pesquisado por J.C. Cardoso em 1965. (Cf. Simões, 1967b: 219-22; idem, 1969);

PA-JO-27: Ilha da Casinha

Sítio-habitação da fase Marajoara, localizado cerca de 500 m no rumo oeste da sede da Fazenda Maria Pana. Ocupa parte de um grande tesó florestado, com cerca de 700 m de comprimento por 200 m de largura e altura máxima de 1,50 m em relação ao nível do campo. O tesó é limitado ao norte por uma baixa, a NE pelo igarapé da Casinha, e a E e SE por outra baixa. O sítio ocupa a parte mais alta do tesó, medindo cerca de 50 m de diâmetro. Pesquisado por Simões em 1965. (Cf. Simões, 1965; idem, 1967b: 219-22);

PA-JO-28: Ilha do Fogo

Sítio-cemitério da fase Marajoara às margens do igarapé da Ilha do Fogo, um tributário do alto rio Golapi. O sítio compreende um aterro com 98 m de comprimento no sentido E - W e 45 m no de N - S, com altura máxima em relação ao campo de 1,15 m. Pesquisado por Simões em 1965. (Ibid.);

PA-JO-29: Campo I

Sítio-habitação da fase Formiga na zona de campo entre a ilha do Meio e o retiro da Ilha do Fogo, distando daquela 500 m. É de formato elíptico, medindo 48 x 32 m, e altura máxima em relação ao campo de 0,55 m. Pesquisado por Simões em 1965. (Ibid.);

PA-JO-30: Campo II

Sítio-habitação da fase Formiga na zona de campo entre o Retiro da Ilha do Fogo e a ilha do Meio, distando daquela cerca de 400 m. De formato ligeiramente elíptico, mede 47 x 23 m, com altura máxima de 0,68 m. Pesquisado por Simões em 1965. (Ibid.);

PA-JO-31: Campo III

Sítio-habitação da fase Formiga, na zona de campo entre o Retiro da Ilha do Fogo e a ilha do Meio, distando do PA-JO-30 cerca de 300 m a leste. Tem formato elíptico, medindo 78 x 28 m, com altura máxima de 0,48 m. Pesquisado por Simões em 1965. (Ibid.);

PA-JO-32: Campo IV

Sítio-habitação da fase Formiga na zona de campo entre a ilha do Meio e o Retiro da Ilha do Fogo, localizado entre os sítios PA-JO-30 e PA-JO-31, distando deste cerca de 100 m. É de forma alongada, medindo 52 m de comprimento por 21 m de largura, com altura máxima em relação ao campo de 0,52 m. Pesquisado por Simões em 1965. (Ibid.);

PA-JO-33: São Leão

Sítio-habitação da fase Formiga localizado nas proximidades das cabeceiras do rio Camará, distante do sítio PA-JO-23: Ilha da Ponta cerca de 3 km. É de formato alongado, medindo cerca de 95 x 45 m, e altura máxima em relação ao campo de 0,96 m. Pesquisado por Simões em 1965. (Ibid.);

PA-JO-34: Gentio

Grupo de dois aterros da fase Marajoara no curso médio do rio Goiapi, com as seguintes características :

Aterro I — Gentio — Aterro-cemitério à margem esquerda do rio, nas proximidades do Retiro Enseada. De formato arredondado, quase cônico, com cerca de 40 m de diâmetro e altura máxima de 2,30 m. Pesquisado por Simões em 1965;

Aterro 2: Guariba — Aterro-habitação localizado numa ilhota junto à margem direita do rio Goiapi, defronte ao aterro 1. Bastante erodido, mede atualmente 10,6 x 7,5 m, com altura máxima em relação ao rio de 2,52 m. Pesquisado por Simões em 1965. (Ibid.);

PA-JO-35: Parapará

Grupo de 4 aterros da fase Marajoara, localizado no igarapé Parapará, um pequeno afluente do alto rio Goiapi pela margem direita. Dois destes foram pesquisados por Simões em 1965:

Aterro 1 — Aterro-habitação bastante erodido, de formato circular, com cerca de 40 m de diâmetro e 2,50 m de altura máxima em relação ao campo;

Aterro 2 — Aterro-habitação, também muito erodido, de formato alongado, medindo cerca de 9 x 6 m, e altura de 0,90 m. (Cf. Farabee, 1914 *apud* Meggers & Evans, 1957: 302-3; Simões, 1965);

PA-JO-36: Frei Luís

Sítio-cemitério da fase Marajoara, compreendendo um aterro à margem direita do igarapé Frei Luís, um tributário da margem esquerda do alto rio Camará. De formato ligeiramente elíptico e bastante erodido, mede 75 x 60 m, com altura máxima em relação ao nível do campo de 1,0 m. Pesquisado por Simões em 1965. (Cf. Simões, 1965);

PA-JO-37: Fortaleza

Grupo de 2 aterros da fase Marajoara, localizado no alto rio Goiapi, ocupando ambas as margens do igarapé da Desgraça, um pequeno afluente da direita do rio Goiapi, nas imediações de sua foz:

Aterro 1 — Aterro-cemitério à margem esquerda do igarapé, com 120 x 50 m e cerca de 3,20 m de altura em relação ao nível do igarapé;

Aterro 2 — Aterro-habitação à margem direita do igarapé, frente ao aterro 1, medindo 3,40 m de altura em relação ao nível do igarapé.

Ao grupo de aterros do sítio Fortaleza pertencem outros nas proximidades. O sítio foi primeiramente visitado por Barnard, em 1871. Farabee, em 1914, pesquisou o sítio, tendo localizado vários aterros-habitações. Escavou alguns, entre os quais, intensamente o aterro 1, por ele registrado como aterro 7. Pesquisado por Simões, em 1965, os aterros 1 e 2. (Cf. Hartt, 1871: 260; Farabee, 1914 *apud* Meggers & Evans, 1957: 302-06; Farabee, 1915 e 1921: 144-45; Palmatary, 1950: 274-75; Simões, 1965);

PA-JO-38: Rocinha

Sítio-habitação da fase Marajoara a leste da sede da Fazenda Maria Pana, entre os cursos superiores dos rios Camará e Quió. Ocupa parte de um tesó que se estende entre a sede da Fazenda e a ilha do Algodão. Prospeccionado por J. C. Cardoso em 1965. (Cf. Simões, 1967b: 219-22);

PA-JO-39: Teso do Gentil

Grupo de dois aterros da fase Marajoara localizado ao longo do igarapé do Gentil, um tributário ao norte do rio Anajás-Mirim, cerca de 1,5 km acima de sua foz neste último.

Aterro 1 — Aterro-cemitério, com 50 x 20 m e cerca de 2 m de altura máxima em relação ao nível das águas;

Aterro 2 — Aterro-habitação, com cerca de 20 m de diâmetro e 1,5 m de altura máxima em relação ao nível do igarapé. Dista 25 m ao norte do aterro 1. Pesquisado por Hilbert em 1951. (Cf. Meggers & Evans, 1957: 322-23);

PA-JO-40: Teso do China

Grupo de 11 aterros da fase Marajoara, localizado a cerca de 1 km a SSE da extremidade sul do lago Guajará, ocupando uma área de 750 x 350 m no campo :

Aterro 1 — Aterro-cemitério, com 100 x 60 m e altura máxima de 2 m;

Aterro 2 — Aterro-cemitério, com as mesmas dimensões do aterro 1, mas apenas 0,50 m de altura;

Aterro 3 — Aterro-habitação, com cerca de 50 m de diâmetro e 0,80 m de altura máxima;

Aterro 4 — Aterro-habitação, com cerca de 90 x 30 m e 0,50 m de altura;

Aterro 5 — Aterro-habitação, com 30 x 20 m e 0,50 m de altura;

Aterro 6 — Aterro-habitação (?), muito pequeno e erodido;

Aterro 7 — Aterro-habitação com 25 x 45 m e 0,50 m de altura;

Aterro 8 — Aterro-habitação com 30 x 25 m e 0,50 m de altura;

Aterro 9 — Aterro-habitação (?) muito pequeno e erodido;

Aterro 10 — Aterro-habitação com 50 x 40 m e 0,50 m de altura máxima;

Aterro 11 — Aterro-cemitério (?), com 90 x 40 m e 1,0 m de altura.

Prospeccionado por Hilbert em 1951. (Cf. Meggers & Evans, 1957: 319-22);

PA-JO-41: Teso do Severino

Sítio-cemitério (?) da fase Marajoara, localizado a cerca de 400 m da margem esquerda do igarapé das Almas (igarapé do Severino), e a 4 km acima de sua foz no lago Arari. Mede 75 x 50 m e uma altura máxima de 0,50 m. Visitado por Lange, em 1913, e por Carlos Estevão de Oliveira, em 1925. Prospeccionado por Hilbert em 1951. (Cf. Lange, 1914:330-31; Mordini, 1934a:63-4 e Hilbert *apud* Meggers & Evans, 1957: 418-19);

PA-JO-42: Caratateua

Grupo de pequenos aterros da fase Marajoara, localizado a cerca de 8 km a sudoeste do lago Guajará, ocupando um trecho de mata que se destaca na planície, com extensão de aproximadamente 500 x 150 m. Prospeccionado por Hilbert em 1951. (Cf. Hilbert *apud* Meggers & Evans, 1957: 301);

PA-JO-43 : Pacoval dos Mellos

Sítio-cemitério (?) da fase Marajoara, localizado a cerca de 4 km a leste do PA-JO-42: Caratateua, aproximadamente ao sul do lago Guajará. Dimensões e contorno difíceis de precisar por ter sido destruído parcialmente para construção da sede da fazenda. Pesquisado por Hilbert em 1951, o qual constatou altura máxima de 1,80 m em relação ao campo. (Cf. Hilbert *apud* Meggers & Evans, 1957: 316);

PA-JO-44: Pacoval do Cururu

Sítio-cemitério da fase Marajoara, localizado à margem esquerda do rio Cururu, cerca de 600 m à montante da sede da Fazenda Pacoval, numa ponta de terra entre o rio Cururu e um pequeno tributário da margem esquerda. Mede cerca de 220 x 50 m, com altura máxima de 5 m em relação ao nível da água. Escavado por Nimuendaju, em 1923, e visitado por Heloisa Alberto Torres, em 1930; posteriormente, foi também visitado por Lothrop e Raimundo Moraes. (Cf. Nimuendaju, ms. *apud* Meggers & Evans, 1957: 315-16; Lothrop, 1934: 820; Moraes, 1936: 34; Nordenskiöld, 1930: pl.14-e; Torres, 1940: pl.47);

PA-JO-45: Teso das Igaçabas

Sítio-habitação (?) da fase Marajoara, localizado na região do cabo Maguari, cerca de 1 km ao sul da sede da fazenda Boa Esperança. Visitado e escavado por Nimuendaju, em 1932. (Cf. Nimuendaju, ms. *apud* Meggers & Evans, 1957: 318);

PA-JO — Outros sítios sem localização precisa

Bacuri Alto — Aterro da fase Marajoara, localizado a 3 ou 4 km ao norte da Fazenda Silva, na região do cabo Maguari. Visitado e escavado por Nimuendaju, em 1922. (Cf. Nimuendaju, ms. *apud* Meggers & Evans, 1957: 296);

Panelas — Aterro da fase Marajoara, localizado na Fazenda Cacuero, medindo cerca de 30 x 15 m e 0,90 m de altura. Escavado por Rempkin, Farabee e, posteriormente, por Mordini, em 1928. (Cf. Farabee, 1916b *apud* Meggers & Evans, 1957: 317; Palmatary, 1950: 279);

Cajueiros — Aterro da fase Marajoara, localizado na Fazenda Cajueiros, do tipo de fortaleza de terra. (Cf. Penna, 1879: 48; Marajó, 1895: 88; Palmatary, 1950: 276; Pinto, 1930: 351; Torres, 1940);

Cuieiras — Aterro da fase Marajoara sem localização citado por Barão de Marajó. Pode ser o aterro Santa Brígida localizado no igarapé Cuieiras. (Cf. Marajó, 1895: 87 **apud** Meggers & Evans, 1957: 301);

Diamantina — Grupo de aterros da fase Marajoara a leste do lago Arari, escavado por Farabee, em 1913. (Cf. Farabee, 1916b: 2-5 **apud** Meggers & Evans, 1957: 302);

Guajará — Aterro da fase Marajoara, localizado no campo próximo ao lago Guajará, a leste do lago Arari. (Cf. Hartt, 1871: 260 **apud** Meggers & Evans, 1957: 306);

Laranjeiras — Aterro-cemitério da fase Marajoara, localizado a meio caminho entre o lago Arari e o cabo Maguari. Com mais de 4 m de altura e uma área de cerca de 2 acres. (Cf. Holdridge, 1939: 68-71; Marajó, 1895: 88; Tocantins, 1876: 55 **apud** Meggers & Evans, 1957: 307-08);

Desterro — Aterro da fase Marajoara, localizado na Fazenda Desterro, pertencente em 1895 a Francisco L. Chermont. (Cf. Marajó, 1895: 88; Holdridge, 1939: 175 **apud** Meggers & Evans, 1957: 302);

Curuxis — Aterro-cemitério da fase Marajoara, localizado na Fazenda Curuxis, a meio caminho entre o lago Arari e a costa leste de Soure. (Cf. Holdridge, 1939: 175 **apud** Meggers & Evans, 1957: 301);

Macacão — Aterro da fase Marajoara, localizado a nordeste do lago Guajará. (Cf. Palmatary, 1950:283 **apud** Meggers & Evans, 1957: 308);

Matinados — Aterro da fase Marajoara a nordeste do lago Guajará. (Cf. Holdridge, 1939: mapa; idem, 1933b: 204, **apud** Meggers & Evans, 1957: 308);

Menino Deus — Aterro da fase Marajoara, localizado na área limitada pelos rios Ganhoão e Cururu e os lagos Mututi e Asapão. (Cf. Farabee, 1916b; Mordini, 1934a: 62 **apud** Meggers & Evans, 1957: 308);

Nazaré — Aterro da fase Marajoara, localizado na Fazenda Nazaré, de propriedade de Francisco Chermont. (Cf. Marajó, 1885: 88 **apud** Meggers & Evans, 1957: 309);

Teso dos Gentios — Aterro da fase Marajoara, localizado ao norte do lago Arari. Escavado por Mordini. (Cf. Palmatary, 1950:278-79 **apud** Meggers & Evans, 1957: 323);

Santa Brígida — Aterro da fase Marajoara, localizado no igarapé Cuieiras, um afluente do Anjaás-Mirim. Tem cerca de 2 acres de área e 3,60 m de altura. Visitado por Palmatary e Carlos Estevão de Oliveira, em 1941. (Cf. Palmatary, 1950: 278; Lange, 1914: 301, **apud** Meggers & Evans, 1957: 317);

Santa Isabel — Aterro da fase Marajoara visitado por Ferreira Penna, em 1873, e localizado a nordeste do lago Arari. (Cf. Ferreira Penna, 1879: 51, **apud** Meggers & Evans, 1957: 317-18);

Santo André — Aterro da fase Marajoara, localizado na Fazenda Santo André, provavelmente no rio Paracauari, a leste de Soure. (Cf. Marajó, 1885: 88, **apud** Meggers & Evans, 1957: 318);

Serra — Aterro da fase Marajoara, localizado na área limitada pelos rios Ganhão e Cururu e os lagos Mututi e Asapão, ao norte do lago Arari. (Cf. Mordini, 1934a: 62, **apud** Meggers & Evans, 1957: 318);

Tapera — Aterro da fase Marajoara escavado por Holdridge em 1932, a meio caminho entre o lago Arari e a costa leste. (Cf. Holdridge, 1933a; idem, 1939: 105; Lage, 1944: 219-20).

Área PA-ME (Ilha Mexiana)

PA-ME-1: Jacareúba

Sítio-habitação da fase Acauã, localizado na foz do igarapé Jacareúba, o maior rio do leste da Fazenda Nazaré, próximo à ponta oeste da ilha Mexiana. Praticamente destruído ao tempo da pesquisa dos Evans, em 1948-49. Pesquisado e registrado como M-1. (Cf. Meggers & Evans, 1957: 430);

PA-ME-2: Papa Cachorro

Sítio-habitação da fase Aruã na margem direita (oeste) de um pequeno tributário do igarapé Papa Cachorro, cerca de 3 km da costa sul da ilha Mexiana e a leste da Fazenda Nazaré. Bastante erodido, com resíduos limitados a uma área de 15 x 6 m ao longo do barranco do rio. Pesquisado por Meggers & Evans, em 1948-49, e registrado como M-2. (Ibid.: 457);

PA-ME-3: Acauã

Sítio-habitação da fase Acauã na parte central da ilha Mexiana, no lado norte do pirizal do Jacaré. Mede 350 m de comprimento e apenas 15 m de largura máxima. Um segundo teso, menor (30 x 10 m) e com poucas evidências, ocorre a cerca de 500 m a oeste. Pesquisado por Meggers & Evans em 1948-49 e registrado como M-3. (Ibid.: 430-36);

PA-ME-4: Fundo das Panelas

Sítio-cemitério da fase Aruã, localizado na costa sul da ilha Mexiana, próximo às cabeceiras do igarapé Campinho. Situado no limite entre o campo central e a floresta costeira, numa das faixas de campo que penetra na floresta, apresenta área circular de cerca de 15 m de diâmetro e apenas 0,20 m de altura em relação ao campo. Pesquisado por Meggers & Evans em 1948-49, e registrado como M-4. (Ibid.: 465-81);

PA-ME-5: Mulatinho

Sítio-cemitério da fase Aruã, localizado na orla da floresta da costa sul da ilha Mexiana, na extremidade de um longo trecho de campo que se introduz pela margem esquerda do alto igarapé Jacaré. Mede cerca de 3,5 m de diâmetro e 0,50 m de altura máxima em relação ao campo. Pesquisado por Meggers & Evans em 1948-49, e registrado como M-5. (Ibid.: 481-92);

PA-ME-6: Recreio

Sítio-cemitério da fase Aruã localizado no campo da Baixa Grande, ao norte do pirizal Guará, na ilha Mexiana, segundo informações do proprietário das terras e residentes locais. Registrado pelos Evans como M-6. (Ibid.: 520);

PA-ME-7: Aberta

Sítio-habitação da fase Aruã, localizado no pequeno igarapé Aberta, a cerca de 2 km a leste da foz do igarapé Papa Cachorro, na ilha Mexiana. A cerca de 1,5 km rio acima, a partir da faixa litorânea, o igarapé cortou uma antiga ocupação Aruã, ficando os fragmentos de cerâmica no leito lamacento do córrego. A área de concentração dos cacos faz supor uma extensão de cerca de 8 m, ao longo do barranco, para o sítio. Pesquisado pelo casal Evans, em 1948-49, e registrado como M-7. (Ibid.: 457-58);

PA-ME-8: Limão de Fora

Sítio-habitação (?) da fase Aruã, localizado no barranco próximo à foz do igarapé Limão de Fora, na Fazenda Nazaré. Registrado pelo casal Evans como M-8. (Ibid.: 520-21);

PA-ME-9: Chapéu

Sítio-cemitério da fase Aruã, localizado num pequeno trecho de mata perto da **baixa** do Chapéu. Visitado por Heloisa Alberto Torres, em 1930 e pelo sr. José Ambrósio Pombo. Registrado pelo casal Evans, em 1948-49, como M-9. (Ibid.: 521).

Área PA-MT (Monte Alegre)

Alguns sítios com cerâmica da Cultura Santarém são assinalados por Nimuendaju, em seu mapa do baixo rio Amazonas. (Cf. Nimuendaju *apud* Palmatary, 1960: mapa 3).

Área PA-NH (Rio Nhamundá)

PA-NH-1: Pocó

Sítio-habitação da fase Konduri (?), com cerca de 400 x 100 m à margem esquerda da "boca" do rio Pocó, e margem direita do Nhamundá, na região de Faro. Pesquisado por Peter Hilbert em 1975. (Cf. Hilbert, 1975);

PA-NH-2: Cajual

Sítio-habitação da fase Konduri (?), localizado à margem direita da "boca" do rio Jamari, defronte a uma serraria. Ocupa toda a ponta do Cajual, medindo 1200 x 200 m, e dista cerca de 2 km a oeste da cidade de Terra Santa. Registrado por Hilbert em 1952 e por este pesquisado em 1975. (Ibid.);

PA-NH-3: Terra Santa

Sítio-habitação da fase Konduri (?), compreendendo extensa mancha de **terra preta** que se estende de oeste para leste, paralela à margem norte do lago Algodoal, onde se encontra a atual cidade de Terra Santa. Registrado por Hilbert em 1952. (Cf. Hilbert, 1955: 26 e mapa);

PA-NH-4: Faro

Sítio-habitação da fase Konduri (?), ocupando parte da área entre a Prefeitura e o largo da igreja, na atual cidade de Faro. O sítio alarga-se para norte e sul, até a região de Campina. Registrado por Hilbert em 1952. (Ibid.: 27 e mapa);

PA-NH-5: Urupanã

Sítio-habitação da fase Konduri (?), no lago Piraruacá, ao lado do igarapé Urupanã. O lago Urupanã comunica-se com o lago Piraruacá, na região de Terra Santa. Registrado por Hilbert em 1952. (Ibid.: 26 e mapa);

PA-NH-6: Que Luz

Sítio-habitação da fase Konduri (?), a cerca de 4 km a leste de Terra Santa, na margem norte do lago Algodoal, na região de Terra Santa. Registrado por Hilbert em 1952. (Ibid.);

PA-NH-7: Itauaquera

Sítio-habitação da fase Konduri (?), na margem esquerda do lago de Faro, em frente ao lago Espelho da Lua. O local foi ocupado no passado pela primeira missão dos Capuchinhos, antes de mudar-se para Faro. Posteriormente foi utilizado como cemitério neo-brasileiro. Registrado por Hilbert em 1952. (Ibid.: 28-9 e mapa);

PA-NH-8: Mabaia

Sítio-habitação da fase Konduri (?), localizado à margem esquerda do lago de Faro, cerca de 500 m da foz do igarapé Mabaia. Registrado por Hilbert em 1952. (Ibid.: 28 e mapa);

PA-NH — Outros sítios sem localização precisa

Juliana — **Terra preta** na ilha de Juliana, na região de Terra Santa;

Aibi — Mancha de **terra preta** à margem esquerda do lago de Faro;

Serraria — **Terra preta** logo atrás da cidade de Terra Santa, à margem do poço Mucajasal;

Mucajasal — **Terra preta** atrás da cidade de Terra Santa, em direção a uma serraria, próximo ao poço Mucajasal. (Hilbert, 1955: 26-8 e mapa).

Nimuendaju em seu mapa do baixo rio Amazonas assinala alguns sítios de cerâmica Konduri em Faro e no baixo Nhamundá. (Cf. Nimuendaju *apud* Palmatary, 1960: mapa 3).

Área PA-OB (Óbidos)

PA-OB-1: Ponta do Jauari

Sambaqui fluvial já destruído das fases Castália e Jauari, localizado no lago de Curuá, a oeste da cidade de Alenquer. Do antigo sambaqui restam apenas fragmentos de cerâmica, alguns artefatos líticos, rochas e conchas dispersos numa área de 150 m de diâmetro na várzea o lago. Prospeccionado por Protasio Friel em 1939 e 1941. (Cf. Hilbert, 1959a);

PA-OB — Outros sítios sem localização precisa

Nimuendaju assinala em seu mapa do baixo Amazonas alguns sítios com cerâmica Konduri nas proximidades da cidade de Óbidos. (Cf. Nimuendaju *apud* Palmatary, 1960: mapa 3).

Área PA-OR (Oriximiná)

PA-OR-1: Xapiriri

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado a cerca de 25 km a leste da Missão Tiriyo, à margem direita do Igarapé Mapirimpe, na confluência com o rio Irike, no alto Paru de Oeste. Local elevado, a salvo das enchentes periódicas. Prospeccionado por Protasio Friel em 1961. (Cf. Friel, 1972: ficha 176);

PA-OR-2: Kwárai

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, à margem direita do Igarapé Kwárai, do lado sul da antiga pista de pouso, no alto Paru de Oeste. Vegetação de campo. Prospeccionado por Friel em 1961. (Ibid.: 177);

PA-OR-3: Papáran

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, com aproximadamente 8 x 4 m, na mata secundária, cerca de 100 m da margem direita do rio Paru de Oeste, cerca de 3 km abaixo da foz do rio Kumaruwêni. Lugar plano e alto, com 10 m de altura acima do nível do rio no período seco. Prospeccionado por Friel em 1961. (Ibid.: 178);

PA-OR-4: Ponómpe

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, em zona de campo, com inúmeros lajedos, ao pé da serra Wuipi, cerca de 30 km a sudeste da Missão Tiriyo, no alto Paru de Oeste. Num dos lajedos existem dois petróglifos, em parte apagados. Prospeccionado por Friel em 1961. (Ibid.: 179);

PA-OR-5: Merêyó

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado no alto de um morro à margem esquerda do igarapé Merêyó, junto à cachoeira do mesmo nome, no alto Paru de Oeste. Prospeccionado por Frikel em 1961. (Ibid.: 180);

PA-OR-6: Manákamã

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, na parte alta de uma colina, entre a serra Taitái (E) e o igarapé Ponóto (W), no alto Paru de Oeste. A colina tem cerca de 80 m de altura em relação ao campo, 2 km aproximadamente de comprimento e 60 m de largura, com o topo ligeiramente plano. Prospeccionado por Frikel em 1961. (Ibid.: 181);

PA-OR-7: Taitái

Sítio-habitação (?) de fase cerâmica a ser designada, localizado na serra Taitái, cerca de 25 km da Missão Tiriyó, no alto Paru de Oeste, sobre um matacão granítico, com aproximadamente, 45 x 50 m no topo. Prospeccionado por Frikel em 1961. (Ibid.: 182);

PA-OR-8: Ponóto

Sítio-habitação (?) de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem direita do igarapé Ponóto, a sudeste da serra Terexeróke, no alto Paru de Oeste. Prospeccionado por Frikel em 1961. (Ibid.: 183);

PA-OR-9: Tuhtakáriwae I

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, na serra Tuhtakáriwae, cerca de 200 m abaixo de seu topo. A serra está situada entre a serra Mawáine e o morro Karakaráwa (sul), no alto Paru de Oeste. Prospeccionado por Frikel em 1961. (Ibid.: 188);

PA-OR-10: Tuhtakáriwae II

Sítio-habitação no flanco leste da serra Tuhtakáriwae, uns 200 m abaixo de seu topo, no rumo da serra Ponóto, no alto Paru de Oeste. Prospeccionado por Frikel em 1961. (Ibid.: 189);

PA-OR-11: Tuhtakáriwae III

Sítio-habitação coberto (gruta) de fase a ser designada, localizado na serra Tuhtakáriwae, no flanco oeste, cerca de 60 m do topo, no alto Paru de Oeste. A lapa é formada por blocos de rocha e sua entrada está voltada para o sul. Ampla **sala** de entrada de onde partem 3 **corredores** sem saída, de altura reduzida. Prospeccionado por Frikel em 1961. (Ibid.: 190);

PA-OR-12: Tuhtakáriwae IV

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, no flanco norte da serra de Tuhtakáriwae, próximo à parte escarpada da serra, em local plano e acima do sítio PA-OR-11, no alto Paru de Oeste. Prospeccionado por Frikel em 1961. (Ibid.: 191);

PA-OR-13: Tuhtakáriwae V

Sítio-habitação coberto (abrigo-sob-rocha) de fase cerâmica a ser designada, localizado no topo da serra Tuhtakáriwae, do lado leste e acima do sítio PA-OR-12, no alto Paru de Oeste. Vários blocos de rochas, de grandes dimensões, formam 2 abrigos-sob-rocha ligados por um **corredor**. Cacos de cerâmica no abrigo norte e petróglifos erodidos no teto do abrigo sul. Prospeccionado por Frikel em 1961. (Ibid.: 192);

PA-OR-14: Tuhtakáriwae VI

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado no flanco norte da serra Tuhtakáriwae, cerca de 40 m do sítio-PA-OR-13, no alto Paru de Oeste. Prospeccionado por Frikel em 1961. (Ibid.: 193);

PA-OR-15: Morro do Meio

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado entre as serras Maráimö e Tuhtakáriwae, no topo da colina denominada "morro do meio", no alto Paru de Oeste. Prospeccionado por Frikel em 1961. (Ibid.: 194);

PA-OR-16: Mawáiniö I

Sítio-habitação (?) de fase cerâmica a ser designada, localizado sobre um grande lajedo, no ramo sul da serra Mawáiniö, a 18 km a leste da Missão Tiriyo, e a 10 km da margem esquerda do rio Murêni, no alto Paru de Oeste. Prospeccionado por Frikel em 1961. (Ibid.: 195);

PA-OR-17: Mawáiniö II

Sítio-habitação coberto, formado por grandes blocos de rochas no topo do ramo sul da serra Mawáiniö, no alto Paru de Oeste, cerca de 200 m do sítio PA-OR-16. A lapa possui duas entradas, uma para oeste e outra para o sul, comunicadas entre si por um **corredor**. Prospeccionado por Frikel em 1961. (Ibid.: 196);

PA-OR-18: Terêxeróke I

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado na parte sudeste de extenso lajedo existente na porção oriental do topo da serra de Terêxeróke, a qual dista cerca de 3 km da serra Taitái, no alto Paru de Oeste. Prospeccionado por Frikel em 1961. (Ibid.: 197);

PA-OR-19: Terêxeróke II

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado no ramo sudoeste da serra Terêxeróke, cerca de 300 m do sítio PA-OR-18, no alto Paru de Oeste. Prospeccionado por Frikel em 1961. (Ibid.: 198);

PA-OR-20: Terêxeróke III

Sítio-habitação (?) de fase cerâmica a ser designada, localizado sobre um grande lajedo horizontal na parte oriental do topo da serra Terêxeróke, no alto Paru de Oeste. Prospeccionado por Frikel em 1961. (Ibid.: 199);

PA-OR-21: Terêxeróke IV

Sítio-habitação coberto (abrigo-sob-rocha), com 3 m de largura, 10 m de comprimento e 1,5 m de altura, formado por duas grandes pedras com passagem entre ambas, localizado na parte oeste do sítio PA-OR-20, na serra de Terêxeróke, no alto Paru de Oeste. Prospeccionado por Frikel em 1961. (Ibid.: 200);

PA-OR-22: Mopéwaka

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, à margem esquerda do igarapé Mopéwaka, um pouco abaixo de sua confluência com o igarapé Kúii, no alto da serra Mopéwaka, situada ao norte da serra Terêxeróke e a leste das serras Kúii e Mawauime, no alto Paru de Oeste. Prospeccionado por Frikel em 1961. (Ibid.: 546);

PA-OR-23: Karakarâman

Sítio-habitação coberto (gruta) de fase cerâmica a ser designada, no flanco oeste da serra Karakarâman, no alto Paru de Oeste. A lapa é baixa, formada por diversos blocos de pedra, com a parte interna arredondada com cerca de 7 m de diâmetro. Prospeccionado por Frikel em 1964. (Ibid.: 896)

PA-OR-24: Parúwaka I

Sítio-habitação coberto (gruta) de fase cerâmica a ser designada, na serra de Parúwaka, situada no ângulo nordeste do recôncavo do Tumucumaque, no final dos campos gerais, cerca de 2 km da margem direita do rio Munêni, no alto Paru de Oeste. A gruta está no flanco sudeste da serra, na parte de vegetação de campo. Possui entrada ampla com um **salão** de onde parte 2 **corredores**. Prospeccionado por Frikel em 1964. (Ibid.: 897);

PA-OR-25: Mawáu

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, à margem do igarapé Mawáu, afluente da margem esquerda do alto Paru de Oeste. O igarapé contorna o morro Kantani ou pico Ricardo Franco, pelo flanco leste. O sítio está à beira do campo, entre blocos soltos de pedras, num acampamento de índios Tiriýó atuais. Prospeccionado por Frikel em 1965. (Ibid.: 898);

PA-OR-26: Tarüpiwáka I

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, na parte sul do topo da serra Tarüpiwáka, a cerca de 3 km a leste do pico Ricardo Franco, no alto Paru de Oeste. Prospeccionado por Frikel em 1965. (Ibid.: 899);

PA-OR-27: Tarüpiwáka II

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado no topo da serra de Tarüpiwaka, a cerca de 3 km do pico Ricardo Franco, no alto Paru de Oeste. O sítio dista 80 m no rumo norte do sítio PA-OR-26, e está ao pé de grandes blocos de pedra. Prospeccionado por Frikel em 1965. (Ibid.: 900);

PA-OR-28: Tarüpiwáka III

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado no topo da serra de Tarüpiwáka, no alto Paru de Oeste, distando cerca de 120 m, no rumo norte, do sítio PA-OR-27, e próximo ao rebordo da serra. Prospeccionado por Frikel em 1965. (Ibid.: 901);

PA-OR-29: Kantáni I

Sítio-habitação coberto (gruta) de fase cerâmica a ser designada, nas proximidades de um grande lajedo no flanco nordeste do morro Kantáni ou Ricardo Franco, no alto Paru de Oeste. O vão de entrada da gruta é triangular, com profundidade máxima de 4 m, largura de 20 m e 0,80 m de altura. Prospeccionado por Frikel em 1965. (Ibid.: 902);

PA-OR-30: Kantáni II

Sítio-habitação coberto (gruta) de fase cerâmica a ser designada, no flanco nordeste do morro Kantáni, no alto Paru de Oeste. A gruta apresenta na entrada 24 m de largura, 4 m de profundidade e altura máxima de 2 m, com 2 **corredores** de entrada. Dista do PA-OR-29 cerca de 60 m mais abaixo. Prospeccionado por Frikel em 1966. (Ibid.: 903);

PA-OR-31: Kantáni III

Sítio-habitação coberto (gruta) de fase cerâmica a ser designada, localizado a 30 m abaixo do sítio PA-OR-30, no flanco nordeste do morro Kantáni ou Ricardo Franco, no alto Paru de Oeste. É uma grande lapa, em forma de funil descendente e íngreme, com abertura de 15 m de largura, 1,5 m de altura e, na parte interna, cerca de 50m de diâmetro. Prospeccionado por Frikel em 1966. (Ibid.: 904);

PA-OR-32: Parúwaka II

Sítio-habitação coberto (gruta), de fase cerâmica a ser designada, localizado no lado oeste da serra de Parúwaka, perto da aldeia Paiméru, no alto Paru de Oeste, distando cerca de 3 km, no rumo oeste, do sítio PA-OR-24. Compreende um longo **corredor** de 8 m de comprimento, 4 m de largura na entrada e 3 m no final, e 4 a 5 m de altura no fundo, onde se abre um pequeno **salão**. Prospeccionado por Frikel em 1968. (Ibid.: 905);

PA-OR-33: Paiméru

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado no alto de uma colina, à margem esquerda do igarapé Paiméru, defronte à atual aldeia Paiméru. Dista cerca de 20 km do Poso Tiriyo da FAB, no rumo NE-NNE, e 7 km a leste do morro Kantáni. Prospeccionado por Frikel em 1968. (Ibid.: 906);

PA-OR-34: Irakemüm

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado ao norte do morro Kantáni ou Ricardo Franco, no alto Paru de Oeste. O sítio ocupa o último terço da serra, a uma altitude de 600 a 700 m, numa área com vários lajedos. Prospeccionado por Frikel em outubro de 1970. (Ibid.: 907);

PA-OR-35: Pupurimim

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do rio Munani, no alto Paru de Oeste. O morro Pupurimim apresenta uma altitude de 100 m em relação ao campo, sendo de acesso bastante difícil. Prospeccionado por Frikel em setembro de 1972. (Ibid.: 908);

PA-OR-36: Manikuni I

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, no topo da curva da serra de Manikuni, localizada a cerca de 1 km a leste do morro Pupurimim, no alto Paru de Oeste. A serra sobe lentamente, em patamares, até 200 m acima do nível do campo. Prospeccionado por Frikel em 1961. (Ibid.: 909);

PA-OR-37: Manikuni II

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado no 3.º patamar da serra Manikuni, no alto Paru de Oeste. Prospeccionado por Frikel em 1972. (Ibid.: 910);

o

PA-OR-38: Manikuni III

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado no segundo patamar da serra de Manikuni, cerca de 500 m abaixo do PA-OR-37, no alto Paru de Oeste. Prospeccionado por Frikel em 1972. (Ibid.: 911);

PA-OR-39: Manikuni IV

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado no alto de uma colina, entre as duas pontas da serra Manikuni, no alto Paru de Oeste. Prospeccionado por Frikel em 1972. (Ibid.: 912);

PA-OR-40: Werêkemim I

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado na serra de Werêkemim, à margem esquerda do rio Munani, no alto Paru de Oeste. O sítio está sobre o topo do ramo leste do maciço, estendendo-se numa área de 20 x 30 m, em zona de mata. Prospeccionado por Frikel em 1972. (Ibid.: 913);

PA-OR-41: Werêkemim II

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, na serra de Werêkemim, no alto Paru de Oeste. Dista cerca de 10 minutos a pé do PA-OR-40, sobre o segundo pico mais alto, onde a serra inflete para leste. Prospeccionado por Frikel em 1972. (Ibid.: 914);

PA-OR-42: Oriximiná

Sítio-habitação da fase Konduri (?), compreendendo duas manchas de **terra preta**, uma ao norte e outra ao sul, separadas por pequena baixa, sendo toda a área atualmente ocupada pela cidade de Oriximiná. Bastante perturbado pela movimentação de terra, construções e erosão. Prospeccionado por Peter Hilbert em 1952, e por este designado como sítio 1: Oriximiná. (Cf. Hilbert, 1955: 19-21 e mapa);

PA-OR-43: América

Sítio-habitação da fase Konduri (?), localizado à margem esquerda do rio Trombetas, cerca de 3 km rio abaixo de Oriximiná, na margem norte da boca do lago Iripixi. Visitado por Hilbert em 1952 e designado como sítio 2: América. (Ibid.: 21 e mapa);

PA-OR-44: Santa Tereza

Sítio-habitação da fase Konduri (?), à margem esquerda do rio Trombetas, cerca de 4 km abaixo da cidade de Oriximiná, frente à boca do Cachoiri, distando da margem do rio 800 m, aproximadamente. Mede 300 x 150 m, e coberto por capoeira e roçados. Prospeccionado por Hilbert em 1952 e designado como como sítio 3: Santa Tereza. Revisitado por Hilbert em 1975. (Ibid.: 21-22 e mapa; 1975);

PA-OR-45: Terra Preta I

Sítio-habitação da fase Konduri (?), distando cerca de 200 m da margem direita do rio Cuminá ou Paru de Oeste, próximo a sua confluência com o Trombetas. Prospeccionado por Hilbert em 1952 e designado como sítio 5: Terra Preta. (Ibid.: 23 e mapa);

PA-OR-46: Lago Jarauacá I

Sítio-habitação da fase Konduri (?), à margem direita do rio Erepecuru e a esquerda da embocadura do rio Acapu, no algo Jarauacá, cerca de 200 m afastado da margem. Prospeccionado por Hilbert em 1952 e registrado como sítio 6: Lago Jarauacá I. (Ibid.);

PA-OR-47: Lago Jarauacá II

Sítio-habitação da fase Konduri (?), localizado a cerca de 100 m da margem ocidental do lago, com aproximadamente um ha de área. Prospeccionado por Hilbert em 1952 e designado como sítio 7: Lago Jarauacá II. (Ibid.);

PA-OR-48: Araçá

Sítio-habitação da fase Konduri (?), localizado sobre uma colina de aproximadamente 30 m de altura em relação ao rio, à margem direita do rio Erepecuru, cerca de 500 m acima do barracão **Pão de Açúcar**. Prospeccionado por Hilbert em 1952 e designado como sítio 8: Araçá. (Ibid.);

PA-OR-50: São Lourenço

Sítio-habitação da fase Konduri (?), localizado à margem setentrional do lago Sapucuá, distando cerca de 4 km do sítio PA-OR-54: Cocal. Ocupa uma área de, aproximadamente, 400 x 200 m, coberta por vegetação de campo. Pesquisado por Hilbert em 1975. (Ibid., 1975);

PA-OR-51: Gonçalves

Sítio-habitação da fase Konduri (?), localizado na margem setentrional do lago Sapucuá, a oeste do sítio PA-OR-50: São Lourenço. Prospeccionado por Hilbert em 1952 e designado como sítio 10: Gonçalves. (Ibid., 1955: 25 e mapa);

PA-OR-52: Ascensão

Sítio-habitação da fase Konduri (?), localizado à margem setentrional do lago Sapucuá, a oeste do sítio PA-OR-51: Gonçalves. Prospeccionado por Hilbert em 1952 e designado como sítio 11: Ascensão. (Ibid.);

PA-OR-53: Uajará

Sítio-habitação da fase Konduri (?), localizado à margem setentrional do lago Sapucuá, a oeste do PA-OR-52: Ascensão. Prospeccionado por Hilbert em 1952 e designado como sítio 12: Uajará. (Ibid.);

PA-OR-54: Cocal

Sítio-habitação da fase Konduri (?), localizado à margem setentrional do lago Sapucuá, a oeste do sítio PA-OR-53: Uajará. Ocupa uma área de cerca de 800 x 500 m, tendo sido prospeccionado por Hilbert em 1952 e revisitado em 1975. Designado em 1952 como sítio 13: Cocal. (Ibid., 1952 e 1975);

PA-OR-55: Pimenta

Sítio-habitação da fase Konduri (?), localizado à margem setentrional do lago Sapucuá, a sudoeste do sítio PA-OR-54: Cocal. Prospeccionado por Hilbert em 1952 e designado como sítio 14: Pimenta. (Ibid., 1955: 25 e mapa);

PA-OR-56: Boca dos Anjos

Sítio-habitação da fase Konduri (?), localizado à margem setentrional do lago Sapucuá, a oeste do sítio PA-OR-55: Pimenta. Estende-se por cerca de 1,5 x 1 km as evidências arqueológicas ao longo da margem esquerda do igarapé dos Anjos. Prospeccionado por Hilbert em 1952 e 1975. Designado em 1952 como sítio 15: Boca dos Anjos. (Ibid., 1955 e 1975);

PA-OR-57: Ponta dos Souzas

Sítio-habitação da fase Konduri (?), localizada à margem setentrional do lago Sapucaá, a sudoeste do sítio PA-OR-56: Boca dos Anjos. Compreende uma área de cerca de 2 ha, coberta por campo. Prospeccionado por Hilbert em 1952 e designado como sítio 16: Ponta dos Souzas. (Ibid. 1955:25 e mapa);

PA-OR-58: Ponta da Mafada

Sítio-habitação da fase Konduri (?), localizado à margem setentrional do lago Sapucaá, a oeste do PA-OR-57 e cerca de 8 km do PA-OR-56. Sítio extenso, com cerca de 800 x 1000 m. Prospeccionado por Hilbert em 1952 e revisitado em 1975. Designado em 1952 como sítio 17: Ponta da Mafada. (Ibid., 1955 e 1975);

PA-OR-59: São Brás

Sítio-habitação da fase Konduri (?), localizado à margem sul da "Cabeceira Grande", no lago Sapucaá, com cerca de um ha de área. Está ao sul do sítio PA-OR-58: Ponta da Mafada. Prospeccionado por Hilbert em 1952 e designado como sítio 18: São Brás. (Ibid., 1955: 25 e mapa);

PA-OR-60: Santo Antônio

Sítio-habitação da fase Konduri (?), localizado à margem sul do igarapé Araticu, próximo ao lago Sapucaá. Dista cerca de 4 km a sudoeste do PA-OR-59: São Brás. Prospeccionado por Hilbert em 1952 e designado como sítio 19: Santo Antônio. (Ibid.: 25-26 e mapa);

PA-OR-61: Terra Preta II

Sítio-habitação da fase Konduri (?), compreendendo extensa mancha de **terra preta**, localizada a cerca de 3 km a nordeste do sítio PA-OR-60: Santo Antônio, na margem esquerda do igarapé Saracá, próximo ao lago Sapucaá. Prospeccionado por Hilbert em 1952 e designado como sítio 20: Terra Preta. (Ibid.: 26 e mapa);

PA-OR-62: Terra Preta III

Sítio-habitação da fase Konduri (?), localizado em uma mancha de **terra preta** com cerca de 1000 x 400 m, afastada 600 m da margem direita do rio Trombetas, distando do trapiche da Cia. de Mineração Cruz Alta aproximadamente 1 km rio acima e cerca de 4 horas de canoa à montante do lago Jamarí. Registrado por Hilbert em 1952 e prospeccionado em 1975. (Ibid., 1955 e 1975);

PA-OR-63: Boa Vista

Sítio-habitação da fase Konduri (?), compreendendo duas manchas de **terra preta** localizadas no alto da Serrinha, distando 1 km da margem direita do rio Trombetas e 1 km acima da Cia. de Mineração Rio Norte. Registrado por Hilbert em 1952 e prospeccionado em 1975. (Ibid., 1955 e 1975);

PA-OR — Outros possíveis sítios sem localização precisa

Nimueñdaju assinala em seu mapa do baixo Amazonas alguns sítios de cerâmica Konduri na margem norte do lago Sapucuá e baixo rio Trombetas, dos quais alguns teriam sido registrados por Hilbert em 1952. (Cf. Nimueñdaju *apud* Palmatary, 1960: mapa 3).

Por outro lado, Hilbert registra uma série de sítios por informação, especialmente de Protasio Frikel, tais como:

Terra Preta — Mancha de **terra preta** à margem do lago Batata;

Carimuzinho — Mancha de **terra preta** no igarapé Carimuzo, no rio Trombetas;

Carimã — Mancha de **terra preta** à margem de um "furo" que liga o igarapé Carimuzinho ao lago Carimã, no rio Trombetas;

Bicudo — Mancha de **terra preta** no lago Batata, à margem do rio Trombetas;

Araçá — Mancha de **terra preta** no alto da serra Araçá, no baixo Cuminá-Erepecuru;

Barreiras — No **estirão da Barreira**, à margem esquerda do rio Cuminá;

Praia do Cuminá — Margem esquerda do baixo Cuminá, um pouco antes de sua confluência com o Erepecuru;

Jaramacaru — Mancha de **terra preta** no rio Jaramacaru, um afluente da margem direita do Ariramba, tributário do baixo Cuminá;

Recreio — Grande sítio na ilha do Recreio, situada no lago Salgado;

Guariba — Mancha de **terra preta** à margem do lago Salgado;

Boi — Mancha de **terra preta** sobre terreno elevado à margem do lago Salgado;

Mura — Margem do lago Mura, no rio Trombetas;

Ipireira — Mancha de **terra preta** na margem do lago Ipireira, no rio Trombetas;

Serrinha — Na boca do rio Cuminá;

Conuri — Mancha de **terra preta** na margem norte do lago Sapucuá. (Cf. Hilbert, 1955: 22-24);

Área PA-RF (Rio Fresco)

PA-RF-1: Mangueiras

Sítio-habitação da fase Carapanã, localizado à margem direita do baixo rio Fresco, afluente do Xingu, a 400 m à jusante da foz do igarapé Carapanã, em terreno de propriedade da fazenda Mangueiras. Prospeccionado pela Equipe de Geologia do IDESP em 1969. (Cf. Simões *et al.*, 1973: 116);

PA-RF-2: Cipó

Sítio-habitação da fase Carapanã, localizado à margem esquerda do rio Fresco, afluente do Xingu, cerca de 20 km à jusante do Posto Indígena Gorotire. Prospeccionado por Peter Hilbert em 1975. (Cf. Hilbert, 1975,;)

Área PA-SA (Litoral do Salgado)

PA-SA-1: Cunharana

Sítio-habituação da fase Marudá, localizado à margem direita da estrada Marapanim-Marudá, sobre a falésia da praia. Perturbado por loteamento e construções, mede, aproximadamente, 150 x 100 m, com altura da falésia de 15 m em relação à praia. Pesquisado por Mario F. Simões e Conceição G. Corrêa em 1968. (Cf. Simões, 1970a);

PA-SA-2: Camará

Sambaqui residual da fase Mina, localizado a cerca de 100 m da margem direita do rio Camará, em terreno de propriedade da Fazendinha Camará, na ilha de Marudá. Praticamente destruído por trator, com apenas resíduos de conchas e fragmentos de cerâmica. Pesquisado por Simões & Corrêa em 1968. (Ibid.);

PA-SA-3: Mangal

Sítio-habituação da fase Areão, localizado em terreno da Fazendinha Camará, distando cerca de um km a leste do sítio PA-SA-4: Areão. Apresenta forma alongada, com 130 x 60 m e 3 m de altura em relação ao mangal circundante. Pesquisado por Simões & Corrêa em 1968. (Cf. Corrêa & Simões, 1971: 4-5);

PA-SA-4: Areão

Sítio-habituação da fase Areão (sítio-tipo), localizado à margem esquerda da picada que liga o povoado de Bacuriteua à sede da Fazendinha Camará, na ilha de Marudá. Abrange área de 150 x 70 m, com altura máxima de 1,80 m em relação ao mangal envolvente. É coberto por duna de areia de altura variável. Pesquisado por Simões & Corrêa em 1968. (Ibid.: 6-9);

PA-SA-5: Porto da Mina

Grande sambaqui da fase Mina (sítio-tipo), localizado a cerca de 200 m da estrada que liga a vila de Quatipuru ao povoado de Boa Vista, distando da vila de Quatipuru 8 km. Totalmente cercado por mangal e banhado pelo igarapé da Mina. Parcialmente perturbado por extratores de conchas, mede 40 x 30 m e altura máxima de 4 m em relação ao nível do mangal. Pesquisado por Simões & Corrêa em 1968 e Simões **et al.** em 1969. (Cf. Simões, 1970a e 1971a: 176-77);

PA-SA-6: Ponta das Pedras

Grande sambaqui da fase Mina, parcialmente perturbado, localizado à margem esquerda do rio Quatipuru, cerca de 15 km à jusante da vila homônima. Mede 145 x 70 m e altura máxima de 9 m em relação ao mangal fronteiro ao rio. Pesquisado por Simões & Corrêa em 1968. (Ibid.);

PA-SA-7: São João de Pirabas

Sambaqui residual da fase Mina, localizado à margem esquerda do igarapé do Severino, paralelo ao curso do rio Pirabas, na vila de São João de Pirabas. Bastante perturbado, restando apenas camada remanescente de conchas e fragmentos de cerâmica sobre a falésia do rio. Visitado por Ferreira Penna, em 1875, e posteriormente por Kraatz-Koschlau & Huber, que já encontraram o sambaqui praticamente destruído. Pesquisado por Simões & Corrêa em 1968. (Cf. Ferreira Penna, 1876: 88; Kraatz-Koschlau & Huber, 1900: 18; Simões, 1970a e 1971a: 176-77);

PA-SA-8: Viana

Sambaqui residual da fase Mina, localizado à margem esquerda do rio Axindeua, próximo a sua foz no rio Pirabas. Completamente destruído, restando apenas fina camada superficial e depósitos secundários de conchas e fragmentos de cerâmica. Deveria medir 150 x 50 m, com maior dimensão paralela à margem do rio. Visitado por Ferreira Penna, em 1875. Pesquisado por Simões & Corrêa em 1968. (Cf. Ferreira Penna, 1876:89; Simões, 1970a e 1971a: 176-77);

PA-SA-9: Furinho

Sambaqui residual da fase Mina, localizado no interior da ilha do Pesqueirão, à margem direita do rio Pirabas. Bastante perturbado, com alguns depósitos secundários e fina camada superficial de conchas e fragmentos de cerâmica. Com exceção de um lado, que se comunica com o campo, é totalmente cercado por mangal. Mede 150 x 95 m e altura máxima de 1,80 m em relação ao mangal. Pesquisado por Corrêa em 1968. (Cf. Simões, 1970a relação ao mangal. Pesquisado por Simões & Corrêa em 1968. (Cf. Simões, 1970a e 1971a: 176-77);

PA-SA-10: Fortaleza

Sambaqui residual da fase Mina, localizado na ilha de Fortaleza, à margem de uma lagoa próxima à linha de praia, na baía de Pirabas, distando da sede da Fazenda Fortaleza cerca de 2 km. O sambaqui foi construído na parte alta do terreno fronteiro à lagoa. Totalmente destruído, com camada residual de conchas e fragmentos de cerâmica. Visitado por Kraatz-Koschlau & Huber em fins do século XIX, já estando em processo de extinção. Pesquisado por Simões & Corrêa em 1968. (Cf. Kraatz-Koschlau & Huber, 1900: 18; Simões, 1970a);

PA-S-A11: Guaxinim

Sambaqui residual da fase Mina, localizado num mangal à margem direita do igarapé do Severino, na baía de Pirabas. Ocupa a parte alta da terra firme e, pelas evidências, deveria medir cerca de 150 x 80 m, e sua altura atual em relação ao mangal é de 8,20 m. Totalmente esgotado pelos extratores de conchas, apresenta-se atualmente com ligeira camada superficial de conchas e fragmentos de cerâmica. Pesquisado por Simões & Corrêa em 1968. (Cf. Simões, 1970a);

PA-SA-12: Tijolo

Sambaqui residual da fase Mina, localizado num mangal da ilha do Tijolo, pequena ilha próxima a do Pesqueirão, na baía de Pirabas. Praticamente destruído ao tempo da visita de Ferreira Penna, em 1875, encontra-se hoje reduzido a ligeira camada superficial de conchas e fragmentos de cerâmica. Deveria ocupar uma área de 83 x 68 m e altura atual de 3,30 m em relação ao mangal. Pesquisado por Simões & Corrêa em 1968. (Cf. Ferreira Penna, 1876: 88; Simões, 1970a);

PA-SA-13: Coroa Nova

Sambaqui residual da fase Mina, localizado num mangal a cerca de 700 m da margem direita do igarapé da Mina, o qual conflui com o "furo Grande", na baía de Pirabas. Visitado por Ferreira Penna em 1875 quando já em processo de destruição, apresenta-se hoje praticamente extinto, restando apenas camada residual de conchas e fragmentos de cerâmica, a qual ocupa uma área de, aproximadamente, 150 x 125 m e altura máxima em relação ao mangal de 2,0 m. Pesquisado por Simões & Corrêa em 1968. (Ibid.);

PA-SA-14: Sumaumeira

Sambaqui residual da fase Mina, localizado no interior da ilha do Pesqueirão, próximo à margem direita do rio Pirabas. Dista cerca de 500 m a oeste do PA-SA-9: Furinho, apresentando-se praticamente cercado por mangal, exceto por uma lombada a leste que se prolonga até o sambaqui do Furinho. Formato elíptico com cerca de 50 x 30 m e altura máxima de 1,50 m em relação ao mangal. Camada superficial e depósitos secundários com conchas e fragmentos de cerâmica. Pesquisado por Simões & Corrêa em 1968. (Cf. Simões, 1970a);

PA-SA-15: Taperebá

Sambaqui residual da fase Mina, localizado na parte alta da ilha de Fortaleza, à margem do "furo do Hilário" que liga a baía de Pirabas à baía dos Pilões, nas proximidades do povoado de Areões. Muito perturbado pelos extratores de conchas, apresenta-se reduzido a ligeira camada superficial de conchas e fragmentos de cerâmica numa área de 30 x 25 m e altura de 10 m em relação ao nível do mangal. Pesquisado por Simões & Corrêa em 1968. (Ibid.);

PA-SA-16: Caratateua

Sambaqui residual da fase Mina, localizado na ilha de Caratateua, à margem direita do "furo do Hilário", já na baía dos Pilões. Praticamente destruído, com camada remanescente de conchas e fragmentos de cerâmica ocupando uma área de cerca de 50 m de diâmetro e altura de 1,50m em relação ao mangal. Pesquisado por Simões & Corrêa em 1968. (Ibid.);

PA-SA-17: Nazaré

Sítio-cemitério (?) de fase cerâmica a ser designada, localizado a cerca de 100 m da margem esquerda do rio Quatipuru, dentro da atual vila homônima, por trás da velha igreja. O local das evidências (urnas e fragmentos de cerâmica) abrange área de 50 x 10 m. Pesquisado por Simões *et al.* em 1969. (Ibid.);

PA-SA-18: Campo de Futebol

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado ao lado do campo de futebol da vila de Quatipuru, entre a margem esquerda do rio e a rua principal da vila. Ocupa ligeira elevação do terreno, com cerca de 100 m de diâmetro e 1,50 m de altura máxima em relação ao campo envolvente. Pesquisado por Simões *et al.* em 1969. (Ibid.);

PA-SA-19: Matriz

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do rio Quatipuru, na barranca do rio defronte à velha Igreja e próximo ao PA-SA-17: Nazaré. Ocupa uma área de 200 m de diâmetro e cerca de 3 m de altura em relação ao nível do rio na enchente. Pesquisado por Simões *et al.* em 1969. (Ibid.);

PA-SA-20: Feitoria

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem esquerda do rio Quatipuru, à jusante da vila homônima. Ocupa a parte superior de um barranco de cerca de 3 m de altura em relação ao nível médio do rio, estendendo-se paralelamente ao rio cerca de 150m. Pesquisado por Simões *et al.* em 1969. (Ibid.);

PA-SA-21: Macaco I

Sítio-habitação da fase Tucumã, localizado no alto de uma colina distante cerca de 1,5 km da margem esquerda do médio rio Quatipuru, à montante da vila homônima. Refugo espalhado numa área de 150 m de diâmetro, superposto por camada aluvional estéril. Pesquisado por Simões *et al.* em 1969. (Ibid.);

PA-SA-22: Macaco II

Sítio-habitação da fase Tucumã, localizado no flanco da colina ocupada pelo sítio PA-SA-21: Macaco I, distando deste cerca de 300 m a nordeste. Refugo coberto por camada aluvional estéril. Área aproximada de ocupação medindo cerca de 250 m de diâmetro. Pesquisado por Simões *et al.* em 1969. (Ibid.);

PA-SA-23: Uruá

Sítio-habitação (sítio-tipo) da fase Uruá, localizado sobre uma colina que circunscreve área baixa e alagável, distante cerca de 1,5 km da Fazenda Santo André, na margem esquerda do médio rio Quatipuru. De formato elíptico, mede 62 x 32 m, com altura de 3,82 m em relação ao terreno envolvente. Pesquisado por Simões *et al.* em 1969. (Ibid.);

PA-SA-24: Urucuri

Sítio-habitação da fase Uruá, localizado na mesma colina do sítio PA-SA-23: Uruá, distando deste cerca de 80 m a nordeste. Também de formato elíptico, mede 45 x 20 m e altura máxima de 1,30 m em relação ao terreno envolvente. Pesquisado por Simões *et al.* em 1969. (Ibid.);

PA-SA-25: Coroatá

Sítio-habitação da fase Uruá, localizado numa colina a leste daquela dos sítios PA-SA-23 e PA-SA-24, distando cerca de 6 km, por picada carroçável, do início da estrada que liga Primavera a Quatipuru. É o menor dos sítios dessa fase, medindo 32 x 15 m, com altura máxima de 2 m em relação ao campo. Pesquisado por Simões *et al.* em 1969. (Ibid.);

PA-SA-26: Rio dos Cacos

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado no barranco da margem esquerda do rio dos Cacos, distante 18 km da estrada carroçável que liga Capanema a Jaburu. Defronte ao sítio o rio se espalha pela vegetação da margem direita, com inúmeros fragmentos de cerâmica em seu leito. É de difícil delimitação pela vegetação cerrada. Foi visitado por Peter Hilbert em 1952 e pesquisado por Simões *et al.* em 1969. (Ibid.);

PA-SA-27: Maçaranduba

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem direita do rio Quatipuru, ligeiramente acima da vila homônima. Ocupa a parte plana do barranco do rio, cuja altura em relação ao nível do rio (Maré cheia) alcança 7 m. Mede mais de 100 m ao longo do barranco e 50 m de largura. Pesquisado por Simões *et al.* em 1969. (Ibid.);

PA-SA-28: Tucumã

Sítio-habitação (sítio-tipo) da fase Tucumã, localizado no local denominado "campo do Careca", distando cerca de 6 km, por picada carroçável, do início da estrada que liga Primavera à vila de Quatipuru. Distância do sítio PA-SA-25: Coroatá cerca de 300 m. Ocupa uma área alta cortada por valetas de erosão, coberta por vegetação arbustiva cerrada, calculada em cerca de 100 m de diâmetro. Pesquisado por Simões *et al.* em 1969. (Ibid.);

PA-SA-29: Marinheiro

Sambaqui residual da fase Mina, localizado no interior da ilha do Arroz, antiga ilha do Marinheiro, situada do lado oposto à vila de Boa Vista. O que resta do sambaqui ocupa área ligeiramente circular, com cerca de 100 m de diâmetro, cercada por mangal e campo, com altura máxima de 2,20 m em relação ao campo. Pesquisado por Simões *et al.* em 1969. (Ibid.);

PA-SA-30: Cocal

Sambaqui residual da fase Mina, localizado no interior da ilha do Arroz, distando cerca de 300 m do sítio PA-SA-29. Bastante perturbado pelos extractores de conchas, resta atualmente uma camada de 40 a 60 cm de refugo em alguns pontos, contendo conchas, ossos, vértebras de peixes e fragmentos de cerâmica. De formato alongado, mede cerca de 150 m de comprimento e 60 m de largura. Altura máxima é de 2 m em relação ao mangal seco. Pesquisado por Simões *et al.* em 1969. (Ibid.);

PA-SA-31: Arroz

Sambaqui residual da fase Mina, distando cerca de 2 km da sede da Fazenda do Arroz, no interior da ilha do Arroz ou do Marinheiro. O que restou do grande sambaqui visitado por Ferreira Penna, em 1875, ocupa a parte norte de um teso com 250 m de diâmetro e altura máxima de 3,20 m junto ao mangal seco que envolve parcialmente o teso. Apenas camada superficial de conchas e alguns fragmentos de cerâmica. Denominado por "Mina do Marinheiro ou do Cel. Clarindo", por Ferreira Penna. Pesquisado por Simões *et al.* em 1969. (Ibid.);

PA-SA-32: Sumaúma

Sambaqui residual da fase Mina, localizado junto a um mangal, próximo ao Igarapé do Arroz, distando cerca de 1,5 km no rumo sul da sede da Fazenda do Arroz, na ilha homônima. Parcialmente destruído, restando ainda camada residual de conchas e fragmentos de cerâmica. Mede atualmente cerca de 60 x 15 m e altura máxima de 2,70 m em relação ao mangal. Pesquisado por Simões *et al.* em 1969. (Ibid.);

PA-SA-33: Bule

Sambaqui residual da fase Mina, localizado sobre um teso que forma a "Ilha" do Bule, em terras da Fazenda do Arroz, na ilha do Marinheiro ou do Arroz. Bastante perturbado pela extração de conchas, o que restou do sambaqui se estende pela parte sul do teso, junto a um mangal, medindo cerca de 75 m de diâmetro e altura máxima de 2 m em relação ao nível do mangal. Pesquisado por Simões *et al.* em 1969. (Ibid.);

PA-SA-34: Fausto

Sambaqui residual da fase Mina, localizado na "ilha do Fausto", um teso distante cerca de 1 km, no rumo norte, da sede da Fazenda do Arroz, na ilha homônima ou do Marinheiro. Praticamente destruído, restando apenas

camada superficial de conchas, fragmentos de cerâmica e conchas decompostas em mistura com terra escura. Ocupa a extremidade norte do tesó, junto a um mangal, medindo cerca de 200 x 50 m e altura máxima de 2,10 m em relação ao mangal. Pesquisado por Simões *et al.* em 1969. (Ibid.);

PA-SA-35: Castelo

Sambaqui residual da fase Mina, localizado na ponta do Castelo, de frente à "ilha" do Encarnado, na vila de Boa Vista. Muito perturbado, com camada remanescente da base composta por conchas, conchas decompostas e alguns fragmentos de cerâmica, sobre a qual se depositou outra camada de terra de 10 a 15 cm. Junto ao mangal há material de conchas e fragmentos de cerâmica provocado pelo desmoronamento do barranco. Deveria ocupar área circular com quase 75 m de diâmetro, e altura atual de 2 m em relação ao mangal. Pesquisado por Simões *et al.* em 1969. (Ibid.);

PA-SA-36: Jabatiteua

Sítio-habituação da fase Tucumã, localizado em Jabatiteua, pequena propriedade particular distante cerca de 2 km de Jabaroca, ligando-se a esta por picada à cidade de Primavera. O sítio dista cerca de 600 m da sede da propriedade, ocupando a parte alta da área, próximo a um igarapé que val desaguar na chamada "vala do Macaco". Apresenta forma quase circular, com cerca de 150 m de diâmetro e altura máxima em relação ao nível do igarapé de 3,20 m. Pesquisado por Simões *et al.* em 1969. (Ibid.);

PA-SA-37: Cotias

Sambaqui residual da fase Mina, localizado na ilha das Cotias, distante cerca de 6 km do sambaqui PA-SA-5: Porto da Mina, por via fluvial. O que resta do sambaqui ocupa o centro da ilha, sendo totalmente cercado por mangal. Área circular de cerca de 100 m de diâmetro e altura máxima em relação ao mangal de 5 m. Pesquisado por Simões *et al.* em 1969. (Ibid.);

PA-SA-38: Arapiranga

Sambaqui residual da fase Mina, localizado no interior de uma ilha à margem esquerda do rio Arapiranga, o qual vai desembocar junto à vila de Boa Vista. O que resta do sambaqui ocupa uma "ilha" de mata distante cerca de 800 m do porto da ilha, através de campos inundados nas marés vivas. Cercado por mangal apresenta área ligeiramente triangular, medindo cerca de 75 x 40 m e altura máxima de 1,20 m em relação ao nível do mangal. Pesquisado por Simões *et al.* em 1969. (Ibid.);

PA-SA-39: Penha

Sambaqui residual da fase Mina (?), localizado nas proximidades da margem direita do rio Maracanã, no povoado de Penha. Dista da margem arenosa do rio cerca de 200 m e é praticamente cercado por mangal. Camada remanescente contendo conchas inteiras, decompostas e fragmentos de cerâmica. Área de aproximadamente 75 m de diâmetro e altura máxima em relação ao mangal de 3 m. Pesquisado por Simões *et al.* em 1970. (Cf. Simões, 1973);

PA-SA-40: Breu

Sambaqui residual da fase Mina, localizado na Fazenda Camará, próximo ao sítio PA-SA-4: Areão, numa área de terra alta entre o mangal e o campo, denominado "ilha da Mata". O que resta do sambaqui ocupa a parte noroeste do teso, junto ao mangal, com espessura de 30 cm. De forma circular com cerca de 50 m de diâmetro e altura máxima de 2 m em relação ao nível do mangal seco. Pesquisado por Mario F. Simões & Conceição G. Corrêa em 1970. (Ibid.);

PA-SA-41: Recreio

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado a cerca de 500 m da margem direita da estrada que liga Bragança a Vizeu, nas proximidades da ponte sobre o rio Tijoca. Área de 300 x 200 m, plana, ocupada atualmente por mandiocal. Pesquisado por Simões & Corrêa em 1970. (Ibid.);

PA-SA-42: Inajá

Sambaqui residual da fase Mina, localizado próximo a um mangal da ilha de Inajá, na baía ou rio Inajá. Bastante perturbado, com camada remanescente de conchas inteiras e decompostas e fragmentos de cerâmica, abrange cerca de 150 x 75 m e altura máxima em relação ao mangal de 2,50 m. Pesquisado por Simões *et al.* em 1972. (Ibid.);

PA-SA-43: Espinho I

Sambaqui residual da fase Mina, localizado na ilha do Espinho, situada entre a baía de Pirabas e Quatipuru, distando da vila de São João de Pirabas 1,30 h de barco com motor de centro. Dista do porto da ilha 1,5 km através do campo. Bastante perturbado, com apenas camada de conchas e fragmentos de cerâmica concentrada numa área de 85 x 40 m, com altura máxima de 3 m em relação ao mangal. Pesquisado por Simões *et al.* em 1972. (Ibid.);

PA-SA-44: Espinho II

Sambaqui residual da fase Mina, localizado na ilha do Espinho, cerca de 1 km a leste do PA-SA-43: Espinho I. Ocupa parte de uma "ilha" de mata cercada a oeste por campo e nas demais por mangal. Apresenta-se bastante erodido e perturbado, com apenas uma camada superficial de conchas e fragmentos de cerâmica numa área de 100 x 50 m e altura máxima atual de 5 m em relação ao mangal. Pesquisado por Simões *et al.* em 1972. (Ibid.);

PA-SA-45: Cuiarana

Sambaqui residual da fase Mina, localizado próximo às cabeceiras do rio Arapipó, no Município de Salinópolis. Praticamente destruído, com escassa camada superficial de conchas e fragmentos de cerâmica, ocupa uma área atual de 70 x 30 m e altura máxima de 1,50 m em relação ao mangal. Pesquisado por Simões *et al.* em 1972. (Ibid.);

PA-SA-46: Itapéu

Sambaqui residual da fase Mina, localizado na ponta do Itapéu, nas proximidades da barra do rio Arapipó, no Município de Salinópolis. Praticamente destruído, resta apenas camada remanescente de conchas e alguns ossos de peixes e fragmentos de cerâmica. Segundo a camada residual, deveria ocupar área elíptica, com cerca de 100 m de eixo maior, e altura máxima atual de 5 a 7 m em relação ao mangal envolvente. Pesquisado por Simões *et al.* em 1972. (Ibid.);

PA-SA-47: Cocal de Dentro

Sambaqui residual da fase Mina, localizado na ilha do Cocal, no Município de Salinópolis, ocupando a ponta que se projeta para o mar, formando duas pequenas enseadas. A parte baixa da falésia é rodeada por mangal e grande blocos de laterita. A julgar pela camada residual de conchas e fragmentos de cerâmica, deveria ter a forma circular com diâmetro de cerca de 60 m e a altura em relação ao mangal é de 7 m. Pesquisado por Simões *et al.* em 1972. (Ibid.);

PA-SA-48: Cocal de Fora

Sambaqui residual da fase Mina, localizado na ilha do Cocal, numa ponta a oeste do PA-SA-47: Cocal de Dentro, nas proximidades da barra do rio Arapipó. É circundado a W, S e E pelo mar, enquanto a N confina com a terra firme. A base do sambaqui está a 6,60 m de altura em relação ao nível da praia, e sua área, a julgar pela camada superficial de conchas, seria elíptica com cerca de 110 x 63 m. Pesquisado por Simões *et al.* em 1972. (Ibid.);

PA-SA-49: Marco

Sambaqui residual da fase Mina, situado na ponta norte da ilha do Marco, banhado pela cabeceira do igarapé da Mina, no Município de Maracanã. Dista cerca de 250 m do oceano, sendo cercado por mangal a N, E e SE. Camada superficial contendo bastante material de ossos de peixes, conchas e fragmentos de cerâmica. Área ligeiramente elíptica, medindo atualmente 110 m no sentido leste-oeste, e 80 m no de norte-sul, com altura máxima de 6,90 em relação ao mangal. Provavelmente é o mesmo sambaqui visitado por Derby em meados do século XIX, e por este denominado **Mina de Salinas**. Pesquisado por Simões *et al.* em 1972. (Cf. Hartt, 1885: 8-9; Simões, 1973);

PA-SA-50: Ostral

Sambaqui residual da fase Mina, localizado a cerca de 3 km do povoado de São Raimundo, no Município de Maracanã, distando 100 m do igarapé do Ostral. De formato elíptico, mede atualmente 75 m no sentido leste-oeste e 50 m no de norte-sul. Altura máxima em relação ao mangal de 2,50 m. Pesquisado por Simões *et al.* em 1972. (Cf. Simões, 1973);

PA-SA-51: Itacupim

Sambaqui residual da fase Mina (?), localizado na parte norte da ilha de Itacupim, cerca de 200 m do mar, no Município de Vizeu. A julgar pela camada superficial de conchas e alguns fragmentos de cerâmica, deveria ter formato elíptico, com cerca de 32 m no sentido N-S e 25 no de E-W, e altura máxima atual é de 2 m em relação ao terreno envolvente. Pesquisado por Mario F. Simões & Ana Lucia Machado em 1973. (Ibid.);

PA-SA-52: Bambá

Sambaqui residual da fase Mina, localizado numa ponta de terra que se projeta entre a baía de Japerica e Boa Vista. Totalmente cercado por mangal, mede atualmente cerca de 30 m no sentido N-S e 45 no de E-W, e altura máxima em relação ao mangal de 2 m. Pesquisado por Simões & Machado em 1973. (Ibid.);

PA-SA-53: São Sebastião

Sambaqui residual da fase Mina, localizado nas proximidades de um mangal da margem esquerda de um braço do rio Arapipó. Ocupa a parte alta da terra firme, com evidências remanescentes indicando área de 37 m no sentido E-W e 30 m no de N-S, e cerca de 6 m de altura máxima em relação ao mangal. Pesquisado por Simões & Machado em 1973. (Ibid.);

PA-SA-54: Portinho

Sambaqui residual ad fase Mina, localizado junto a um mangal do rio Arapipó, na localidade conhecida como Portinho. Formato ligeiramente elíptico, com 50 m no sentido E-W e 40 m no de N-S, e cerca de 1,50 m de altura atual em relação ao mangal. Pesquisado por Simões & Machado em 1973. (Ibid.);

PA-SA-55: Itarana

Sambaqui residual da fase Mina, localizado a cerca de 25 m da margem do igarapé da Mina ou de Salinas, o qual flui para o rio Arapipó, numa grande ilha que se estende para o lado do rio Inajá. Formato atual elíptico com 75 x 40 m, com o eixo maior paralelo à margem do igarapé. Altura máxima atual em relação ao mangal é de 2 m. Pesquisado por Simões & Machado em 1973. (Ibid.);

PA-SA-56: Carmo

Sambaqui residual da fase Mina, localizado sobre um barranco da margem esquerda de um braço do rio Inajá, próximo ao povoado do Carmo ↗ à montante do PA-SA-42: Inajá. Formato geralmente circular com cerca de 30 m de diâmetro e altura atual de 3 m acima do nível do mangal. Pesquisado por Simões & Machado em 1973. (Ibid.);

PA-SA-57: Fugido

Sambaqui residual da fase Mina, localizado próximo a um mangal nas cabeceiras do rio Fugido, o qual flui para o rio Inajá. Ocupa área atual elíptica irregular, com cerca de 40 x 30 m, e altura máxima de 4 a 5 m acima do nível do mangal. Pesquisado por Simões & Machado em 1973. (Ibid.);

PA-SA-58: Flora

Sambaqui residual da fase Mina, localizado a cerca de 10 km do povoado de Corema, na rodovia Santa Luzia-Salinópolis. Dista cerca de 180 m da margem do rio Macapã, o qual vai desembocar na baía de Salinas. Cercado por mangal, mede a base atual cerca de 40 m no maior eixo, estando completamente coberto por vegetação arbustiva com espinhos. Pesquisado por Simões & Machado em 1973. (Ibid.);

PA-SA-59: Piquiá

Sambaqui residual da fase Mina, localizado numa ilha fronteira ao sambaqui PA-SA-56: Carmo, nas proximidades das cabeceiras do igarapé do Piquiá, no rio Inajá. A julgar pela camada superficial sua forma atual mostra-se circular, com cerca de 50 m de diâmetro. Solo areno-argiloso com a base a cerca de 4,5 m acima do nível do mangal. Pesquisado por Simões & Machado em 1973. (Ibid.);

PA-SA-60: Mota

Sambaqui residual da fase Mina, localizado junto a um mangal da margem direita do rio do Marco, o qual desemboca na baía de Salinas. Dista cerca de 4 km do povoado do Mota, pela estrada que liga este último à ilha do Marco. Camada superficial remanescente com muito material malacológico e cultural, abrangendo área atual de 75 x 35 m, com altura máxima em relação ao mangal de 2,50 m. Pesquisado por Simões & Machado em 1973. (Ibid.);

PA-SA-61: Serra

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem da estrada Primavera-Quatipuru, distando desta última cerca de 2,20 km. Vestígios de fragmentos de cerâmica em ambas as margens da estrada, sugerindo um sítio cortado pela abertura da estrada. Área total, incluindo o atual corte da estrada, seria circular com aproximadamente 50 m de diâmetro. Prospeccionado por Simões *et al.* em 1975. (Cf. Simões, 1975);

PA-SA-62: São Vitor

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, distando cerca de 200 m do leito da estrada Bragança-Vizeu, aproximadamente 4 km do ramal para Augusto Corrêa. Ocupa parte de um pimental recém-plantado e da caçoeira anexa. Do local foi retirada uma urna com restos de ossos, bem como

regular quantidade de fragmentos de cerâmica, quando da plantação do pimental. Área com cerca de 250 m no sentido E - W e 150 m no de N - S, com altura máxima em relação ao igarapé próximo de 3 m. Prospeccionado por Simões em 1977, e escavado posteriormente por Corrêa. (Cf. Corrêa, 1977);

Área PA-ST (Santarém)

PA-ST-1: Terra Preta Grande

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado em Taperinha, Município de Santarém. Pesquisado por Ulpiano B. Menezes em 1971 e 1973. (Menezes, 1977 : com. pessoal);

PA-ST-2: Terra Pretinha

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado em Taperinha, Município de Santarém. Pesquisado por Menezes em 1971 e 1973. (Ibid.);

PA-ST-3: Abacatal

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado em Taperinha, Município de Santarém. Pesquisado por Menezes em 1971 e 1972. (Ibid.);

PA-ST-4: Santana

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado na vila de Santarém, Município de Santarém. Pesquisado por Menezes em 1971 e 1972. (Ibid.);

PA-ST-5: Frechal

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado na serra de Santana, no Município de Santarém. Pesquisado por Menezes em 1972. (Ibid.);

PA-ST-6: Terra Preta dos Patos

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado na vila dos Patos, no Município de Santarém. Pesquisado por Menezes em 1973. (Ibid.);

PA-ST-7: Terra Preta da Aperema

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado em Taperinha, no Município de Santarém. Pesquisado por Menezes em 1973. (Ibid.);

PA-ST-8: Carapanã

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado em Taperinha, no Município de Santarém. Pesquisado por Menezes em 1973. (Ibid.);

PA-ST-9: Boião

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado em Tapeirinha, no Município de Santarém. Pesquisado por Menezes em 1973. (Ibid.);

PA-ST-10: Hidrelétrica

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado na Usina Hidrelétrica do Curuá-Una, no Município de Prainha. Pesquisado por Menezes em 1973. (Ibid.);

PA-ST-11: Paraíso

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado em Curuá-Una, no Município de Prainha. Pesquisado por Menezes em 1973. (Ibid.);

PA-ST-12: Colônia do Pacoval

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado no Pacoval do Curuá-Una, Município de Prainha. Pesquisado por Menezes em 1973. (Ibid.);

PA-ST-13: T. P. de Jupindá

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado no igarapé do Caranã, no Município de Prainha. Pesquisado por Menezes em 1973. (Ibid.);

PA-ST-14: T. P. Paricatuba

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado em Curuá-Una, Município de Prainha. Pesquisado por Menezes em 1973. (Ibid.);

PA-ST-15: Luís Costa

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado em Curuá-Una, Município de Prainha. Pesquisado por Menezes em 1973. (Ibid.);

PA-ST-16: Mungubal

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado em Curuá-Una, Município de Prainha. Pesquisado por Menezes em 1973. (Ibid.);

PA-ST-17: Tapurumacá

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado em Curuá-Una, Município de Prainha. Pesquisado por Menezes em 1973. (Ibid.);

PA-ST-18: São Bento

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado em São Bento, no Município de Prainha. Pesquisado por Menezes em 1973. (Ibid.);

PA-ST-19: Sertão

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado em Curuá-Una, no Município de Prainha. Pesquisado por Menezes em 1973. (Ibid.);

PA-ST-20: Brota

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado em Curuá-Una, no Município de Prainha. Pesquisado por Menezes em 1973. (Ibid.);

PA-ST-21: Ituquizinho

Sítio-habitação de fase cerâmica o ser designada, localizado em Curuá-Una, no Município de Prainha. Pesquisado por Menezes em 1973. (Ibid.);

PA-ST-22: Ilha das Pombas

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado em Curuá-Una no Município de Prainha. Pesquisado por Menezes em 1973. (Ibid.);

PA-ST-23: Jaraquituba

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado no igarapé de Jaraquituba, em Curuá-Una, no Município de Prainha. Pesquisado por Menezes em 1973. (Ibid.);

PA-ST-24: Pacoval

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado no Pacoval de Curuá-Una, no Município de Prainha. Pesquisado por Menezes em 1973. (Ibid.);

PA-ST-25: Santa Maria

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado em Curuá-Una, no Município de Prainha. Pesquisado por Menezes em 1973. (Ibid.);

PA-ST-26: Capiranga

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado em Boa Vista de Capiranga, em Curuá-Una, Município de Prainha. Pesquisado por Menezes em 1973. (Ibid.);

PA-ST-27: Cernambi de Taperinha

Sambaqui fluvial residual, localizado em Taperinha, no Município de Santarém. Pesquisado por Menezes em 1973. (Ibid.).

Pela localização e nome é o mesmo sambaqui de Taperinha visitado e pesquisado por Charles F. Hartt, em 1870 e 1871, no engenho de propriedade do Barão de Santarém e Mr. Rhome, localizado a cerca de 200 m do paraná Aiaiaá, a leste da cidade de Santarém. (Cf. Hartt, 1885: 1 ss);

PA-ST — Outros possíveis sítios sem localização precisa

Nimuendaju localizou inúmeros sítios na área urbana atual da cidade de Santarém, como também no rio Curuá-Una, todos da Cultura Santarém. Alguns dos quais, provavelmente, seriam os pesquisados por Ulpiano B. Mezezes em 1971-73. (Cf. Nimuendaju, *apud* Palmatary, 1960: mapa 3);

Um outro sítio, visitado por Nigel Smith em 1973, é apontado numa mancha de **terra preta**, com cerca de 2 ha, na rodovia Cuiabá-Santarém, na intersecção com o igarapé Moju, aproximadamente a 125 km ao sul de Santarém. (Cf. Smith, 1973).

TERRITÓRIO FEDERAL DE RONDÔNIA

Infelizmente, essa unidade federativa vem recebendo pouca atenção dos arqueólogos profissionais. Com exceção de achados ocasionais, feitos por amadores e curiosos, e a prospeccção realizada pela etnóloga Etta Becker-Donner, do Museu de Viena, em 1954-56, ao longo da margem direita do rio Guaporé, só recentemente, com o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica (PRONA-PABA), teve ali início as pesquisas arqueológicas com os trabalhos de campo de Eurico Th. Miller, do Museu de Arqueologia do Rio Grande do Sul. Com base nos autores acima, apresentamos os seguintes sítios :

Área RO-CO (Rio Corumbiara)

Etta Becker-Donner cita várias localidades ao longo da margem direita do rio Guaporé, nas quais encontrou material arqueológico, como :

Laranjeiras — junto à foz do rio Corumbiara, afluente do Guaporé, com material de superfície, informando ainda a existência de um outro sítio com urnas e petróglifos alguns dias de viagem de Barranco Alto. (Cf. Becker-Donner, 1956: 211);

Área RO-PB (Vila Príncipe da Beira)

Etta Becker-Donner cita alguns locais ao longo da margem direita do Guaporé, nos quais encontrou material arqueológico, tais como :

Príncipe da Beira — local com fragmentos de cerâmica e ossos;

Santa Fé — local a cerca de uma hora a motor de popa acima de Costa Marques, com terra preta e fragmentos de cerâmica;

Santo Antônio — povoado na várzea acima de Costa Marques, com fragmentos de cerâmica e parte de uma urna;

Santa Rosa — povoado abaixo de Santo Antônio, em um campo distante cerca de hora e meia do povoado;

Belo Oriente — povoado de seringueiros, abaixo de Santa Rosa, numa terra preta distante cerca de 25 minutos a pé do povoado, com muitos fragmentos de cerâmica;

Limoeiro — povoado à margem do rio São Miguel, afluente do Guaporé, numa terra preta distante um dia de viagem subindo o rio São Miguel. Numerosos fragmentos de cerâmica e artefatos líticos. (Ibid.: 202-204 e 211-12);

Área RO-PN (Pedras Negras)

É ainda Etta Becker-Donner que fornece algumas informações sobre localidades onde encontrou material arqueológico, tais como :

Bacabalzinho — povoado à montante de Santo Antônio, com material de superfície encontrado nas roças;

Pedras Negras — povoado em parte erguido sobre uma colina com cerca de 20 m de altura, com muito material cerâmico;

Maloca — povoado a cerca de hora e meia de barco abaixo de Pedras Negras. O provável sítio fica perto de um castanhal e nas proximidades de um igarapé afluente do rio Guaporé. Material de superfície e algumas urnas;

Quebra-potes — ilha no rio Guaporé, abaixo de Maloca, com urnas e grandes panelas;

Ilha das Flores — ilha acima de Pedras Negras, com material no povoado e numa fazenda distante 3 km do povoado. Fragmentos de cerâmica e uma urna com ossos;

Rolim de Moura — povoado próximo à foz do rio Mequens, com material na parte ocidental do povoado. (Ibid.: 203-11);

Área RO-RO (Rio Roosevelt)

RO-RO-1: Vilhena I

Sítio-acampamento da fase pré-cerâmica Vilhena, localizado na mata da margem direita de um igarapé a oeste do povoado de Vilhena. Formato não determinado, medindo 70 x 50 m. Praticamente destruído pela extração de cascalho. Pesquisado por Eurico Th. Miller em 1974-75. (Cf. Miller, 1977; com. pessoal);

RO-RO-2: Vilhena II

Sítio-acampamento da fase pré-cerâmica Vilhena, localizado na mata de um igarapé, distando do sítio RO-RO-1: Vilhena I, cerca de 3 km. Formato e dimensões não determinadas. Pesquisado por Miller em 1975. (Ibid.).

TERRITÓRIO FEDERAL DE RORAIMA

Salvo alguns achados ocasionais, realizados por pessoas não especializadas, não há dessa unidade federativa quaisquer notícias de sítios arqueológicos pesquisados, muito embora seja a mesma de grande importância e interesse para a Arqueologia da Amazônia, considerando-se a diversificação de ambientes físicos existentes, a presença ainda de numerosos grupos indígenas e, em especial, por sua vizinhança com a Venezuela e Guiana, das quais há relevantes informações.

ESTADO DO MARANHÃO (A oeste do meridiano de 44° W)

As primeiras informações de sítios arqueológicos ou pesquisas, no Estado do Maranhão, datam da segunda década de nosso século, com a descrição e comentários de Raimundo Lopes sobre as estearias ou *palafitas* e alguns sambaquis da região, especialmente as primeiras, das quais escreveu vários artigos. Após essa data, com exceção de possíveis achados esporádicos de cerâmica e artefatos líticos, não temos conhecimento de outros sítios ou pesquisas no Estado até 1971, quando tem início na área MA-SL a pesquisa arqueológica nas estearias do lago Cajari e nos sambaquis residuais da ilha de São Luís. Essa pesquisa, patrocinada pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), foi realizada pelo Departamento de Arqueologia do Museu Paraense Emílio Goeldi, resultando na localização e pesquisa dos seguintes sítios arqueológicos :

Área MA-SL (São Luís)

MA-SL-1: Cacaria

Sítio-habitação subaquático (estearia) da fase Cajari, localizado no lago de Cajari, no Município de Penalva. Vestígios de pontas de esteios, fragmentos de cerâmica e artefatos líticos numa área ligeiramente elíptica de 130 x 75 m. Pesquisado por Raimundo Lopes em 1919 e, em 1971, por Simões *et al.* (Cf. Lopes, 1924; Simões, 1971b; Simões *et al.*, 1977);

MA-SL-2: Igarapé do Baiano

Sítio-acampamento subaquático (estearia) da fase Cajari, junto à margem esquerda do igarapé do Baiano, cerca de 600 m acima de sua foz no lago Cajari. Poucas evidências, restritas a algumas pontas de esteios e diversos fragmentos de cerâmica. Visitado por Raimundo Lopes em 1919 e pesquisado por Simões *et al.* em 1971. (Ibid.);

MA-SL-3: Fala Só

Sítio-habitação de fase cerâmica neobrasileira (?) ainda não designada, localizado numa antiga roça de mandioca a cerca de 30 m da estrada que liga Penalva a Viana, no Município de Penalva. Ocupa uma área de 70 m de diâmetro e cerca de 1,5 m de altura em relação ao nível da estrada. Pesquisado por Simões *et al.* em 1971. (Simões, 1971b);

MA-SL-4: Maiobinha

Sambaqui parcialmente destruído, de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem da estrada que liga São Luís a São José de Ribamar, distando cerca de 200 m do rio Maiobinha, em terreno da "Granja Jaguar". Bastante perturbado, com as evidências distribuídas por uma área de 190 x 70 m. O testemunho alcança a cota de 3,5 m em relação ao terreno envolvente. Visitado por Raimundo Lopes em 1922 e escavado por Simões *et al.* em 1971. (Cf. Lopes, 1931; Simões, 1971b);

MA-SL-5: Pindaí

Sambaqui residual de fase cerâmica a ser designada, localizado nas proximidades da estrada que liga São Luís a São José de Ribamar, no cruzamento da picada para Paço do Lumiar, distando cerca de 10 km do MA-SL-4: Maiobinha. Bastante perturbado, com a abertura da estrada foi cortado e praticamente destruído, restando dois testemunhos de conchas, cerâmica e fragmentos líticos nos flancos da estrada. Visitado por Raimundo Lopes em 1927 e pesquisado por Simões *et al.* em 1971. (Ibid.);

MA-SL-6: Boa Viagem

Sambaqui residual de fase cerâmica a ser designada, localizado na praia de Boa Viagem, cerca de 200 m do final da picada que tem início na estrada São Luís-São José de Ribamar. O que resta do sambaqui ocupa área irregular de cerca de 50 m de diâmetro, distando aproximadamente 100 m da orla marítima, junto a uma elevação paralela à praia. Pesquisado por Simões *et al.* em 1971. (Cf. Simões, 1971b);

MA-SL-7: Jaguarema

Sambaqui residual de fase cerâmica a ser designada, localizado numa elevação à direita da picada que liga a estrada São Luís-São José de Ribamar à praia de Boa Viagem, distando cerca de 1 km da bifurcação da rodovia. Os resíduos do antigo sambaqui ocupam área de cerca de 150 m de diâmetro, atualmente coberta por mata arbustiva e palmeiras. A colina apresenta 10 a 12 m de altura em relação ao nível da picada. Pesquisado por Simões *et al.* em 1971. (Ibid.);

MA-SL-8: Iguaíba

Sambaqui residual de fase cerâmica a ser designada, localizado no topo de uma colina, a qual dista 3 km da sede do Município de Paço do Lumiar. Muito perturbado, com camada remanescente ainda com bastante material malacológico e cultural, ocupa área irregular, descontínua, de aproximadamente 150 m no sentido SE-NW. Pesquisado por Simões *et al.* em 1971. (Ibid.);

MA-SL-9: Tendal

Sambaqui residual de fase cerâmica a ser designada, localizado no topo de uma elevação à margem esquerda da estrada carroçável que liga a sede do Município de Paço do Lumiar ao povoado de Mojó, à margem do igarapé homônimo. Praticamente destruído, com camada residual ocupando área irregular com cerca de 75 m de largura máxima. Pesquisado por Simões *et al.* em 1971. (Ibid.);

MA-SL-10: Marval

Sambaqui residual de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem de um mangal, no povoado de Mojó, Município de Paço do Lumiar. Praticamente destruído, ocupa a camada superficial cerca de 100 m de diâmetro, com sua base a 6 m acima do nível do mangal. Pesquisado por Simões *et al.* em 1971. (Ibid.);

MA-SL-11: Pau Deitado

Sambaqui residual de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem da picada que liga a estrada São Luís-São José de Ribamar ao povoado de Pau Deitado. Praticamente destruído, com camada superficial ocupando área irregular de cerca de 75 a 100 m de diâmetro, coberta por arbustos e palmeiras. Pesquisado por Simões *et al.* em 1971. (Ibid.);

MA-SL — Outros sítios sem localização precisa

Raimundo Lopes assinala uma estearia — a do Encantado —, localizada no vale do rio Pericumã, por ele visitada em 1919. (Cf. Lopes, 1924: 90);

Área MA-TU (Rio Turiaçu)

Raimundo Lopes registra várias estearias no vale do rio Turiaçu, algumas por ele visitadas e outras por informação, tais como: estearia do lago Jenipapo, do lago Caboclo, da "Volta do Armindo", da boca do igarapé Florante, do Cabeludo e do lago do Souza. (Cf. Lopes, 1931: 177).

ESTADO DE MATO GROSSO

O mais antigo registro de sítios arqueológicos no atual Estado de Mato Grosso é fornecido pela localização de uma gruta contendo urnas funerárias, nas cabeceiras do rio Culiseiu, encontrada pelo Cel. Francisco de Paula Castro, em 1897, quando de sua viagem aos formadores do Xingu.

Já em nosso século, destacam-se a prospecção feita por Max Schmidt, em 1926/28, em 13 sítios dos rios Mazagão e Cuiabá, e as escavações realizadas por Vicent Petruzzo, em 1931, em dois sítios-cemitérios de Descalvados, à margem do rio Paraguai. Na área específica dos formadores do Xingu (MT-FX), é Eduardo Galvão (1947) o primeiro a informar a existência de cerâmica arqueológica, distinta da atual fabricada pelos grupos xinguanos, nos arredores do Acampamento Jacaré, no baixo rio Culuene. A este seguem-se os comentários de Kallervo Oberg (1948) sobre uma *valeta* existente próximo ao Acampamento Jacaré, a prospecção de Mario F. Simões (1952) e a de Gertrudes Dole (1953/4), todas nos arredores do baixo rio Culuene.

É em 1966, com o PRONAPA, que se realizaria a primeira pesquisa extensiva nas áreas MT-AX e MT-FX, com as escavações de Mario F. Simões ao longo do alto rio Xingu e seus afluentes, seguindo-se a de Pierre Becquelin, em 1973, no baixo rio Cuiuene.

De outras áreas, podemos registrar as prospecções de Frei Kanuto (1962) e de Lehel de Silimon (1964-1969) nas áreas MT-BU e MT-CB, a pesquisa de Eurico Th. Miller, sob o patrocínio da National Geography Society (1974-75), e a do PRONAPABA (1977), ambas nas áreas MT-AJ e MT-AP.

Com as informações dos autores acima, foram pesquisados e cadastrados os seguintes sítios arqueológicos :

Área MT-AJ (Alto rio Juruena)

MT-AJ-1: Camararezinho

Sítio-habitação da fase Camararé, localizado na mata ciliar entre o cerrado e a margem direita do rio Camararezinho, distando cerca de 20 km da BR-364, junto a uma aldeia de índios Nhambikuára. O sítio apresenta-se de forma elipsóide, medindo cerca de 150 x 80 m, e se encontra dentro da Reserva Indígena Nhambikuára (FUNAI). Pesquisado por Eurico Th. Miller em 1975. (Cf. Miller, 1977: com. pessoal);

MT-AJ-2: Posto Fritz

Sítio-habitação da fase Aguapé, no cerradão ciliar entre o cerrado e a margem direita do igarapé Juína, distando cerca de 15 km da estrada BR-364 e junto ao posto da FUNAI (Posto Fritz). Apresenta-se com formato elipsóide, medindo cerca de 300 x 190 m, dentro da Reserva Indígena Nhambikuára. Pesquisado por Miller, em 1975. (Ibid.);

MT-AJ-3: Cerro Azul

Sítio-habitação da fase Aguapé, localizado no cerradão entre o cerrado e a margem esquerda do igarapé Juína(?), junto à aldeia Nhambikuára de Cerro Azul, distando cerca de 20 km da estrada BR-364. De formato elipsóide, mede 180 x 110 m e se encontra em terras da Reserva Indígena Nhambikuára. Pesquisado por Miller em 1974. (Ibid.);

MT-AJ-4: Formiga I

Sítio-habitação (?) pré-cerâmico, de fase a ser designada, localizado à margem esquerda do rio Formiga, afluente pela margem esquerda do rio Juruena, a cerca de 5 km da sede da Fazenda Formiga, da Montedam SA. Tipo de sítio, forma e dimensões não definidos. Dimensões mínimas de 50 x 30 m. Pesquisado por Miller em 1977. (Ibid.);

MT-AJ-5: Formiga II

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem direita das cabeceiras do rio Formiga, afluente do rio Juruena, próximo à sede da Fazenda Formiga, da Montedam SA. Formato elíptico, com 100 x 60 m. Pesquisado por Miller, em 1977. (Ibid.);

Área MT-AP (Rio Aripuanã)

MT-AP-1: Aripuanã

Sítio-habitação da fase Aripuanã, localizado na mata da margem direita do rio Aripuanã, junto à vila de Aripuanã e a Cidade Laboratório de Humboldt. De formato elipsóide, mede aproximadamente 530 x 300 m. Pesquisado por Miller, em 1977. (Ibid.);

MT-AP-2: Corredeira dos Patos

Sítio-habitação da fase Aripuanã à margem direita do rio Aripuanã, em frente à corredeira dos Patos, aproximadamente 5 km acima do sítio MT-AP-1: Aripuanã. Formato elipsóide, medindo cerca de 250 x 150 m. Pesquisado por Miller, em 1977. (Ibid.);

MT-AP-3: Alto Aripuanã

Sítio-habitação da fase Aripuanã, localizado à margem direita do alto rio Aripuanã, junto à estrada em construção BR-172, a qual liga Vilhena a Aripuanã. Apresenta formato elipsóide com cerca de 200 x 150 m. Pesquisado por Miller, em 1977. (Ibid.);

Área MT-AX (Alto rio Xingu)

MT-AX-1: Posto Diauarum

Sítio-habitação da fase Diauarum localizado à margem direita do rio Xingu, logo abaixo da foz do rio Suiá-Missu, onde se encontra o Posto Diauarum, no Parque Indígena do Xingu. Ocupa uma área de 150 x 100 m, com altura máxima em relação ao nível do rio em julho de 4,54 m. Pesquisado por Mario F. Simões em 1966. (Cf. Simões, 1966 e 1967a);

MT-AX-2: Tutecetá

Sítio-habitação da fase Diauarum localizado à beira de uma lagoa na margem direita do baixo rio Suiá-Missu, na parte norte do Parque Indígena do Xingu, tendo servido no passado para construção de uma aldeia Suyá (Tutecetá). Apresenta formato circular, com cerca de 200 m de diâmetro e uma altura máxima de 5,20 m em relação ao nível da lagoa em julho. Pesquisado por Simões em 1966. (Ibid.);

MT-AX-3: Monã

Sítio-habitação da fase Diauarum localizado numa lagoa da margem esquerda do rio Xingu, cerca de 5 km à montante do Posto Diauarum, no Parque Indígena do Xingu. Atualmente ocupado por uma aldeia Kayabi (Monã). Mede cerca de 150 m de diâmetro e altura máxima de 7,5 m em relação ao nível da lagoa na estação seca (julho). Pesquisado por Simões em 1966. (Ibid.);

MT-AX-4: Roça do Posto

Sítio-habitação da fase Diauarum localizado na parte alta da margem esquerda do rio Xingu, distando cerca de 10 km à montante do Posto Diauarum, no Parque Indígena do Xingu, e ocupado na época pelas roças do Posto. De formato circular, mede 150 m de diâmetro, com altura máxima de 7,60 m em relação ao nível da lagoa na estação seca (julho). Pesquisado por Simões em 1966. (Ibid.);

MT-AX-5: Aldeia Bibina

Sítio-habitação da fase Diauarum localizado à margem esquerda do rio Xingu, logo abaixo da foz do rio Manitsauá, no norte do Parque Indígena do Xingu. O sítio ocupa área de cerca de 150 m de diâmetro e uma altura de 9,50m em relação ao nível do rio em julho. Na época ocupada por uma aldeia de índios Jurúna. Pesquisado por Simões em 1966. (Ibid.);

MT-AX-6: Roça Jurúna

Sítio-habitação da fase Diauarum localizado na margem esquerda do baixo rio Manitsauá, cerca de 5 km acima de sua foz no Xingu, na parte norte do Parque Indígena do Xingu. Ocupa área circular de aproximadamente 150 m de diâmetro, com altura máxima do barranco de 8 m em relação ao nível do rio em julho. Pesquisado por Simões em 1966. (Ibid.);

MT-AX-7: Aldeia Prepori

Sítio-habitação da fase Diauarum na margem direita do rio Xingu, cerca de 15 km à montante do Posto Diauarum, na parte norte do Parque Indígena do Xingu. Na época o sítio era ocupado por uma aldeia Kayabi. Mede cerca de 200 m de diâmetro e uma altura máxima, em relação ao nível do rio em julho, de 5,62 m. Pesquisado por Simões em 1966. (Ibid.);

MT-AX-8: Morená

Sítio-habitação da fase Diauarum (?), localizado a 200 m da margem esquerda do rio Xingu, cerca de 500 m à jusante da lagoa Morená, no Parque Indígena do Xingu. O sítio ocupa área de cerca de 200 x 100 m. Pesquisado por Pierre Becquelin em 1973. (Cf. Becquelin, 1973);

Área MT-BU (Barra do Bugres)

MT-BU-1: Chácara Sta. Terezinha

Sítio-cemitério de fase cerâmica a ser designada, localizado no Município de Cáceres, nas proximidades de uma estrada secundária que parte da rodovia estadual Cáceres-Barra do Bugres. Fica a NNE da cidade de Cáceres e dista 2 km da chácara Santa Terezinha. O sítio ocupa área de cerca de 2 km² (?). Visitado por Lehel de Silimon em 1969. (Cf. Silimon, 1971/72);

Área MT-CB (Cuiabá)

MT-CB-1: Boqueirão

Sítio-cerimonial (abrigo-sob-rocha) com petróglifos, na localidade conhecida como Boqueirão, no Município de Chapada dos Guimarães. É constituído por um rochedo arenítico com cerca de 40 m de altura, a 4 léguas de distância do rio da Casca, no sentido da **corrutela** Ponte Alta. Visitado em 1962 por Frei Kanuto e registrado por Lehel de Silimon em 1964. (Ibid.);

MT-CB-2: Lapa do Frei Kanuto

Sítio-cerimonial (abrigo-sob-rocha) com pictografias, no Município de Chapada dos Guimarães, distando cerca de 3 km a SSE da sede municipal. Compreende pictografias em vermelho em uma concavidade angular na escarpa arenítica. Visitado por frei Kanuto Amann em 1952, 1954 e 1962. Registrado por Silimon em 1969. (Ibid.);

MT-CB — Outros sítios sem localização exata

Max Schmidt, em sua excursão bienal a Mato Grosso (1926-28), localizou e prospeccionou 13 sítios cerâmicos na área. Embora pouco informando sobre os mesmos, registrou :

- 1 — sítio no rio Mazagão, afluente do Cuiabá, distante cerca de uma légua e meia acima do povoado Ribeirão;
- 2 — sítio no campo, próximo ao córrego Taruma;
- 3 — sítio no local denominado Aldeia Antiga dos Bugres, cerca de uma légua da pequena aldeia Canguinha;
- 4 — sítio perto da cabeceira do rio Triste, cerca de duas léguas do sítio Triste
- 5 — sítio próximo à mata do rio Cuiabá, cerca de 2 léguas do sítio Triste;
- 6 — sítio ao pé da serra Azul, perto da mata, cerca de 3 léguas do sítio Triste;
- 7 — sítio no local denominado Moreninha, perto de Morena;
- 8 — sítio no campo, próximo à mata do córrego Taquarazinho, perto de Morena;
- 9 — sítio no campo, no local denominado Capoeira Antiga, além do rio Aguaçu;
- 10— sítio no campo, aquém do rio Aguaçu, perto de Morena;
- 11— sítio no local chamado Saloba, no caminho para Mujorlino;
- 12— sítio no campo, no local denominado Córrego d'Água, perto de Mujorlino, ao pé da serra Azul;
- 13— sítio no campo, no local denominado Olho d'Água, perto de Mujorlino, ao pé da serra Azul. (Cf. Schmidt, 1942: 253-56);

Área MT-FX (Formadores do Xingu)

MT-FX-1: Makahuku

Sítio-habitação da fase Ipavu à margem esquerda do ribeirão Tutuarl, nas proximidades do Posto Leonardo Vilas Boas, na parte sul do Parque Indígena do Xingu. O sítio abrange área circular com cerca de 150 m de diâmetro, na época ocupado por uma aldeia de índios Ywalapiti, denominada Makahuku. Prospeccionado em 1954 por Gertrude Dole e pesquisado por Mario F. Simões em 1966. (Cf. Dole 1961/62:405; Simões, 1966 e 1967a);

MT-FX-2: Ipavu I

Sítio-habitação da fase Ipavu, localizado a 300 m da margem da lagoa Ipavu, nas proximidades de uma aldeia Kamayurá, na parte sul do Parque Indígena do Xingu. O sítio, onde existiu num passado próximo uma aldeia Kamayurá, mede cerca de 200 m de diâmetro com altura máxima em relação ao nível da lagoa de 4,5 m no mês de agosto. Pesquisado por Simões em 1966. (Cf. Simões, 1966 e 1967a);

MT-FX-3: Ipavu II

Sítio-habitação da fase Ipavu, na parte alta da terra firme, distando cerca de 500 m da margem da lagoa Ipavu, no local de uma antiga aldeia Kamayurá, na parte sul do Parque Indígena do Xingu. De área ligeiramente circular, mede cerca de 200 m de diâmetro e altura máxima de 4,5 m em relação ao nível da lagoa no mês de agosto. Pesquisado por Simões em 1966. (Ibid.);

MT-FX-4: Ipavu III

Sítio-habitação da fase Ipavu junto ao campo de pouso e cerca de 100 m da atual aldeia Kamayurá, nas proximidades da lagoa Ipavu, na parte sul do Parque Indígena do Xingu. Ocupa área circular de 200 m, aproximadamente. Pesquisado por Simões em 1966. (Ibid.);

MT-FX-5: Noviari

Sítio-habitação da fase Ipavu, localizado na margem norte da lagoa Ipavu, na parte sul do Parque Indígena do Xingu. O sítio dista cerca de 400 m da margem da lagoa, ocupando área circular de aproximadamente 200 m de diâmetro, com altura máxima de 9 m em relação ao nível da lagoa em agosto. Pesquisado por Simões em 1966. (Ibid.);

MT-FX-6: Aldeia Kuikuro

Sítio-habitação da fase Ipavu (?), localizado a 200 m ao sul da atual aldeia Kuikuro, na margem esquerda do rio Culuene, ao sul do Parque Indígena do Xingu. De formato ligeiramente circular, mede cerca de 200 m de diâmetro. Pesquisado por Pierre Becquelin em 1973. (Cf. Becquelin, 1973);

MT-FX-7: Tutuari

Sítio-habitação da fase Ipavu, localizado a cerca de 5 km a NNE do Posto Leonardo Vilas Boas, e a 2 km da margem esquerda do ribeirão Tutuari, na parte sul do Parque Indígena do Xingu. Ocupa área circular de cerca de 150 m de diâmetro. Pesquisado por Becquelin em 1973. (Ibid.);

MT-FX-8: Lagoa das Onças

Sítio-habitação (?) da fase Ipavu, localizado na orla oeste da lagoa das Onças ou Miarahé, distante cerca de 2 km a leste da lagoa Ipavu, na parte sul do Parque Indígena do Xingu. O sítio é subaquático com evidências numa área de 100 x 20 m. Pesquisado por Becquelin em 1973. (Ibid.);

MT-FX-9: Jacaré

Sítio-habitação da fase Ipavu, localizado nas redondezas do antigo Acampamento do Jacaré (hoje destacamento da FAB), à margem direita do ribeirão Jacaré, afluente pela direita do baixo rio Culuene, ao sul do Parque Indígena do Xingu. O sítio ocupava área irregular, com cerca de 200 m de diâmetro, junto ao campo de pouso do acampamento. Visitado por Eduardo Galvão (1947), Kalervo Oberg (1948) e prospeccionado por Simões em 1952. (Cf. Galvão, 1953: nota 16; Oberg, 1953: 9; Simões, 1967a:133);

MT-FX-10: Nariá

Sítio-habitação da fase Ipavu, localizado nas proximidades da lagoa Nariá, à margem direita do baixo rio Culuene, no sul do Parque Indígena do Xingu. Ocupado em 1952 por uma pequena aldeia Trumái, sua área abrangia cerca de 150 m de diâmetro. Prospeccionado por Simões em 1952. (Cf. Simões, 1967a:133);

MT-FX — Outros possíveis sítios

Gertrude Dole, durante sua pesquisa entre os índios Kuikúro (1953-54), procedeu alguns cortes-experimentais e coleta de material de superfície em cinco locais nas proximidades da antiga aldeia Lamakuka dos índios Kuikúro, localizada a cerca de 13 km da margem esquerda do rio Culuene, aproximadamente a 12° 30' de latitude sul, na parte sul do Parque Indígena do Xingu. A julgar pelas ilustrações publicadas, trata-se de material cerâmico da fase Ipavu. (Cf. Dole, 1961/62);

Área MT-GA (Rio das Garças)

MT-GA-1: Barra do Garças

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado na parte sudeste da cidade de Barra do Garças, à margem esquerda do rio das Garças, em sua confluência com o rio Araguaia. Ocupa área de cerca 600 x 400 m, em declive suave em direção ao rio. Registrado por Lehel de Silimon em 1972. (Cf. Silimon, 1971/72);

MT-GA-2: ?

Não há registro nos relatórios. Possivelmente teria sido utilizado para designar o local onde foram encontrados alguns monólitos de arenito, com petróglifos, localizado no leito do rio e próximo a margem esquerda do rio das Garças. (Ibid.);

MT-GA-3: São Marcos

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado na atual aldeia Xavante de São Marcos (Missão Salesiana), no Município de Barra do Garças. O sítio estende-se desde o centro da aldeia até o córrego dos Porcos, ocupando área de 120 x 100 m. Registrado por Silimon em 1972. (Ibid.);

Área MT-GU (Rio Guaporé)

MT-GU-1: Abrigo do Sol

Sítio-acampamento e cerimonial em abrigo-sob-rocha, contendo dois componentes, localizado nas cabeceiras dos formadores do rio Galera (afluente do Guaporé), em terreno da Fazenda Aguapé, na Chapada dos Parecis, cerca de 20 km da estrada BR-364. Até 370 cm de profundidade evidências da fase cerâmica Aguapé; de 370 a mais de 580 cm, evidências pré-cerâmicas de fase a ser designada. Pesquisado por Eurico Th. Miller em 1974-75. (Cf. Miller, 1977: com. pessoal);

MT-GU-2: Aldeia Velha I

Sítio-habitação da fase Aguapé na mata junto à margem esquerda de um pequeno igarapé, afluente do rio Galera, distando do MT-GU-1: Abrigo do Sol cerca de 4 km, em terreno da Fazenda Aguapé. Formato elipsóide com 130 x 70 m. Pesquisado por Miller em 1974-75. (Ibid.);

MT-GU-3: Montedam I

Sítio-habitação da fase Aguapé, localizado na transição cerrado-floresta, junto à margem direita de um pequeno igarapé afluente do rio Galera, em terras da Fazenda Montedam S.A., no Km 560 da BR-364. O sítio dista da Fazenda cerca de 16 km e apresenta-se de formato elipsóide com 180 x 70 m. Pesquisado por Miller em 1975. (Ibid.);

MT-GU-4: Montedam II

Sítio-habitação da fase Aguapé na transição cerrado-floresta, no alto de uma elevação suave e extensa entre dois igarapés, na Fazenda Montedam S.A., cerca de 13 km da BR-364. O sítio mede cerca de 250 x 100 m, localizando-se entre os sítios MT-GU-3 e MT-GU-5. Pesquisado por Miller em 1974-75. (Ibid.);

MT-GU-5: Montedam III

Sítio-habitação da fase Aguapé na transição cerrado-floresta, junto à margem direita de um pequeno igarapé afluente do rio Galera, nas proximidades da usina elétrica da Fazenda Montedam S.A.. O sítio apresenta formato elipsóide, medindo 200 x 80 m, distando cerca de 10 km da BR-364 (Km 560). Pesquisado por Miller em 1974-75. (Ibid.);

MT-GU-6: Sorana

Sítio-habitação da fase Caju, localizado na mata da margem esquerda de um pequeno igarapé afluente do rio Guaporé, na Fazenda Sorana S.A., distante cerca de 40 km da BR-364 (Km 650). Com formato elipsóide, mede aproximadamente 140 x 90 m. Pesquisado por Miller em 1975. (Ibid.);

MT-GU-7: Galera

Sítio-habitação da fase Galera na mata entre dois pequenos igarapés afluentes do rio Galera, localizado na Fazenda Aguapé, distante cerca de 25 km da BR-364 (Km 550). Com formato elipsóide mede cerca de 160 x 80 m. Pesquisado por Miller em 1975. (Ibid.);

MT-GU-8: Waioco

Sítio-acampamento e cerimonial com evidências da fase Aguapé em um abrigo-sob-rocha distante 200 m do sítio MT-GU-1: Abrigo do Sol, no Chapadão dos Parecis. O sítio está em terras da Fazenda Aguapé e a cerca de 20 km da BR-364. Pesquisado por Miller em 1974-75. (Ibid.);

MT-GU-9: Aldeia Velha II

Sítio-habitação da fase Aguapé em uma mata distante 200 m de um pequeno igarapé, entre os sítios MT-GU-1: Abrigo do Sol e MT-GU-2: Aldeia Velha I. O sítio apresenta formato elipsóide, com cerca de 250 x 100 m, em terras da Fazenda Aguapé, distando cerca de 20 km da BR-364. Pesquisado por Miller em 1974. (Ibid.);

MT-GU-10: Abrigo do Igarapé

Sítio-acampamento e cerimonial da fase Aguapé, localizado em dois abrigos-sob-rocha interligados, distando cerca de 1000 m do sítio MT-GU-2: Aldeia Velha I, junto ao mesmo igarapé e na transição cerrado-floresta. O sítio encontra-se em terras da Fazenda Aguapé e a cerca de 19 km da BR-364. Pesquisado por Miller em 1974. (Ibid.);

MT-GU-11: Abrigo da Onça

Sítio-acampamento e cerimonial de fase cerâmica a ser designada, localizado em um abrigo-sob-rocha do Chapadão dos Parecis, no vale do rio Guaporé, entre os sítios MT-GU-6: Sorana e MT-GU-8: Waioco. O sítio está na transição cerrado-floresta e cerca de 20 km da BR-364 (Km 620). Pesquisado por Miller em 1974. (Ibid.);

MT-GU-12: Abrigo do Lago

Sítio-acampamento e cerimonial de fase cerâmica a ser designada, ocupando uma caverna na encosta do Chapadão dos Parecis, na transição entre cerrado e floresta do vale do rio Galera. O sítio dista cerca de 15 km da BR-364 (Km 580), em terras da Fazenda Aguapé. Pesquisado por Miller em 1974. (Ibid.);

MT-GU-13: Abrigo da Chaminé

Sítio-acampamento e cerimonial de fase cerâmica a ser designada, ocupando uma caverna na encosta do Chapadão dos Parecis, na transição cerrado-floresta do vale do rio Galera. Dista cerca de 15 km da BR-364 (Km 580), em terreno pertencente à Fazenda Aguapé. Pesquisado por Miller em 1974. (Ibid.);

MT-GU-14: Aguapé I

Sítio-habitação da fase Aguapé na mata de um pequeno igarapé afluente do rio Galera, nas proximidades da sede da Fazenda Aguapé, cerca de 40 km da BR-364 (Km 620). Dimensões e formato não determinados. Pesquisado por Miller em 1974. (Ibid.);

MT-GU-15: Aguapé II

Sítio-habitação da fase Aguapé na mata de um pequeno igarapé afluente do rio Galera, nas proximidades da sede da Fazenda Aguapé, cerca de 36 km da BR-364 (Km 610). Formato elipsóide com 170 x 90 m. Pesquisado por Miller em 1974. (Ibid.);

MT-GU-16 Duas Moças

Sítio-habitação da fase Aguapé na mata de um pequeno igarapé afluente do rio Galera, nas proximidades da sede da Fazenda Santa Terezinha, cerca de 50 km da BR-364 (Km 690). Apresenta formato elipsóide com 190 x 110 m. Pesquisado por Miller em 1974-75. (Ibid.);

MT-GU-17: Abrigo do Pajé

Sítio-acampamento e cerimonial de fase cerâmica a ser designada, ocupando um abrigo-sob-rocha na encosta do Chapadão dos Parecís, na transição cerrado-floresta do vale do rio Guaporé. O sítio dista cerca de 15 km da BR-364 (Km 615). Pesquisado por Miller em 1974. (Ibid.);

MT-GU-18: Rio Novo

Sítio-habitação da fase Aguapé, na floresta à margem direita do rio Novo, afluente pela esquerda do rio Galera. Formato elipsóide com, aproximadamente, 350 x 300 m. Pesquisado por Miller em 1977. (Ibid.);

MT-GU-19: Galera II

Sítio-habitação da fase Aguapé, localizado à margem direita da nascente de um tributário do rio Galera, cerca de 3 km ao norte do sítio MT-GU-17: Galera I. Sítio de floresta recentemente abatida pelos índios para suas roças, medindo cerca de 150 x 80 m. Pesquisado por Miller em 1977. (Ibid.);

MT-GU-20: Usina

Sítio-oficina pré-cerâmica da fase Jatobá, localizado no limite da floresta com o cerrado, entre dois igarapés. Uma das quedas d'água é utilizada pela Montedam S.A. para produção de energia elétrica. Mede 200 x 100 m. Pesquisado por Miller em 1977. (Ibid.);

MT-GU-21: Aguapé III

Sítio-habitação da fase Aguapé em floresta recentemente abatida para pasto, localizado nas nascentes de um tributário do rio Galera, em terras da Fazenda Aguapé, distando cerca de 38 km da BR-364, na altura do Km 620. Formato elíptico, com 300 x 200 m. Pesquisado por Miller em 1977. (Ibid.);

MT-GU-22: Rio Verde I

Sítio-habitação da fase Tracajá, localizado na floresta à margem direita do rio Verde, em terras da Fazenda Guaporé. Mede cerca de 150 x 100 m. Pesquisado por Miller em 1977. (Ibid.);

MT-GU-23: Rio Verde II

Sítio-habitação da fase Tracajá, localizado na floresta da margem direita do rio Verde, em terras da Fazenda Guaporé. Mede cerca de 120 x 80 m. Pesquisado por Miller em 1977. (Ibid.);

MT-GU-24: Rio Verde III

Sítio-habitação de fase cerâmica a ser designada, localizado na floresta da margem direita do rio Verde, em terras da Fazenda Guaporé. Mede, aproximadamente, 100 x 100 m. Pesquisado por Miller em 1977. (Ibid.);

MT-GU-25: Betânia I

Sítio-habitação da fase Guaporé, localizado junto à sede da Fazenda Betânia, à margem do rio Guaporé. Formato elíptico, medindo cerca de 300 x 160 m. Pesquisado por Miller em 1977. (Ibid.);

MT-GU-26: Betânia II

Sítio-habitação da fase Guaporé, localizado no extremo sul da Fazenda Betânia, à margem esquerda do rio Guaporé. Forma e dimensões imprecisas, com cerca de 100 x 70 m. Pesquisado por Miller em 1977. (Ibid.);

Área MT-PO (Poconé)

MT-PO-1: Descalvados I

Sítio-cemitério de fase cerâmica a ser designada, localizado à margem direita do rio Paraguai, na localidade de Descalvados, cerca de 20 m da margem do rio. Pesquisado por Vicent M. Petrullo em 1931. (Cf. Petrullo, 1932: 105-15);

MT-PO-2: Descalvados II

Sítio-cemitério de fase cerâmica a ser designada, localizado a cerca de 5 milhas a oeste do sítio MT-PO-1: Descalvados I, em local elevado, a salvo de inundações e rodeado por uma grande lagoa que se comunica com o rio Paraguai. Pesquisado por Petrullo em 1931. (Ibid.: 115-20);

Área MT-RN (Rondonópolis)

MT-RN-1: Morro da Rapadura

Sítio-cerimonial (abrigo-sob-rocha) com petróglifos, localizado no Município de D. Aquino, cerca de 2 km a leste da **corrutela** Cel. Ponce (ex-Capim Branco). Compreende uma escarpa com cerca de 20 m de altura com um painel gravado de 3,0 x 65 m. Registrado por Lehel de Silimon em 1970. (Cf. Silimon, 1971/72);

MT-RN-2: Morro do Meio

Sítio-cerimonial (paredão arenítico) com petróglifos, localizado no Município de D. Aquino, distando cerca de 1,5 km a NNE da **corrutela** Cel. Ponce. Registrado por Silimon em 1971. (Ibid.);

MT-RN-3: Fátima

Sítio-cerimonial (abrigo-sob-rocha) com petróglifos, localizado em São Lourenço de Fátima, Município de Jaciara. O sítio dista 7 km de Fátima, constando de um bloco de arenito solitário a 20 m do leito da antiga rodovia Rondonópolis-Cuiabá. Registrado por Silimon em 1972. (Ibid.);

MT-RN-4: Loca do Frade

Sítio-cerimonial (caverna) com pictografias, fragmentos de cerâmica e lascas de arenito, localizado no distrito de Fátima, Município de Jaciara. Dista 4,5 km em direção SSW da sede da Fazenda Rancho Queimado, compreendendo uma caverna semilunar escavada num morro-testemunho, nas proximidades da serra Solteira. Registrada por Silimon em 1972. (Ibid.);

MT-RN-5: Serra Pintada

Sítio-cerimonial (abrigo-sob-rocha) com petróglifos e pictografias, localizado na Fazenda Rancho Queimado, distrito de Fátima, Município de Jaciara. Está a 8 km a SSE da sede da Fazenda, no sopé de um morro-tetemunho de arenito, cerca de 500 m da estrada carroçável. Registrado por Silimon em 1972. (Ibid.);

MT-RN-6: Lapa Escondida

Sítio-cerimonial (abrigo-sob-rocha) com pictografias, localizado na parte sul da serra Pintada, distando cerca de 4 km a SSW da sede da Fazenda Rancho Queimado, no distrito de Fátima, Município de Jaciara. Registrado por Silimon em 1972. (Ibid.);

ESTADO DE GOIÁS (Norte do paralelo de 13° S)

Não há registro de sítios arqueológicos nessa parte do Estado, excetuando-se achados ocasionais de cerâmica, artefatos líticos e inscrições rupestres, feitos por viajantes e naturalistas ou ainda amadores. É a partir de 1971 que teria início no Estado — e mesmo assim voltadas para sua parte sul — as pesquisas arqueológicas realizadas por profissionais. Essas começam sob a direção do Museu de Antropologia da Universidade Federal de Goiás, em convênio com o Museu Paulista, sendo depois ampliadas pela Universidade Católica de Goiás, também em convênio com a Universidade de Rio dos Sinos e Instituto Anchieta de Pesquisas.

S U M M A R Y

The increasing pace of archeological research in Brazil, especially since the initiation of the National Program of Archeological Research (PRONAPA) in 1965, created the need for a uniform system of designating archeological sites. The code proposed in 1966 and adopted during the Belém Seminar in 1968 is a variation of one devised by Fay-Cooper Cole in 1924 for the state of Illinois, USA, and which subsequently served as a basis for the site numbering employed by the River Basin Survey administered by the Smithsonian Institution.

The code consists of three symbols separated by hyphens. The first symbol identifies the state or federal territory, the second the local physiographic region, and the third the individual site. The state or territory is designated by two capital letters, which are those officially assigned by the Conselho Nacional de Geografia. The regions within each state or territory are also identified by two capital letters. These boundaries follow watersheds or other natural landmarks rather than municipal borders because the former are more readily recognizable in the field. The sites in each region are numbered consecutively in the order of their discovery or registration. When a local name exists, it is useful to include it after the site number, separated by a semi-colon. An example of the application of this code is PA-SA-1: Marudá, PA signifying the state of Pará, SA the Salgado region, 1 the first site encountered in the region, and Marudá being the name by which the site is known to the local inhabitants.

At the time this code was adopted, publication of the maps of all states and territories was proposed in cooperation with the Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) to encourage and facilitate their use by all archeologists working in Brazil. Although this plan was not realized, the system was used by the participants in the PRONAPA and, since its termination in 1970, has continued to be used by Brazilian and foreign archeologists. In 1976, the initiation of a new research program in the Brazilian Amazon — the National Program of Archeological Research in the Amazon Basin (PRONAPABA), also co-sponsored by the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico

e Tecnológico (CNPq) and the Smithsonian Institution — enhanced the need for copies of the maps of the states and territories included within “Amazônia Legal”. The approval of the IPHAN and the financial support of the Museu Paraense Emílio Goeldi has permitted this need to be fulfilled.

Most of the maps reproduced here were prepared in 1968-69. The states and territories represented are Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, and Maranhão. The map of Mato Grosso has been revised in conformity with recent subdivision of the state, which allocates the northern part to Amazonia. The northern part of Goiás (north of 13 degrees South Latitude) has been included, based on the map published by Breda and Melo in 1972. For each political unit, the boundaries of the regions and their identifying symbols are shown. A brief description of each region has been provided to facilitate understanding of the system. All the sites reported prior to December 1977 are listed and those not previously incorporated into the numbering system have been assigned reference numbers. In addition, the characteristics of the sites have been summarized, including the archeological components represented, and specific literature. This publication thus not only provides a tool for incorporating archeological sites into a single national register, but also serves as a record of the present state of knowledge of Amazonian prehistory.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- BECKER-DONNER, Etta
1956 — Archäologische Funde am mittleren Guaporé (Brasilien). **Archiv Völkerk.**, Wien, 11 : 202-249. il.
- BECQUELIN, Pierre
1973 — **Relatório de pesquisa arqueológica no Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso**. Belém, Museu Pa. Emílio Goeldi, Departamento de Arqueologia. 15 p. [Ms. Inédito].
- CORRÊA, Conceição G.
1977 — **Relatório de pesquisa arqueológica no Município de Bragança**. Belém. Museu Pa. Emílio Goeldi, Departamento de Arqueologia. 6 p. [Ms. Inédito].
- CORRÊA, Conceição G. & SIMÕES, Mario F.
1971 — Pesquisas arqueológicas na região do Salgado (Pará). A fase Areão do litoral de Marapanim. **Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi, n. sér. : Antropologia**, Belém, 48. 30 p. il.
- COUDREAU, Henri A.
1887 — **Voyage a travers les Guyanes et l'Amazonie. La France Équinoxiale**. Paris, v. 2. 495 p. il.
- DE-BOER, W. et al.
1976 — Notes on collections of ancient ceramics from the Altamira - Marabá area, state of Pará, Brazil. **Res. Rep. of the Queens College Lab of Archaeology**, New York. 10 p. [Mimeogr.].
- DERBY, Orville A.
1879 — The artificial mounds of the Island of Marajó. **Am. Nat.**, Lancaster, Pa., 13 : 224-229.
- DIEHL, RICHARD A.
1970 — A site designation system for Latin America. **Am. Antiq.**, Menasha, 35(4) : 491-492.
- DOLE, Gertrude E.
1961/62 — A preliminary consideration of the prehistory of the Upper Xingu Basin. **Rev. Mus. Paulista, n. ser.**, São Paulo, 13 : 399-423. il.
- EVANS, Clifford & MEGGERS, Betty J.
1968 — Archeological investigations on the Rio Napo, Eastern Ecuador. **Smithson. Contr. Anthropol.**, Washington, 6. 127 p. il.
- FARABEE, William C.
1914 — **Mounds of Marajó, Fortaleza**. Caderneta de campo arquivada no Museu da Universidade de Philadelphia. [Ms. Inédito].

- 1915 — **Letter of February 8, 1915.** Arquivada no Museu da Universidade de Philadelphia. [Ms. Inédito].
- 1916a— **Field notes, Maracá et al.** Livro 23 arquivado no Museu da Universidade de Philadelphia. [Ms. Inédito].
- 1916b— **Marajó field notes, second work.** Arquivado no Museu da Universidade de Philadelphia. [Ms. Inédito].
- 1921 — Explorations at the mouth of the Amazon. **Mus. J. Univ. Penn., Philadelphia, 12 : 142-161.**
- FERREIRA PENNA, Domingos Soares**
- 1876 — Breve notícia sobre os sambaquis do Pará. **Arch. Mus. Nacional, Rio de Janeiro, 1 : 85-101.**
- 1879 — Apontamentos sobre os cerâmios do Pará. **Arch. Mus. Nacional, Rio de Janeiro, 2 : 47-67.**
- FIGUEIREDO, Napoleão**
- 1963 — **Projeto Marajó. Relatório de Excursão.** Belém, Museu Pa. Emílio Goeldi, Departamento de Arqueologia. 6 p. il. [Ms. Inédito].
- 1965 — A cerâmica arqueológica do rio Itacaiúnas. **Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi, n. ser. : Antropologia, Belém, 27. 19 p. il.**
- FIGUEIREDO, Napoleão & SIMÕES, Mario F.**
- 1963 — Contribuição à arqueologia da fase Marajoara. **Rev. Mus. Paulista, n. ser., São Paulo, 14 : 455-465. il.**
- FRIKEL, Protásio**
- 1972 — **Catálogo de campo do Alto Paru de Oeste.** Belém, Museu Pa. Emílio Goeldi, Departamento de Arqueologia. Fichas 175 a 163, 188 a 200, 546, 896 a 914. [Ms. Inédito].
- 1973 — **Catálogo de campo do rio Cururu.** Belém, Museu Pa. Emílio Goeldi, Departamento de Arqueologia. Fichas 916-917, 928 a 934. [Ms. Inédito].
- GALVÃO, Eduardo**
- 1953 — Cultura e parentesco das tribos do Alto Xingu. **Bol. Mus. Nacional, n. ser.: Antropologia, Rio de Janeiro, 14. 56 p. il.**
- GOELDI, Emílio A.**
- 1900 — Excavações archeologicas em 1895, 1a. parte. As cavernas funerarias artificiaes dos indios extinctos no rio Cunany (Goanany) e sua ceramica. **Mem. Mus. Pa. hist. nat. ethnogr., Belém, 1. 45 p. il.**
- GUEDES, Aureliano Pinto Lima**
- 1897 — Relatorio sobre uma missão ethnographica e archeologica nos rios Maracá e Anauerá-pucú. **Bol. Mus. Pa. hist. nat. ethnogr., Belém, 2 : 42-64.**
- HANKE, Wanda**
- 1959 — Archäologische Funde im oberen Amazonasgebiet. **Archiv Völkerk., Wien. 14 : 31-66. il.**
- HARTT, Charles F.**
- 1871 — The ancient indian pottery of Marajó, Brazil. **Am. Nat., Lancaster, Pa., 5 : 259-271. il.**

- 1885 — Contribuições para a ethnologia do valle do Amazonas. **Arch. Mus. Nacional**, Rio de Janeiro, 6: 1-174. il.
- HEIZER, Robert F.
1968 — Suggested change in System of Site Designations. **Am., Antiq., Menascha**, 33(2) : 254.
- HILBERT, Peter Paul
1952 — Contribuição à arqueologia da ilha de Marajó. **Publ. Inst. Antrop. Etnol. Pará**, Belém, 5. 30 p. il.
1955 — A cerâmica arqueológica da região de Oriximiná. **Publ. Inst. Antrop. Etnol. Pará**, Belém, 9. 75 p. il.
1957 — Contribuição à arqueologia do Amapá, Fase Aristé. **Bol Mus. Pa. Emílio Goeldi, n. ser.: Antropologia**, Belém, 1. 37 p. il.
1958 — Urnas funerárias do rio Cururu, Alto Tapajós. **Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi, n. ser.: Antropologia**, Belém, 6. 13 p. il.
1959a— Achados arqueológicos num sambaqui do baixo Amazonas. **Publ. Inst. Antrop. Etnol. Pará**, Belém, 10. 22 p. il.
1959b— Preliminary results of archeological investigations in the vicinity of the mouth of the Rio Negro, Amazonas. IN: **Congres. Intern. American.**, 33. San José. **Actas ... 2** : 307-377. il.
1962 — New stratigraphic evidence of culture change on the middle Amazon (Solimões). IN: **Intern. Amerikanistnkongresses**, 34. Wien. **Akten ...** p. 471-476. il.
1968 — Archäologische Untersuchungen am mittleren Amazonas. Beiträge zur Vorgeschichte des südamerikanischen Tieflandes. **Marburger Stud. Völkerk.**, Berlin, 1. 281 p. il.
1975 — **Pesquisas arqueológicas no rio Fresco e na região do baixo Trombetas e Nhamundá. Relatório de excursão e fichas de cadastro dos sítios.** Belém, Museu Pa. Emílio Goeldi, Departamento de Arqueologia. 43 p. [Ms. Inédito].
- HOLDRIDGE, Desmond
1933a— The Museum's Amazon Expedition. **Brooklin Mus. Q.**, 20(2) : 10-16.
1933b— **Pindorama; jungle to you!** New York, Minton, Batch and Co., 273 p.
1939 — **Feudal Island.** New York, Harcourt, Brace and Co. 242 p.
- KRAATZ-KOSCHLAU, K. A. von & HUBER, J.
1900 — Zurischen Ocean und Guamá. Beiträge zur Kenntniss des Staates Para. **Mem. Mus. Pa. hist. nat. ethnogr.**, Belém, 2. 34 p. il.
- LAGE, Sandoval
1944 — **Quadros da Amazônia.** Rio de Janeiro, Anderson.
- LANGE, Albot
1914 — **The lower Amazon...** London, G. P. Putnam's. 468 p.
- LINNÉ, S.
1928a— Archäologische Sammlungen das Gotenburger Museums von unteren Amazonas. IN: **Intern. Congres. American.**, 22. Roma, **Actes...** v. 1 p. 583-597. il.
1928b— Les recherches archéologiques de Nimuendajú au Brésil. **J. Soc. Amer., n. ser.**, Paris, 20 : 71-91. il.

- LOPES, Raymundo
 1924 — A civilização lacustre do Brasil. **Bol. Mus. Nacional**, Rio de Janeiro, 1(2) : 87-109. il.
 1931 — Entre a Amazonia e o Sertão. **Bol. Mus. Nacional**, Rio de Janeiro, 7(3) : 159-186. il.
- LOTHROP, Samuel K.
 1934 — Summary of archaeological work in the Americas, 1931-1934. **Bull. Pan-Am. Un.**, Washington, 68 : 802-825.
- MALERBI, Eneida M. Ch.
 1976 — **Catálogo de campo do Projeto Baixo Tocantins (1976)**. Belém, Museu Pa. Emílio Goeldi, Departamento de Arqueologia. Fichas 978 a 1033. [Ms. Inédito].
- MARAJÓ, Barão de
 1895 — Resposta do Sr. Barão de Marajó. **Bol. Mus. Pa. hist. nat. ethnogr.**, Belém, 1 : 86-88.
- MARTIUS, K. F. P.
 1867 — **Beiträge zur Ethnographie und Sprachendunken Amerikas zumal Brasilians**. v. 1. Zur Ethnographie. Leipzig. 548 p.
- MEGGERS, Betty J.
 1947 — The Beal-Steere collection of pottery from Marajó Island, Brazil. **Pap. Mich. Acad. Sci. Arts. Letters**, Ann Arbor, 31(3) : 193-213.
 1948 — The archeology of the Amazon Basin. In: **HANDBOOK of South American Indians**. **Bull. Bur. Amer. Ethnol.**, Washington, 143 (3) : 149-166. il.
- MEGGERS, Betty J. & EVANS, Clifford
 1957 — Archeological investigations at the mouth of the Amazon. **Bull. Bur. Amer. Ethnol.**, Washington, 167. 664 p. il.
- MELO, Edna Luísa & BREDÁ, Judite Ivanir
 1972 — **Carta Arqueológica. Divisão Regional para cadastramento de sítios arqueológicos do Estado de Goiás**. Goiânia, Univ. Fed. Goiás. 95 p. il.
- MORAES, Raymundo
 1936 — **Anfiteatro amazônico**. São Paulo, Melhoramentos. 250 p.
- MORDINI, Antonio
 1934a— Les cultures précolombiennes du bas Amazone et leur développement artistique. IN: Intern. Congres. American., 24. Hambourg. **Actes...** p. 61-65.
 1934b— Gaetano Osculati e l'archeologia del medio rio delle Amassoni. **Arch. l'antrop. l'etnol.**, Florence, 64.
 1947 — L'île de Marajó (bas amazon) : un problème archéologique à résoudre. IN: Intern. Congres. American., 28. Paris. **Actes...** p. 637-642.
- NETTO, Ladislau
 1885 — Investigações sobre a archeologia brasileira. **Arch. Mus. Nacional**, Rio de Janeiro, 6 : 257-554. il.
 1890 — Sur les antiquités ceramiques de l'île de Marajó. IN: Intern. Congres. American., 7. Berlin. **Actes...** p. 201-206.

- NIMUENDAJÚ, Curt
 1927 — Streifzug vom Rio Jari zum Maracá. **Petermanns Mitl.**, Goth, 73 : 356-358.
 s/d — **A survey of Amazon Archeology**. Manuscrito editado por Stig Rydén. Ethnografiska Museet, Göteborg. [Ms. Inédito].
- NORDENSKIÖLD, Erland
 1930 — L'archéologie du bassin de l'Amazone. IN : **Ars Americana**, Paris, v. 1. 70 p. il.
- OBERG, Kalervo
 1953 — **Indians tribes of Northern Mato Grosso, Brazil**. Washington, Smithsonian Institution, Institute of Social Anthropology. 144 p. il. (Smithson. Inst. Publ., 5).
- PALMATARY, Helen C.
 1950 — The pottery of Marajó Island, Brazil. **Trans. Amer. Phil. Soc.**, Philadelphia, n.s. 39(3) : 258-470. il.
 1960 — The Archaeology of the lower Tapajós Valley, Brazil. **Trans. Amer. Phil. Soc.**, Philadelphia, n.s. 50(3) : 243 p.
- PEPE, Braz F. W.
 1973 — Aterros em Manacapuru (Amazonas). IN : RESUMOS da 25ª Reunião Anual da SBPC. **Ciências e Cultura**, São Paulo, 25(6). Supl. p. 382.
- PEROTA, Celso
 1977 — **Relatório de trabalho de campo realizado no rio Xingu, durante o mês de julho de 1977, para o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica (PRONAPABA)**. Vitória. 103 p. il. [Ms. Inédito].
- PETRULLO, Vicent M.
 1932 — Primitive Peoples of Matto Grosso Brazil. **Mus. J.**, Philadelphia, 23(2) : 81-184. il.
- PINTO, Augusto Otaviano
 1930 — **Hydrographia do Amazonas e seus afluentes**. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, v. 1. 438 p.
- ROWE, John H.
 1971 — Site designation in the Americas. **Am. Antiq.**, Menasha, 36(4) : 477-478.
- SAMPAIO, Theodoro
 1922 — Archeologia Brasileira. IN : INSTITUTO GEOGRAPHICO BRASILEIRO. **Diccionario historico, geographico e ethnographico do Brasil**. Rio de Janeiro, v. 1. p. 847-856.
- SCHMIDT, Max
 1942 — Resultados de minha expedição bienal a Mato Grosso. De setembro de 1926 a agosto de 1928. **Boj. Mus. Nacional**, Rio de Janeiro, 14-17 : 241-285.
- SILIMON, Lehel de
 1971/72 — **Fichas de cadastro de sítios arqueológicos do Setor de Pesquisas de Recursos Naturais e Antropologia da CODEMAT para o IPHAN**. [Ms. Inédito].

SIMÕES, Mario F.

- 1965 — **Projeto Marajó. Relatório de excursão e fichas de cadastro dos sítios arqueológicos.** Belém, Museu Pa. Emílio Goeldi, Departamento de Arqueologia. 96 p. il. [Ms. Inédito].
- 1966 — **Projeto Alto Xingu. Relatório de excursão e fichas de cadastro dos sítios arqueológicos.** Belém, Mus. Pa. Emílio Goeldi, Departamento de Arqueologia. Fichas 201 a 309. [Ms. Inédito].
- 1967a— Considerações preliminares sobre a arqueologia do Alto Xingu (Mato Grosso). IN: PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS. Resultados preliminares do primeiro ano. 1965-66. **Publ. Avul. Mus. Pa. Emílio Goeldi**, Belém, 6 : 129-144. il.
- 1967b— Resultados preliminares de uma prospecção arqueológica na região dos rios Goiapi e Camará (Ilha de Marajó). IN: SIMPÓSIO SOBRE A BIOTA AMAZÔNICA. Rio de Janeiro. **Atas**, v. 2. Antropologia, p. 207-224. il.
- 1969 — The Castanheira Site : new evidence on the antiquity and history of the Ananatuba Phase (Marajó Island, Brazil). **Am. Antiq.**, Menasha, 34(4) : 402-410. il.
- 1970a— **Projeto Salgado. Relatório de excursão e fichas de cadastro dos sítios arqueológicos : 1968-69.** Belém, Museu Pa. Emílio Goeldi, Departamento de Arqueologia. 110 p. il. [Ms. Inédito].
- 1970b— **Projeto Rio Negro. Relatório de excursão e fichas de cadastro dos sítios arqueológicos : 1968-69.** Belém, Museu Pa. Emílio Goeldi, Departamento de Arqueologia. 43 p. il. [Ms. Inédito].
- 1971a— O Museu Goeldi e a Arqueologia da Bacia Amazônica. IN: ROCQUE, Carlos — **Antologia da Cultura Amazônica**, São Paulo, Amazônia Edições Culturais, (Antropologia-Folclore, 6). p. 172-180.
- 1971b— **Projetos Cajari e São Luís. Relatório de excursão e fichas de cadastro dos sítios arqueológicos.** Belém, Museu Pa. Emílio Goeldi, Departamento de Arqueologia. 29 p. il. [Ms. Inédito].
- 1972 — **Projeto Lago de Silves. Relatório de excursão e fichas de cadastro dos sítios arqueológicos.** Belém, Museu Pa. Emílio Goeldi, Departamento de Arqueologia. 81 p. il. [Ms. Inédito].
- 1973 — **Projeto Salgado. Relatório de excursão e fichas de cadastro dos sítios arqueológicos : 1970-73.** Belém, Museu Pa. Emílio Goeldi, Departamento de Arqueologia. 52 p. il. [Ms. Inédito].
- 1974a— Contribuição à arqueologia dos arredores do baixo rio Negro. IN: PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS. Resultados preliminares do quinto ano. 1969-70. **Publ. Avul. Mus. Pa. Emílio Goeldi**, Belém, 26 : 165-188. il.
- 1974b— **Projeto Rio Negro II. Relatório de excursão e fichas de cadastro dos sítios arqueológicos : 1974.** Belém, Museu Pa. Emílio Goeldi, Departamento de Arqueologia. 38 p. il. [Ms. Inédito].
- 1975 — **Projeto Salgado. Relatório de excursão e ficha de cadastro de sítio arqueológico.** Belém, Museu Pa. Emílio Goeldi, Departamento de Arqueologia. 5 p. [Ms. Inédito].

- 1976 — **Projeto Baixo Tocantins. Relatório de excursão e fichas de cadastro dos sítios arqueológicos.** Belém, Museu Pa. Emilio Goeldi, Departamento de Arqueologia. 34 p. il. [Ms. Inédito].
- 1977 — **Projeto Baixo Tocantins (2ª Parte). Relatório de excursão e fichas de cadastro dos sítios arqueológicos.** Belém, Museu P. Emilio Goeldi, Departamento de Arqueologia. 50 p. il [Ms. Inédito].
- s/d — Situação do Ensino e da Pesquisa Arqueológica na Amazônia Legal Brasileira. Dédalo, São Paulo (no prelo).
- SIMÕES, Mario F.; CORRÊA, Conceição G. & MACHADO, Ana Lucia**
- 1973 — Achados arqueológicos no baixo rio Fresco (Pará). IN: O MUSEU Goeldi no Ano do Sesquicentenário. **Publ. Avul. Mus. Pa. Emilio Goeldi, Belém, 20. p. 113-142. il.**
- 1977 — Pesquisas arqueológicas nas estearias do lago Cajari, Maranhão. IN: RESUMO da 29ª Reunião Anual da SBPC, São Paulo, p. 162-163.
- STEERE, Joseph**
- 1927 — The archeology of the Amazon. **Univ. Mich. Offi. Publ., 29(9) : 20-26.**
- TOCANTINS, Antonio M. G.**
- 1876 — Relíquias de uma grande tribo extinta. **Rev. trim. Inst. hist. geogr ethnogr. do Brasil, Rio de Janeiro, 39(2) : 51-64.**
- TORRES, Heloisa Alberto**
- 1940 — Arte Indígena da Amazônia. **Publ. Inst. Patr. hist. art. Nac., Rio de Janeiro, 6. 15 p. il.**